

PETER PAN



O PEQUENO PASSARO BRANCO
PETER PAN E WENDY





OceanofPDF.com

Copyright © 2021 Pandorga

All rights reserved.

Todos os direitos reservados.

Editora Pandorga

1ª Edição | Janeiro 2021

Título original: *Pmr Pan in Kmsington Gardens*

Author: James Matthew Barrie

Ilustrações originais: Arthur Rackham

Diretora Editorial

Silvia Vasconcelos

Editora Assistente

Jéssica Gasparini Martins

Capa e Projeto Gráfico

Rafaela Villela

Diagramação

Lilian Guimarães

Tradução

Ana Paula Rezende

Revisão

Fernanda Carvalho

Conversão para e-Book

[Schaffer Editorial](#)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B275p

Barrie, J. M.

O pequeno passaro branco/ J. M. Barrie; traduzido por Ana Pauli Rezende; ilustrado por Arthur Rackman. - Cotia, SP: Editora Pandorga, 2020.

272p. : il ; 14Cm x 21cm.

ISBN: 978-65-5579-050-4

1. Literatura infantojuvenil 2. Clássicos. I. Rezende, Ana Pauli. li. Rackman, Arthur. III. Titulo.

2020-2943 CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

OceanofPDF.com



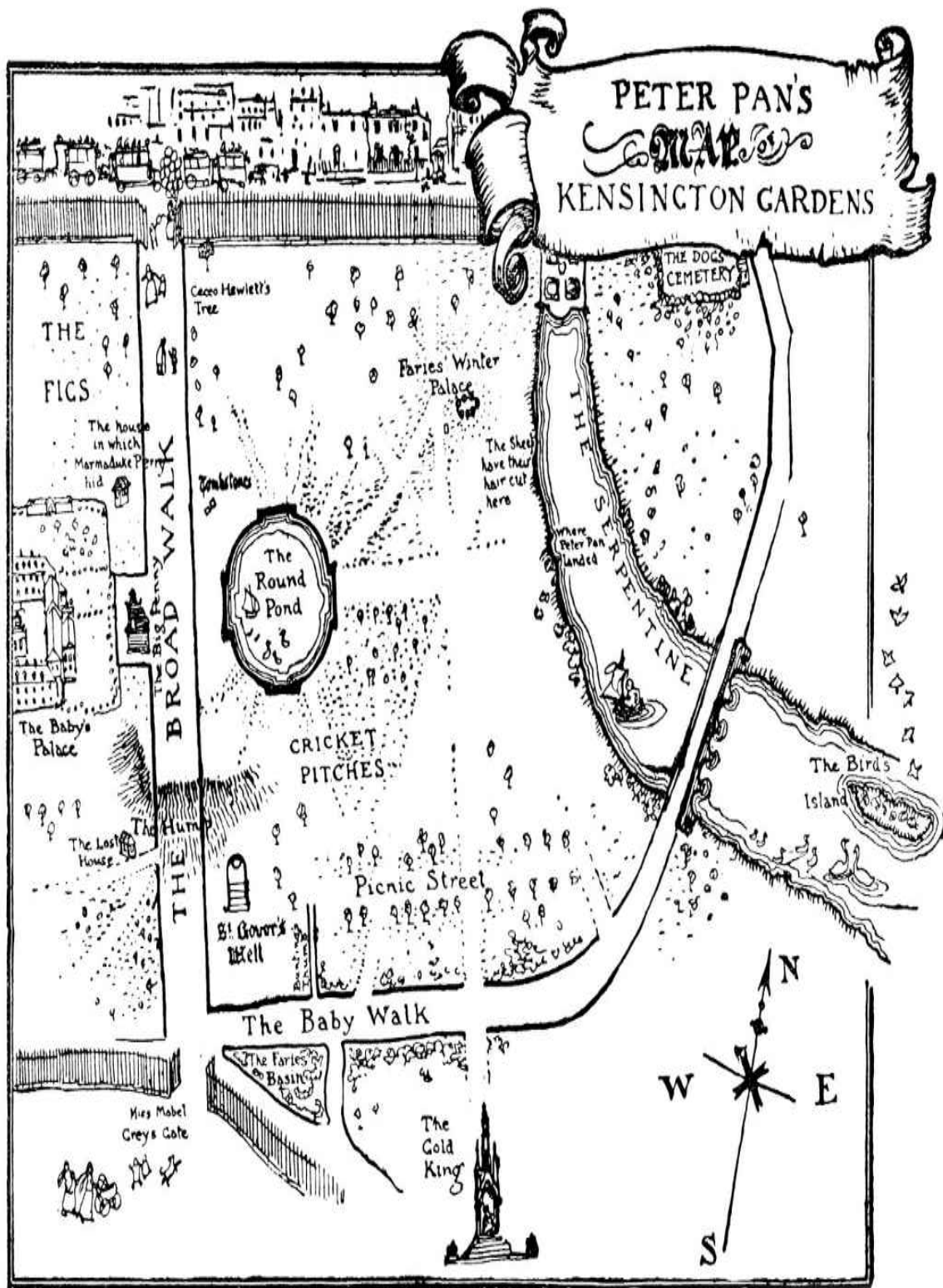
OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

TODAS AS CRIANÇAS DA NOSSA PARTE DE
LONDRES UM DIA FORAM PÁSSAROS
DO KENSINGTON GARDENS

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

SUMÁRIO

I. DAVID E EU EMBARCAMOS EM UMA JORNADA

II. A PEQUENA BABA

III. SEU CASAMENTO, SUAS ROUPAS, SEU APETITE E UM
INVENTÁRIO DE SEU MOBILIÁRIO

IV. UM PEDAÇO DE NOITE

V. A LUTA POR TIMOTHY

VI. UM CHOQUE

VII. O FIM DE TIMOTHY

VIII. O GARÇOM DESATENCIOSO

IX. UM SOLTEIRÃO INVETERADO

X. REFLEXÕES EXPORTIVAS

XI. O CARRINHO DE BEBÊ FUGITIVO

XII. O CLUBE MAIS AGRADÁVEL DE LONDRES

XIII. O GRANDE PASSEIO PELO GARDENS

XIV. PETER PAN

XV. O NINHO DO TORDO

XVI. QUANDO OS PORTÕES SE FECHAM

XVII. A PEQUENA CASA

XVIII. A CABRA DE PETER

XIX. UM INTRUSO

XX. COMPARANDO DAVID E PORTHOS

XXI. WILLIAM PATERSON

XXII. JOEY

XXIII. PILKINGTON

XXIV. BARBARA

XXV. A PARTIDA DE CRÍQUETE

XXVI. A DEDICATORIA

OceanofPDF.com

APRESENTAÇÃO

O pequeno pássaro branco é a história de um homem que faz amizade com um menino, David, e tem aventuras com ele em Kensington Gardens, um dos parques reais de Londres. Essas aventuras ocorrem após o fechamento dos portões ao público, momento em que as fadas e outros habitantes mágicos do parque podem se mover com mais liberdade do que durante o dia, quando devem se esconder das pessoas comuns.

O tom autobiográfico não é nada sutil: historicamente, J. M. Barrie fez amizade com os irmãos Davies em Kensington Gardens; o narrador também tem um cachorro chamado Porthos, assim como Barrie, entre inúmeras outras semelhanças. No entanto, o personagem de Peter Pan é muitíssimo diferente da que se popularizou, sobretudo após a animação da história pelos estúdios da Disney.

Aqui, Peter é um bebê de uma semana de idade, que aprende a voar e vai viver com as fadas, viajando pelo mundo. Nestes capítulos, lemos sobre a fuga de Peter de casa, descobrimos por que ele não cresceu, vimos ele conhecer as fadas e também uma garota que ele conhecia muito antes de haver Wendy e muito antes de a Terra do Nunca e os Garotos Perdidos.

Não há nenhuma relação entre o Peter Pan presente em *O pequeno pássaro branco* e a versão que Barrie conceberia mais tarde. Contudo, podemos considerar os quatro capítulos deste volume como uma introdução, ou como sua história de origem.

A popularidade dos capítulos à parte foi tamanha, que mais tarde seriam lançados separadamente sob o título de *Peter Pan em Kensington Gardens* e ilustrados por Arthur Rackham, em 1906. Essas ilustrações foram trazidas para este volume, unificando aquilo que foi separado anteriormente de modo a oferecer ao leitor uma experiência integral.



OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

I

DAVID E EU EMBARCAMOS EM UMA
JORNADA

As vezes, o garotinho que me chama de pai me traz um convite enviado por sua mãe, onde se lê: “Ficarei muito feliz se você vier me ver”. E eu sempre respondo algo parecido com: “Prezada madame, recuso seu convite”. E, se David me pergunta por que recuso o convite digo que é porque não tenho a menor vontade de me encontrar com aquela mulher.

— Venha desta vez, pai — apelou ele há pouco tempo —; é aniversário dela, e ela tem vinte e seis anos — idade que David considera ser tão avançada que acho que ele teme que ela não viva por muito tempo mais.

— Ela tem vinte e seis, David? — respondi. — Diga a ela que eu disse que ela aparenta ser mais velha.

Naquela noite tive o meu sonho delicioso. Sonhei que eu também tinha vinte e seis, o que foi há muito tempo, e que peguei um trem que me levava para um lugar chamado meu lar, cujo paradeiro eu não vejo nem em minhas horas acordado, e quando desembarquei na estação um querido amor perdido esperava por mim, e fomos embora juntos. Ela me encontrou sem demonstrar muita emoção e eu também não estava surpreso em vê-la ali. Parecia que estávamos casados há anos e passamos aquele dia separados. Gosto de pensar que dei a ela algumas coisas para carregar.

Se eu mencionasse meu agradável sonho para a mãe de David, a quem nunca dirigi uma única palavra, ela inclinaria a cabeça e depois a levantaria bravamente, para sugerir que eu a deixava muito triste, mas também muito orgulhosa, e talvez quisesse me emprestar seu minúsculo lenço de bolso. Então, se eu tivesse coragem, faria uma revelação que a deixaria em choque, pois não é o rosto da mãe de David que vejo em meu sonho.

Você já esteve em uma situação, leitor, de ser perseguido por uma mulher bonita que acha, sem um pinga de razão, que você está caidinho por ela? É assim, então, que eu venho sendo perseguido, durante vários anos já, pela indesejada simpatia da sensível e virtuosa Mary A-----. Quando passamos na rua, a pobre alma iludida reprime sua alegria, como se fosse vergonha andar feliz em frente a alguém de quem ela judiou, e nesses momentos o farfalhar de seu vestido sussurra palavras de conforto em meus ouvidos, e seus braços parecem asas tão gentis que me fazem desejar ser um garotinho como David. Também percebo nela uma meticulosidade receosa, na qual não reparo até ela passar por mim, quando sou tocado por uma leve sensação de desafio. Olhos que dizem que você não deve, nariz que diz “por

que não?” e boca que diz “eu queria que você pudesse”. Esta é a imagem de Mary A----- quando cruzo com ela na rua.

Um dia ela se atreveu a falar comigo, para que pudesse contar a David que havíamos conversado. Eu estava em Kensington Gardens e ela me perguntou as horas, assim como as crianças perguntam e depois se esquecem quando correm de volta ao encontro de suas babás. Mas eu estava preparado até mesmo para isso e, levantando meu chapéu, apontei com minha bengala para um relógio ao longe. Ela deveria ter ficado pasma, mas quando saí andando atento para ouvir alguma coisa, achei, descontente, que ouvi a moça rindo.

Sua risada era bastante parecida com a de David, em quem eu podia fazer cócegas o dia todo só para ouvi-lo rir. Até me atrevo a dizer que ela é a responsável pela risada dele. Ela vem aumentando as qualidades de David, modificando-o, moldando-o desde o dia em que o conheceu e, de fato, bem antes disso, e tudo de maneira tão hábil que ele ainda é chamado de filho da natureza. Quando você solta a mão de David você o perde de imediato, como se tivesse atirado uma flecha com seu arco. No momento em que você coloca seus olhos nele você começa a pensar em pássaros. É difícil acreditar que ele venha caminhando até Kensington Gardens; ele sempre parece ter pousado ali: e se eu espalhasse migalhas pelo parque, opino que ele viria pegá-las. Não era isso o que ele pretendia ser; tudo isso é efeito da dama de olhar tímido que gosta de ser bastante surpreendida por isso. Ele faz cem poses galantes em um dia; quando ele cai, o que é frequente, ele chega ao chão como se fosse um deus grego; como Mary A--- -- desejou. Mas como ela sofre para que ele consiga! Já o vi subindo em uma árvore enquanto ela ficava lá embaixo em uma angústia indescritível; ela precisava deixá-lo subir, pois os meninos precisam ser valentes, mas tenho certeza de que, enquanto ela o observava, ela o imaginava caindo de cada um dos galhos.

David a admira muito; ele acha que ela é tão boa que vai ser capaz de levá-lo para o céu, por mais levado que ele seja. Caso contrário, ele faria suas estrepolias com menos tranquilidade. Talvez ela tenha descoberto isso; pois, como ele me disse, ela o avisou há pouco tempo que não é tão preciosa quanto ele pensa.

— Eu tenho certeza disso — respondi.

— Ela é tão preciosa quanto você pensa? — perguntou ele.

— Deus a ajude — disse eu — se ela não for mais preciosa do que aquilo.

Deus ajude todas as mães se elas não forem realmente preciosas, pois seus filhos certamente saberão disso naquela estranha hora curta do dia quando cada mãe se revela perante seu pequeno filho. Aquele momento terrível entre seis e sete horas; quando as crianças vão para a cama mais tarde é porque a revelação deixou de acontecer. Ele entra na noite agora e fica ali deitado, quieto, madame, com os olhos grandes e misteriosos fixos em sua mãe. Ele está resumindo seu dia. Nada nessas revelações que os mantiveram juntos e, ainda assim, separados durante o momento da brincadeira pode salvá-lo agora; vocês dois não têm idade, nenhuma experiência de vida separa vocês; é a hora do garoto, e você apareceu para o julgamento. “Fui uma boa mãe hoje, meu filho?” Você precisa dizer isso, e não pode esconder nada dele; ele sabe de tudo. Como a sua voz ficou parecida com a dele, mas um pouco mais trêmula, e as duas tão solenes, tão diferentes da voz de vocês dois durante o dia.

— Você foi um pouco injusta comigo hoje na questão da maçã, não foi, mãe?

Fica ali, mulher, ao pé da cama; cruze seus braços e responda a ele.

— Sim, meu filho, eu fui. Pensei...

Mas o que você pensou não vai alterar o veredito.

— Foi justo, mãe, dizer que eu podia ficar na rua até as seis horas, e então fingir que eram seis horas antes de ser seis horas?

— Não, foi muito injusto. Eu pensei...

— Teria sido mentira se eu dissesse que eram quase seis horas?

— Ah, meu filho, meu filho! Nunca mais contarei uma mentira para você.

— Não, mãe, por favor, não faça mais isso.

— Meu garoto, eu me saí bem hoje, no geral?

Suponha que ele não conseguisse dizer que sim.

Mas estes são pecados insignificantes, você pode dizer. Seria uma questão insignificante ser falsa para o acordo que você assinou quando recebeu o garoto? Existem mães que evitam suas crianças naquela hora, mas isso não as salvará. Por que tantas mulheres têm medo de serem deixadas sozinhas com seus pensamentos entre seis e sete da noite? Não estou perguntando isso para você, Mary. Acredito que quando você fecha a porta do quarto de David com suavidade existe alegria em seus olhos, e o

deslumbramento de alguém que sabe que o Deus para quem os garotinhos dizem suas preces tem o rosto de suas mães.

Devo mencionar aqui que David acredita muito na oração, e teve sua primeira briga com um outro jovem cristão que o desafiou e depois rezou pedindo a vitória, o que David considerou uma vantagem injusta.

— Então, Mary tem vinte e seis anos! Eu diria, David, que ela vai seguir em frente. Diga a ela que vou lhe dar um beijo de aniversário quando ela fizer cinquenta e dois.

Ele disse isso a ela, e eu entendo que ela fingiu estar indignada. Quando passo por ela na rua agora ela faz um beicinho. Está claramente se preparando para o nosso encontro. Ela também disse, eu soube, que eu não devo pensar muito nela quando ela tiver cinquenta e dois, querendo dizer que não vai estar tão linda naquela idade. O sexo também se importa muito pouco com a beleza. Com certeza uma velha senhora espirituosa pode ser a visão mais linda do mundo. Da minha parte, confesso que são elas, e não as jovens, que sempre me inquietaram. No momento em que eu estava prestes a me apaixonar, descobri que preferia a mãe. Na verdade, eu não consigo ver uma criatura jovem sem considerar, impaciente, como ela estará quando tiver, digamos, cinquenta e dois. Ah, garotas misteriosas, quando vocês tiverem cinquenta e dois nós as descobriremos; vocês devem vir à tona, então. Se a boca ficou caída, a culpa é sua: todas as maldades que sua juventude escondeu ficaram acumuladas no seu rosto. Mas os pensamentos bonitos e as maneiras doces e afetuosas, gentilezas esquecidas, ficam ali também, para florescer no seu crepúsculo como se fossem prímulas.

Não é estranho que, embora eu fale abertamente com David sobre sua mãe, ele ainda pareça pensar que gosto dela? Como agora, reflito, que tipo de pessoa rústica é esta, e talvez eu diga para ele com crueldade: “Garoto, você é incomum, assim como sua mãe”.

E David:

— É por isso que você é tão gentil comigo?

Acho que eu sou gentil com ele, mas se sou não é porque amo sua mãe, mas porque ele às vezes me chama de pai. Em minha honra, como soldado, não há nada mais do que isso. Não devo deixar que ele saiba disso, pois ele teria consciência disso, e quebraria o encanto que nos une. Muitas vezes sou apenas o Capitão W----- para ele, e pelo melhor dos motivos. Ele se dirige a mim como pai apenas quando está distraído, e eu nunca me

atrevi a pedir que ele usasse o nome. Ele diz “Venha, pai”, com um belo descuido amaldiçoado. Então, deixe assim, David, por mais um tempo.

Eu gosto de ouvi-lo dizer isso na frente dos outros, como nas lojas. Quando estamos em alguma loja e ele pergunta ao vendedor quanto ele vende em um dia, e onde ele guarda o dinheiro, e por que seu cabelo é vermelho, e se ele gosta de Aquiles, sobre quem David ouviu falar recentemente e por quem está tão apaixonado que adoraria conhecer. Nesses momentos os vendedores me aceitam como seu pai, e não consigo explicar o prazer peculiar que isso me dá. Nestes momentos estou sempre em duas mentes, fazendo demorar para que o momento possa durar mais um pouco, e sair logo dali com ele antes que ele diga “ele não é realmente o meu pai”.

Quando David conhecer Aquiles, sei o que vai acontecer. O garotinho vai segurar na mão do herói, chamá-lo de pai e arrastá-lo para alguma lagoa redonda.

Um dia, quando David tinha cerca de cinco anos, enviei a ele a seguinte carta: “Querido David, se você realmente quiser saber como tudo começou, venha almoçar comigo hoje no clube”.

Mary, que, descobri, abre todas as suas cartas, deu seu consentimento e, não tenho dúvidas, instruiu que ele prestasse atenção a tudo o que acontecesse para repetir tudo para ela depois, pois, apesar de sua curiosidade, ela também não sabia como isso tinha começado. Eu ri, imaginando que ela esperava algo romântico.

Ele veio até mim preparado como se fosse participar de uma jornada poderosa e parecendo extraordinariamente solene, como parecem os garotinhos quando usam um bonito casaco. Usava um cachecol em volta do pescoço.

— Você pode tirar um pouco dessas roupas — disse eu — quando chegarmos no verão.

— Vamos chegar no verão? — perguntou ele, devidamente impressionado.

— Chegaremos em vários verões — respondi. — Pois vamos voltar bastante, David, para ver como era a sua mãe nos dias antes de você existir.

Chamamos um carro de aluguel.

— Volte seis anos — disse eu para o cocheiro — e pare no Junior Old Fogies’ Club.

Ele era um camarada estúpido e precisei guiá-lo com meu guarda-chuva.

As ruas estavam diferentes das ruas daquele dia pela manhã. Por exemplo, a livraria da esquina agora vendia peixe. Dei a David uma dica do que estava acontecendo.

— Isso não vai fazer eu ficar menor, não é? — perguntou ele ansioso.

E então, com uma terrível dúvida, ele perguntou:

— Isso não vai me deixar pequeno demais, não é, pai?

O que ele queria saber é se aquilo não ia destruí-lo por completo. Ele colocou sua mão, nervoso, na minha, e eu a coloquei em meu bolso.

Vocês não podem imaginar como David parecia pequeno quando passamos pelos portais do clube.

II

A PEQUENA BABA

Imagine que, quando entrei na sala de fumantes do clube David desapareceu no nada, e isso aconteceu um dia, seis anos atrás, às duas da tarde. Peço um café, cigarros, um conhaque e levo minha cadeira para perto da janela no exato momento em que a pequena babá vem tropeçando pela rua. Sempre sinto que telefonei para ela.

Enquanto levanto a cafeteira com cuidado para deixar o líquido cair na xícara ela está atravessando a rua em direção ao correio; enquanto pego o torrão de açúcar ela está olhando pela sexta vez para a carta; com a ajuda de William acendo meu cigarro, e agora ela está relendo o pitoresco endereço. Eu me encosto na cadeira e a essa hora ela já passou a carta pela abertura. Brinco com minha bebida e ela tenta ouvir se as autoridades postais vieram pegar a carta. Olho desconfiado para um sócio que teve a audácia de entrar na sala de fumantes e seus dois pacotinhos a estão afastando do correio. Quando olho pela janela de novo ela desapareceu, mas vou telefonar para ela amanhã às duas em ponto.

Ela deve ter passado muitas vezes pela janela antes que eu a notasse. Não sei onde ela mora, embora eu ache que seja perto dali. Ela está levando os pequenos, um garoto e uma garota, que a importunam, para o St. James Park, deduzo graças aos aros que carregam, e ela deveria parecer bastante cansada. Sem dúvidas sua patroa exigia muito dela. Os outros criados deviam ficar furiosos em vê-la se portando como se fosse uma dama.

Percebi que às vezes ela tinha outras cartas para postar, mas que postar era sempre um processo. Elas passavam pela abertura, todas plebeias, mas seguiam com pompa como se fossem da realeza. Cheguei até a vê-la jogando um beijo depois de enviar uma carta.

Então tinha o anel, do qual ela tinha tanta consciência que parecia que era ele, e não ela, que descia alegremente pela rua. Ela o sentiu através da luva para ter certeza de que ainda estava ali. Tirou a luva e levou o anel até os lábios, embora eu não tivesse dúvidas de que era a mais barata das bugigangas. Ela esticava a mão para enxergá-lo de longe; ela se curvava para ver como ele ficava perto do chão; considerava seus efeitos à sua direita e à sua esquerda e olhava para ele com um olho de cada vez. Mesmo quando você percebia que ela havia decidido pensar em alguma outra coisa, a pequena bobinha ainda dava mais uma olhada.

Dou a qualquer pessoa três chances de adivinhar por que Mary estava tão feliz.

Não, não e não. O motivo era simplesmente que um jovem brutamontes a amava. E então, em vez de chorar por ser praticamente ninguém no mundo, ela devia, certamente, descer com alegria a Pall Mall, muito elegante e resoluta com aquele ar insuportável de mulher comprometida. Em um primeiro momento sua complacência me incomodou, mas aos poucos se tornou parte da minha vida, às duas horas, junto com o café, o cigarro e a bebida. Agora vem a tragédia.

Quinta-feira é um ótimo dia. Às quintas ela tem, das duas às três, um momento só para si. Pense nisso: esta garota, que provavelmente recebe várias libras por ano, consegue uma hora inteira para si uma vez na semana. E o que ela faz com esse tempo? Aulas para se tornar uma pessoa mais realizada? Ela não. É isso o que ela faz: parte para a Pall Mall, usando tudo o que tem de bonito, incluindo as plumas azuis, e com um ar tão grande de expectativa em seu rosto que me faz mexer meu café com força. Em dias comuns ela pelo menos tenta parecer recatada, mas às quintas ela tem

confiança para usar a porta de vidro do clube como um espelho no qual ela se permite ver se gosta de sua imagem atraente do dia.

Enquanto isso um tolo de pernas compridas espera por ela do lado de fora do correio, onde eles se encontram todas as quintas-feiras, um camarada que usa sempre as mesmas peças de roupas, mas que tem um rosto que deve sempre o deixar livre da companhia de outros cavalheiros. Ele é um daqueles ingleses magros e íntegros, que se despe tão bem e, receio, seja bonito; digo receio, pois seus homens bonitos sempre me incomodaram, e se eu tivesse vivido na época em que duelos aconteciam juro que teria desafiado cada um deles. Ele parece não ter ideia de que é um camarada bonito mas, Senhor, Mary obviamente sabe disso. Concluo que ele pertence à classe artística, pois ele fica facilmente feliz e deprimido; e porque leva o polegar esquerdo de maneira curiosa, como se estivesse carregando uma paleta, imagino que ele seja um pintor. Fico feliz em imaginar que ele faz pinturas horrorosas e que ninguém as compra. Tenho certeza de que Mary diz que são esplêndidas, ela é esse tipo de mulher. Daí o entusiasmo com o qual ele a cumprimenta. O primeiro efeito dela sobre ele é fazer com que ele dê uma gargalhada. Ele solta uma gargalhada repentina com o rosto ávido e exultante, então ri de novo, e de novo, e quando você está agradecendo aos céus pela risada finalmente ter cessado vem uma gargalhada final, mais alta do que as outras. Eu as considero estrondos de alegria por Mary ser dele, e eles têm um toque de juventude que é difícil suportar. Eu poderia perdoá-lo por tudo, menos por sua juventude, mas ela é tão agressiva que às vezes preciso pedir para William fechar a janela.

Mais traiçoeira que seu amante é a pequena babá. No momento em que é vista ela olha para o correio e o vê. Então olha direto para a frente e é observada. Ele corre até ela glorioso e ela olha para ele, de maneira alegre, como se ele a tivesse pegado de surpresa. Observe sua mão erguendo-se de repente até seu coraçãozinho perverso. É neste momento que mexo meu café com força. Ele olha para ela com tanta euforia que acaba ficando na frente de todo mundo. E, quando ela pega em seu braço dá um pequeno apertão nele, e então saem andando, Mary falando a maior parte do tempo. Eu me pego imaginando como eles serão quando crescerem.

E que diferença absurda esses dois insignificantes fazem um para o outro. É possível imaginar que eles vão se casar assim que ele arrumar um pouco de dinheiro.

Embora eu não tenha nenhuma simpatia por esta garota, a quem Londres importa apenas por ser o lugar onde reside um jovem que a confunde com alguém, sua felicidade tornou-se parte da minha refeição às duas da tarde, e quando um dia ela desceu a Pall Mall e não enviou uma carta eu fiquei bastante indignado. Era como se William tivesse desobedecido minhas ordens. Seus dois pacotinhos ficaram tão surpresos quanto eu e apontaram para a abertura questionando-a, e ela sacudiu a cabeça. Colocou o dedo nos olhos exatamente como faz um bebê triste e continuou descendo a rua.

No dia seguinte o mesmo aconteceu e fiquei tão furioso que cheguei a morder a bituca do meu cigarro. Quinta-feira chegou e rezei para que houvesse um fim a este incômodo, mas não, nenhum dos dois apareceu naquele solo conhecido. Teriam eles mudado de agência de correio? Não, pois os olhos dela estavam vermelhos todos os dias, e seu coraçãozinho tolo estava pesado. O amor havia apagado suas luzes e a pequena babá andava na escuridão.

Achei que eu poderia reclamar para o comitê.

Ah, seu jovem egoísta e tolo, depois de tudo o que você disse a ela, não vão fazer as pazes e permitir que eu volte a tomar meu café? Não.

Pequena babá, apelo a você. Garota irritante, fique feliz como nos velhos tempos durante os cinco minutos do dia em que você é qualquer coisa para mim, e durante o restante do tempo, da minha parte, você pode ficar tão infeliz quanto quiser. Mostre um pouco de coragem. Garanto a você que ele deve ser um péssimo pintor; outro dia eu o vi olhando com vontade para dentro da janela de um restaurante italiano barato, e no final ele teve que acabar com suas aspirações com scones de dois centavos.

Você pode fazer melhor do que isso. Vamos lá, Mary.

Tudo em vão. Ela quer ser amada; não consegue viver sem amor desde a manhã até a noite; nunca soube o quão pouco uma mulher precisa até ter perdido aquele pouco. Elas são todas assim.

Mas que diabos, madame, se você decidiu ser uma figura amargurada até morrer, pelo menos faça isso em outra rua.

Ela não só me deprime maliciosamente passando por ali todos os dias como percebi que todas as quintas-feiras das duas às três ela fica parada lá longe, olhando sem esperanças para a romântica agência de correios, onde ela e ele não se encontram mais. Nestes dias de vento ela parece uma folha soprada sobre os transeuntes.

Não há nada que eu possa fazer além de descontar no William.

Por fim ela conseguiu realizar sua ambição desprezível. Era uma quinta-feira úmida, e da janela onde eu escrevia cartas vi a alma desamparada assumir sua posição no topo da rua: em uma explosão de raiva eu me levantei com a carta que eu havia terminado, decidido a escrever as outras em meus aposentos. Ela havia me tirado do clube.

Saí da Pall Mall e peguei uma rua lateral, quando fui de encontro a ninguém menos do que seu falso amante! Foi minha culpa, mas bati nele brutalmente, como sempre faço quando tropeço em alguém na rua. Então olhei para ele. Ele estava com os olhos fundos, sujo; não restara nenhuma gargalhada. Nunca vi um jovem mais miserável; ele nem reagiu ao golpe que dei nele com o meu guarda-chuva. Mas o importante aqui é que ele olhava melancólico para a agência de correios e então, em um segundo, vi que ele ainda adorava a pequena babá. Qualquer que tenha sido a briga deles, ele estava ansioso por fazer as pazes com ela, e talvez ele tenha estado lá todas as quintas-feiras enquanto ela estava na esquina da Pall Mall, cada um olhando para a agência de correios de um lugar diferente. Mas de onde estavam um não conseguia ver o outro.

Acho que o que fiz foi bastante esperto. Derrubei minha carta, sem ele perceber, em seus pés, e voltei para o clube. Um cavalheiro que encontra uma carta no chão sente-se obrigado a postá-la, claro, e presumi que ele iria, naturalmente, para a agência de correios mais próxima.

Com o chapéu na cabeça fui até a janela da sala de fumantes e lá cheguei bem no momento de vê-lo postando minha carta do outro lado da rua. Então olhei para a pequena babá. Eu a vi mais triste do que nunca; então, de repente, ah, pobre pequena alma, e realmente tem sido muito ruim.

Ela estava chorando, e ele estava segurando suas duas mãos. Foi uma cena vergonhosa. O jovem pintor evidentemente ia explodir se não conseguisse usar seus braços. Ela morreria se não pudesse encostar sua cabeça no ombro dele. Preciso admitir que ele agiu corretamente: acenou para um carro de aluguel.

— William — disse eu, feliz —, café, cigarro e conhaque.

Enquanto eu estava sentado ali assistindo aquela velha peça, David puxou minha camisa para perguntar o que eu olhava com tanta atenção. Quando contei a ele, o menino correu até a janela, mas chegou lá tarde demais para ver a dama que se tornaria sua mãe. Mas o que contei a ele

sobre os atos dela o interessou bastante, e ele sugeriu um tanto tímido que tinha algum parentesco com o homem que “tinha aquela gargalhada”. Por outro lado, ele me irritou por revelar um interesse idiota nas duas crianças, a quem ele parecia considerar o herói e a heroína da história. Quais eram os nomes delas? Quantos anos elas tinham? As duas carregavam argolas? Eram argolas de ferro, ou de madeira? Quem deu as argolas para elas?

— Você não parece entender, meu garoto — disse eu, sarcástico —, que se eu não tivesse derrubado a carta, nunca existiria um garotinho chamado David A-----.

Mas, em vez de ficar perplexo com isso, ele perguntou, animado, se eu queria dizer que ele ainda seria um pássaro voando sobre o Kensington Gardens.

David sabe que todas as crianças da nossa parte de Londres um dia foram pássaros do Kensington Gardens; e que o motivo para existirem grades nas janelas das escolas e altos guarda-fogos nas lareiras é porque pessoas muito pequenas às vezes se esquecem que não têm mais asas e tentam sair voando pela janela ou pela chaminé.

Crianças, quando são pássaros, são difíceis de se pegar. David sabe que muitas pessoas não têm nenhum, e sua alegria em uma tarde de verão é ir comigo para algum lugar no Gardens onde esses infelizes podem ser vistos tentando pegar algum pássaro com pequenos pedaços de bolo.

É óbvio para todos os que estudam os pássaros que as aves sabem o que aconteceria se fossem pegadas, e que são um pouco indecisas sobre qual vida é melhor. Assim, se você deixar um carrinho de bebê vazio embaixo de uma árvore e ficar olhando de longe vai ver os pássaros chegando lá e pulando do travesseiro para o cobertor bastante agitados; eles estão tentando descobrir se a infância combina com eles.

A visão mais linda do Gardens é quando os bebês saem da árvore onde a babá está sentada e começam a alimentar os pássaros, sem ter um adulto por perto. É primeiro um pouco para mim e então um pouco para você, e o tempo todo ouve-se o tagarelar e as risadas dos dois lados. Estão comparando as notas e chamando os velhos amigos, e assim continuam; mas o que eles falam eu não sei dizer, pois quando me aproximo todos saem voando.

A primeira vez em que vi David foi na grama atrás de seu andador. Ele parecia uma tordoveia, atraído naquele dia quente por uma mangueira que estava no chão soltando um fiozinho de água, e estava com as costas na

água, batendo as pernas. Ele costuma gostar de ouvir essa história, pois já havia se esquecido dela, e gradualmente tudo voltava para ele, com um número de outros incidentes que me fugiram da memória, embora eu me lembre que ele acabou ficando preso na perna por uma corda comprida e alguns galhos perto do Round Pound. Ele nunca se cansa de ouvir essa história, mas percebo que agora é ele quem a conta para mim, e quando chegamos à parte dos galhos ele coça sua perninha como se ainda doesse.

Então, quando David viu sua chance de ser uma tordoveia novamente, ele me pediu rapidamente:

— Não jogue a carta!

E parecia haver copas de árvores em seus olhos.

— Pense em sua mãe — disse eu, severamente.

Ele disse que voaria com frequência para vê-la. A primeira coisa que ele fazer seria abraçá-la. Não, primeiro ele pousaria no jarro de água e beberia um pouco.

— Diga a ela, pai — disse ele, com terrível crueldade — para manter sempre o jarro cheio de água, pois se eu tiver que me inclinar muito para beber a água eu posso cair lá dentro e me afogar.

— Eu não devo jogar a carta, David? Pense na sua pobre mãe, sem seu garoto!

Isso mexeu com ele, mas ele aguentou. Quando ela estivesse dormindo, disse ele, ele iria pular nos babados de sua camisola e bicar sua boca.

— E ela acordaria, David, e descobriria que tinha apenas um pássaro e não um garoto.

Esse choque para Mary era mais do que ele poderia suportar.

— Pode jogar a carta — disse ele, com um suspiro.

Então, joguei a carta, como acho que já mencionei; e foi assim que tudo começou.

III

SEU CASAMENTO, SUAS ROUPAS, SEU
APETITE E UM INVENTÁRIO DE SEU
MOBILIÁRIO

Uma ou duas semanas depois de eu ter deixado a carta cair, eu estava em um carro de aluguel a caminho de um certo quartel quando, acima do barulho da cidade, ouvi aquela amaldiçoada risada, e lá estavam eles, os dois, saindo de uma loja onde se compram pianos ou alugam sistemas de som. Dei uma olhadela rápida neles, mas havia um enorme entusiasmo no rosto dela, e ele jogou sua cabeça para trás orgulhoso, tudo porque haviam acabado de encomendar um piano na loja.

Então eles iriam se casar. Foi tudo bastante desprezível, mas passei por eles de maneira tolerante, pois esta mulher me incomoda apenas quando está infeliz, graças a uma característica perspicaz dela de parecer, nestes momentos, mais frágil do que realmente é.

Na próxima vez em que os vi, os dois olhavam ávidos para a vitrine da Sixpenny-halfpenny, que é um dos lugares mais deliciosos e dramáticos de Londres. Mary anotava animada em um pedaço de papel enquanto ele montava a lista, e ao final os dois saíram tristes, sem comprar nada. Eu estava muito bem-humorado. “Cupido de senhora abandonada”, disse para mim mesmo; “parecia desesperada; mais uma visita à agência do governo mostra-se inevitável; não pode se casar por causa de uma colher de pau”. Mas minha familiaridade com a dama era imperfeita.

Poucos dias depois eu me vi andando atrás dela. Há algo de artístico em suas saias e por causa delas eu sempre a reconheço, mas não sei dizer o que é. Ela carregava um pacote enorme que parecia ser uma gaiola de passarinho embrulhada em um papel marrom, que ela levou para uma loja de bricabraque e saiu de lá sem o pacote. Ela então correu, e não andou, na direção da loja Sixpenny-halfpenny. Como mistério é algo que detesto, fui até a loja de bricabraque para ver a porcelana rachada; e lá, ainda em cima do balcão, com o papel rasgado em volta dela, estava o artigo que Mary havia vendido para acrescentar a seus rendimentos. O que você acha que era? Era uma linda casa de boneca, com bonecas tomando chá no andar de baixo e bonecas indo para a cama no andar de cima, e uma boneca mostrando a saída para outra. Lábios amorosos haviam, há muito tempo, lambido a maior parte da tinta, mas no geral o objeto estava admiravelmente bem-conservado; obviamente a alegria da infância de Mary, e agora que talvez ela se casasse ela a havia vendido.

— Acabamos de comprar — disse a vendedora ao me ver olhando para o brinquedo — de uma senhora que não tem mais utilidade para ele.

Acho que raras vezes fiquei tão indignado com Mary. Comprei a casa de bonecas, e como eles sabiam o endereço da moça (foi nesta loja que descobri o nome dela), pedi para que eles a enviassem de volta para ela com a seguinte mensagem, que escrevi na própria loja:

Prezada madame, não seja ridícula. A senhora certamente terá alguma utilidade para este brinquedo. Eu sou, etc., o Homem que Derrubou a Carta.

Sofri depois, mas tarde demais para voltar atrás, ao pensar que eu enviara um presente de casamento para ela; e na próxima vez em que a vi ela já estava casada há alguns meses. Eram nove horas de uma noite de novembro, e estávamos em uma rua de lojas que, em vinte anos, ainda não havia determinado se eram lojas nobres ou vulgares; aqui eram lojas de moda, mas se desse um passo à frente, sua língua está no copo do sorveteiro. Normalmente passo por essa rua, que não fica muito longe de onde moro, com a janela abaixada, mas nesta noite eu caminhava. Mary estava à minha frente, inclinando-se de maneira um tanto tola sobre o gargalhador, e os dois conversavam animados. Ela parecia estar reclamando com ele por ter seguido em frente, mas mais da metade dela parecia admirá-lo por não ter voltado, e eu me perguntava por quê.

E, afinal, o que Mary e seu pintor estavam fazendo? Estavam comprando duas costeletas de porco. Palavra de honra. Concluí que ela tentava convencê-lo de que estavam levando uma vida muito extravagante. Era por isso que ela tentava convencê-lo a voltar atrás. Mas no fundo de seu coração ela adora a audácia e por isso ela o admirava por ele insistir em continuar com seu plano.

Assim que compraram as costeletas os dois saíram correndo como duas crianças felizes para cozinhá-las. Eu os segui, na esperança de descobrir onde moravam, mas logo os dois se distanciaram de mim e naquela noite compus o seguinte aforismo: é inútil tentar alcançar uma linda jovem carregando costeletas de porco. Agora eu estava determinado a desistir dela. Primeiro, porém, eu precisava descobrir onde moravam; provavelmente era perto da loja. Até os imaginei atraídos pela casa por causa de um anúncio do tipo: “situada convenientemente perto do Empório dos Porcos”.

Bem, um dia – e agora isso é realmente romântico e eu tenho bastante orgulho disso. Meus aposentos ficam no segundo andar, e ficam de costas para uma rua ansiosamente civilizada e entre esta rua e a minha existem pequenos pátios chamados, eu acho, de jardins. Eles são tão pequenos que, se você tiver uma árvore ali, o seu vizinho poderá se aproveitar da sombra dela. Eu estava olhando pela minha janela dos fundos no dia a que chegamos, quando quem eu vi sentada em um banco em um desses jardins foi ninguém menos do que a babá. Coloquei meus óculos para ter certeza e, sem dúvidas, era ela. Mas ela estava sentada lá fazendo nada, o que de modo algum era a minha ideia daquela mulher, por isso peguei meus

binóculos e descobri que o objeto era simplesmente um casaco feminino. Estava pendurado nas costas de uma cadeira de cozinha, parecia ser de pelos e, suponho, estava pendurado ali para pegar um pouco de ar.

Fiquei mortificado e então insisti para mim mesmo que, se não era Mary, devia ser o casaco de Mary. Eu nunca a tinha visto usando aquele casaco, preste atenção nisso, mas mesmo assim eu estava confiante e não sei dizer por quê. Será que as roupas absorvem um pouco da característica de seu dono, para que eu reconheça este casaco por um certo coquetismo? Se ela tem um jeito especial com suas saias que sempre me alerta sobre sua presença, é muito possível que ela seja também astuta com casacos. Ou talvez seja ela mesma quem costura suas roupas e usa pouca criatividade no que faz para si.

Pense como quiser; mas preciso informar a você que coloquei meu chapéu e cinco minutos depois vi Mary e seu marido saírem de uma casa. E calculei que aquele jardim pertencia àquela casa. Agora diga, sou esperto ou não?

Depois que eles desapareceram na rua examinei a casa devagar, e que casa singular era aquela. Vista de frente parecia ter apenas uma porta e uma janela, embora acima delas era possível que o olho treinado percebesse uma outra janela, o buraco de ar de algum apartamento que seria típico da grandiloquência de Mary chamar de “seu quarto”. As casas de cada lado desse quadrado são altas e, descobri depois, o lugar já fora uma passagem aberta para os jardins do fundo. O andar e meio construído agora custou barato e, devo mencionar, foi construído por carpinteiros e não por pedreiros. O efeito disso é uma frente de cores vivas que foi erguida para sempre no lugar da passagem.

As casas baixas de Londres parecem muito mais um lar do que as altas e nunca passo por elas sem abençoar seus construtores, mas esta casa era ridícula; na verdade, não podia ser chamada de casa, pois sobre a porta havia uma placa onde estava escrito “Este espaço está à venda”, e eu me lembrei, ao tocar a campainha, que aquele lugar estava à venda há anos. Ao declarar que estava interessado no lugar fui recebido por uma senhora de aparência um tanto desanimada, cuja bela figura não combinava com o ambiente. Talvez meu semblante tenha expressado isso, pois a primeira observação dela foi explicativa.

— Não me valorizam — disse ela — porque eu bebo.

Inclinei minha cabeça e passamos para a sala de estar. Eu me esqueci se já descrevi a aparência de Mary, mas se já o fiz você deve ter uma ideia daquela sala de visitas ensolarada. Meu primeiro pensamento foi “como ela conseguiu dinheiro para pagar por isso!”, que é sempre a primeira coisa a se pensar quando você vê Mary tropeçando pela rua.

Não tenho espaço (naquele cômodo pequeno) para fazer uma lista de todo o capricho com que ela deixou o lugar lindo, desde a corda do sino costurada à mão que não tocava em sino nenhum até a caixa de charutos pintada à mão que não continha charutos. O chão era de um verde maravilhoso com tapetes orientais requintados; verde e branco, eu acho, era o esquema de cores da dama, algo interessante, observe, para manter o brilho do sol. As cortinas da janela eram de algum material raro e da cor de uma clematis roxa; elas se arrastavam bastante no chão e sugeriam uma imagem de Mary recebendo visitas. O piano podemos ignorar, pois eu sabia que ele era alugado, mas havia muitas peças delicadas, a maioria feita em madeira verde, um sofá, uma cristaleira de canto, e uma escrivaninha encantadora que era tão parecida com sua dona que eu podia facilmente imaginá-la sentada ali escrevendo um bilhete. O papel de cartas sobre a escrivaninha tinha a palavra Mary impressa nele, mostrando que, se houvesse outras Marys, elas não eram importantes. Havia muitas pinturas a óleo nas paredes, a maioria delas sem molduras, e devo mencionar o lustre, que obviamente tinha um valor inestimável, pois era ornado por cristais.

— Percebo, madame — disse eu para a senhora robusta —, que seu patrão tem dinheiro.

Ela balançou a cabeça de maneira enfática e disse algo que não consegui entender.

— Você está tentando dizer — arrisquei — que ele se casou com uma pessoa rica.

Dessa vez entendi suas palavras. Ela disse:

— Carne enlatada.

E depois de soltar essas palavras ela ficou em um silêncio sombrio.

— De qualquer maneira — disse eu —, este cômodo deve ter custado uma nota.

— Ela fez tudo sozinha — respondeu minha nova amiga, com desprezo.

— Mas este chão verde, tão bem tingido...

— Óleo queimado — disse ela, com um rubor de vergonha — e tinta velha e barata.

— Estes tapetes...

— Retalhos — suspirou ela, e me mostrou como eles haviam sido cuidadosamente feitos.

— As cortinas...

— Retalhos.

— De qualquer modo, o sofá...

Ela levantou seu estofado e vi que o sofá havia sido construído com caixotes.

— A escrivaninha...

Realmente achei que desta vez ela não teria o que falar, pois eu via as gavetas com seus puxadores, a charmosa estante para livros e os escaninhos cobertos por seda.

— Ela construiu a escrivaninha com três caixas de laranja — disse a senhora, finalmente um pouco impressionada também.

Olhei em volta desesperado e meus olhos enxergaram a cobertura de cristais.

— Existe um belo lustre embaixo daqueles cristais — disse eu, persuasivo.

Ela fungou e estava levantando a mãos quando eu a interrompi.

— Abstenha-se, madame — disse eu, com autoridade. — Prefiro acreditar naqueles cristais. Como devemos sentir pena, madame, daqueles que perderam a fé em tudo.

Acho que todas as lindas coisas que a pequena babá fez do nada me afetaram a ponto de querer deixar o lustre de fora delas.

— Mas, meu Deus, madame — disse eu para a senhora —, quanta exposição.

Ela sugeriu que havia outras exposições no andar de cima.

— Então, tem uma escada — disse eu, e então, em tom suspeito: — foi ela quem fez?

Não, mas ela a havia modificado.

A escada levava para o quarto de Mary, e eu disse que não entraria lá, nem em seu ateliê, que era um galpão no jardim.

— Ela construiu o ateliê com suas próprias mãos?

Não, mas ela o havia modificado.

— Nossa, ela muda tudo — disse eu. — Você acha que está segura, madame?

Ela se derreteu um pouco com minha óbvia simpatia e me gratificou com algumas de suas opiniões e confidências. O aluguel pago por Mary e por seu marido não era, pelo que parecia, aquele que alguém que se preze poderia pagar com orgulho. Eles pagavam bem barato pela casa entendendo que deveriam liberá-la prontamente se alguém a comprasse para fins de construção e, como pagavam tão pouco, precisavam se submeter à indignidade de ter a placa sobre a porta. Mary A----- detestava aquela informação de “este lugar está à venda”, e sabe-se que ela já mandara uma banana para a placa. Ela era apegada à casa como se fosse realmente uma casa, e sempre tremia quando um possível interessado em comprar o espaço aparecia.

Como contei a vocês meu próprio aforismo, sinto que devo ser justo e registrar o dessa criada ofendida. O assunto eram as obras de arte.

— O difícil — disse ela — não é pintar os quadros, mas conseguir emoldurá-los.

Uma casa causou isso.

Ela não conseguia dizer sinceramente que gostava do trabalho do patrão. Assim como, aparentemente, ninguém mais gostava. Resultado, carnes enlatadas.

Sim, uma pessoa gostava muito daquilo, ou fingia gostar; ela frequentemente levantava as mãos em deleite por isso; até mesmo tinha sido pega sussurrando para uma amiga: “elogie, elogie, elogie!”. Isso foi quando o pintor mergulhou na escuridão. Nunca, como eu bem podia acreditar, existiu alguém como Mary, capaz de trazer a alegria de volta para um homem.

— Uma mulher perigosa — disse eu, com um arrepio, e comecei a observar a pintura sobre a prateleira. Era o retrato de um homem, e havia me impressionado bastante porque estava emoldurado.

— Um amigo dela — informou minha guia —, mas nunca o vi.

Eu teria me afastado do quadro se não houvesse uma legenda na gravura que fez com que eu me aproximasse. Estava escrito em uma letra feminina e as palavras diziam: “Retrato elegante de nosso querido desconhecido”. Poderia aquele ser eu? Não posso descrever a vocês como, de repente, fiquei interessado.

Representava um camarada muito bem-apessoado, que não devia ter mais do que trinta anos de idade.

— Um amigo dela, madame, foi isso o que a senhora disse? — perguntei, bastante trêmulo. — Como a senhora sabe disso, se nunca o viu?

— Quando o patrão estava pintando — disse ela — no ateliê, ele costumava vir correndo até aqui para perguntar para ela coisas como “de que cor você pintaria os olhos dele?”.

— E a resposta, madame? — perguntei, atento.

— Ela disse, “lindos olhos azuis”. E ele disse: “você não acha que é um rosto bonito, acha?”. E ela disse “um rosto muito bonito.” E ele disse “de meia-idade?” e ela disse “vinte e nove”. E me lembro de ele perguntar “um pouco careca no topo da cabeça?” e de ela responder “nem um pouco.”

A querida, agradecida garota; não me fazer careca no topo da cabeça.

— Eu já a vi enviar um beijo com a mão para essa imagem — disse a criada.

A caprichosa Mary enviando um beijo para mim! Ah, querida!

Puff!

Eu estava olhando para o retrato, pensando em uma mensagem ofensiva para escrever nele, quando ouvi a voz da mulher de novo.

— Acho que ela o conhece desde que era bebê — dizia ela — porque isso aqui é um presente que ele deu a ela.

Ela estava ajoelhada puxando a casa de boneca de baixo do sofá, onde estava escondida; e imediatamente pensei “vou colocar a mensagem ofensiva aí dentro”. Mas não o fiz, devo dizer a vocês. Isso porque o brinquedo adorável havia sido redecorado por mãos carinhosas; havia vestidos novos para todas as habitantes, e a pintura da mobília mal havia secado. A pequena casa de bonecas estava praticamente pronta para ser usada novamente.

Olhei para a criada mas seu rosto estava sem expressão.

— Guarde-a de volta — disse eu, envergonhado por ter descoberto o lindo segredo de Mary, e deixei a casa em desalento, com a profunda convicção de que a pequena babá estava novamente conectada a mim.

IV

UM PEDAÇO DE NOITE

Chegou uma noite em que o marido estava sozinho naquela rua esperando. Ele não pode fazer nada por você agora, pequena babá, você deve lutar sozinha; quando há muitas coisas para se fazer dentro de casa o homem deve sair. Ah, homem, egoísta, indelicado, grosseiro ao máximo, a hora daquela mulher vai chegar; vá embora.

Ele se afasta da casa, sempre seu verdadeiro amante, eu acho, cavalheiresco, corajoso, um garoto até a noite de hoje; mas será que ele já foi indelicado com ela alguma vez? É o pecado imperdoável agora; existe a lembrança de alguma indelicadeza andando com ele pela rua nesta noite? E se não for uma indelicadeza, ainda assim, às vezes ele não poderia ser um pouco mais gentil?

Podemos estabelecer uma nova regra para a vida a partir desta noite? A regra seria: sempre tentar ser um pouco mais gentil do que o necessário.

Pobre jovem, ela teria vindo até a janela se fosse capaz, tenho certeza disso, para sinalizar que aquela grosseria já foi esquecida, para enviar a você um sorriso tranquilizador até que vocês se encontrem novamente; e, se não se encontrarem novamente, ela ainda enviaria um sorriso tranquilizador e trêmulo.

Ah, não, isso foi ontem; agora é tarde demais. Ele vaga pelas ruas pensando nela nesta noite, mas ela já o esqueceu. Em sua grande hora o homem não é nada para a mulher; seu amor é trivial agora.

Ele e eu estávamos em lados opostos da rua, um terreno familiar para nós dois agora, e diversas imagens surgiram à minha frente nas quais Mary A----- caminhava. Esta era a manhã seguinte à minha entrada em sua casa. O agente imobiliário havia me prometido retirar o aviso detestável de cima da porta, mas percebi que assim que a carta anunciando sua intenção chegasse ela mesma removeria a placa, e quando passei por ali naquela manhã ela estava em cima de uma cadeira e de um banquinho, batendo com força na placa com um martelo. Quando a placa caiu, ela a chutou com crueldade.

Houve as noites em que seu marido saiu para observar o carteiro. Suponho que ele estava esperando alguma carta que traçaria o grande destino de um quadro seu. Vigia o carteiro de porta em porta, como faz um assassino ou um anjo da guarda; mas sem coragem para perguntar se havia uma carta para ele, mas quase no instante em que a carta era colocada na caixa de correios ele a pegava e a abria, e então se a porta fechasse de

maneira desesperadora a mulher que até então estava na janela esse tempo todo colocava a mão no coração. Mas se as notícias fossem boas eles podiam sair e andar de braços dados na direção do empório de porcos.

Uma última imagem. Nas noites de verão eu os olhava pela janela aberta, quando ela se sentava ao piano cantando e brincando com ele. Ou quando ela tocava com uma mão e esticava a outra para que ele a segurasse. Ela estava tão feliz e era tão romântica. Eu a via como uma pessoa tão simpática, que sempre ria antes que ele contasse a piada, e tenho certeza de que seus olhos já se enchiam de lágrimas desde o início de uma história patética.

E então, rindo e chorando, e assombrada por sussurros, a pequena babá foi aos poucos se transformando em uma outra mulher, gloriosa, misteriosa. Acredito que um homem logo se acostuma a grandes mudanças, e não consigo me lembrar de uma época em que não havia bebês estatelados no rosto de sua Mary.

Estou tentando imaginar que havia pensamentos na cabeça do jovem marido do outro lado da rua. “Se a barreira for quebrada nesta noite, eu não poderei ir com ela? Ela não é tão corajosa quanto você pensa. Quando falava tão feliz algumas horas atrás, ah, meu Deus, ela enganou até mesmo você?”

Perguntas simples desta noite: “Por que tudo deveria cair sobre ela? Que homem é este para ser jogado na rua nesta hora terrível? Você não foi justa com o homem”.

Pobre garoto, sua esposa se esqueceu dele e de seu amor ilusório. Se ela viver, voltará para ele, mas se morrer morrerá triunfante e serena. Vida e morte, a criança e a mãe sempre se encontram quando uma se aproxima do porto e a outra zarpa. Trocam um lindo “está tudo bem” e continuam seu caminho.

Mas e depois?

Os únicos fantasmas, acredito, que vagam para este mundo, são as jovens mãe, que voltam para ver como suas crianças estão. Não existe nenhuma outra motivação tão grande para trazer de volta os que partiram. Elas planam no quarto conhecido quando a noite e o dia, seus carcereiros, estão a postos, e sussurram: “Como você está, minha criança?”. Mas sempre, a menos que um rosto estranho a assuste, elas sussurram tão baixinho que a criança pode não ouvir. Elas se inclinam sobre a criança para ver se ela está dormindo bem e colocam seu braço embaixo do cobertor, e

então abrem as gavetas para olhar as roupas que estão lá dentro. Elas adoram fazer essas coisas.

O mais triste em relação aos fantasmas é que eles talvez não conheçam seus filhos. Esperam que eles estejam exatamente como eram quando partiram, e ficam facilmente perdidos, e procuram pela criança de quarto em quarto, e detestam o garoto desconhecido que ele se tornou. Almas pobres, passionais, podem até mesmo causar algum mal à criança. São estes os fantasmas que saem vagando em casas antigas, e tolas histórias assombradas são inventadas para explicar o que é tão patético e simples. Sei da história de um homem que, depois perambular bastante, voltou para sua primeira casa para passar as noites ali, e, às vezes, de sua cadeira ao lado da lareira ele via a porta se abrir suavemente e o rosto de uma mulher aparecia. Ela sempre olhava para ele com uma expressão vingativa e então desaparecia. Coisas estranhas aconteceram nesta casa. Janelas eram abertas durante a noite. As cortinas de sua cama pegavam fogo. Um degrau da escada estava solto. A cobertura de um antigo poço em um corredor por onde ele passava foi removida de maneira ardilosa. E quando ele adoeceu o remédio errado foi colocado em um vidro ao lado de sua cama, e ele morreu. Como poderia a linda e jovem mãe saber que este intruso grisalho era a criança a quem ela procurava?

Todas as nossas ideias sobre fantasmas estão erradas. Não é nada tão mesquinho quanto testamentos ou violência que os traz de volta, e não temos tanto medo deles quanto eles têm de nós.

Uma por uma as lamparinas da rua foram se apagando, mas uma delas ainda queimava na pequena janela do outro lado da rua. Não sei como aconteceu, se eu fui na direção dele primeiro ou se ele veio em minha direção mas, depois de passar um longo tempo como eco dos passos um do outro, estávamos juntos agora. Posso não ter tido nenhum desejo de enganá-lo, mas era necessário algum motivo para a minha vigília, e eu posso ter dito algo que ele interpretou mal, pois acima de minhas palavras ele sempre tentava ouvir outros sons. Mas acontece que ele tinha concebido a ideia de que eu era um rejeitado por motivos semelhantes aos dele, e deixei esse erro passar, parecia não importar por ser um erro tão pequeno e por nos juntar tão naturalmente. Conversamos sobre muitas coisas, tais como ambições mundanas. Há muito tempo a ambição tem sido uma memória antiga para mim, de algum dia glorioso que vivi em minha primavera, uma coisa tão do passado que preciso embarcar em uma viagem para revisitá-lo para que

possa olhar para o campo em que tal cena aconteceu. Mas ele havia sido ambicioso ontem.

Mencionei a ambição mundana.

— Bom Deus! — disse ele, com um arrepio.

Havia um relógio por perto que batia a cada quarto de hora, e já havia passado da uma hora e das duas também. Que hora era agora? Duas e vinte. E agora? Ainda é duas e vinte.

Perguntei a ele sobre seus parentes e nem ele nem ela tinha alguém.

— Temos um amigo — começou ele, e então parou.

E então começou a falar de uma história não muito clara sobre uma carta e uma casa de bonecas e um homem desconhecido que havia comprado uma de suas gravuras, ou que devia ter comprado, de maneira curiosamente clandestina. Eu não consegui acompanhar bem a história.

— É ela quem insiste que é sempre a mesma pessoa — disse ele. — Ela acha que ele vai se apresentar a mim se algo acontecer com ela.

De repente sua voz ficou rouca.

— Ela me disse — contou ele — que se ela morresse e eu o encontrasse, que deveria transmitir a ele o seu carinho.

Com isso nos separamos, como fizemos em intervalos durante a noite, para nos juntarmos novamente. Ele tentou me contar sobre algumas coisas que ela havia pedido que ele fizesse se ela não superasse isso, mas que coisas eram estas eu não sei, pois elas o engoliram no primeiro passo. Ele se afastava delas dizendo que aquilo era mau agouro, mas no momento seguinte parecia superá-las como uma criança faz na escola. Uma criança! Naquele pequeno período de um ano ela o havia tornado totalmente dependente dele. Isso é o que acontece com as mulheres: o primeiro ato deliberado delas é tornar seu marido inútil. Há poucos homens casados e felizes capazes de pendurar um quadro na parede.

Mas não era nisso que eu estava pensando. Eu desejava não ter degenerado tanto.

Bom, como vocês sabem, a pequena babá não morreu. Quando faltava dezoito minutos para as quatro ouvimos o farfalhar das asas de David. Ele se vangloria disso até hoje, e considera a hora algo muito importante, como se a primeira coisa que sempre fizesse todos os dias fosse olhar o relógio.

Um cavalheiro envelhecido abriu a janela e acenou parabenizando meu companheiro, que imediatamente me atacou, me prendeu em uma parede, hesitou por um segundo com a cabeça abaixada como se estivesse

em dúvida sobre me jogar ou não, e então apressou-se em ir embora. Eu segui devagar. Apertei sua mão, mas nesta hora ele já estava gargalhando de maneira tão abominável que um desgosto por ele tomou conta de mim, e com isso um desejo apaixonado de zombar mais uma vez de Mary A-----.

— Ela vai ligar bem pouco para você agora — disse eu para o camarada. — Eu conheço esse tipo de mulher; sua inteligência (que é o que a distingue dos brutos) é tão imperfeitamente desenvolvida que ela ficará louca por aquele garoto pelos próximos três anos. Ela não tem mais tempo para você, meu caro senhor; o senhor é como um retrato que um dia foi pintado.

Mas me questiono se ele me ouviu. Voltei para minha casa. Casa! Como se alguém sozinho pudesse construir um ninho. Com frequência subi as escadas que levam para meus aposentos solitários e suntuosos e parei para ouvir a alegria dos criados no andar de baixo. Naquela manhã eu não consegui descansar. Andei de um cômodo para o outro seguido pelo meu grande cachorro, e todos os quartos eram iguais, vazios e desoladores. Eu estava quase terminando um charuto quando achei ter ouvido o barulho de uma pedrinha batendo na janela, e ao olhar para fora vi o pai de David em pé lá embaixo. Eu havia dito a ele que morava nessa rua e acho que minhas luzes o direcionaram até a minha janela.

— Não consegui dormir — gritou ele, rouco — até ter notícias de você. Está tudo bem?

Por um momento não consegui entendê-lo. Então, respondi:

— Sim, está tudo bem.

— Os dois estão bem? — perguntou ele.

— Os dois — respondi, e o tempo todo eu tentava fechar a janela. Sem dúvida ele fora trazido por um impulso bondoso, mas eu estava irritado com ele.

— Menino ou menina? — insistiu o camarada com uma curiosidade nada agradável.

— Menino — disse eu, bastante furioso.

— Esplêndido — gritou ele, e acho que acrescentou algo mais, mas eu já fechara a janela, batendo-a.

V

A LUTA POR TIMOTHY

O pobre bebê pretensioso de Mary gritava continuamente, com uma nota de exultação em seu barulho, como se pensasse que seu destino era uma vida de prazeres, e com frequência o último som que eu ouvia quando saía na rua era sua gargalhada, que era entregue de maneira triunfante como se fosse algo inteiramente novo, embora ele deva tê-la aprendido como um papagaio. Eu não tinha uma única lágrima para derrubar pela mulher, mas o pobre pai, pensei eu; saber que sempre que seu filho está feliz você está sendo traído. Uau, um ciclo nauseante.

Tenho conhecimento de uma garota deliciosamente linda, que está sempre mal-humorada, e o impensado implora que ela seja brilhante, sem saber onde está seu heroísmo. Ela nasceu a mais alegre das criadas, mas, sendo uma observadora de seu rosto, percebeu que o melhor é ser mal-humorada, e então lutou e prevaleceu. A história de uma mulher. Admirável Margaret, quando a noite cai e o teu cabelo está penteado, imagino que voltas ao teu estado natural, ou, temendo a sombra da indulgência, dormes até de mau humor?

Mas será que um filho homem faria o mesmo com seu pai? Isso ainda precisa ser observado, e então, depois de esperar vários meses, decidi comprar um cavalo de balanço para David. Meu cachorro São Bernardo me acompanhou, embora eu sempre tenha sido reservado para levá-lo a lojas de brinquedo, pois elas o deixam muito animado. Até agora todos os brinquedos que comprei sempre foram para ele e, embora nós não admitamos para a vendedora, nós dois estávamos conscientemente horrorizados quando chegamos à loja. Várias vezes eu havia dito a ele que era muito melhor se ele não viesse comigo. Ele então esparramou suas pernas, que é como o São Bernardo se senta, fazendo o barulho de um saco de carvão sendo depositado e, colocando a cabeça entre suas patas da frente, olhou para mim com aqueles olhos vermelhos que o deixam com a feição tão triste. Ele é capaz de ficar uma hora assim, sem piscar, pois ele sabe que com o tempo eu vou ceder. Meu cachorro sabe muito pouca coisa, mas o que ele sabe, ele sabe extraordinariamente bem. É possível sair da minha casa pela porta dos fundos, e eu às vezes saio suavemente por ali – mas não consigo evitar de olhar para trás, e lá está ele, e lá estão aqueles olhos tristes me perguntando “para você, isso vale a pena”?

— Maldito — digo —, pegue seu chapéu, ou algo parecido com isso.

Ele até já esteve no clube, onde sobe as escadas com um gingado tão parecido com o de alguns membros respeitáveis que deixa todos bastante desconfortáveis. Eu me esqueço de como me tornei dono dele. Acho que eu o livreí de uma grande quantidade de socos. Ele me custa tanto quanto uma casa de oito cômodos no campo.

Ele já era um cachorro totalmente crescido quando eu, muito estúpido, o apresentei para os brinquedos. Eu havia comprado um brinquedo na rua para minha própria diversão. Representava uma mulher, uma jovem mãe, arremessando seu pequeno filho sobre a cabeça com uma mão e pegando-o com a outra, e eu estava me divertindo no tapete da lareira com esta cena totalmente doméstica quando ouvi Porthos fazer um barulho inusitado e, ao olhar para cima, vi aquele semblante nobre e melancólico exibindo um sorriso largo. Estremeci e estava colocando o brinquedo de lado, mas ele bateu sua perna em meu braço e sinalizou que eu deveria continuar. Descobri que a risada fraca acontecia quando a pobre dama largava seu bebê, mas a coisa toda o fascinava; ele tentava conter sua excitação tomando grandes quantidades de água; esqueceu de todas as suas boas condutas; sentou-se em êxtase com o brinquedo entre suas patas, levou-o para a cama, comeu-o durante a noite e ficou tão triste por não tê-lo mais no dia seguinte que precisei sair e comprar o homem com a foíce para ele. Depois disso, passamos a ter de tudo, o garoto de botas pretas, a garrafa com a tampa, o coelhinho de algodão que fazia barulho quando ele o pegava com a boca; todos desapareceram de maneira inexplicável, como aconteceu com a dama, mas não me atrevi a dividir minhas suspeitas com ele, pois ele também suspeitava o mesmo e seu coração carinhoso ficaria muito triste se eu confirmasse minhas suspeitas.

A dama no templo de brinquedos que frequentamos acha que compro os brinquedos para um garotinho e o chama de “precioso” e “cordeirinho”, enquanto Porthos fica parado, sério, ao meu lado. Ela tem a alma materna, mas fala demais.

— E como está o querido cordeirinho hoje? — começa ela, sorridente.

— Bem, madame, bem — digo eu, segurando firme a coleira de Porthos.

— Esse tempo abafado não está afetando seu apetite?

— Não, madame, de maneira alguma.

(Ela ficaria bastante surpresa se soubesse que ele comeu hoje uma cabeça de peixe, um pão e três repolhos, e suspeito que tenha comido

também uma perna de carneiro.)

— Entendo que ele ama os brinquedos.

— Ele os carrega para cima e para baixo, madame. (Inclusive está agora com o que compramos ontem, embora talvez você não queira vê-lo.)

— E o que você acha de levar uma caixa de ferramentas desta vez?

— Acho melhor não, madame.

— O querido gosta de cavar?

— Gosta bastante de cavar. (Devemos encontrar a perna de carneiro qualquer dia.)

— Então, talvez uma pá e um baldinho?

Ela me fez comprar uma catedral de Canterbury uma vez, ela foi tão insistente, e Porthos me mostrou o que achou disso quando cheguei em casa. Ele detesta o sistema do jardim de infância, e como ela é absurdamente influenciada por esse sistema precisamos experimentar outras lojas. Fomos até a Lowther Arcade para comprar o cavalo de balanço. Ah, a Lowther Arcade! Muitas vezes vagamos encantados por seus palácios encantados, Porthos e eu, David e eu, David, Porthos e eu. Ouvi dizer que você é vulgar, mas não vejo como, a menos que crianças esfarrapadas assombrem seus portais, aquelas entradas terríveis mas sorridentes, para ir ao encontro de tanta alegria. Para chegar ao Arcade há duas entradas, e com muito a ser dito em louvor àquela do Strand I eu ainda prefiro a outra que é mais romântica, pois é lá que os esfarrapados se concentram, esperando para ver os Davids surgirem com a lâmpada mágica. Sempre temos um trocado para dar a eles, e eu sei que eles, antes de entrarem no Arcade com o trocado, se retiram (mas para onde vão?) para se lavar; certamente o maior de todos os respeitos demonstrados para uma loja de brinquedos.

E agora, ah, Arcade, muito melhor do que seu irmão no West End, somos informados de que você está amaldiçoado, em breve será transformado em um restaurante ou em um cortiço para usurários, algo bastante inútil. Todas as suas maravilhas estão destinadas a desaparecer. As argolas de Noah estão empacotadas juntas, com cavalos mecânicos arreados a elas; os soldados, com mochilas nas costas, estão beijando as mãos de suas queridas e tolas meninas que, no entanto, não serão deixadas para trás; todas as coisas que têm quatro pés estão juntas em volta do elefante, que está repleto de mobília da sala de visitas; os pássaros batem suas asas; o homem com a foice abre seu caminho pela multidão; os balões puxam suas

cordas; os navios balançam sob uma onda, tudo está ficando pronto para o poderoso êxodo pela Strand. Lágrimas serão derramadas.

Então compramos o cavalo na Lowther Arcade. Porthos, que pensou que o brinquedo era para ele, parecia orgulhoso mas inquieto, e o cavalo foi enviado para a caixa de correios da casa, anonimamente. Cerca de uma semana depois tive a infelicidade de encontrar o marido de Mary em Kensington, e então perguntei a ele o nome de sua garotinha.

— É um menino — respondeu ele, com intolerável bom humor. — Nós o chamamos de David.

E então, com uma falta de tato única, ele quis saber o nome do meu menino.

Sacudi minha luva.

— Timothy — disse eu.

Vi um sorriso suprimido em seu rosto, e ele disse calorosamente que Timothy era um nome tão bom quanto David.

— Gosto desse nome — garantiu ele, e expressou o desejo de que os dois se tornassem amigos.

Eu quase disse que não podia permitir que Timothy se misturasse com meninos do nível de David, mas eu me abstive, e ouvi friamente enquanto ele me contava o que David fazia quando ele dizia que seus dedos eram porquinhos indo para o mercado ou voltando de lá, não me lembro direito. Ele também se gabou do peso de David (um assunto sobre o qual gostávamos de conversar no clube), como se o peso das crianças valesse uma aposta.

Mas não falamos mais sobre Timothy. Aos poucos aquilo foi me irritando. Senti que Timothy era um pobre camarada abandonado, sobre quem ninguém falava uma palavra, e me tornei seu campeão e mencionei algo sobre dentição, mas retirei meu comentário quando ele pareceu surpreendente demais e tentei pisar em um solo mais seguro, falando de coisas como babadores e inteligência de um modo geral, mas o caro pintor queria tanto me ouvir, e sabia tão mais sobre bebês do que é normal os homens saberem que empalideci à frente dele e fiquei me perguntando por que ele me ouvia com tanta atenção.

Vocês devem se lembrar da história que ele me contou sobre um amigo anônimo.

— A última dele — dizia ele, agora — foi enviar para o David um cavalo de balanço!

Preciso dizer que não consegui entender o motivo de ele achar aquilo hilário.

— Imagine — disse ele —, um cavalo de balanço para uma criança que ainda não tem nem três meses de vida!

Eu estava a ponto de dizer, de maneira feroz: “os estribos são ajustáveis”, mas pensei que era melhor rir com ele. Mas fiquei chateado ao ouvir que Mary tinha rido, embora Deus saiba o quanto eu já rira dela.

— Mas as mulheres são estranhas — disse ele inesperadamente e então se explicou.

Parece que no meio de sua risada Mary ficou séria e disse a ele de maneira bastante arrogante: “Não vejo motivos para rir”. E então ela beijara o cavalo solenemente no nariz e disse: “Gostaria que ele estivesse aqui para me ver fazendo isso”. Em certos momentos é impossível não se sentir atraído por Mary.

Mas apenas em alguns momentos, pois a próxima coisa que ele disse a colocou em uma posição particularmente odiosa. Ele me disse que ela havia jurado caçar o Sr. Desconhecido.

— Ela não vai conseguir — disse eu, irônico, mas nervoso.

— Se isso acontecer será seu primeiro fracasso — disse ele.

— Mas ela não sabe nada sobre o homem.

— Você não diria isso se a ouvisse falar sobre ele. Ela diz que ele é um velho solteiro, gentil, extravagante e solitário.

— Velho? — exclamei.

— Bom, ela diz que ele logo vai ficar velho se não se cuidar. De qualquer maneira, ele é solteiro, e gosta bastante de crianças, mas nunca teve uma criança com quem brincar.

— Poderia não brincar com uma criança embora tivesse uma — disse eu bruscamente. — Se esqueceu de como fazer isso; poderia ficar ali em pé e olhando apenas.

— Sim, se os pais estivessem presentes. Mas ele acha que se estivesse sozinho com a criança ele poderia brincar com ela.

— Mas como — comecei a dizer.

— Isso é o que ela diz — explicou ele, desculpando-se. — Acho que ela vai se mostrar esperta demais para ele.

— Puf! — disse eu, mas sem dúvidas me senti um pouco zozinho e na próxima vez em que me encontrei com ele me assustei.

— Você conhece alguém — perguntou ele — que tenha um cão São Bernardo?

— Não — disse eu, pegando minha bengala.

— Ele tem um São Bernardo.

— Como você sabe disso?

— Ela descobriu.

— Mas como?

— Eu não sei.

Eu o deixei, pois Porthos estava logo atrás de mim. O mistério me assustava, mas eu me armei para a batalha. Contratei um garoto para levar Porthos para andar no Kensington Gardens e lhe dei instruções: “se você vir que uma mulher jovem com um carrinho de bebê usado está seguindo você, entregue-a imediatamente à polícia dizendo que ela está tentando roubar o cachorro”.

Agora eu quero ver, Mary.

— Ah — disse o marido em nosso próximo encontro —, aquele cavalo de balanço que eu comentei com você custou três guinéus.

— Ela foi até a loja para perguntar?

— Não, não para perguntar isso, mas para pedir uma descrição do comprador.

Ah, Mary, Mary.

Eis a descrição do comprador, dada pela Arcade: parecia um cavalheiro militar; alto, escuro e bem-vestido; um belo nariz romano (parecia bastante), bigode cuidadosamente aparado, quase grisalho (ainda não era grisalho); cabelo fino e bem distribuído sobre a cabeça como se quisesse aproveitar o máximo (pah!); tirou o pó da cadeira com o lenço antes de se sentar nela, e tinha outras manias de velho (gostaria de saber que manias são essas); tediosamente educado, mas não era falante; rosto entediado; deve ter uns quarenta e cinco anos (mentira); estava acompanhado por um enorme cachorro amarelo com olhos tristes (sempre acham seus olhos tristes).

— Você conhece alguém assim? — perguntou o marido de Mary para mim, inocente.

— Meu caro — disse eu —, quase todo mundo que conheço é assim.

E isso era verdade, pois no clube sempre acabamos ficando uns iguais aos outros. Fiquei satisfeito, no geral, com esta fala, pois ela pelo menos me dizia como ela ficara sabendo sobre o São Bernardo, mas a ansiedade

voltou a me atormentar quando um dia, detrás de minhas cortinas, vi Mary na minha rua com um olhar questionador em direção às minhas janelas. Ela parou uma babá que carregava um bebê e pareceu bastante animada com a criança. Tive certeza de que ela também perguntou para a babá se por acaso o bebê se chamava Timothy. E, se não se chamava, perguntou se a babá conhecia alguma outra babá que cuidava de um Timothy.

Era óbvio que Mary suspeitava de mim, mas, apesar disso, eu me agarrei a Timothy embora eu desejasse muito saber mais sobre ele; pois eu ainda encontrava aquele outro pai ocasionalmente, e ele sempre parava para comparar as duas crianças. E as perguntas que ele me fazia eram tão íntimas: como Timothy dormia, como acordava, como dormia de novo e o que colocávamos em seu banho. O fato de cachorros e garotinhos terem tanto em comum era bom, pois tudo o que eu lhe contava era sobre Porthos; como ele dormia (tranquilamente), como acordava (como quem acorda de um sonho), como dormia de novo (com uma mãozinha no nariz), mas deixei passar a pergunta sobre o que colocamos em seu banho (carbólico e esfregão).

O homem não suspeitava nem um pouco de mim e achei razoável esperar que Mary fosse generosa assim também. No entanto, fortaleci minha mente, pois poderia ser que ela estivesse apenas ganhando tempo para me atacar de repente, e isso fez com que eu me apegasse ainda mais a Timothy, como se eu temesse que ela pudesse tirá-lo de mim. Como, de fato, era o caso.

VI UM

CHOQUE

Era um dia de maio e vi Mary acompanhar seu marido até o primeiro cruzamento, quando ela acenou para ele como se ele houvesse embarcado em um navio. Durante todo esse tempo ela usou a face de uma mulher casada e feliz que ia direto para casa, e lá ficava esperando o retorno glorioso do lorde; e o cavalheiro de aparência militar que a observava com um sorriso entediado não via nada melhor perante ele além de mais um capítulo de algum programa sobre felicidade doméstica. Ah, Mary, você não pode me adiantar um pouquinho da trama?

Olá!

Assim que ela se viu sem ele, transformou-se em uma outra mulher; agora ela havia se tornado uma senhora calculista e decidida, que olhava secretamente ao redor e, tendo diminuído de tamanho para se tornar menos perceptível, embarcou nervosa em uma aventura misteriosa.

— Que diabos! — pensei eu, e a segui.

Como alguém ansiosa para chegar no horário ela consultava o relógio com frequência, olhando para ele por bastante tempo, como se fosse um daqueles relógios que não revelam seu segredo até você ter feito um cálculo mental. Uma vez ela o beijou. Eu sempre soube que ela gostava de seu relóginho barato, que ele lhe deu, eu acho, no dia em que eu derrubei a carta, mas por que beijá-lo na rua? Ah, e por que então colocá-lo de maneira tão apressada em seu cinto de couro, Mary, como se você se sentisse culpada por beijar hoje, ou qualquer outro dia, o relógio que seu marido lhe deu?

Veremos que fiz uma viagem muito rápida dos pensamentos leves até a inquietação. Eu não queria nenhum enredo quando ela chegou a seu destino, uma rua de lojas vulgares. Ela não entrou em nenhuma das lojas, mas andou devagar e se encolheu observando a rua de cima a baixo, uma verdadeira imagem da vergonha; e nunca pensei em um dia ver a vergonha no rosto doce de Mary A-----. Se eu tivesse passado por ela e dito seu nome acho que eu a teria derrubado, e ainda assim ela continuou ali, esperando. Eu também esperava por ele, imaginando se este era o homem, ou este, ou este, e acredito que segurei com força a minha bengala.

Eu desconfiava de Mary? Ah, claro que não, não por um momento. Mas havia alguma besteira aqui; ela tinha vindo sem o conhecimento do marido, como indicava sua maneira furtiva, para um encontro que ela temia e sobre o qual ela tinha vergonha de contar a ele; então devia ser para

salvar, não ela mesma, mas a ele; a loucura a esconder nunca poderia ter sido de Mary. Ainda assim, o que poderia ter acontecido no passado daquele garoto honesto de cujas consequências ela podia protegê-lo escondendo-se aqui? Aquela risada dele poderia ter sobrevivido a uma desonra? A testa aberta, os cachos encaracolados, o sorriso agradável, as centenas de maneiras agradáveis que trazemos conosco da nossa infância, tudo isso pode permanecer quando a inocência desaparece, mas certamente a risada do início da vida deve desaparecer. Nunca soube que o diabo mantinha seu controle sobre isso.

Mas Mary ainda esperava. Ela não era mais bonita; a vergonha tinha poder sobre seu rosto, ela era uma mulher feia. Então a confusão era do marido e eu o amaldiçoei por isso. Mas sem convicção, pois, afinal, o que eu sabia sobre as mulheres? Tenho algumas lembranças distantes delas, algumas invenções inúteis. Mas sobre os homens – conheço um homem bastante indiferente há mais de quarenta anos, eu o tripudiei (é estranho pensar nisso), estremeci perante ele, eu me cansei dele, tive vontade (Deus me perdoe) de caminhar com ele de maneira tolerante bastante tempo depois de o ter conhecido; eu conheço um pouco sobre os homens e, no fundo do meu coração, garoto, acho que estou enganado com relação a você.

Então Mary está aqui por algum motivo inocente, para fazer uma boa ação que era melhor ser desfeita, pois isso a assustava muito. Volte, sua boba, coração mole, e não falarei mais sobre isso. Obstinação, você viu o olhar no rosto de seu marido quando ele lhe deixou. É à luz do ateliê onde ele pinta e ainda vê esperança, apesar de todas as decepções de suas desprezíveis ambições. Aquela luz é o dote que você trouxe para ele, e ele é um homem rico se não oscilar.

Ela estava tão ansiosa para ir embora, e ainda assim não foi. Em vários momentos ela deu sinais, como se tivesse decidido fugir daquela rua detestável, e vacilou e voltou como um pássaro para uma doninha. De novo ela olhou para o relógio e beijou-o.

Ah, Mary, voe. Que loucura é esta? Mulher, vá embora.

De repente ela se foi. Com um grande esforço e um último olhar aterrorizado ela entrou em uma loja de penhores.

Bem antes de ela surgir entendi tudo, acho até que quando a porta se abriu e depois se fechou atrás dela; pois a alma tímida procurou por uma rua onde ninguém a conhecia, por que ela passou tantas vezes por aquela

loja detestável antes de se aventurar de maneira desesperada, por que ela olhou tanto para o relógio que ela podia nunca mais ver. Mary estava tão desesperada para manter sua pequena casa, e ainda assim seu coração corajoso a fazia manter o rosto sorridente para o marido, que talvez nem soubesse que caminhos seus pequenos tesouros estavam tomando.

Pode parecer monstruosamente cruel da minha parte, mas agora eu estava bastante aliviado mais uma vez. Mesmo quando Mary saiu da loja onde havia deixado seu relógio e eu tive paz de espírito para observar como ela estava magra e cansada, como se seu bebê tivesse ficado grande demais para seus braços leves, mesmo então eu me senti aliviado. Sem tentar ir atrás dela, caminhei de volta para casa cantarolando uma música com bastante la-ra-li-la-ra-la, pois nunca consigo me lembrar da letra. Eu a vi entrar em uma outra loja, loja de roupa de bebê ou alguma outra desse tipo, então estava claro que ela havia vendido seu relógio, mas o que eu tinha a ver com isso? Continuei cantando. Eu atirei alegremente com minha bengala em um poste e errei, vi um menino de rua sorrindo para mim; pisquei para ele e deixei duas moedas escorregarem por suas costas.

Acho que eu teria escolhido o caminho mais fácil se tivesse tido tempo, mas o destino quis que eu encontrasse o marido em seu caminho de volta para casa, e sua primeira observação me inspirou a cometer uma loucura.

— Como está Timothy? — perguntou ele; e a pergunta abriu um caminho tão atraente que eu acho que ninguém cuja vida chata anseia por cores teria resistido.

— Ele não está mais — respondi, de maneira impulsiva.

O pintor ficou tão chocado que soltou uma exclamação de pena e eu mesmo senti uma tristeza, pois com essas palavras precipitadas meu menininho se fora, de fato; todos os meus sonhos com Timothy, todos os meus esforços para protegê-lo do desprezo de Mary, foram embora com o vento.

VII

O FIM DE TIMOTHY

Uma pessoa tão inteligente quanto o leitor deve logo ter entendido que acabei com Timothy para doar suas pequenas roupas, aventais e sapatos para David e, assim, querido senhor ou senhora, não me culpe muito por causar dor em nosso pintor. Saiba, também, que embora ele fosse bastante solidário, logo percebi que muitas de suas perguntas eram motivadas apenas pelo desejo egoísta de que o mesmo não acontecesse com seu menino. Assim são os pais.

Mas Ele me perguntou com compaixão se havia algo que poderia fazer por mim e, claro, havia algo que ele podia fazer, mas se eu falasse não duvido que ele logo desaparecesse, pois eu já tinha motivos para saber que ele era um cachorro arrogante e frágil que sempre fugia quando alguém precisava de ajuda. Então a proposta precisava vir dele. Falei sobre as muitas pequenas coisas em casa que agora me faziam sofrer quando eu olhava para elas, e ele segurou minha mão, bastante emocionado, embora fosse uma outra casa com pequenas coisas que ele enxergava. Eu tinha vergonha de assediá-lo dessa maneira, mas ele não parava de perguntar sobre o assunto, e a minha impulsividade havia me colocado no meio desta confusão, então continuei, de maneira repugnante. Nesta época de tantas especialidades, será que não existia uma profissão para tirar das casas as roupas das crianças que naquele momento causavam dor? Será que eu poderia vendê-las? Poderia dá-las aos necessitados, que provavelmente abririam mão delas em troca de bebida? Contei a ele sobre um amigo com uma criança pequena que já havia recusado as peças, pois não se sentia bem, já que as roupas o lembravam de Timothy, e acho que foi isso que o tocou tão rapidamente, então ele fez a oferta pela qual eu estava esperando.

Entrei nisso com tudo, e nesta época eu estava com raiva tanto dele quanto de mim, mas sempre fiz trabalhos malfeitos e, por ter adotado essa situação com pressa, não conseguia, naquele momento, enxergar outra saída. O apego de Timothy à vida, como vocês devem ter entendido, sempre foi muito pequeno, e acho que eu sempre soube que ele logo se tornaria obscuro. Ele nunca poderia ter saído para a vida. Não era uma vida para um garoto.

Ainda agora, que sua hora chegou, eu estava relutante em vê-lo partir. Eu pareço me lembrar de carregá-lo naquela noite até a janela com uma ternura incomum (seguido a isso o pôr do sol que o levou embora), e de dizer a ele com uma amargura não natural que ele tinha que me deixar

porque uma outra criança precisava de todas as suas lindas coisas; e quando o sol, seu verdadeiro pai, o levou em seus braços dançantes, ele enviou suas lembranças para uma dama de muito tempo a quem ele chamava pelos nomes mais doces, não sabendo em sua inocência que os pequenos pássaros são os pássaros que nunca têm uma mãe. Eu desejava (quando a fantasia de Timothy tomou conta de mim) que antes de ele ter ido embora ele tivesse brincado uma vez no Kensington Gardens e tivesse subido nas árvores caídas, chamando-me gloriosamente para olhar; que ele pudesse ter navegado um navio de papel no Round Pond; seria bom se eu o tivesse perseguido um pouco pelas alegres avenidas da infância, onde a memória nos diz que corremos apenas uma vez, em um longo dia de verão, surgindo do outro lado como homens e mulheres responsáveis por pagar por toda a diversão; e eu acho que (assim, fantasia travessa que me acompanha nestes cômodos desolados) ele conhecia meus desejos, e disse com uma característica de menino que a razão para nunca ter feito essas coisas não era que ele tivesse medo, pois ele teria adorado fazer tudo aquilo, mas porque ele não era muito parecido com os outros garotos; e, ao dizer isso, ele soltou meu dedo e desapareceu perante meus olhos para um outro espaço celeste dourado; mas eu nunca vou deixar de pensar que, se ele tivesse sido como os outros garotos, não haveria nenhum mais corajoso do que o meu Timothy.

Receio que eu mesmo não seja realmente corajoso, pois embora quando em perigo, até onde consigo me lembrar, eu me comporte como os outros, moralmente eu pareço ser deficiente. Descobri isso no dia seguinte quando tentei comprar uma roupa para David e me vi tão envergonhado para entrar em uma loja como Mary para entrar na loja de penhores. A loja de roupas de crianças parece ser bastante alarmante quando você chega à porta; um homem se torna pai abruptamente, e então perdido em um sentido mais refinado das propriedades, pode ser capaz de olhar desprotegido, mas, aparentemente, eu não podia. Na verdade, permiti que um sentimento de repugnância ao entrar em lojas crescesse dentro de mim, exceto ao entrar na loja do meu alfaiate, e receio que eu vá lá com muita frequência.

Então eu me escondi perto da loja de roupas infantis, zombando de mim mesmo, e foi estranho para mim pensar, digamos, às três horas, que se eu tivesse entrado na loja às duas e meia aquilo já teria terminado.

Para ilustrar o meu estado, pense no caso de um cavalheiro que eu vi olhando fixamente para mim, ou então pensei ter visto, no momento em que

entrei, valente, pela porta. Saí mas quando voltei ele ainda estava lá, o que me pareceu uma prova conclusiva de que ele tinha entendido o meu objetivo. Controlando meu humor eu abaixei minha cabeça e disse com uma educação gélida:

— Eu não consigo me lembrar do senhor.

— Desculpa? — disse ele, e percebi agora que minhas palavras chamaram a atenção dele para mim pela primeira vez, mas naquele momento eu tinha certeza de que existia algum significado impertinente por trás da resposta dele.

— Não tenho o prazer de saber quem você é — soltei.

— Ninguém sente mais por isso do que eu — respondeu ele, rindo.

— Eu quero dizer, senhor — disse eu —, que eu preciso esperar até que o senhor se retire.

E, dizendo isso, eu me virei de costas para uma vitrine.

Mas neste momento ele havia ficado bravo e disse:

— Não tenho nenhum compromisso.

E virou-se de costas para a vitrine.

Cada um de nós estava totalmente determinado a vencer o outro pelo cansaço, e devíamos parecer ridículos ali. Nós sentimos isso, pois dez minutos depois nosso orgulho desapareceu, trocamos um aperto de mão cordial e concordamos em chamar carros de aluguel.

Devo abandonar a empreitada? Eu certamente conhecia algumas mulheres que poderiam fazer a compra para mim, mas primeiro precisaria explicar e, melhor do que explicar, sempre tive o costume de não precisar delas. Estava nesse desânimo quando uma lembrança de Irene e da Sra. Hicking me veio à cabeça como um estímulo, pois logo vi nelas o que eu precisava para tornar possível que David conseguisse suas roupas.

Vocês devem ser apresentados a elas.

VIII

O GARÇOM DESATENCIOSO

Eles eram da família de William, um de nossos garçons do clube que vinha me desapontando bastante nos últimos tempos. Muitas vezes retardei meu jantar por vários minutos para ser atendido por esse ingrato. Seus esforços para reservar a mesa à janela para mim eram satisfatórios, e eu costumava lhe conceder alguns privilégios, como permitir que ele sugerisse os pratos; contei algumas coisas a ele, como o fato de alguém ter me assustado na sala de leitura ao bater a porta; mostrei a ele que cortei meu dedo com um pedaço de fio. William não era um garçom assertivo. Poderíamos ter cometido um assassinato na frente dele em segurança. Um membro do clube disse a ele que Saucy Sarah ganharia o Derby e um outro disse que Saucy Sarah não tinha chance alguma, e William concordou com os dois. O excelente camarada (que achei que ele era) era como um charuto que pode ser fumado de qualquer um dos lados. A data de seu lapso foi uma noite quando eu jantava à beira da janela. Precisei repetir meu pedido de rins de cordeiro e em vez de responder “Claro, senhor” como se a minha escolha por rins de cordeiro o deixasse feliz, que é a reação que se espera de um garçom, ele ficou olhando seriamente para fora da janela e então me perguntou:

— O senhor disse rins de cordeiro, senhor?

Alguns minutos depois percebi que alguém se inclinava sobre as costas de minha cadeira e vocês devem entender minha indignação ao descobrir que esta pessoa grosseira era William. Deixe-me contar a vocês, em palavras apropriadas para se descrever um incidente passado, o que aconteceu em seguida.

Para chegar mais perto da janela ele apoiou com força em meu ombro.

— William — disse eu —, você não está tomando cuidado comigo.

Para ser justo com ele, ele vacilou, mas nunca me esqueceria da maneira audaciosa como se desculpou:

— Peço perdão, senhor, mas eu estava pensando em outra coisa.

E imediatamente voltou a olhar pela janela, e fez isso de maneira vigorosa.

— Pelo amor de Deus, senhor, de homem para homem, diga-me se o senhor viu uma garotinha olhando pela janela do clube.

De homem para homem! Mas ele já fora um bom garçom no passado, por isso apontei a garota para ele. Assim que ela viu William saiu correndo para o meio da Pall Mall, apesar dos carros de aluguel (muitos pareciam

não a ver), balançou a cabeça com força três vezes e então desapareceu (provavelmente em uma maca). Ela era uma pequena árabe bastante vistosa de uns dez anos de idade, mas parecia ter trazido alívio a William.

— Graças a Deus! — disse ele com a voz fervorosa, e no pior gosto.

Fiquei bastante horrorizado, como se ele tivesse derrubado um prato em meus pés.

— Pão, William — disse eu bruscamente.

— O senhor está aborrecido comigo? — ele teve a ousadia de sussurrar.

— Você tomou uma liberdade — disse eu.

— Eu sei, senhor, mas foi mais forte do que eu.

— Aí está uma outra liberdade.

— É a minha esposa, senhor, ela...

E então William, a quem eu favoreci de tantas maneiras, era um homem casado. Achei aquela a maior liberdade de todas.

Concluí que a mulher problemática dele estava doente, e como alguém que gostava de acreditar que não há problemas no mundo depois do jantar, desejei que William me dissesse que aqueles sinais significavam que ela havia recuperado a saúde. Ele respondeu, sem nenhum cuidado, porém, que o médico temia o pior.

— Ah, médicos — disse eu, bravo.

— Sim, senhor — disse William.

— Qual é a maldita doença dela?

— Ela sempre foi bastante delicada, mas cheia de personalidade e, sabe, senhor, ela teve uma bebezinha há pouco tempo...

— William, como você pode — disse eu, mas no mesmo momento vi que aquele pai poderia ser útil para mim.

— Como a sua bebê dorme, William? — perguntei com a voz baixa.

— Como ela acorda? O que você coloca no banho dela?

Vi que ele ficou surpreso por isso me apressei em falar sem esperar por sua resposta.

— Aquela garotinha veio aqui com uma mensagem da sua esposa?

— Sim, senhor, ela vem toda noite. É a minha filha mais velha, e quando ela acena a cabeça três vezes quer dizer que a mãe está um pouco melhor.

— E ela acenou três vezes hoje?

— Sim, senhor.

— Suponho que você more em alguma parte baixa da cidade, William?
O camarada imprudente parecia querer me atacar.

— Moro fora de Drury Lane — disse ele, ruborizando. — Mas não é na parte baixa. E agora ela está com medo de morrer sem eu estar lá para segurar sua mão — resmungou ele.

— Ela não devia falar coisas assim.

— Ela nunca fala coisas assim, senhor. Ela finge estar se sentindo mais forte. Mas eu sei o que se passa na cabeça dela quando saio de casa pela manhã, pois ela me olha da cama, e eu olho da porta para ela – ah, meu Deus, senhor!

— William!

Ele finalmente viu que eu estava bravo e era típico dele implorar pelo meu perdão e sair levando o assunto de sua esposa como se fosse alguma louça suja. Tentei esquecer essa história vulgar jogando bilhar, mas ele havia atrapalhado o meu jogo e, no dia seguinte, para puni-lo, fiz meu pedido a outro garçom. Mas, como eu estava sentado à janela, não consegui deixar de perceber que a garotinha estava atrasada, e embora isso não tivesse a menor importância para mim e eu tivesse terminado meu jantar, fiquei ali até ela aparecer. Ela não só balançou a cabeça três vezes como também acenou seu chapéu, e eu me levantei agora que havia realmente terminado o meu jantar.

William veio sorrateiro em minha direção.

— A febre dela passou, senhor — disse ele, esfregando as mãos.

— Sobre quem você está falando? — perguntei com frieza e me retirei em direção à sala de jogos, onde joguei um uma partida de bilhar.

Sofri para mostrar para William que havia me esquecido de seus problemas familiares, mas observei a garota todas as noites e, um dia, em vez de acenar, ela sacudiu a cabeça e naquela noite não consegui acertar uma única caçapa. Na noite seguinte William não estava no salão de jantar e achei que eu soubesse o que havia acontecido. Mas, enquanto pensava em entrar na biblioteca bastante chateado fui surpreendido ao vê-lo em cima de uma escada tirando pó dos livros. Estávamos praticamente sozinhos no cômodo, pois, embora vários membros do clube estivessem sentados em cadeiras segurando livros em suas mãos, todos estavam cochilando, e William desceu da escada para me contar sua história explosiva. Ele havia xingado um membro!

— Eu mal tinha consciência do que eu estava fazendo o dia todo, senhor, pois eu a havia deixado tão fraca que...

Bati meu pé.

— Peço desculpas por falar dela — ele teve a elegância de dizer. — Mas Irene havia prometido vir a cada duas horas; e quando ela veio por volta de quatro horas e eu a vi chorando, fiquei meio cego, senhor, e esbarrei em um membro, o Sr. B-----, e ele disse: “Maldito!”. Bom, senhor, eu tinha só encostado nele, e estava tão arrasado que me senti mal por ser tratado assim e perdi minha razão e respondi para ele: “Maldito é você!”.

Ele abaixou a cabeça envergonhado e acho que alguns dos leitores estremeceram enquanto dormiam.

— Fui tirado do salão de jantar imediatamente e enviado para cá até o comitê decidir o que fazer comigo. Ah, senhor, tenho vontade de me ajoelhar aos pés do Sr. B-----!

Como poderia eu não desprezar um camarada que teria uma atitude tão miserável para ganhar uma libra por semana?

— Porque se eu tiver que contar para ela que perdi meu emprego ela vai desistir e morrer.

— Proíbo você de falar comigo sobre aquela mulher — gritei irônico — a menos que você consiga falar de maneira agradável sobre ela — e eu o deixei entregue a seu destino e fui procurar o B-----.

— Que história é essa de você xingar um dos garçons? — perguntei a ele.

— Você quer dizer de ele me xingar — disse B-----, ficando vermelho.

— Fico feliz que a história seja essa — disse eu — pois não poderia acreditar que você teria agido dessa maneira. A versão que chegou até mim

foi que vocês se xingaram e que ele seria demitido e você seria repreendido.

— Quem lhe disse isso? — perguntou B-----, que era um homem tímido.

— Faço parte do comitê — respondi e continuei a falar sobre outros assuntos.

Mas B-----, que estivera refletindo, disse:

— Você sabe que eu acho que estava errado ao pensar que o garçom me xingou? Vou retirar a queixa amanhã.

Fiquei feliz em saber que os problemas de William estavam perto do fim sem que eu precisasse interferir a favor dele, e então me lembrei que ele não conseguiria ver a garota Irene pela janela da biblioteca, que fica nos fundos do clube. Eu estava olhando para ela, mas ela não fez nenhum sinal porque não podia ver William, e irritado com sua estupidez eu saí e perguntei a ela como sua mãe estava.

— Meu Deus — soltou ela depois de me examinar com cuidado —, acho que você é um deles!

E ela me olhou com um espanto admirado. Acho que William conta a eles sobre nossos feitos esplêndidos.

A inválida, pelo que parecia, estava um pouco melhor, e esta criança irritante queria informar a William que ela tinha comido todo o mingau. Ela ia sinalizar isso lambendo um prato imaginário no meio da Pall Mall. Dei um xelim para a pequena garota vulgar e voltei enojado para o clube.

— Ah, William — disse eu — o senhor B----- vai informar o comitê que se enganou ao pensar que você usou uma linguagem imprópria para falar com ele, então você sem dúvidas será realocado para o salão de jantar amanhã.

Precisei acrescentar, imediatamente:

— Lembre-se de se comportar, William.

— Mas o Sr. B----- sabe que eu o xinguei — insistiu ele.

— Um cavalheiro — respondi, de maneira formal — não consegue, depois de muitas horas, se lembrar do que um garçom lhe disse.

— Não, senhor, mas...

Para fazer com que ele parasse de insistir precisei dizer:

— E, ah, William, sua esposa está realmente melhor. Ela comeu o mingau – comeu tudo.

— Como o senhor sabe disso?

— Por acaso.

- Irene sinalizou na janela?
- Não.
- Então o senhor a viu e saiu e...
- Como você se atreve, William?
- Ah, senhor, fazer isso por mim! Que Deus lhe...
- William.

Ele voltou para o salão de jantar, mas sempre que eu olhava para ele tinha a sensação de ver a mulher à beira da morte em seu rosto, e então nosso relacionamento ainda estava estranho. Mas eu observava a garota, e sua mímica era tão clara que eu soube que a sofredora havia, novamente, limpado o prato na terça-feira, tentou comer um ovo cozido na quarta-feira (você deveriam ter visto Irene tentando representar isso na Pall Mall, e depois colocar sal nele), mas teve uma terrível recaída na quinta-feira.

— A sua mãe está muito doente hoje, senhorita Irene? — perguntei assim que a tirei do alcance das janelas do clube.

— Nossa! — exclamou ela novamente, e eu vi uma troca de olhares entre ela e uma garota ainda menor do que ela, a quem ela se referia como sua vizinha.

Esperei friamente. A esposa de William, fui informado, parecia morta até tomar seu licor.

— Não fale assim, criança — disse eu, abalado. — Você não sabe como uma pessoa morta se parece.

— Deus abençoe! — respondeu ela.

Auxiliada pela amiga, que estava evidentemente muito impressionada pela intimidade de Irene comigo, ela me deu uma grande quantidade de informações variadas, como por exemplo que o nome verdadeiro de William era Sr. Hicking, mas que ele era conhecido na rua onde moravam por causa da quantidade de suas camisas, como Dândi Hicking. Disseram ainda que a rua toda achava que ele devia sair do clube antes das duas da manhã, pois sua esposa precisava dele mais do que o clube. Ao que William respondia (de maneira muito sensível) que se o clube tivesse poucos garçons no horário do jantar alguns dos cavalheiros talvez precisassem ficar esperando por muito tempo. Disseram também que ele passava a maior parte da noite sentado com sua esposa, e mentia para ela dizendo que tirava cochilos agradáveis no clube. Disseram ainda que ela conversava com ele principalmente sobre a criança. E que a criança estava em um outro lugar

em Londres (aos cuidados de uma pessoa chamada de velha senhora), porque havia uma epidemia na rua de Irene.

— E o que o médico diz sobre sua mãe?

— Às vezes ele diz que ela poderia ter uma chance se pudesse ter a criança de volta.

— Bobagem.

— E se fosse levada para o campo.

— E por que William não a leva?

— Meu Deus! E se ela bebesse vinho do porto.

— Ela não bebe?

— Não. Mas o papai, ele conta para ela sobre os cavalheiros que bebem.

Eu me virei de costas para ela aliviado, mas ela veio atrás de mim.

— Você não vai fazer aquilo dessa vez? — perguntou ela com a voz decepcionada. — Você fez isso da última vez. Eu contei pra ela que você fez — ela apontou para a amiga, que olhava triste para mim —; você não vai deixar ela ver você fazendo isso?

Por um momento achei que ela queria outro xelim, mas com uma mímica ela me mostrou que queria que eu levantasse meu chapéu para ela. Então eu o levantei, e quando olhei para trás ela estava com a cabeça erguida e sua vizinha olhava pasma para ela. Essas pequenas criaturas realmente têm algum mérito.

Cerca de uma semana depois eu estava em um landau alugado, segurando um jornal em frente ao meu rosto para que ninguém me visse na companhia de um garçom e de sua esposa. William a levava para Surrey, para ficar com uma antiga babá minha, e Irene estava conosco, usando uma touca ultrajante.

Formei uma opinião ruim em relação à inteligência da Sra. Hicking por causa de seu orgulho em relação ao bebê, que era uma criança bastante comum. Ela criou uma cena lamentável quando ele foi trazido até ela, pois “ela teve medo de que ele não a reconhecesse”. Eu poderia ter dito a ela que os bebês não reconhecem ninguém durante anos se eu não tivesse medo de que Irene escutasse. A garotinha embalou a criança em seus joelhos e conversou com ela o caminho todo. Nunca conheci uma criança mais ousada do que esta Irene. Ela fazia perguntas impróprias ao bebê, como, por exemplo: “Ah, sabe quem me deu esta touca?”, e respondia ela mesma às perguntas. “Foi o lindo cavalheiro que está ali” e várias vezes precisei fingir

que dormia porque ela dizia “o bebê quer dar um beijinho no lindo cavalheiro”.

Por mais incômodo que tudo aquilo fosse para um homem de bom gosto, sofri ainda mais quando chegamos ao nosso destino, onde circunstâncias desagradáveis me obrigaram a tomar chá com a família do garçom. William sabia que eu considerava agradecimentos de pessoas de sua classe uma ofensa, mas ainda assim ele parecia agradecido embora não se atrevesse a falar. Mal ele havia sentado à mesa acatando às minhas ordens quando se lembrou de que eu era um membro do clube e levantou-se assustado. Nada é pior do que o cochicho, mas ainda assim ele cochichava vez após outra para a pobre e tola esposa “Como você está agora? Está se sentindo fraca?”, e quando ela dizia que já se sentia uma outra mulher seu rosto me responsabilizou pela mudança. Não pude deixar de perceber, pela maneira como ela deixava o bebê bater nela, que a mulher era mais forte do que fingia ser.

Fiquei ali mais tempo do que o necessário, pois eu tinha algo para dizer para William que eu temia que ele entendesse errado, mas quando ele anunciou que chegara a hora de ele pegar o trem de volta para Londres, o que fez sua esposa empalidecer, anunciei a mensagem.

— William — disse eu, afastando-me dele —, o chefe dos garçons me pediu para dizer que você pode tirar duas semanas de férias. Seu salário será pago normalmente.

Eu o confundi.

— William — gritei, furioso —, vá embora.

Então vi sua esposa sinalizando para ele e eu soube que ela queria ficar sozinha comigo.

— William — gritei em pânico —, fique onde você está.

Mas ele já tinha saído e eu fiquei sozinho com uma mulher de olhos firmes. Sua classe gosta de cenas.

— Se a senhora me permitir, madame! — disse eu, implorando.

Mas ela beijou minha mão; ela parecia um cachorrinho.

— Só pode ser a lembrança de alguma mulher — disse ela — que o faz ser tão gentil comigo e com os meus.

Lembrança foi a palavra que ela usou, como se toda a minha juventude tivesse desaparecido. Suponho que eu realmente sou bastante velho.

— Eu gostaria de saber o nome dela, senhor — disse ela. — Para que eu possa mencionar seu nome com respeito e amor em minhas orações.

Levantei a mulher e disse a ela o nome. Não era Mary.

— Mas ela tem um lar — disse eu — assim como você, e eu não tenho. Talvez, madame, valeria mais a pena se a senhora mencionasse o meu nome em suas orações.

Foi a esta mulher, agora com saúde, a quem confiei a compra das roupas de criança:

— Uma para um garoto de seis meses — expliquei a ela — e outra para um garoto de um ano. — Pois o pintor havia me contado que David estava crescendo rápido.

Acho que ela ficou um pouco surpresa ao saber que as duas roupas eram para a mesma casa; e certamente ficou curiosa pelo nome de batismo da mãe da criança, mas ela era muito mais fácil de se persuadir do que uma dama fina seria, e tenho certeza de que ela e sua filha se divertiram bastante nas lojas. Nunca me esquecerei de Irene saindo orgulhosa de uma delas com um porteiro que a conduziu sob um guarda-chuva até o taxi onde eu esperava. Acho que aquela foi a caminhada mais celestial da vida de Irene.

Pedi a Sra. Hicking que desse um tratamento naquelas roupas para que elas não parecessem tão novas, e ela soltou uma exclamação, sem se importar em fazer isso em segredo, e então pedi que depois ela enviasse as roupas para mim. Então enviei a encomenda para Mary e passei a noite feliz com minha astúcia diabólica, mas o desgosto apareceu pela manhã acompanhado de uma carta dela na qual ela mostrava que sabia de tudo, que eu era seu Sr. Desconhecido e que nunca existiu um Timothy. Acho que nunca fiquei tão preocupado. Mesmo agora ainda não sei como ela descobriu isso.

Sua esperteza fez surgir um demônio em mim e tranquei sua carta imediatamente e raramente a li desde então. Nenhuma mulher casada deveria redigir tal epístola a um homem solteiro. Dizia, entre outras coisas que me recuso a repetir, que eu era sua fada madrinha. Como exemplo de todas as falsidades deliberadas escritas ali, devo mencionar que ela disse que David já me amava. Ela esperava que eu fosse à casa dela com frequência para visitar seu marido, que tinha muito orgulho da nossa amizade, e sugeriu que a primeira visita acontecesse hoje, às três horas da tarde, um horário no qual, como eu por acaso sabia, ele sempre estava fora dando aula de pintura. Resumindo, ela queria me encontrar sozinha primeiro, para tirar de mim o romance delicioso e respeitoso, e depois contar a ele, com suspiros e pequenos olhares para ele sobre seu lenço.

Ela havia derramado o que era para parecer duas lágrimas por mim sobre o papel, mas eu não deixei de pensar, porém, que eram apenas duas gotas de água ali colocadas.

Enviei a ela uma resposta dura e áspera, declinando manter qualquer tipo de comunicação com ela.

OceanofPDF.com

IX

UM SOLTEIRÃO INVETERADO

Vejo que corro o risco de ser incluído entre os camaradas excêntricos, o que eu tão pouco desejo e por isso me sentei à minha escrivaninha para combater a acusação, mas, depois de ficar um tempo excessivo com a caneta em punho, comecei a ficar incomodado com o medo de que exista alguma coisa nisso.

Muito tempo se passou, vocês devem saber, desde que reduzi o fervor da autoindagação à qual retorno em vão (através de muitas portas enferrujadas) para o começo desta mudança em mim, se é que estou mudado; parece que sempre vejo este mesmo homem até voltar para aqueles maravilhosos meses que eram metade da minha vida quando, de fato, eu sei que eu era diferente do que eu sou agora; eu não era um camarada excêntrico naquela época, pois aquela era uma das possibilidades em que me coloquei enquanto procurava pela explicação das coisas, e descobri ser inadmissível. Tendo fracassado naqueles dias em descobrir por que fui levado do jardim, acho que parei de me sentir apaixonado por mim mesmo, como um quebra-cabeça idiota, e talvez as excentricidades tenham começado a se juntar despercebidas.

É um pensamento doloroso para mim nesta noite, que ele poderia acordar glorioso uma vez, este homem na cadeira perto da lareira, que é humoristicamente conhecido no clube como um solteirão inveterado. Eu me lembro bem dele quando ele tinha vinte e quatro anos; em minha alma o subalterno mais orgulhoso entre meus conhecidos, e com razão para se sentir orgulhoso. Não havia nada que ele não pudesse fazer no futuro, já tendo feito a coisa mais importante, essa criança que hoje já subiu os degraus do clube.

Não que eu seja, de fato, um patife; sou tolerantemente gentil, acredito, e bastante inofensivo, um cavalheiro, mesmo aos olhos de damas que sorriem para mim enquanto conversamos; é até um número que vem aumentando, ou pelo menos é o que parece para mim nesta noite. Ah, mulheres, eu não me lembro de quando comecei a notar aquele sorriso e a ficar desconfortável com ele. Acho que entendo isso agora, e de certa maneira vaga isso me magoa. Percebo que observo isso hoje em dia, mas espero ainda ser seu servo leal e obediente.

Vocês mal conseguirão acreditar nisso, mas eu acabei de me lembrar de que um dia eu já tive aquele mesmo sorriso fascinante. O que aconteceu com o meu sorriso? Juro que não percebi que ele tinha desaparecido até

agora; sou daqueles que, ao visitar sua escola de repente começa a procurar por seu velho canivete. Ouvi sobre meu sorriso pela primeira vez através de um outro garoto, cujas irmãs haviam analisado todos os sorrisos que conheciam e colocaram o meu no topo. Meu amigo era desdenhoso e eu o subornei para não revelar o plebiscito a ninguém, mas no fundo eu estava exultante e surpreso. Eu me sinto perdido hoje sem meus sorrisos. Eu me levantei um minuto atrás para procurar por ele no espelho.

Gosto de acreditar que ela está com ele agora. Acho que ela deve ter algumas outras trivialidades minhas esquecidas junto com ele que fazem a diferença entre aquele homem e este. Eu me lembro dela falando sobre o meu sorriso, dizendo que era meu ornamento, e pegando-o de mim, como maneira de falar, por um momento para me deixar ver como ela ficava com ele; ela adorava brincar comigo quando eu estava de mau humor, e de me mostrar todos os meus truques desajeitados de voz e gestos, exagerados e glorificados em seu eu extasiante, como uma estrela dizendo à terra: “Veja, vou mostrar como você se desequilibra”; e sempre havia um desafio para mim em seus olhos para interrompê-la se eu me atrevesse, e sobre eles, quando ela era mais audaciosa, havia uma névoa doce.

Todos vinham cortejá-la, como é o negócio dos jovens camaradas, para contar a ela o que é o amor, e ela ouvia com uma franqueza nobre, tendo, de fato, o rosto mais amigável para todos os envolvidos nesta perseguição que pode sempre ser instalada em uma mulher. Ouvi outras mulheres a chamarem de coquete, sem entender que ela brilhava suavemente sobre todos que entravam nas listas porque, com a mais rara intuição, ela previa que eles iriam embora como homens desolados e já se mostrava simpática com suas estimadas feridas. Todas as feridas causadas por amor eram importantes para ela; ela exultava cada declaração verdadeira sobre o amor com grande aprovação, ou talvez com um pequeno “ah!” ou “oh!” como faz alguém ao beber algo delicioso. Nada poderia ter sido mais justo, pois ela esperava pelo primeiro a chegar que conseguisse acertar o alvo, que era o seu coração.

Ela adorava todas as coisas lindas em cada curva e fragrância, até que se tornassem parte dela. Dia após dia, ela acumulava beleza; ela não tinha coração (ela que era o seio da feminilidade), seus pensamentos ainda eram lírios, porque o bom é o belo.

E todos a perdoavam; nunca soube de alguém que não a tenha perdoado; acho que se houvesse, um seria uma falha dela. Talvez, quando

chegasse a hora de se despedir, ela estivesse chorando por causa de todas as coisas lindas que haviam sido ditas ou feitas, ou estivesse fazendo confissões tristes sobre si mesma, de maneira tão impulsiva, generosa e confidente, e tão sem humor, que obrigariam até mesmo um jovem arrasado a gargalhar. Ela transformou seu rosto em um espelho para procurar com tristeza nele se ela era ou não culpada, e quando seus braços eram esticados para ela, e ela se afastava deixando-os vazios, ela se lamentava, com uma querida simpatia, pela falta de habilidade dele para conquistá-la. Pois seus olhos doces revelavam que ela estava sempre esperando ser conquistada. Todos a perdoavam, porque não havia nada a ser perdoado, ou muito pouco, apenas o pouco que faz uma querida garota ser ainda mais querida, e como sempre depois, eu acredito, eles riram com carinho ao pensar nela, como meninos trazidos de volta. Vocês, damas, que são tudo para seus maridos menos uma garota dos sonhos da juventude, nunca viram aquele homem com papada e trabalhador rir de repente em devaneio e se assustar, como se imaginasse que algo o chamava de longe?

Eu a escuto me chamar agora. Ela está tão alegre que sua risada é o que chega primeiro através dos anos; tão animada que teria chorado como a Maria da Escócia, que gostaria de ter nascido homem por não poder se deitar nas planícies como fazem os homens. Eu a escuto, mas é apenas um eco; eu a vejo, mas parece ser uma luz entre as árvores distantes, e os homens de meia-idade não podem se aproximar; ela era apenas para os garotos. Houve um mês em que eu poderia tê-la mostrado a vocês com toda a sua coragem, mas então o véu caiu, e a partir daquele momento eu não mais a entendi. Por muito tempo eu a observei, mas ela nunca foi muito clara para mim novamente, e por muito tempo ela pairou em volta de mim, como um coração querido com vontade de me dar mil chances de recuperar seu amor. Ela era tão pitoresca que era a última palavra sobre arte, mas ela era tão jovem quanto se fosse a primeira mulher. O mundo deve ter vibrado com atos falantes e pensamentos amorosos crescentes por inúmeros séculos antes que ela pudesse ser; ela era a criança de todas as imaginações corajosas e melancólicas dos homens. Ela era tão misteriosa quanto a noite quando caiu pela primeira vez sobre a terra. Ela era o que chamamos de romance, que vive na pequena cabana além da névoa azul dos pinhais.

Ninguém poderia ter parecido menos sobrenatural. Ela estava em uma escala nobre, seus atributos eram tão generosos, suas maneiras invencivelmente graciosas, seus movimentos indolentemente ativos, seu

rosto tão cândido que vocês jurariam que cada pensamento dela vivia sempre ao ar livre. Ainda assim, com tudo isso, ela era selvagem, alerta, desconfiada do laço, cheirando-o na mão de cada homem, mais curiosa sobre isso do que qualquer outra coisa no mundo; seu prazer era vê-lo laçá-la, seu jogo era escapar dele; ela era tão corajosa que adorava ser laçada para escapar quando o laço estava se fechando em volta dela; ela menosprezava, embora seu coração estivesse batendo forte, para correr de seus perseguidores; ela dava apenas um passo para trás, o que ainda a deixou perto deles mas sempre fora de seu alcance; sua cabeça no alto agora, mas seu rosto tão amigável e suas maneiras tão graciosas quanto antes, ela é sua para ser pega. Este foi sempre o pacto não mencionado entre ela e seus caçadores.

Pode ser um truque antigo essas memórias voltarem para mim, mas, de novo, coloco minhas mãos em minha cabeça impressionado com o pensamento de que tudo isso era para mim se eu pudesse ter o amor dela. Pois eu o ganhei, maravilha dos deuses, mas eu o ganhei. Eu me vi com um pé dentro do círculo mágico no qual ela se movia, e onde ninguém mais além de mim havia entrado; e então, eu acho, eu a vi em revelação, não como a coisa selvagem que todos a conceberam, mas como ela realmente era. Não vi nenhuma criatura indomável, nada selvagem ou estranho. Vi meu doce amor plácido como uma jovem vaca pastando. Quando afastei a névoa e ela foi realmente vista pela primeira vez, ela levantou a cabeça, como faz alguém que é aprisionado, e olhou para mim com olhos amedrontados e mansos. Eu disse a ela o que me havia sido revelado quando a olhei, e ela tremeu, sabendo que havia sido finalmente descoberta, e de bom grado ela teria fugido, mas seu medo era menor do que sua alegria. Ela se aproximou de mim devagar; algo que não é incompreensível para mim agora, mas transparente como uma piscina, e tão tranquila de se olhar que era um colírio para os olhos.

Como eu conhecia a dama, ela era minha. Toda dama, eu digo, pertence àquele que a conhece. Os outros apenas seguiram o esplendor no qual ela caminhava, mas eu havia penetrado nele e descoberto a mulher. Eu conseguia prever cada pensamento e gesto dela, eu poderia ter reluzido e me agitado e me ridicularizado por ela, e me derretido por ela e poderia tê-la desdenhado. Ela se esqueceria disso e de repente se tornaria consciente disso quando começasse a falar, quando me lançasse um olhar com um sorriso tímido no qual ela queria dizer que sabia que eu já estava esperando

pelo que ela tinha a dizer. Chamo isso de rubor do olhar. Ela tinha um olhar e uma voz só para mim; as pontas de seus dedos estavam repletas de carinhos destinados a mim. Eu amava até mesmo suas travessuras, como quando ela batia o pé no chão, o que ela não conseguia fazer sem também ranger os dentes, como faz uma criança tentando parecer amedrontadora. Como era lindo aquele ranger de seus dentes! Todas as suas angústias com relação a mim se transformaram de repente em doçura, e quem poderia se angustiar com essa fúria requintada, perguntando-se em labaredas repentinas por que ela poderia se entregar a alguém, enquanto eu me perguntava apenas por que ela poderia se entregar a mim. Talvez eu me perguntasse demais. Talvez eu a tenha perdido por isso.

Era na lua cheia que ela ficava mais inquieta, mas eu a trouxe de volta, e no começo ela poderia ter mordido minha mão, mas depois veio por vontade própria. Nunca, pensei comigo, ela seria totalmente domada, mas aquele que a conhece sempre será capaz de trazê-la de volta.

Eu não sou esta pessoa, pois por mais misterioso que isso seja, eu a perdi. Não sei como aconteceu, embora no crepúsculo de minha vida que então começou procurei por razões até me cansar; tudo o que sei é que ela parou de me amar; eu havia conquistado seu amor, mas não consegui mantê-lo. A descoberta chegou até mim devagar, como se eu fosse o mais estúpido dos homens; no começo eu soube apenas que não mais a entendia como antes. Eu me vi perguntando o que ela queria dizer com isso e aquilo; eu não enxerguei quando ela começou a me dar dicas de que eu já a havia perdido. Era como se, sem saber, eu tivesse saído do círculo mágico.

Quando entendi tentei me enganar com a crença de que nada havia mudado, e o querido coração sangrando por mim havia ajudado naquele pobre fingimento. Ela tentou vir até mim com os olhos turvos de antes, mas isso mostrou apenas que este movimento carinhoso ainda estava dentro de seu alcance, mas nunca mais fora para mim. Com as mãos que ela havia colocado no peito ela me tocou, mas não conseguia mais transmitir a mensagem. A corrente havia se quebrado, e logo tivemos que desistir tristes de nossa ambição. Ela também, como eu, não conseguia dizer porque parou de me amar; ela estava um pouco menos ansiosa do que eu para que eu a fizesse me amar de novo e, como eu já disse, esperou com paciência maravilhosa enquanto eu me esforcei inutilmente para descobrir o que estava faltando e como consertar a situação. E então, por fim, ela precisou me deixar, com gritos de compaixão e alguns voos de volta.

O fracasso foi somente meu, mas acho que eu não teria sido tão afetado por ele se eu soubesse qual foi o problema comigo que permitiu que eu deixasse seu amor me escapar. Esta questão me fez mais mal do que o fato de eu a ter perdido. Mesmo assim, vocês devem saber (se eu for falar honestamente com vocês) que não me arrependo daquele tempo que passei nos campos encantados. Pode não ter sido sempre assim, pois me lembro de uma noite escura quando um pobre tenente se deitou em um barco sem remo e o deixou flutuar em direção à represa. Mas seus gemidos distantes não me causam mais dor; em vez disso, estou feliz por descobrir (à medida em que as águas o trazem mais para perto) que este garoto sou eu, pois é bom saber que, de vez em quando, uma mulher pode tirar o meu sangue assim como o sangue de outro homem.

Eu a vi novamente, anos depois, quando ela já era uma mulher casada e brincava com seus filhos. Ela bateu o pé para uma das crianças, travessa, e vi o brilho de seus dentes quando ela os rangeu da maneira linda e querida que não consigo esquecer; e então um garoto e uma garota, brigando por seus ombros, reuniu todo o grupo alegremente no chão. Ela se levantou do antigo jeito vagaroso, preguiçosamente ativo, e olhou em volta de maneira afável, como se fosse uma vaca: nosso querido selvagem seguramente preso por uma cordinha de prender crianças. Tive a intenção de cumprimentá-la mas, quando dei um passo à frente, a velha ferida voltou a doer e precisei me virar. Foi apenas um pouco de dor, que senti porque descobri que ela estava ainda mais doce do que quando a conheci.

X

REFLEXÕES EXPORTIVAS

Agora já contei a vocês (presumo) como me tornei esquisito, e temo que Mary não ficaria nem um pouco feliz com isso. Mas, por falar nela e, como a luz do gato me mantém ruminando, suponha que, em vez de corresponder ao amor de Mary através da carta, eu tivesse apresentado para ela um certo membro do clube para sua avaliação? É claro que tal ideia estapafúrdia não me passou pela cabeça quando derrubei a carta, mas aqui entre vocês, eu e minhas meias noturnas, que durante todo esse tempo vêm tomando ar perto da lareira porque tenho os pés gelados, algumas vezes tenho brincado com esta ideia desde então. Chamavam Peter de O Grande Pai Branco, e se prostravam diante dele; e ele gostava muito disso, e isso não era nada bom para ele.

Por que não pensei nisso a tempo? Será que é porque devo me manter fiel ao ser inatingível que ela é?

Sou lembrado de uma passagem na vida de uma doce dama, uma amiga minha, cuja filha estava prestes a se casar quando seu amor morreu. Tornou-se pesaroso então ver aquele rosto velho e trêmulo tentando mostrar o caminho da coragem para o rosto jovem. Em tempo, porém, apareceu um outro jovem, tão verdadeiro quanto o outro, eu me atrevo a dizer, mas não tão bem conhecido por mim, e encolhi meus ombros cinicamente para ver minha velha amiga mais uma vez bancar a casamenteira. Ela o guardou em seu coração e orgulhou-se dele; como alguém que rejuvenesceu graças ao grande evento ela alegremente vestiu sua filha pálida em seu vestido de noiva e, com sorrisos no rosto, jogou arroz enquanto a carruagem partia. Mas logo depois que eles haviam partido eu me encontrei com ela em seu quarto, e ela estava ajoelhada aos prantos perante o espírito de seu amante morto.

— Perdoe-me — suplicava ela —, pois estou velha e a vida é cinza para garotas sem amigos.

O perdão que ela queria era por fingir para a filha que as mulheres devem agir assim.

Tenho certeza de que ela se sentiu suja.

Mas os homens são ainda piores. Pelo menos eu sou, e quase vinte anos se passaram e aqui estava eu sobrecarregado com uma carga de afeto, como um saco de cartas de amor devolvidas, sem um colo onde despejá-las.

— Todas elas foram escritas para uma outra mulher, madame, e ainda assim tenho esperança de que você encontre algo nelas sobre você mesma.

Isso teria soado estranho para Mary, mas a vida é cinza para garotas sem amigos, e algo poderia surgir daí.

Por outro lado, isso a teria tirado para sempre da floresta onde ficava a pequena cabana, e eu precisei derrubar a carta para enviá-los de volta para lá. A facilidade deste ato me deixou tentado.

Além disso, ela se cansaria de mim quando me conhecesse de verdade. Todas se cansam, entendem?

E, afinal, por que ele deveria perder sua risada por eu ter perdido meu sorriso?

E, de novo, a coisa toda era apenas uma ideia estapafúrdia.

Derrubei a carta e carreguei meu fardo.

OceanofPDF.com

XI

O CARRINHO DE BEBÊ FUGITIVO

As vezes, eu encontrava David em lugares públicos como o Kensington Gardens, onde ele reinava cercado por sua corte, com o rosto sem expressão e os olhos de vidro de todas as pessoas em carruagens. Nessas ocasiões eu sempre o perseguia, pensando em coisas sérias, embora Mary parecesse pensar que eu tinha um coração duro e Irene, que havia se tornado sua babá (não me lembro como, mas receio que eu tenha alguma coisa a ver com isso), corria atrás de mim com mensagens como se eu não ligaria e o visitaria em sua casa ao meio-dia, momento em que, ao que parecia, ele estaria em seu melhor humor.

Não, eu não faria isso.

— Ele fala tique-taque para o relógio — dizia Irene, tentando me persuadir.

— Puff! — dizia eu.

— Outro dia o pequeno disse “tique-tique” — me disse ela, com orgulho.

— Prefiro “tique-tique” — disse eu, fazendo com que ela partisse em dúvida.

Se elas tivessem a ideia de deixá-lo sozinho atrás de uma árvore eu teria ido dar uma olhada, mas como elas não fizeram isso decidi esperar até que ele soubesse andar, quando seria mais fácil abordá-lo. No entanto, ele era uma pequena criatura cautelosa, depois de muitas ameaças de se levantar sempre parecia que ele chegava à conclusão de que poderia ser pior do que permanecer onde estava, e quando completou seu primeiro ano de vida perdi a paciência com ele.

— Quando eu tinha a idade dele — disse eu para Irene — eu já andava para todos os lados.

Por acaso eu havia feito essa pergunta no clube e todos aqueles com quem conversei já andavam para todos os lados quando tinham por volta de um ano de idade.

Fiz a seguinte oferta para a babá: se ela trouxesse aquele menino vagaroso até minha casa e o deixasse lá comigo por meia hora eu cuidaria dele. Primeiro Mary, a quem a oferta foi mencionada, rejeitou-a com altivez, mas logo mudou de ideia e o resultado foi que Irene, parecendo desdenhosa e ansiosa, chegou um dia com o carrinho. Sem olhar para o ocupante do veículo, apontei a porta para Irene:

— Meia hora — disse eu.

Ela implorou para ficar, e prometeu ficar de costas e tudo o mais, mas eu estava obstinado e ela então se entregou a uma despedida cheia de afeto a seu encarregado, que na verdade era diretamente contra mim, e saiu dizendo as seguintes palavras poderosas:

— E se ele tirar suas meias, meu lindinho, que ele seja destruído para sempre.

— Eu provavelmente tirarei as meias dela — disse eu, sem me importar com isso.

As meias dela. Vocês percebem o que fez Irene gritar?

— É uma garota, não é? — perguntei, embora a privasse de conseguir me responder, pois a empurrei para a porta.

Eu então me virei para – para começar e, depois de pensar, comecei me sentando atrás da cobertura do carrinho. Meu plano era deixá-lo acostumado com o novo ambiente antes de eu entrar em cena.

Vários pensamentos passaram pela minha cabeça. Ele estava acordado? Se não estivesse, era melhor deixá-lo acordar naturalmente. Meia hora era muito tempo. Por que eu não disse quinze minutos? Percebi que se eu ficasse sentado ali por muito tempo eu deveria ter dito para ela voltar em uma hora, então assobieei baixinho, mas ele não percebeu. Eu me lembro de ter tentado me convencer de que, se eu não me mexesse até a volta de Irene, seria um triunfo divertido de Mary. Tossi, mas ele ainda não reagiu. De repente, o medo tomou conta de mim. Talvez ele não estivesse lá.

Eu me levantei apressado e estava indo para a frente quando percebi um movimento em algum lugar perto do meio do carrinho, e ouvi um gorgolejo baixo que foi imediatamente suprimido. Parei de repente ao perceber que provavelmente eu não era a única pessoa curiosa na sala, e por um longo momento nós dois ficamos quietos, depois disso, fico feliz em me lembrar, eu fiz o primeiro movimento. Mais cedo naquele dia eu havia arrumado alguns objetos em uma mesa lateral: meu relógio e minha corrente, meu molho de chaves, e duas medalhas de guerra, e ao dar uma olhada para eles (como se fossem algo no que pensar), avancei obstinado, parecendo (receio agora) um professor de prestidigitação. David estava sentado e imediatamente fixou os olhos em mim.

Seria maldade da minha parte tentar descrever esse querido garoto para vocês, pois, claro, realmente não sei nada sobre crianças, então devo dizer apenas que achei ele bastante parecido com como seria Timothy se ele tivesse tido a chance de existir.

Eu, a quem David fora trazido para ser julgado, me sentia agora sendo julgado por ele, e esta reorganização das peças parecia tão natural que não senti nenhuma surpresa; senti apenas um desejo humilde de ouvi-lo significar o que eu faria. Eu já ficara em pé perante outros juízes e enganei a todos, mas não fiz nenhum esforço para enganar David; eu queria fazer isso, mas não me atrevi. Aqueles olhos vidrados eram novos demais no mundo para serem encobertos por qualquer um de seus truques. Neles enxerguei minha verdadeira pessoa. Eles abriram para mim aquele fardo de mexeriqueiros sobre os quais fiz tanto barulho, e descobri que pesava menos com seus pequenos e tristes símbolos de amor do que com pensamentos desprezíveis, deveres e uma vida não guiada. Olhei com desânimo para David, acho que não porque eu tinha pena dele, mas porque eu temia que ele não aceitasse minha ajuda. Eu parecia saber que ele estava se decidindo de uma vez por todas.

E no final ele sorriu, talvez apenas porque eu parecesse tão amedrontado, mas a razão pouco importava para mim, eu rapidamente me senti um camarada bom. Foi um longo sorriso também, abrindo-se ao máximo (como se para me deixar entrar) e então se recolhendo devagar.

Então, para desviar minha cabeça de pensamentos tristes, ou para firmar nossa amizade, ou porque havia chegado a hora de cada um de nós mostrar ao outro o que era capaz de fazer, ele imediatamente levantou um pé no ar. Isso o fez escorregar do carrinho e vi logo que era necessário colocá-lo de volta no lugar. Mas eu nunca antes havia estado em um contato tão próximo com uma criança; o máximo que eu já tinha feito era, quando elas esticavam o braço para mim, fechar meus olhos e jogar um beijo. David, claro, embora sem dúvida estivesse sendo eternamente colocado no lugar, podia dizer tão pouco quanto eu como isso fora planejado, e ainda assim conseguimos administrar isso entre nós com bastante facilidade. Seu corpo assumiu uma certa posição instintivamente quando o toquei, o que fez com que meus braços se encaixassem, e a coisa estava feita. Eu me senti absurdamente feliz, mas ele já estava pensando no que fazer em seguida.

De novo ele levantou o pé, que tinha um aspecto gostoso por estar preso em uma pequena meia de lã, e pensei que ele desejava repetir sua primeira estripulia, mas não fiz justiça a ele neste aspecto, pois, diferente de Porthos, ele não gostava de fazer a mesma coisa duas vezes; talvez, como os mágicos, ele soubesse que sua plateia fica mais atenta na segunda exibição.

Descobri que ele queria que eu tirasse sua meia!

Ao me lembrar das ameaças terríveis de Irene sobre isso, confesso que me senti um pouco incomodado. Será que ele tinha ouvido o que ela dissera e estava me desafiando? E que coisa terrível poderia acontecer se a meia fosse retirada? Tentei argumentar com ele, mas ele sinalizou para que eu fosse esperto e então tirei sua meia. Essa parte do corpo dele que foi revelada, então, trouxe um grande prazer para David, mas percebi, como algo curioso, que ele parecia não ter nenhum interesse no outro pé.

No entanto, ele não queria simplesmente olhar para o pé, pois, depois de me lançar um olhar que dizia “agora preste atenção”, ele levantou o pé descalço e passou a boca pelos dedos, como alguém tocando um instrumento bárbaro. Então jogou o pé para o lado, expressou seu largo e triunfante sorriso e exigiu que agora era a minha vez de fazer alguma coisa. Pensei que o melhor que eu poderia fazer era colocar a meia em seu pé novamente, mas logo que tentei fazer isso descobri por que Irene me avisara tão portentosamente a não tirá-la. Eu diria que ela tinha problemas ao colocar as meias nele todas as manhãs.

De qualquer maneira, consegui colocar a meia enquanto ele pensava no que fazer com meu relógio. Eu me arrependia amargamente por não poder fazer nada com ele, colocá-lo embaixo de uma taça de vinho, por exemplo, e transformá-lo em um coelho, algo que muitas pessoas conseguem fazer. Enquanto isso David, preso em pensamentos semelhantes, quase fez tudo desaparecer, e eu estava agradecido por poder colocá-lo de volta pela corrente.

— Haw-haw-haw!

Assim ele comentou sobre seu novo feito, mas aquilo também foi um lembrete um pouco cruel de que ele não era meu filho. Afinal, vocês entendem, Mary não deu a ele toda a sua risada. O relógio mostrava que haviam se passado vinte e cinco minutos e ao olhar pela janela vi Irene em uma ponta da rua olhando para a minha janela, e vi o marido de Mary na outra ponta da rua olhando para a minha janela, e embaixo de minha janela vi Mary também olhando para a minha janela. Todos havia quebrado suas promessas.

Eu me virei para David e perguntei a ele, em voz baixa, se ele poderia me dar um beijo. Ele balançou a cabeça por cerca de seis vezes, e fiquei desolado. Então o sorriso apareceu e eu soube que ele estava só brincando. Ele agora acenou a cabeça cerca de seis vezes.

Esta foi a mais linda de todas as suas façanhas. Era tão lindo que, contrariando suas regras, ele repetiu. Eu havia esticado meus braços para ele e, primeiro ele sacudiu a cabeça, e então, depois de uma longa pausa (para me assustar) ele acenou com a cabeça.

Mas assim que o peguei em meu colo tive a sensação de ver Mary, seu marido e Irene embaixo de meus aposentos para tirá-lo de mim e, agindo por impulso, eu o joguei no carrinho e saí sem permissão pela escada dos fundos. Fomos ao Kensington Gardens; podíamos ter começado por Manitoba, mas foi no Kensington Gardens que chegamos, e tudo havia sido tão inesperado e executado com tanta inteligência que eu me lembro de colocar minha mão na cabeça quando estava na rua para me certificar de que eu estava usando meu chapéu.

Observei David para ver o que ele pensava daquilo, e ele ainda não tinha se decidido. É estranho dizer, eu não sentia mais vergonha. De repente eu havia ficado indiferente ao comentário público, e minha euforia aumentou quando descobri que eu estava sendo perseguido. Colocaram um cordão em volta de mim perto da árvore de Margot Meredith, mas passei por ele com um movimento estratégico para o sul, e ouviram que eu estava na Baby Walk. Eles fecharam as duas pontas dessa passagem, e então acharam que tinham me pegado, mas escorreguei de suas mãos ao dobrar na Bunting's Thumb para entrar na Picnic Street. Agachando no St. Govor's Well, nós os vimos subindo distraidamente pela Hump, e quando atravessaram o Round Pond nós andamos alegres pela Broad Walk, sem sentir um pinga de pena de ninguém.

Mas, aqui, aos poucos foi ficando claro para David que, afinal eu era um homem estranho, e seus olhos começaram a se abrir, e a se abrir até ficarem do tamanho de duas medalhas e então, com a deliberação que distingue seu sorriso, devagar ele se preparou para uivar. Vi todas as suas forças se juntando em seu rosto, e não tinha nada para se opor a elas; era um homem desarmado contra um regimento.

Mesmo naquele momento eu não o repreendi. Ele não podia saber que fora eu quem derrubara a carta.

Acho que eu devo ter pisado em alguma fada agradecida naquele momento, pois quem mais teria me lembrado tão oportunamente da minha famosa manipulação de sobrancelhas, da qual eu havia me esquecido desde a época do colégio? Eu era o único menino que conseguia levantar e abaixar minhas sobrancelhas separadamente; quando uma levantava a outra descia, como dois baldes dentro de um poço.

Com muita timidez, chamei esse feito em meu auxílio agora, e imediatamente David controlou suas forças e considerou meu movimento inesperado sem preconceitos. Seu rosto permaneceu como estava, sua boca

aberta para soltar o uivo se eu não superasse suas expectativas. Vi que, como era o garoto justo de sempre, ele estava me dando uma chance, e trabalhei fervorosamente, sendo o meu maior medo o fato de que, por ele ser tão jovem, ele talvez não percebesse o quão maravilhosa era essa coisa que eu estava fazendo. É um apelo ao intelecto, assim como aos sentidos, e ninguém na face da terra além de mim consegue fazê-lo.

Quando parei exausto por um momento ele sinalizou gravemente, com a mesma expressão no rosto, que embora fosse realmente engraçado, ele ainda não havia decidido se era divertido o suficiente e, usando isso como motivação, fiz o gesto mais uma vez, até eu ver suas forças se rendendo, quando levantei minha sobancelha esquerda quase tão alto a ponto de não conseguir trazê-la de volta, e com isso consegui, o sorriso apareceu entre as nuvens.

Em meio ao meu triunfo duramente conquistado, ouvi aplausos.

Eu estava vagamente consciente de que não estávamos totalmente sozinhos, mas não me atrevi a tirar os olhos de David; olhei agora e descobri, para meu incômodo, que eu era o centro de um aglomerado de crianças totalmente interessadas. Havia, em particular, um pequeno garoto de rua.

No entanto, se isso me afetou no momento da vitória, logo triunfei gloriosamente no que começou como derrota. Eu havia me sentado em um dos bancos de jardim no Figs, com uma mão descansando no carrinho imitando as babás, era tão prazeroso assumir o ar de alguém que leva David para passear diariamente, quando para meu desgosto vi Mary se aproximando com passos rápidos e furtivos, e ela já estava tão perto que fugir seria uma vergonha. Porthos, a quem ela segurava, saltou em minha direção, abanando seu rabo traidor, mas ela começou a andar mais devagar ao ver que eu a observava. Ela havia me encontrado graças a meu próprio cachorro.

Não preciso dizer que Porthos há algum tempo visitava a casa dela, embora eu nunca possa me esquecer do choque que senti na primeira vez em que o vi saindo de lá como um visitante de todas as tardes. Ultimamente ele tem evitado ir até lá, atravessa a rua quando passo por aquele caminho e se junta a mim mais adiante, então conclui que o marido de Mary está pintando o cachorro.

Esperei que ela viesse, bastante desapontado, e percebi que sua primeira atenção foi destinada a David que, de certa forma mesquinho,

havia lançado a ela o final do sorriso que começara para mim. Ela pareceu aliviada, pois o que alguém pode chamar de olhar maternal selvagem havia deixado seu rosto, e tentando controlar sua respiração, resultado de uma corrida inadequada, ela sinalizou para que seus companheiros permanecessem na retaguarda e lançou um olhar curioso para mim. Se ela tivesse falado alguma coisa enquanto se aproximava, tenho certeza de que suas palavras sairiam tão fervorosas quanto seu rosto, mas agora sua boca se enrugou como David costuma fazer antes de formar um sorriso, e vi que ela pensava que finalmente conseguiria negociar comigo.

— Não consegui deixar de me sentir um pouco ansiosa — disse ela, astuciosamente, mas devo admitir, com uma certa doçura.

Mal levantei meu chapéu, e com isso ela se virou rapidamente para David (não consigo entender por que o movimento foi tão rápido) e olhou para ele. Ah, pequeno grande menino! Em vez de beijá-la ele tocou seu rosto com uma mão e tentou fazer com que suas sobrancelhas se levantassem e descessem alternadamente. Ele não conseguiu e sua óbvia decepção com a mãe foi um néctar para mim.

— Eu não entendo o que você quer, querido — disse ela, aflita.

Ela então olhou para mim em tom questionador e eu entendi o que ele queria, e deixei que ela soubesse que eu entendera. Se eu estivesse preparado para conversar com ela eu teria dito eufórico que, se ela soubesse o que ele queria ainda assim ela não poderia fazer o que ele pedia, mesmo que treinasse por vinte anos.

Tentei expressar isso tudo fazendo um outro movimento com meu chapéu.

Isso chamou a atenção de David e ele rapidamente recorreu a mim com a mais perfeita confiança. Ela não conseguiu ver o que eu fiz, pois fiquei de costas para ela, mas o efeito de meu gesto em David era milagroso; ele sinalizou para que ela fosse embora, pois ele já estava comprometido durante o período da tarde.

O que você teria feito então, leitor? Eu não fiz. Em meu grande momento tive força de caráter para levantar meu chapéu pela terceira vez e ir embora, deixando a criança a nos julgar. Caminhei devagar, pois eu sabia que precisava dar um tempo a ele para perceber o que acontecera, e escutei atento, mas era desnecessário prestar tanta atenção, pois quando a criança reagiu foi com um alto rugido de angústia. Virei minha cabeça e vi David empurrando a mulher para o lado, bravo, para que pudesse olhar para mim

mais uma vez, longa e demoradamente. Ele estendeu seus braços melancólicos e acenou a cabeça para mim repetidas vezes, e vacilei, mas meu esquema glorioso me salvou, e segui em frente. Foi um esquema concebido em um piscar de olhos, e desde então implacavelmente perseguido, esconder-me sob a influência de Mary com o garoto, deixá-la exposta a ele em todas as suas excentricidades, tirá-lo completamente dela e torná-lo meu.

OceanofPDF.com

XII

O CLUBE MAIS AGRADÁVEL DE LONDRES

Todos os carrinhos de bebê levam ao Kensington Gardens

Não quer dizer, porém, que vocês ainda verão David em seu carrinho por muito mais tempo, pois logo depois de eu ter estremecido a fé que ele tinha em sua mãe, ele começou a se levantar e fazer as coisas, e ele se levantou e andou pela Broad Walk, onde ele ficaria em pé sozinho, um pouco mais equilibrado, sinalizando imperiosamente ao público britânico para cronometrá-lo, e parecendo o mais celestial dos seres um segundo antes de cair. Ele caía com um baque e, como todos sempre riam quando isso acontecia, ele fingiu que esta era a sua maneira engraçada de terminar sua apresentação.

Isso aconteceu em uma segunda-feira. Na terça-feira ele escalou a escada de pedras do Gold King, olhando gloriosamente para trás a cada passo dado e na quarta-feira ele marcou o terceiro ponto e foi promovido a usar calças curtas. Pois o Kensington Gardens, vocês devem saber, é cheio de atalhos, conhecidos por todos que brincam lá; e o mais curto deles é

ocupado por bebês usando roupas compridas até garotinhos de três anos subindo nas cercas. É o que é chamado de “tragédia das mães”.

Se você é um burguês dos jardins (que tem um vocabulário próprio), os rostos dessas mães pitorescas funcionam como um relógio, e só de olhar para elas você já sabe a idade de seus filhos. Quando a criança tem três anos de idade dizem que elas usam um rosto de mãe de criança que usa calção, e vocês podem acreditar que Mary assumiu aquele rosto com um suspiro; ela bem que gostaria de ter mantido seu garoto um bebê por mais tempo, mas ele insistiu em ter seus direitos, e eu o encorajei para que eu conseguisse marcar um outro ponto contra ela. Agora eu estava me encontrando com David pelo menos uma vez por semana. Sua mãe, que permanecia culposamente insensível ao meu projeto sinistro, instruiu Irene que eu poderia dividir a atenção dele com ela, e nós nos tornamos amigos próximos, embora a pequena babá sempre tenha sido uma sombra ameaçadora nos bastidores. Irene, em suma, não melhorou com o conhecimento. Ela se tornou arrogante e poderosa, mandona, eu acho, só porque agora usava uma touca de babá com fitas, da qual a pequena criatura tinha um orgulho absurdo. Ela assumiu o ar de uma pessoa responsável e sempre falava como se gerações de bebês tivessem passado por suas mãos. Ela também era extremamente ciumenta, e tinha uma maneira de sinalizar que desaprovava meus métodos, o que causava bastante frieza e até mesmo brigas entre nós, o que hoje vejo como tendo sido algo indigno. Fiz uma acusação contra ela.

Eu disse que ela falava muito sobre o que era certo e errado.

Disse que ela parecia uma militar.

Disse que ela fingia que aquela touca era verdadeira, com fitas verdadeiras, mas que ela sabia que Mary tinha feito a touca com restos de cortina de musselina. Eu me arrependo de ter usado este argumento, mas foi o único que realmente a afetou.

Por outro lado, ela me acusou de mimá-lo.

De não pensar em seu futuro.

De nunca perguntar a ele aonde ele esperava chegar se fizesse aquele tipo de coisas.

De contar a ele histórias que não tinham uma moral.

De dizer que um lenço desaparece do nada, quando ele na verdade era colocado em um pequeno copo de lata preso em meu corpo por um elástico.

A respeito desta última acusação eu me declaro culpado, pois naqueles dias eu tinha uma fé patética no truque, e como o lance das sobancelhas (que é totalmente uma questão de prática) surtiu resultados tão bons, eu naturalmente procurei por diversões semelhantes quando a primeira parou de ser atrativa. O truque parou de chamar a atenção de David de repente, e descobri que esse era o destino de todos eles; por vinte vezes ele pedia pelo último truque, e se deliciava com ele, e na vigésima primeira vez (e depois disso, nunca mais) ele não reagia, era como se ficasse se perguntando o que aquele homem estava fazendo. Ele se parecia com um reizinho que, quando uma grande piada era explicada para ele dizia friamente que “não foi divertido” e, garanto a vocês, é humilhante se apresentar perante uma criança que insinua, depois de ter dado tempo o suficiente para você se explicar, que não se divertiu. Eu esperava que quando David fosse capaz de falar – e não simplesmente ficar olhando para mim por cinco minutos e depois dizer “péu” –; seu veredito oral, por mais que fosse condenável, seria menos expressivo do que seu veredito sem palavras, mas eu estava desiludido. Eu me lembro de uma vez, naqueles anos, quando ele conseguia manter conversas espirituosas consigo mesmo e praticamente não precisava de nós, de ter prometido a ele fazer algo extremamente engraçado com uma caixa e duas bolinhas de gude, e depois de ter assistido minha apresentação por bastante tempo ele me disse, com seriedade:

— Me chame quando começar a ficar engraçado.

Confesso ter feito algumas aulas simples de truques de magia, em um cômodo mal-iluminado embaixo de uma loja, com um rapaz talentoso de pescoço comprido e rosto cheio de espinhas que, quando eu entrei, pegou um poste de barbeiro do meu bolso dizendo enquanto fazia isso “Venha, venha, senhor, isso nunca vai dar certo”. Não sei se porque ele sabia demais, ou se era porque ele usava uma camisa cheia de truques, mas ele era a pessoa mais deprimente que já conheci; ele não tinha nada da alegria do artista e era triste ver alguém tão calculista para levar diversão a milhares de pessoas sem se importar nem um pouco com isso.

O poste de barbeiro eu havia conseguido tirar com êxito da boca de David, mas a dificuldade (não prevista) de saber como se livrar de um poste de barbeiro no Kensington Gardens é considerável, pois sempre existem crianças educadas que vêm correndo atrás de você para devolver o objeto. O jovem, de novo, disse que ninguém me emprestaria uma garrafa ou um limão, mas embora estes fossem artigos nos quais ele parecia sempre ser

capaz de colocar sua mão, descobri (o que eu nunca havia percebido antes) que existe uma escassez curiosa deles no Gardens. Eu normalmente carregava o ovo mágico comigo, e com sua conivência fiz algumas coisas impressionantes com moedas, mas mesmo a moeda de seis centavos é incerta, e apenas quando você está dizendo triunfante que ela vai ser encontrada no suporte do ovo ela pode cair no chão, onde algum observador não generoso, como Irene, acusa você de mentir e corromper mentes jovens. Era inútil dizer a ela, com os dentes cerrados, que a coisa toda era uma brincadeira, pois ela não entendia brincadeiras além das que ela fazia, a respeito das quais ela tinha as mais elevadas opiniões, e aquilo teria importado pouco para mim se David não gostasse tanto delas. Havia momentos em que era impossível respeitá-lo, ao vê-lo se convulsionar com as travessuras de Irene que eram conhecidas por todas as babás desde sempre. Enquanto eu ficava ali, desdenhoso, ele me olhava com aquele olhar animado querendo dizer: “a Irene é realmente muito divertida, não é?”.

Éramos rivais, mas eu desejava tratá-la com justiça escrupulosa, e admito que ela tinha um lado bom, a saber, seu dente de guta-percha. Um dia, como ela me contou, seu dente da frente caiu, mas em vez de deixá-lo para lá a garota engenhosa o martelou de volta com uma escova de cabelos, que ela se ofereceu para me mostrar, com as marcas nele. Esse dente, que morreu com o tempo, foi substituído por um de guta-percha, feito por ela, que raramente caía com exceção de quando ela espirrava, e se ele simplesmente caísse aos seus pés aquilo era um sinal de que seu resfriado seria leve, mas se ele fosse arremessado para o outro lado da sala ela sabia que a situação seria mais séria. O dente de Irene era bastante conhecido no Gardens, onde os carrinhos de bebê costumavam se reunir para ouvir se por acaso ele havia aprontado alguma naquele dia, e eu provavelmente não teria rancor do orgulho que David sentia se ele parecesse entender que o pobre pequeno feito de Irene, embora inegavelmente vistoso, não tinha nenhum mérito intelectual. Às vezes eu me afastei dele, pedindo que, se ele se contentava com tão pouco, que eu gostaria de me retirar da competição, mas o Gardens era um dos lugares mais agradáveis de Londres e eu logo voltava para lá. Percorri muito o Gardens à procura dele, e me tornei bastante hábil em alcançá-lo no meio das árvores, apesar de outras mãos imitarem o pitoresco traje dele, deixando Mary indignada. Também cortei as asas de Irene (maneira de falar), levando-a ao dentista.

David fez algumas coisas adoráveis. Por exemplo, ele usava meus bolsos como receptáculos onde colocava qualquer artigo que ele não queria no momento. Ele os colocava lá dentro, como se fosse seu próprio bolso, sem dizer nada, sem pedir licença, e talvez eu os descobrisse ao chegar em casa – um soldado de lata, ou uma pistola –, quando eu os colocava em minha prateleira e suspirava. E aqui está mais uma lembrança agradável. Um dia eu havia ficado muito amigo de um outro garoto e, depois de aguentar por algum tempo, David levantou-se e bateu nele. Exatamente como Porthos faz, quando eu prestigia outros cachorros (ele bate neles com sua pata e fica em cima deles, parecendo bastante nobre e austero), então eu sabia logo o que aquilo significava; foi a primeira demonstração pública de David de que ele sabia que eu pertencia a ele.

Irene brigou com ele por ele ter batido no garoto, e o fez ficar sentado no canto de um banco na Broad Walk. O banco ao lado do qual David ficou em pé sofrendo por causa do amor que sente por mim é aquele mais perto do Round Pond para as pessoas que vêm do norte.

Vocês podem ter certeza de que ela e eu conversamos sobre essa crueldade diabólica. Na próxima vez em que nos encontramos eu a tratei como alguém que não mais existia e, primeiro, ela ficou brava e depois triste, e quando eu estava indo embora ela começou a chorar. Ela chorou porque não levantei meu chapéu para ela quando cheguei nem quando fui embora, um costume tolo meu do qual, como fiquei sabendo agora, para minha surpresa, ela tinha muito orgulho. Ela e eu ainda temos nossas brigas, mas nunca, desde então, eu me esqueci de levantar meu chapéu para Irene. Também fiz com que ela promettesse se curvar para mim, um pedido do qual ela fingiu zombar, dizendo que eu estava me divertindo às custas dela, mas ela realmente estava satisfeita e, digo a vocês, Irene se curva da maneira mais linda e emocionante que você possa imaginar; é meio para o lado (se vocês me permitirem me expressar), e este sempre foi o meu tipo preferido de reverência e, não tenho dúvidas, ela aprendeu a fazer isso observando Mary.

Eu devia me arrepender de pensar, como vocês devem estar achando, em crianças como cachorros de estimação, que só querem brincar. Talvez aquela tenha sido a minha ideia quando tentei atrair David para os meus braços no início, e até mesmo por algum tempo depois disso, pois para ser franco, devo admitir que até ele ter três anos de idade tentei simplesmente

entretê-lo. Deus me perdoe, mas eu tinha apenas um dia na semana para ficar com ele, e eu era bastante inexperiente naquela missão.

Eu estava prestes a dizer que David abriu meus olhos para a loucura que isso significava, mas, na verdade, acho que foi Irene quem fez isso. Ao observá-la com as crianças aprendi que embora em parte elas queiram se divertir, elas são movidas ainda mais profundamente pela excelência moral. Esta pequena mãe gostava tanto de bebês que tinha sempre espaço perto dela para mais um, e eu sempre a via no Gardens, no meio de uma dezena de pimpolhos que olhavam admirados para ela enquanto ela lhes dizia, com seriedade, como pequenas damas e cavalheiros deveriam se comportar. Eram crianças bem de vida, e ela era de Drury Lane, mas eles acreditavam nela como se ela fosse a maior autoridade em relação a pequenas damas e cavalheiros, e quanto mais elas ouviam sobre como estas românticas criaturas se mantinham arrumadas e evitavam os lagos, e esperavam até chegar ao portão, mais elas a admiravam, embora seus rostos mostrassem o quanto elas sentiam que não haviam sido feitas para se tornarem pequenas damas e cavalheiros. Vocês não podem imaginar como aqueles rostinhos pareciam desesperados.

Crianças não são, de maneira alguma, parecidas com animais de estimação, tenho dito. Mas os bichinhos querem apenas brincar? Ao ver aquele olhar triste que até o mais feliz deles às vezes carrega, me faz imaginar se significa que eles gostariam de ouvir sobre como ser bons bichinhos de estimação.

Como vocês verão, inventei muitas histórias para David, praticando como contá-las perto da lareira como se estivesse conjurando façanhas, enquanto Irene conhecia apenas uma história, mas a contava como se nenhum outro conto de fadas jamais houvesse sido contado antes. Era a mais linda de todas, e era narrada pela heroína.

— Por que o rei e a rainha não estavam em casa? — perguntava David para ela.

— Acho — disse Irene, pensando um pouco — que eles tinham saído para comprar mantimentos.

Ela sempre contava a história olhando para o nada de maneira que David achava que aquilo realmente estava acontecendo em algum lugar em Broad Walk, e quando ela chegava a grandes momentos da história seu pequeno seio se levantava. Nunca me esquecerei do desprezo com que o

príncipe disse para as irmãs: “Nenhuma de vocês estava usando o sapatinho de cristal”.

— E então – e então – e então — disse Irene, não para aumentar o suspense, mas porque aquilo era muito glorioso para ela.

— Conta, conta logo — gritou David, embora ele conhecesse a história de cor.

— Ela se senta — disse Irene, tremendo em uma segunda análise — e experimenta o sapatinho de cristal, e ele se encaixa nela como uma luva, e então o príncipe, ele grita com a voz emocionada: “Aqui está o meu verdadeiro amor, Cinderella, que agora se tornará minha esposa”.

Então ela saía de seu sonho, olhava em volta para a grandeza do Gardens com uma euforia extraordinária.

— Ela era só uma escrava — dizia ela com a voz estranhamente suave e olhos brilhantes —, mas era verdadeira e sincera em suas palavras e atos, e teve a sua recompensa.

Tenho certeza de que se a fada madrinha aparecesse naquele momento e tocasse Irene com sua varinha, David teria ficado mais interessado do que surpreso. Já eu, acredito que descobri o segredo da garotinha. Ela sabe que hoje em dia não existem fadas madrinhas, mas espera que, se for sempre sincera e leal talvez um dia ela se transforme em uma dama em palavras e atos, como a patroa que ela adora.

É um segredo mortal, um romantismo de uma criança de Drury Lane; mas quanta artilharia pesada será trazida para atacá-la nesta nossa triste Londres. Creio que ela não tenha muitas chances.

Boa sorte para você, Irene.

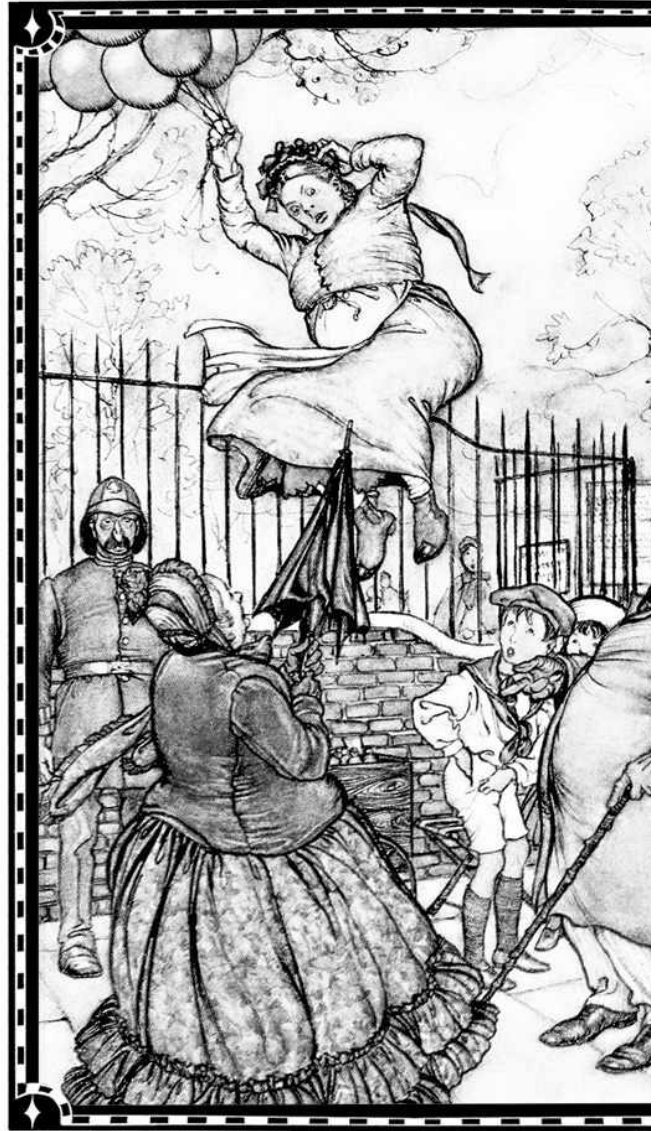
OceanofPDF.com

XIII

O GRANDE PASSEIO PELO GARDENS

Vocês precisam entender que vai ser difícil acompanhar nossas aventuras se não se familiarizarem com o Kensington Gardens, já que agora David já o conhece. Ele fica em Londres, onde vive o Rei, e as crianças o visitam todos os dias, a não ser que estejam ardendo em febre, mas ninguém nunca conseguiu percorrer todo o parque de uma só vez, pois a hora de ir embora chega muito rápido. Se sua mãe não achasse que você precisa dormir das doze à uma, você provavelmente conseguiria visitar o lugar todo.

O Gardens é cercado, de um lado, por uma fileira de incontáveis ônibus, sobre os quais Irene exerce uma autoridade suprema; se ela levantar o dedo para algum deles o veículo para imediatamente. Ela então atravessa com você em segurança até o outro lado da rua. Existem vários portões para se entrar no Gardens e não apenas aquele, mas é por ele que você entra, e antes de entrar você conversa com a senhora dos balões, que fica sentada do lado de fora. Isso é o mais perto que ela chega de se aventurar no lugar, pois se soltasse a grade por um minuto, os balões a levantariam no ar e ela sairia voando. Ela fica agachada, pois os balões lhe puxam o tempo todo, e a força que ela faz deu ao seu rosto uma cor avermelhada. Um dia ela chegou ali pela primeira vez, pois a antiga vendedora de balões soltara a grade e David ficou muito triste por ela, mas já que ela se soltou, ele gostaria de ter estado lá para ver.



O Gardens é um lugar enorme, com milhões de centenas de árvores, e primeiro você chega ao Figs, mas você detesta perder muito tempo lá, pois o Figs é o refúgio de certas pequenas pessoas superiores, que não podem se misturar com a plebe e recebeu esse nome, segundo a lenda, por causa do figurino usado por quem o frequenta. Tais pessoas refinadas são chamadas de “Figs” por David e outros heróis, e vocês terão uma ideia sobre os modos e costumes desse setor dândi do Gardens quando eu lhes contar que os Figs não dizem partida de críquete e sim apenas críquete. Ocasionalmente, um Fig rebelde escala a cerca e vem para o mundo; e um deles foi a senhorita Mabel Grey, sobre quem contarei a vocês quando chegarmos ao portão da senhorita Mabel Grey. Ela foi a única Fig que se tornou célebre.

Agora estamos na Broad Walk, que é uma alameda bem maior do que as outras assim como seu pai é maior do que você. David se perguntava se a alameda nascera pequena e crescera mais e mais até virar adulta, e se as outras alamedas eram suas bebês, e fez um desenho, que o divertiu muito, da Broad Walk passeando com um carrinho de bebê. Na Broad Walk vocês encontram todas as pessoas que vale a pena conhecer, e normalmente há um adulto com elas para evitar que pisem na grama molhada, e para que fiquem de castigo no canto de um banco caso tenham feito papel de cachorro louco ou de Mary-Ann. Fazer papel de Mary-Ann é se comportar como uma garota, choramingar porque a babá não quer pegar você no colo, ou abrir um sorriso largo com o polegar na boca, e isso é uma atitude detestável, mas ser um cachorro louco é sair chutando tudo o que encontra pela frente, e nisso existe uma certa satisfação.

Se eu fosse ficar nomeando todos os lugares notáveis do lugar enquanto seguimos pela Broad Walk, seria hora de voltar antes de alcançarmos o seu fim, e simplesmente aponto minha varinha e escolho a Árvore Cecco, que é aquele lugar memorável em que um menino chamado Cecco perdeu uma moeda e, ao procurar por ela, encontrou duas. O lugar tem sido submetido a muitas escavações desde então. Andando mais um pouco encontramos a casinha de madeira em que Marmaduke Perry se escondeu. Não existe uma história pior sobre o Gardens do que esta do dia em que Marmaduke Perry, que tinha se comportado no estilo Mary-Ann por três dias seguidos, fora condenado a aparecer na Broad Walk vestindo as roupas de sua irmã. Ele se escondeu na casinha de madeira e se recusou a sair dali até que trouxessem suas calças curtas com bolsos.

Tente agora ir até o Round Pond; mas as babás detestam isso porque não são verdadeiramente corajosas e fazem você olhar para o outro lado, na direção da Big Penny e do Baby Palace. Essa bebê foi a criança mais celebrada do Gardens, vivia sozinha no palácio com suas várias bonecas, então as pessoas tocavam a campainha e ela se levantava da cama, embora já passasse das seis horas, acendia uma vela e abria a porta vestindo uma camisola, e então todos gritavam em grande regozijo: “Viva a rainha da Inglaterra!”. O que mais intrigava David era o fato de ela saber onde os fósforos estavam guardados. A Big Penny é uma estátua em homenagem a ela.

Em seguida chegamos à Hump, que faz parte da Broad Walk onde são realizadas as grandes corridas e, mesmo que você não tenha intenção de correr, assim que chega à Hump você começa a correr, pois é um lugar fascinante e deslizante. Muitas vezes você acaba parando, na metade da descida, e então percebe que está perdido, mas há uma outra casinha de madeira ali perto, a Lost House, e então você diz ao homem que encontrará por lá que está perdido e ele lhe indicará o caminho. É inacreditavelmente divertido correr pela Hump, mas você não pode fazer isso em dias de vento, pois nesses dias você não está lá, e as folhas caídas correm por você. Não há praticamente nada que tenha um senso de diversão tão apurado quanto uma folha caída.

Da Hump é possível enxergar o portão que tem o nome da senhorita Mabel Grey, a Fig sobre quem prometi contar a vocês. Havia sempre duas babás com ela, ou melhor, uma mãe e uma babá, e durante muito tempo ela foi uma criança modelo, que não tossia em cima da mesa e que dizia “Como vai?” para os outros Figs, e sua única brincadeira consistia em jogar uma bola longe, graciosamente, para que a babá buscasse para ela. Então um dia ela se cansou disso tudo e se comportou como um cachorro louco e, primeiro, para mostrar que estava realmente brava, soltou os cadarços de suas botas e colocou a língua para fora nas direções leste, oeste, norte e sul. Depois jogou a faixa de seu vestido em uma poça e dançou sobre ela até seu vestido ficar todo respingado com água suja, e depois disso escalou a cerca e viveu uma série de inacreditáveis aventuras, sendo que uma das menos inacreditáveis foi ter chutado suas botas. Por fim, chegou ao portão que agora tem seu nome, e por ele saiu correndo e se viu em ruas nas quais David e eu nunca estivemos, embora já tenhamos escutado o barulho delas, e continuou correndo e nunca mais ninguém teria ouvido falar nela se sua mãe não tivesse pulado para dentro de um ônibus no qual a apanhou. Devo dizer que isso tudo aconteceu muito tempo atrás, e essa não é a Mabel Grey que David conhece.

Retornando à Broad Walk, temos à direita a Baby Walk, que é tão cheia de carrinhos que é impossível cruzá-la de um lado ao outro sem pisar em um bebê, mas as babás não permitiriam que vocês fizessem isso. Dessa alameda sai uma passagem chamada Bunting’s Thumb, porque tem a extensão de um polegar, que leva à Picnic Street, na qual vocês encontram chaleiras de verdade, e flores de castanheira caem dentro de sua xícara enquanto

you take a cup of tea. It is very common for children to have picnics here too, and the flowers fall into their cups in the same way.

Next comes St. Govor's Well, which was full of water when Malcolm, the bold one, fell into it. He was his mother's favorite, and she let him do as he pleased in public because he was a widow, but he also had a weakness for adventures and liked to play with a water pump that had killed a lot of bears. The name of the pump was Sooty; one day they were playing near the well and Malcolm fell into it and would have drowned if Sooty had not jumped in to save him, and the water washed Malcolm's face and now he was with his identity revealed. He was the father of Malcolm, who had disappeared so long ago. After that Malcolm was not allowed to hug his mother in public.

Between the well and the Round Pond are the cricket grounds, and very often the distribution of the players of the two teams takes so long that many times there is not enough time for the game itself. Everybody wants to bat first, and when the teams change the first batsman wants to bowl first, and not to be that you are stronger than he is, and while you two are fighting the other bowlers scatter and go to play something else. The Gardens are famous for being a field for two kinds of cricket: cricket for boys, which is the cricket of truth, with a bat, and cricket for girls, which is a game with a racket and with the presence of a governess. As the girls do not know how to play cricket, in truth, and when they observe their useless efforts you end up laughing at them with cries of scorn. There was, however, an incident very disagreeable on one occasion, when certain girls dared to challenge the team of David, and a very strange creature called Angela Clare threw so many balls at them that... Well, one day of talking about the result of this lamentable match I will go straight to the Round Pond, which is the mechanism that keeps the Gardens running.

It is round because it is situated exactly in the center of the park, and after you get close to it you do not want to get further away. You cannot behave properly in time everywhere when you are in the Round Pond, but more than that. You can behave properly in time everywhere on Broad Walk, but not in the Round Pond, and this happens because you forget it, and when you remember, you are already so wet that it does not cost anything to get wet again. There are men who sail boats on the Round Pond; the boats are so big that the men bring them in wheelbarrows, or sometimes in baby carriages, and then the babies have to walk. The children with lame legs in the Gardens are those who had to learn to walk early because their parents had to use their baby carriage.

You always dream of having a boat with a sail to sail on the Round Pond, and in the end you win one from your uncle; it is splendid to have the boat for the first day, and it is also splendid to talk about it with boys who do not have uncles, but you soon prefer to leave it at home. Because there is nothing more incredible, in the Round Pond, than to sail the sails of a well-known boat like a sailboat; for it is quite like a gravel pit, so it is quite like a gravel pit until the moment when you let it go in the water and secure the end of a rope. Then while you are walking around the Pond, driving the boat, and you begin to see little men running on the deck, and the sails are raised magically and they catch the wind, and at night in a storm you shelter the boat in safe harbors that are unknown to the noble yachts. At night you pass in a blink of an eye, and all over again the dissolute boat goes with the wind, the whales sneeze, you slide over submerged cities and confront pirates and throw anchor in coral islands. You are alone for the whole of the adventure, because two boys together cannot go far into the sea, and although you can talk to yourself during the journey, giving orders and executing them with speed, when you get to the hour of going home you already do not know where you have been and what it is that has happened to your sails; the treasure that you found is hidden in your pocket, for as I said, it will be discovered by another boy, perhaps in a far future.

But there is nothing in the pocket of those yachts. Is there anyone who returns to this refuge of childhood because of the noble yachts that he used to sail? Ah, no. It is the sailboat that carries memories. The yachts are toys, their owners are water babies, they only cross a lake from one side to the other while the sailboat goes on an adventure on the sea. You, sailors who show off your yachts, you think that we are here because of you; our ships are here by accident and, if the boats sailed with them and they sank, the real life of the Round Pond would have continued, as if nothing had happened.

Paths of all the places cluster together like children around the lake. Some of them are common paths, with hedges on both sides, made by men who washed their shirts, but others are eccentric, in one place they are wide, in another they are so narrow that you end up walking with your feet outside the path. They are called "Paths Constructed by Their Own Means", and David would like to have seen one of them by himself. But just as all the wonderful things that happen in the Gardens, this happens, we conclude, at night, after the gates have been closed. We also deduce that the paths make their own path because it is only like that that they can reach the Round Pond.

Um desses caminhos ciganos tem como procedência o lugar onde as ovelhas ganham cortes de cabelo. Quando David perdeu seus cachos, no cabeleireiro, deu adeus para eles sem o menor abalo, segundo me disseram, embora Mary, sua mãe, nunca mais tenha sido a criatura radiante de sempre, de modo que ele se enche de desprezo quando as ovelhas correm do tosquiador e grita para elas, com sarcasmo: “Covardes, não são de nada!”. Mas quando o homem as segura entre as pernas, David lhe faz um gesto ameaçador com o punho, por ele usar tesouras tão grandes. Outro momento surpreendente é quando o homem joga para trás a lâ encardida que saiu do lombo das ovelhas e de repente elas parecem damas sentadas em poltronas de teatro. As ovelhas se apavoram tanto com o tosquiamento que ficam um tanto brancas e magras, e assim que são soltas saem mordiscando a grama no mesmo instante, bastante ansiosas, como se temessem que ninguém quisesse comê-las nunca mais. David se pergunta se elas reconhecem umas às outras, agora que estão tão diferentes, e se não acabam brigando com as ovelhas erradas. Elas são ótimas lutadoras, e muito diferentes das ovelhas do campo, que todos os anos pregam uma peça em Porthos. Ele é capaz de fazer um rebanho inteiro de ovelhas do campo sair voando somente anunciando sua chegada, mas essas ovelhas da cidade se aproximam dele sem nenhuma promessa de divertimento inocente, e uma lembrança do ano anterior se abate sobre ele. Porthos não tem como sair correndo com dignidade; ele fica imóvel e olha para os lados, como se tivesse o olhar perdido na beleza da paisagem, e em seguida sai trotando com uma indiferença altiva, olhando de soslaio para mim.

O Serpentine começa perto daqui. É um lago encantador, e há uma floresta submersa no fundo dele. Se você espiar na beira da água, verá as árvores todas crescendo de ponta-cabeça, e dizem que no período da noite também existem estrelas submersas ali. Se existem mesmo, Peter Pan as vê quando está velejando pelo lago no ninho do tordo. Só uma pequena parte do Serpentine fica no Gardens, pois ele logo passa por baixo de uma ponte e se estende para muito longe, até a ilha na qual nascem todos os pássaros que viram meninos e meninas. Ninguém que seja humano, exceto Peter Pan (ele é apenas meio humano), consegue chegar até a ilha, mas você pode escrever o que quiser (menino ou menina, moreno ou loiro) em um pedaço de papel e depois dobrar o papel em forma de barco e lançá-lo na água, e ele chega à ilha de Peter Pan depois do anoitecer.

Estamos a caminho de casa agora, embora seja ilusão, é claro, pensar que possamos visitar tantos lugares em um dia só. Eu já deveria estar carregando David no colo há algum tempo e, como o velho Sr. Salford, teria de parar para descansar em todos os bancos. Era assim que o chamávamos porque ele sempre nos falava de um lugar adorável chamado Salford, onde nascera. Era um rabugento senhor de idade que perambulava o dia inteiro pelo Gardens, de banco em banco, tentando encontrar alguém que conhecesse a cidade de Salford, e quando já o conhecíamos havia um ano nós acabamos encontrando um outro ancião solitário que certa vez ficara de sábado a segunda-feira em Salford. Ele era meigo e acanhado e levava seu endereço dentro do chapéu, e quando queria chegar a determinado lugar em Londres seu ponto de partida era sempre a agência central dos correios. Em triunfo, arrastamos esse velho até o nosso outro amigo, com a história daquele sábado a segunda-feira, e jamais esquecerei o pulo de felicidade com o qual o Sr. Salford o recebeu. Os dois são amigos desde então, e percebo que o Sr. Salford, que naturalmente fala muito mais do que o outro, não larga o casaco do amigo de jeito nenhum.



Os dois últimos lugares sobre os quais quero lhes falar, antes de chegarmos ao nosso portão, são o cemitério de cães e o ninho do pintassilgo, mas nós fingimos não saber o que é o cemitério de cães, já que Porthos está sempre conosco. O ninho é muito triste. Ele é bem branco, e a maneira como o encontramos foi maravilhosa. Estávamos fazendo mais uma busca entre os arbustos, procurando pela bola de lã que David perdera; em vez de achar a bola, encontramos um ninho encantador, feito com a lã da bola, contendo quatro ovos com garatujas sobre eles que lembravam a letra de David, e o nosso palpite é que eram cartas da mãe para os pequeninos que estavam dentro dos ovos. Quando íamos ao Gardens, visitávamos sem falta o ninho, tomando cuidado para que nenhum menino cruel nos visse, e jogávamos migalhas de pão, e logo a ave soube que éramos seus amigos, e ficava sentada no ninho, olhando-nos com amabilidade, com os ombros encolhidos. Mas certo dia nós fomos ver o ninho e só havia dois ovos nele, e na visita seguinte não havia nenhum. A parte mais triste disso é que a pobre ave ficou voando agitada entre os arbustos, olhando-nos com tanta reprovação que nos demos conta de que ela nos considerava culpados por aquilo; e embora David tenha tentado se explicar para ela, já fazia tanto tempo que ele não falava a linguagem dos pássaros que receio que ela não tenha entendido. Ele e eu saímos do Gardens esfregando os olhos naquele dia.

XIV

PETER PAN

Se você perguntar para a sua mãe se ela conheceu Peter Pan quando pequena, ela vai dizer:

“Ora, é claro que sim, meu amor”,

e se você perguntar a ela se ele costumava andar montado em uma cabra, ela vai dizer:

“Mas que pergunta tola; ele certamente andava montado em uma cabra”.

E então se você perguntar à sua avó se ela conheceu Peter Pan quando era menina, ela também vai dizer:

“Ora, é claro que sim, meu amor”,

mas se você perguntar a ela se ele costumava andar montado em uma cabra naquela época ela vai dizer que nunca ouviu falar que ele tivesse uma cabra. Talvez ela tenha esquecido, assim como às vezes ela esquece o seu nome e chama você de Mildred, que é o nome da sua mãe. Ainda assim, seria muito difícil que ela tivesse esquecido algo tão importante quanto a cabra. Podemos então dizer que não havia cabra nenhuma quando a sua avó era pequena. Isso mostra que, ao contar a história de Peter Pan, começar pela cabra (como a maioria das pessoas fazem) é tão tolo quanto vestir o paletó antes de colocar o colete.

Isso também mostra o quanto Peter é velho, é claro, mas na verdade ele tem sempre a mesma idade, de modo que isso não tem a mínima importância. Ele tem uma semana de idade; e embora tenha nascido tanto tempo atrás, jamais fez aniversário, e não existe a menor chance de que ele venha a fazer aniversário algum dia. Isso porque ele escapou de ser um humano aos sete dias de idade; fugiu pela janela e voou de volta para o Kensington Gardens.

Se você acha que ele foi o único bebê do mundo que quis fugir, isso mostra que você se esqueceu por completo de seus primeiros dias de vida. Quando David ouviu essa história pela primeira vez, teve certeza de que jamais tentara fugir, mas eu pedi a ele que tentasse se lembrar com mais esforço, apertando as têmporas com as mãos; ele apertou com força, depois com mais força ainda, e se lembrou claramente de um desejo longínquo de retornar para os topos das árvores, e com essa memória vieram outras, como a de que ele se deitara na cama, planejando sua fuga quando a mãe pegasse no sono, e a de que ela um dia o pegou dentro da chaminé, a meio caminho da saída. Todas as crianças se lembrariam dessas coisas se apertassem suas têmporas com força, pois, tendo sido pássaros antes de se tornarem humanas, elas são naturalmente um pouco selvagens durante as primeiras semanas, e sentem muita coceira nos ombros onde costumavam ficar as asas. Pelo menos é o que David me diz.

Devo mencionar aqui que nosso procedimento em relação a contar histórias é o seguinte: primeiro eu conto para ele e depois ele conta para mim, estabelecida o combinado de que a história dele deve ser bem diferente; então eu a conto de novo com os acréscimos dele, e assim prosseguimos até que não é mais possível saber se a história é dele ou minha. Nessa história sobre Peter Pan, por exemplo, a narrativa simples e a maior parte das reflexões morais são contribuições minhas, embora não todas, já que o garoto sabe ser um severo moralista, mas as partes mais interessantes, sobre os modos e os costumes dos bebês em fase de pássaro, são em sua maioria reminiscências de David, trazidas à tona pelo método de apertar as têmporas e pensar com força.

Bem, Peter Pan fugiu pela janela, que não tinha grade. De pé no parapeito, ele pôde ver árvores à distância, e eram sem dúvida as árvores do Kensington Gardens, e no momento em que as avistou ele esqueceu completamente que agora ele era um menininho de pijama, e saiu voando por cima das casas na direção do Gardens. É extraordinário que ele pudesse voar sem asas, mas seus ombros coçavam tremendamente e, talvez todos nós conseguíssemos voar se tivéssemos toda a confiança que o ousado Peter Pan sentiu naquela noite.

Ele pousou alegremente em um relvado, entre o Baby Palace e o Serpentine, e a primeira coisa que fez foi deitar-se de costas e dar chutes no ar. Ele já nem tinha mais consciência de que fora humano um dia, e pensou que era um pássaro, até mesmo na aparência, como em seus primeiros dias, e quando tentou pegar uma mosca ele não entendeu que fracassara porque tentara apanhá-la com a mão, e um pássaro jamais usa a mão, é claro. Percebeu, no entanto, que já devia ter passado o horário de fechamento dos portões, pois havia uma porção de fadas por ali, todas muito ocupadas para notar a presença dele; estavam preparando o café da manhã, tirando leite das vacas, pegando água e assim por diante, e a visão dos baldes de água lhe deu sede, e então ele voou até o Round Pond para matar a sede. Ele se inclinou e mergulhou o bico na água; achou que era seu bico, mas era apenas seu nariz, é claro, e portanto não conseguiu beber quase nada de água, e o pouco que ingeriu não era refrescante como costumava ser, e por isso tentou beber em uma pequena poça, e caiu de corpo inteiro nela. Quando um pássaro de verdade cai na água, ele abre as asas e seca suas penas com o bico, mas Peter não conseguia lembrar como se fazia isso e, bastante emburrado, decidiu ir dormir na faia da Baby Walk.

Primeiro ele teve certa dificuldade em se equilibrar no galho, mas logo lembrou como se fazia e pegou no sono. Acordou muito antes do nascer do sol, tremendo e dizendo para si mesmo:

— Nunca passei uma noite tão fria ao relento.

Ele já passara noites mais frias ao relento, em sua fase de pássaro; mas, claro, como todos sabem, uma noite quente para um pássaro pode ser uma noite fria para um menino de pijama. Peter também se sentiu estranhamente desconfortável, como se sua cabeça estivesse pesada; ouviu ruídos altos que o faziam olhar em volta, sobressaltado, mas eram apenas os seus próprios espirros. Havia algo que ele desejava muito, mas, mesmo sabendo que desejava, não conseguia entender o que era. O que ele tanto queria era que sua mãe lhe assoasse o nariz, mas não se deu conta disso, de modo que decidiu apelar às fadas, em busca de esclarecimento. As fadas têm fama de saber bastante coisa.

Havia duas delas passeando pela Baby Walk, uma abraçando a cintura da outra, e ele pulou na direção delas. As fadas costumam ter desavenças com os pássaros, mas geralmente dão respostas civilizadas para perguntas civilizadas, e ele ficou bastante bravo quando essas duas saíram correndo no momento em que o viram. Havia uma

outra encostada em uma cadeira de jardim, lendo um selo de carta que algum humano deixara cair, e quando ouviu a voz de Peter ela se escondeu, assustada, atrás de uma tulipa.



Para seu espanto, Peter descobriu que todas as fadas que encontrava fugiam dele. Um grupo de trabalhadoras que estava serrando um cogumelo saiu correndo, deixando as ferramentas para trás. Uma ordenadora de vaca virou seu balde de cabeça para baixo e se escondeu dentro dele. Não demorou muito e o Gardens se tornou uma algazarra. Multidões de fadas corriam de um lado para o outro, perguntavam umas às outras quem estava com medo, luzes foram apagadas, portas foram lacradas, e dos jardins do palácio da rainha Mab veio um bater de tambores, indicando que a guarda real fora chamada. Um regimento de lanceiros vinha descendo a Broad Walk, armado com folhas de azevinho, com as quais cutucam seus inimigos horivelmente quando passam por eles. Peter ouviu gritos, vindos de todos os lados, que afirmavam que havia um humano no Gardens depois do fechamento dos portões, mas não pensou, nem por um momento, que o humano pudesse ser ele. Ele estava se sentindo cada vez mais pesado, e mais e mais desejava saber o que queria que fizessem com seu nariz, mas perseguia as fadas em vão, com sua questão vital; as assustadas criaturas corriam dele, e até mesmo os lanceiros, quando Peter se aproximou deles na Hump, rapidamente tomaram um caminho alternativo, fingindo que o tinham visto ali.

Desistindo das fadas, decidiu consultar os pássaros, mas então se lembrou de algo esquisito; todos os pássaros da faia fugiram voando quando ele pousara nela, e embora o fato não o tenha perturbado na ocasião, agora ele compreendia tudo. Todos os seres vivos fugiam dele. Pobre e indefeso Peter Pan! Ele se sentou e chorou, e mesmo naquele momento não percebeu que, para um pássaro, ele havia se sentado de maneira errada. É uma benção que ele não soubesse, pois caso contrário teria perdido a confiança em sua capacidade de voar, e, quando você duvida de que consegue voar, você perde a capacidade de voar para sempre. O motivo para os pássaros conseguirem voar e nós não é simplesmente porque possuem fé, pois ter fé é ter asas.

Agora, a não ser que voe, ninguém consegue chegar à ilha no Serpentine, porque os barcos dos humanos são proibidos de atracar lá e ela é cercada de estacas, e no alto de cada estaca há um pássaro sentinela que vigia dia e noite. Foi para a ilha que Peter voou agora, para apresentar seu estranho caso ao velho Solomon Caw, e pousou nela com uma sensação de alívio, muito animado em ver que estava, por fim, em casa, já que os pássaros a chamam assim. Todos estavam dormindo, inclusive os sentinelas, todos menos Solomon, que estava totalmente desperto em um canto e ele ouviu o relato de Peter, e explicou seu significado para ele.

— Olhe para o seu pijama, se não acredita em mim — disse Solomon.

E Peter olhou seu pijama com olhos arregalados, e depois olhou para os pássaros adormecidos; nenhum deles vestia coisa alguma.

— Quantos dedos dos seus pés são polegares? — perguntou Solomon, com certa crueldade.

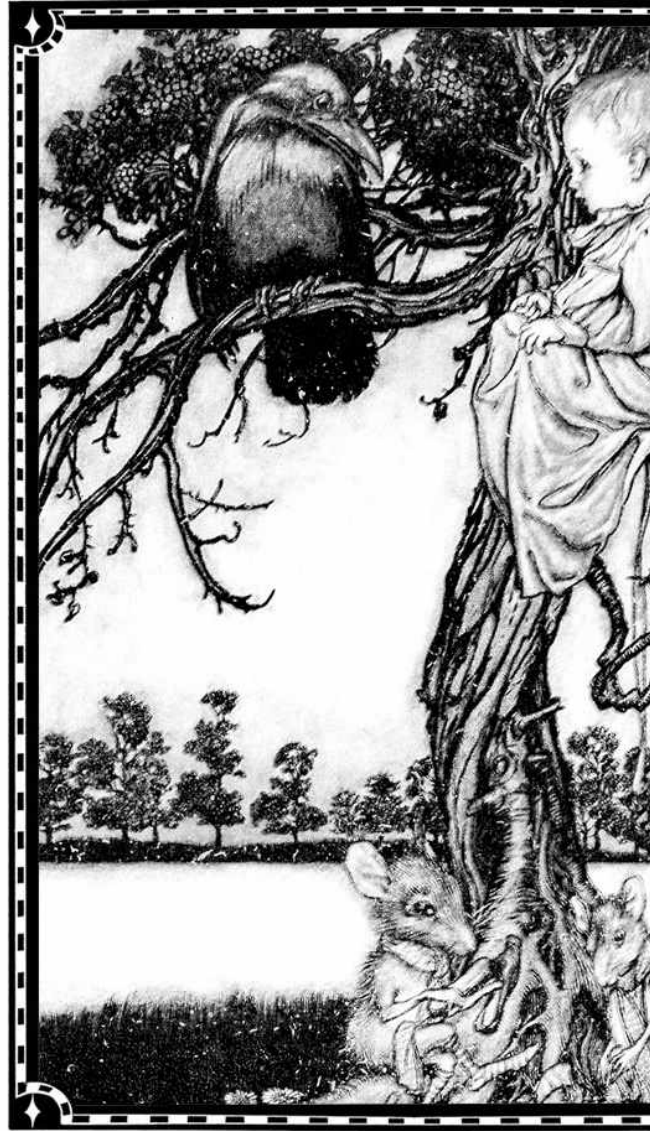
E Peter viu, consternado, que seus dedos menores não eram polegares. O choque foi tão grande que ele parou de sentir frio.

— Tente sacudir a sua plumagem — disse o velho sombrio.

E Peter tentou sacudir sua plumagem com muito empenho e desespero, mas não possuía plumagem. Então se levantou, tremendo; e pela primeira vez, desde que ficara em pé no parapeito da janela, lembrou-se de uma mulher que gostava muito dele.

— Acho que devo voltar para a minha mãe — disse ele, timidamente.

— Adeus — retrucou Solomon Caw, com um olhar esquisito.



Mas Peter hesitou.

— Por que não vai logo? — perguntou o velho, polidamente.

— Não sei — disse Peter, com voz rouca —, será que ainda consigo voar?

Vejam só, ele perdera sua fé.

— Pobre de você, meio menino, meio pássaro! — falou Solomon, que tinha um pouco de bondade no fundo do coração. — Você nunca mais vai conseguir voar, nem mesmo em dias de vento. Você vai ter que viver aqui na ilha para sempre.

— E nunca mais voltar para o Kensington Gardens? — perguntou Peter, tragicamente.

— Como você conseguiria chegar até lá? — respondeu Solomon.

O velho prometeu, gentilmente, contudo, que ensinaria a Peter todos os costumes dos pássaros que um ser de formato tão bizarro tivesse condições de aprender.

— Não vou ser exatamente um humano, então? — perguntou Peter.

— Não.

— E não vou ser exatamente um pássaro?

— Não.

— Vou ser o que, então?

— Você será um nem-isso-nem-aquilo — disse Solomon, e ele era certamente um velho que sabia das coisas, pois foi exatamente isso o que aconteceu.

Os pássaros da ilha nunca se acostumaram com Peter. As estranhezas dele os divertiam todos os dias, como se fossem grandes novidades, quando na verdade as novidades eram os próprios pássaros. Eles saíam dos ovos diariamente e riam de Peter assim que o viam, e logo voavam embora para se tornarem humanos, e outros pássaros saíam de outros ovos, e assim o ciclo seguia para sempre. As ardilosas mães-pássaro, quando se cansavam de ficar sentadas sobre seus ovos, faziam com que os passarinhos quebrassem suas cascas de modo prematuro, com um dia de antecedência, sussurrando que agora era a chance deles de ver Peter tomando banho ou bebendo ou comendo. Milhares de passarinhos se aglomeravam em volta dele diariamente para vê-lo fazer essas coisas, como quem observa um pavão, e ele gritavam de satisfação quando Peter pegava com as mãos as cascas de pão que lhe atiravam, e não com a boca, como os pássaros costumam fazer. Toda a comida dele era trazida do Gardens por pássaros, por ordem de Solomon. Peter não comia vermes ou insetos (o que era absurdo, na opinião de todos), então os pássaros traziam pão em seus bicos. Por isso, quando você for gritar “Esfomeado, esfomeado!” para o pássaro que apanhar a maior das migalhas de pão, pense duas vezes antes de xingá-lo, já que agora você sabe que ele provavelmente está levando comida para Peter Pan.

Peter não usava mais pijama. É que os pássaros ficavam lhe pedindo pedaços dele para construírem seus ninhos e, bom menino que era, não conseguia recusar; então, Solomon o aconselhou a esconder o que restara dele. Peter estava bem nu agora, mas não pensem que ele sentia frio ou tristeza. Ele estava geralmente muito feliz e alegre, porque Solomon mantivera sua promessa e lhe ensinara muitos dos costumes dos pássaros. Peter aprendeu, por exemplo, a ficar satisfeito com pequenas coisas, e a estar sempre fazendo alguma coisa, e a pensar que tudo o que fizesse tinha uma importância enorme. Peter adquiriu grande destreza auxiliando os pássaros em construções de ninhos; em pouco tempo ele já construía melhor do que um pombo torcaz, e quase tão bem quanto um melro, embora nunca tenha conseguido satisfazer os tentilhões; e instalava ótimas gamelinhinhas de água perto dos ninhos e escavava minhocas para os pequeninos com seus dedos. Tornou-se erudito na ciência dos pássaros, e distinguia um vento leste de um vento oeste apenas pelo cheiro, e era capaz de ver a grama crescendo e de ouvir os insetos caminhando dentro dos troncos das árvores. Mas a melhor coisa que Solomon lhe ensinou foi a capacidade de ter um coração sempre alegre. Todos os pássaros têm corações alegres, a não ser que você lhes roube o ninho e como este era o único tipo de coração que Solomon conhecia, foi fácil para ele ensinar Peter a ter um.

O coração de Peter era tão alegre que ele sentia que precisava cantar o dia inteiro, assim como os pássaros cantam em júbilo, mas, sendo em parte humano, ele precisava de um instrumento, e recolheu juncos para fazer uma flauta, e costumava sentar-se na praia, à noite, estudando o sussurro do vento e o murmurar da água, e pegava alguns punhados de luar e os colocava em sua flauta, e tocava tão maravilhosamente que até os pássaros à vezes se confundiam e perguntavam uns aos outros:

— Isso que eu ouvi foi um peixe pulando na água ou Peter tocando “peixe que pula” com sua flauta?

Às vezes ele tocava quando um pássaro nascia, e então as mães se reviravam em seus ninhos para ver se tinham botado um ovo. Se você frequenta o Gardens deve conhecer o castanheiro que fica perto da ponte e que é o primeiro de todos os castanheiros a florescer, mas talvez você não saiba por que essa árvore é sempre a primeira. É porque Peter quer que chegue logo o verão e toca a sua chegada, e o castanheiro, estando tão perto dele, ouve a música e é enganado.

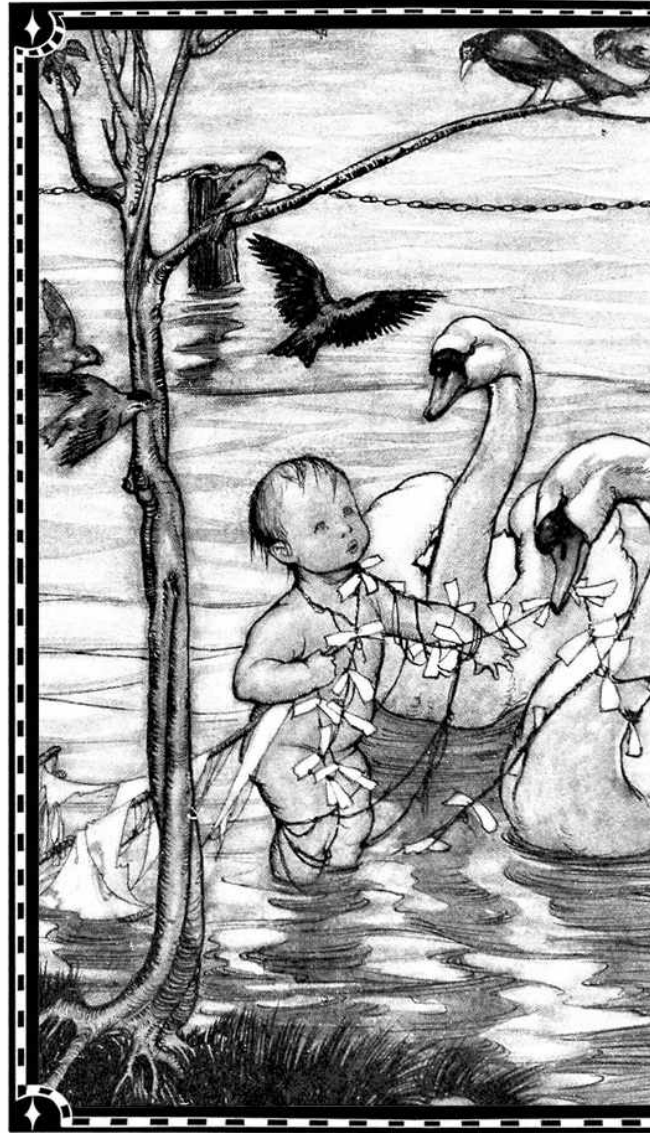
Porém, às vezes, sentado na praia e dedilhando divinamente sua flauta, Peter sucumbia e tinha pensamentos tristes, e sua música se entristecia também, e a origem de toda essa tristeza era o fato de que ele não tinha como voltar ao Gardens, embora pudesse vê-lo, além do arco da ponte. Sabia que nunca mais poderia ser um humano de verdade, e nem tinha interesse nisso; ah, mas como queria poder brincar como as outras crianças brincam, e não há lugar mais adorável para brincar, é claro, do que o Gardens. Os pássaros lhe contavam detalhes de como meninos e meninas brincavam, e lágrimas de melancolia cobriam os olhos de Peter.

Talvez você pense que ele pudesse simplesmente ir nadando até o parque. O problema é que ele não sabia nadar. Ele queria saber nadar, mas ninguém na ilha possuía esse conhecimento exceto os patos, e eles são muito burros. Eles tinham muita vontade de ensinar Peter, mas só o que conseguiam dizer era:

— Você se senta em cima da água assim, e depois começa a mexer as pernas assim.

Peter tentava várias vezes, mas sempre afundava antes de começar a mexer as pernas. O que ele precisava saber era: como você se senta na água sem afundar? E os patos diziam que era impossível explicar uma coisa tão simples. Ocasionalmente alguns cisnes passavam pela ilha, e Peter dava para eles toda a sua comida do dia e então lhes perguntava como era possível se sentar na água, mas quando a pouca comida acabava as detestáveis criaturas zombavam dele e iam navegando embora.

Houve uma vez em que ele realmente achou que descobrira um meio de chegar ao Gardens. Uma maravilhosa coisa branca, como um jornal fugitivo, apareceu voando alto no céu da ilha e então despencou, girando no ar como um pássaro de asa quebrada. Peter ficou tão assustado que se escondeu, mas os pássaros lhe disseram que aquilo não passava de uma pipa, e lhe explicaram o que era; seu barbante tinha se soltado das mãos de um menino em um repuxão, provavelmente, e ela voara embora. E os pássaros riram de Peter por ele ter se apegado tanto à pipa; ele a adorava tanto que até mesmo dormia com uma mão em cima dela, e eu acho que isso era ao mesmo tempo patético e bonito: ele adorava aquela coisa branca porque ela pertencera a um menino real.



Tal adoração era ridícula para os pássaros, mas as aves mais velhas sentiam-se muito devedoras dele, a essa altura, porque ele cuidara de vários bebês recém-emplumados que tiveram rubéola, e se dispuseram a lhe mostrar como os pássaros brincavam de pipa. Seis pássaros seguraram a extremidade do barbante em seus bicos e saíram voando; para espanto do menino, a pipa saiu voando atrás dos pássaros e chegou a voar mais alto do que eles.

Peter gritou:

— Façam de novo!

Dispostas a agradar, as aves repetiram a operação diversas vezes, e por diversas vezes, em vez de agradecer, ele gritou “Façam de novo!”, o que demonstra que mesmo agora, passado tanto tempo, ele ainda não esquecera o que é ser um menino.

Por fim, com um desígnio ardente em seu valoroso coração, Peter pediu aos pássaros que repetissem a brincadeira uma última vez, e se agarrou, antes, na cauda da pipa; cem aves saíram voando com o barbante e Peter seguiu atrás delas, na cauda, com a intenção de se soltar quando passasse por cima do Gardens. Mas a pipa se desfez em pedaços no ar, e ele teria se afogado no Serpentine se não tivesse pegado carona com dois cisnes que, indignados, levaram-no até a ilha. Depois disso os pássaros afirmaram que não voltariam a ajudá-lo em sua louca empreitada.

Mas Peter conseguiu chegar ao Gardens, por fim, com a ajuda do barco de Shelley, como contarei a seguir.

XV

O NINHO DO TORDO

Shelley era um jovem cavalheiro, tão adulto quanto queria ser. Era um poeta, e os poetas nunca são exatamente adultos. São pessoas que desprezam o dinheiro e que têm consigo apenas o necessário para o dia, e ele tinha isso e mais cinco libras de sobra. Assim, quando estava passeando no Kensington Gardens, Shelley fez um barquinho de papel com o cheque que tinha no bolso e o lançou no Serpentine.

O barquinho chegou à ilha depois do anoitecer; e o sentinela o levou para Solomon Caw, que pensou de início que se tratava da mesma coisa de sempre, uma mensagem de alguma dama, dizendo que ficaria muito grata se ele lhe mandasse um passarinho dos bons. Elas sempre pedem pelo melhor que ele tiver, e quando gosta da carta ele manda um pássaro da classe A; mas se a carta o irrita ele manda um pássaro esquisito mesmo. Às vezes ele não manda nada, mas pode acontecer de ele mandar um ninho cheio; tudo depende do humor do dia. Ele gosta de tomar todas as decisões e se você mencionar que tem um desejo especial de que ele providencie um menino dessa vez, pode ter certeza de que será enviada mais uma menina. Seja você uma dama ou apenas um menino que quer uma irmãzinha, tome o cuidado de escrever o seu endereço com muita clareza. Você não faz ideia de quantos bebês Solomon já mandou para casa erradas.

O barco de Shelley foi aberto e deixou Solomon completamente intrigado, e ele pediu o conselho de seus assistentes, os quais, tendo caminhado sobre o papel duas vezes, primeiro com os pés virados para fora, depois com os pés virados para dentro, decidiram que ele só poderia provir de alguma pessoa gananciosa que queria cinco. Chegaram a essa conclusão porque havia um cinco enorme impresso no papel.

— Que absurdo! — gritou Solomon, furioso, e deu o papel para Peter; todas as coisas inúteis que apareciam na ilha eram doadas a Peter, para que ele as usasse como brinquedos.

Mas ele não brincou com seu precioso cheque, pois identificara de imediato o que era, tendo sido um menino muito observador na semana em que fora um humano normal. Como tanto dinheiro, ele refletiu, poderia afinal dar um jeito de chegar ao Gardens? Ele considerou todas as possibilidades e optou (sabidamente, eu acho) pela melhor delas. Primeiro, porém, teve de informar aos pássaros que o barco de Shelley tinha grande valor; eles eram honestos demais para exigir o papel de volta, mas Peter viu que estavam exasperados, e eles lançaram olhares sombrios para Solomon, que se gabava tanto de sua esperteza, e Solomon se afastou voando até o outro lado da ilha e se sentou lá, deprimido, com a cabeça enterrada nas asas. Ora, Peter sabia que ninguém obtinha nada nessa ilha se não tivesse o apoio de Solomon, e então foi até ele e tentou animá-lo.

Peter fez mais do que apenas conversar com o poderoso velho. Não contei a vocês que Solomon não tinha intenção de permanecer em seu posto pelo resto da vida. Ele planejava sua aposentadoria aos poucos, queria dedicar sua doce velhice a uma vida de prazer em um certo tronco de texo, no Figs, que lhe apetecia muito; desde muitos anos, vinha enchendo sua meia. Era uma meia de banhista que fora encontrada na ilha, e a essa altura ela continha 180 migalhas, 34 nozes, 16 cascas de pão, um limpador de plumagem e um cadarço de bota. Solomon calculava que, quando a meia ficasse repleta, teria fundos suficientes para uma aposentadoria tranquila. Pois Peter lhe deu uma libra. Cortou um pedaço do cheque com um graveto afiado.

Isso lhe garantiu gratidão eterna por parte de Solomon; os dois conversaram um pouco e convocaram uma reunião de tordos. Vocês saberão em breve por que motivo foram convocados apenas tordos.

O plano que seria apresentado aos tordos era de autoria de Peter, na verdade, mas Solomon falou na maior parte do tempo, porque ele logo ficava irritadiço quando outras pessoas falavam. Começou por dizer que nunca deixava de se impressionar com a engenhosidade superior de que os tordos davam mostras na construção de seus ninhos, e isso os deixou de bom humor na mesma hora, e a intenção era essa; pois todas as querelas entre os pássaros derivam de discussões sobre quem constrói os melhores ninhos. Outros pássaros, disse Solomon, deixavam de forrar os ninhos com uma camada de barro, e os ninhos sem barro são incapazes de reter água. Aqui ele balançou a cabeça garbosamente, como se tivesse feito uso de um argumento incontestável; por azar, porém, uma sra. Tentilhão comparecera à reunião sem ter sido convidada, e ela guinchou:

— Nós não construímos os nossos ninhos para reter água, e sim para proteger ovos.

Os tordos ficaram amuados; Solomon ficou tão perplexo que teve que tomar vários goles d'água.

— Considerem — disse ele, por fim — o quanto o barro aquece os ninhos.



— Considerem — exclamou a sra. Tentilhão — que quando a água entra no ninho ela não sai mais, e os seus filhotes se afogam!

Com um olhar desolado, os tordos suplicaram a Solomon que proferisse uma réplica arrasadora, mas ele ficou ainda mais perplexo.

— Beba mais um pouco de água — sugeriu a Sra. Tentilhão, atrevida; o nome dela era Kate, e todas as Kates são descaradas.

Solomon bebeu mesmo mais um pouco de água, e o gole o inspirou.

— Se colocarmos um ninho de tentilhão no Serpentine — disse —, ele vai se encher de água e vai se desmanchar, mas um ninho de tordo permanecerá seco como as costas de um cisne.

Como os tordos aplaudiram! Agora eles sabiam por que é que aplicavam uma camada de barro em seus ninhos, e quando a sra. Tentilhão exclamou “Nós não colocamos os nossos ninhos no Serpentine”, eles fizeram o que deveriam ter feito no início da reunião: expulsaram a intrusa. Depois disso, tudo correu na mais perfeita ordem. Os tordos haviam sido convocados, disse Solomon, com o seguinte propósito: seu jovem amigo Peter queria muito, como todos sabiam, poder viajar até o Gardens, e ele lhes pedia auxílio para construir um barco.

Diante disso os tordos começaram a conversar baixinho, inquietos, e Peter temeu por seu plano.

Solomon se apressou em explicar que a ideia não era fazer um desses barcos enormes que os humanos usam; a proposta era construir um ninho de tordo que fosse grande o suficiente para que Peter pudesse navegar nele.

Mesmo assim, para desespero de Peter, os tordos se mantiveram ariscos.

— Somos muito atarefados — resmungaram —, e esse trabalho nos tomaria muito tempo.

— Sabemos disso — falou Solomon —, e é claro que Peter não os faria trabalhar de graça. Lembrem que ele se encontra em uma situação financeira muito confortável; vocês terão pagamentos que nunca receberam antes. Peter Pan me autoriza a dizer que vocês receberão seis centavos por dia.

Todos os tordos deram pulos de alegria, e naquele mesmo dia teve início a celebrada Construção do Barco. Os afazeres ordinários foram deixados de lado. Era a época do ano em que deviam estar acasalando, mas nenhum ninho de tordo foi construído além do grande ninho de Peter, e Solomon logo se viu desprovido de tordos para atender à demanda do continente. As crianças mais robustas e comilonas, essas que exibem ótima aparência quando estão em seus carrinhos, mas que ficam facilmente esbaforidas quando caminham, todas elas foram pequenos tordos um dia, e é muito comum que damas as encomendem. O que vocês acham que Solomon fez? Fez circular uma ordem pelos telhados, convocou o maior número possível de pardais e ordenou que botassem seus ovos nos velhos ninhos de tordo, e enviou esses filhotes de pardal para as damas e jurou que eram todos tordos! Aquele ano ficou conhecido na ilha, mais tarde, como o Ano dos Pardais; quando você encontra, porque sem dúvida deve encontrá-las vez por outra, pessoas adultas que se incham e se inflam por acharem que são maiores do que de fato são, essas pessoas muito provavelmente nasceram naquele ano. Pergunte a elas.

Peter foi um patrão justo e pagou seus trabalhadores todas as noites. Eles formavam filas nos galhos e aguardavam educadamente enquanto ele cortava pedacinhos de seis centavos de seu cheque, e em seguida ele chamava o grupo, e então os pássaros voavam até o chão um por um, à medida que seus nomes iam sendo mencionados, e ganhavam seis centavos. Deve ter sido uma coisa bonita de se ver.

Por fim, depois de meses de labuta, o barco ficou pronto. Ah, a conduta de Peter no acompanhamento dos trabalhos, com o ninho de tordo ficando cada vez maior e mais sólido! Ele dormiu ao lado do ninho desde o primeiro dia da construção, e muitas vezes acordava, no meio da noite, e dizia coisas carinhosas para ele e, quando ele foi forrado com barro e o barro secou, Peter passou a dormir dentro dele. Peter dorme no ninho até hoje, e é fascinante observar como ele se enrosca ali dentro, porque o ninho é grande o suficiente para que ele se acomode bem quando se enrosca como um gatinho. O ninho é marrom no lado de dentro, é claro, mas por fora é principalmente verde, já que sua parede externa é entretecida com grama e gravetos, e quando um graveto murcha ou se quebra a parede é reforçada com alguma cobertura. Aqui e ali também podem ser vistas algumas penas, que caíram dos corpos dos tordos durante a construção.

Os outros pássaros sentiram muita inveja e disseram que o barco não se sustentaria na água, mas ele se mostrou maravilhosamente estável; disseram que entraria água nele, mas não entrou nenhuma água nele. A seguir disseram que Peter não tinha remos, e isso fez com que os tordos olhassem uns para os outros em um grande desânimo, mas Peter afirmou que não precisava de remos, pois dispunha de uma vela: transbordante de alegria e orgulho, apresentou uma vela que confeccionara com seu pijama, e era uma vela graciosa, mesmo que não deixasse de parecer um pijama. E naquela noite, com lua cheia e com os pássaros todos dormindo, ele entrou no seu batel (como Francis Pretty teria dito) e foi embora da ilha. De início, sem saber por que, olhou para cima, com as mãos entrelaçadas, e desse momento em diante seus olhos se fixaram no oeste.

Peter prometera aos tordos que começaria fazendo viagens curtas, tendo-os como guias, mas na longínqua distância, por baixo da ponte, ele viu o Kensington Gardens; o parque o atraía como uma espécie de feitiço, e ele

não pôde esperar. Seu rosto estava afogueado, mas ele não olhou para trás; uma exultação em seu peito afastava todo o medo. Seria Peter o último dos galantes navegadores ingleses, rumando para o oeste, na direção do desconhecido?

O barco girou em falso no começo e voltou para o ponto de partida; Peter encurtou o pano de sua vela, removendo uma das mangas, e dessa vez foi arrastado para trás, por um vento contrário, correndo um efetivo perigo de naufrágio. Recolheu toda a vela, e em consequência foi levado à deriva para uma praia distante, na qual vagavam sombras negras cujo perigo ele não conhecia, mas suspeitava, e assim ele içou de novo seu pijama e virou de bordo, para não ver as sombras, até que afinal pegou um vento favorável que o levou na direção oeste, mas a uma velocidade tão estonteante que poderia acabar se esborrachando contra a ponte. Evitando o choque, Peter passou por baixo dela e, em supremo regozijo, contemplou a paisagem ampla do delicioso Gardens. Quando tentou, porém, lançar âncora, que era uma pedra amarrada na ponta de um pedaço do barbante da pipa, não conseguiu alcançar o fundo do rio, e se viu obrigado a flutuar às cegas, em busca de um ponto de atracação, e bateu contra um recife submerso; a violência do choque lançou Peter na água, e ele por pouco não se afogou, mas conseguiu, a muito custo, subir de volta no barco. Estourou uma forte tempestade, acompanhada de águas furiosas que emitiam rugidos que ele jamais ouvira, e o barco foi jogado de um lado para o outro, e as mãos de Peter ficaram tão entorpecidas de frio que ele não conseguia mais fechá-las. Tendo escapado do inacreditável perigo, o menino foi levado piedosamente até uma pequena baía, pela qual seu barco deslizou em paz.

Peter ainda não se encontrava em segurança, contudo: tentando desembarcar, topou com uma multidão de pessoas pequeninas que haviam se aglomerado na praia para contestar a chegada do estranho e que gritavam e vociferavam contra ele com estridência, exigindo que fosse embora, pois já se passara a hora do fechamento dos portões. Brandiam suas folhas de azevinho, e um pequeno batalhão carregava uma flecha que algum menino esquecera no parque, e os guerreiros estavam dispostos a usar a flecha como um esporão.

Sabendo que estava diante de fadas, Peter proclamou que não era um humano comum, que não era seu interesse contrariar quem quer que fosse e que queria ser amigo de todos; tendo encontrado um porto seguro, porém, não estava inclinado a se retirar dali. Fez uma advertência às criaturas: se elas o atacassem e ferissem, sofreriam revidado, arcariam com as consequências.

Dito isso, pulou com audácia na areia, e as fadas o cercaram com a intenção de trucidá-lo, mas irrompeu então um grito agudo entre as mulheres: elas tinham reparado que a vela de Peter era um pijama de bebê. A partir deste momento, as fadas caíram de amores por ele e lamentaram que seus colos fossem tão pequenos, e não posso explicar o comportamento delas, só posso dizer que é assim que são as mulheres. Quanto aos homens-fada, recolheram suas armas depois da capitulação amorosa de suas mulheres, pois sabiam que elas eram superiores em inteligência, e civilizadamente conduziram o menino até a rainha, que conferiu a ele o direito de estar no Gardens depois do fechamento dos portões, e dali em diante Peter podia ir aonde bem entendesse, e as fadas tinham ordens de lhe providenciar todo o conforto.

Assim aconteceu a primeira viagem de Peter ao Gardens, e vocês podem perceber, pela antiguidade da linguagem, que a viagem se deu muitíssimo tempo atrás. Mas Peter não envelhece, e se pudéssemos estar embaixo da ponte neste exato instante, observando-o (mas é claro que não podemos), arrisco dizer que o veríamos içando seu pijama e velejando ou remando na nossa direção, no ninho do tordo. Quando veleja, ele se senta, e quando rema ele se põe de pé. Vou contar a vocês em breve como é que ele arranhou um remo.

Muito antes da abertura dos portões ele já toma o caminho da ilha, em silêncio, porque as pessoas não podem vê-lo (já que ele não é de todo humano), mas sempre lhe sobram horas para brincar, e ele brinca como brincam todas as crianças. Pelo menos é o que ele pensa, e uma das coisas mais patéticas a respeito dele é o fato de que brinca errado.

Vejam, não havia ninguém para lhe dizer como é que as crianças realmente brincam, porque as fadas ficavam mais ou menos escondidas até o crepúsculo e portanto não sabiam nada; os pássaros afirmavam conhecer muitas brincadeiras, mas quando foram falar delas a Peter viu-se que não sabiam de praticamente coisa nenhuma. Eles lhe explicaram o funcionamento real do esconde-esconde, e ele muitas vezes brinca de esconde-esconde sozinho; mas nem mesmo os patos do Round Pond conseguiram lhe dizer o que é que torna o lago tão fascinante para meninos. Todas as noites os patos se esquecem dos acontecimentos do dia, menos do número de pedaços de bolo que lhes atiraram. São criaturas melancólicas, e dizem que o bolo já não é mais a delícia que foi nos velhos tempos.

De modo que Peter teve que descobrir várias coisas por conta própria. Ele muitas vezes lançava navios no Round Pond, mas o navio era apenas uma argola que ele encontrara na grama. Ele nunca tinha visto uma argola, é claro, e não sabia como era possível brincar com argolas, e decidiu que se brincava fingindo que elas eram barcos. A argola afundava imediatamente, sempre, mas ele entrava um pouco na água para resgatá-la, e às vezes a arrastava jovialmente pela beira da água, dando voltas no lago, e sentia muito orgulho por ter descoberto o que os meninos faziam com esse brinquedo.



Em outra ocasião, quando encontrou um balde de areia de criança, achou que a função do objeto era servir de assento, e sentou-se dentro dele com tanta convicção que depois teve dificuldade para se libertar. Também encontrou um balão. O balão estava pulando para lá e para cá na Hump, como se estivesse brincando sozinho, e Peter o pegou depois de uma perseguição emocionante. Mas pensou que se tratava de uma bola, e Jenny Carriça lhe dissera que meninos chutam bolas, e Peter chutou o balão; depois do chute, não conseguiu mais encontrá-lo em nenhum lugar.

O objeto mais surpreendente que Peter encontrou foi, talvez, um carrinho de bebê. Estava embaixo de uma tília, perto da entrada do Palácio de Inverno da rainha das fadas (que fica dentro do círculo dos sete castanheiros espanhóis), e Peter se aproximou com cuidado, porque os pássaros nunca tinham dito nada a respeito de tais objetos. Temendo que estivesse vivo, Peter lhe dirigiu a palavra educadamente, e então, visto que não houve resposta, chegou ainda mais perto e o tocou com a ponta dos dedos. Em seguida o empurrou, e o carrinho se afastou dele, o que lhe provou que a coisa estava mesmo viva e que, tendo se afastado, não se sentira ameaçada. Então Peter esticou o braço para puxar a coisa até ele, mas dessa vez ela avançou com firmeza em sua direção, e ele ficou tão assustado que pulou a grade e disparou correndo até seu barco. Não pensem, contudo, que Peter fosse um covarde, pois ele voltou na noite seguinte, com uma casca de pão em uma mão e um galho na outra, mas o carrinho desaparecera, e ele nunca mais viu nenhum outro. E eu prometi falar sobre o remo. Era uma pazinha de criança que Peter encontrara perto do St. Govor's Well, e para ele aquilo era um remo.

Você sente pena de Peter Pan por causa de todos esses enganos? Se sente, é tolice sua. O que estou dizendo é que não há como não sentir pena dele vez por outra, é claro, mas ter pena dele o tempo inteiro seria uma impertinência. Ele achava que tinha experiências esplêndidas e inesgotáveis no Gardens, e achar é quase tão bom quanto realmente ter. Peter brincava sem parar, enquanto você perde tempo fazendo papel de cachorro louco ou de Mary Ann. Ele não podia fazer esses papéis, pois nunca tinha ouvido falar deles; você acha que isso seria motivo para nos compadecermos dele?

Ah, ele era feliz. Ele era muito mais feliz do que você, por exemplo, assim como você é mais feliz do que o seu pai. Às vezes ele caía no chão, como um pião que parou de rodar, de pura felicidade. Você decerto já viu um galgo pulando as cercas do Gardens. É assim que Peter as pula.

E pense na flauta melodiosa. Certos cavalheiros que vão para casa a pé, de noite, escrevem aos jornais, informando que ouviram um rouxinol no Gardens, mas o que eles ouvem é a flauta de Peter, na verdade. Bem, é claro, ele não tinha mãe... Mas que diferença lhe faria ter uma mãe? Você pode se compadecer dele por isso, mas não se compadeça muito, porque a próxima coisa que eu quero contar é a história de como ela a reencontrou. Ele reencontrou a mãe graças às fadas.

XVI

QUANDO OS PORTÕES SE FECHAM

Emuito difícil saber coisas sobre as fadas, e praticamente a única coisa que se pode saber ao certo é que existem fadas onde existem crianças. Num passado distante, o acesso das crianças ao parque era proibido; certo dia, a proibição terminou, e na mesma noite o parque foi tomado por uma horda de fadas. Seguir as crianças é algo irresistível para elas, mas você raramente as vê, em parte porque durante o dia se escondem atrás de cercas que você não pode atravessar e em parte, também, porque são astutas demais. Não são nem um pouco astutas depois do fechamento dos portões, mas durante o dia... Ponho minha mão no fogo!

Quando você era um pássaro, você conhecia as fadas muito bem, e na primeira infância você tinha muitas memórias a respeito delas; é uma pena que não seja possível escrever e fazer anotações nessa fase da vida, porque o esquecimento vai apagando tudo, e eu já ouvi crianças declarando que jamais viram uma fada. É comum que uma criança diga isso ao mesmo tempo em que olha para uma fada, em pleno Kensington Gardens. Isso acontece porque a fada finge ser outra coisa, num de seus melhores truques. Elas geralmente fingem que são flores, porque a corte costuma se reunir no Vale das Fadas, e as flores abundam no Vale e em toda a Baby Walk, de modo que uma flor seria a última coisa a chamar a atenção. Elas se vestem exatamente como flores e se adaptam às estações, usando branco em época de lírios e azul quando é tempo de campânulas, e assim por diante. Gostam acima de tudo das florações de croco e jacinto, porque apreciam cores vistosas, mas consideram espalhafatosas as tulipas (exceto as brancas, que são seus berços), e às vezes se negam a usar tulipa por vários dias, de modo que o melhor período para se ver uma fada é no início da floração das tulipas.

Quando acham que você não está olhando, saem saltitando com muita vivacidade; se você olhar, porém, e elas sentirem que não há tempo para se esconder, elas se imobilizam e fingem que são flores. Depois, quando você já passou, sem se dar conta de que eram fadas, elas correm para casa e contam para as mães que tiveram uma aventura e tanto. O Vale das Fadas, do qual falei há pouco, é todo coberto de hera (com a qual elas produzem seu óleo de rícino), com flores crescendo aqui e ali. A maioria delas são flores de verdade, mas algumas são fadas. Não há como ter certeza nunca, mas uma tática interessante é passar pelo vale caminhando, olhando para o outro lado, e então virar a cabeça abruptamente. Outro plano eficiente, que David e eu colocamos em prática de vez em quando, é encará-las sem parar, sem desviar o olhar. Depois de um longo tempo elas não aguentam mais e piscam, e aí você tem certeza de que são fadas.

Também há inúmeras fadas ao longo da Baby Walk, que é um famoso “local nobre”, como se costuma chamar os lugares frequentados por elas. Houve uma vez em que 24 fadas tiveram uma aventura extraordinária. Era um passeio escolar; a professora acompanhava as meninas e todas estavam usando vestidos de jacinto. De súbito a professora colocou o dedo sobre os lábios, e todas se imobilizaram em cima de um canteiro vazio e fingiram ser jacintos. O que a professora ouvira, infelizmente, eram dois jardineiros que vinham plantar flores novas naquele exato canteiro. Vinham trazendo um carrinho de mão cheio de flores, e ficaram um tanto surpresos em ver o canteiro ocupado.

— Que pena arrancar esses jacintos — disse um dos homens.

— Ordens do duque — retrucou o outro.

Tendo esvaziado o carrinho, os homens desenraizaram com suas pás todo o internato e depositaram as pobres e aterrorizadas criaturas dentro dele, em cinco fileiras. É claro que nem a professora e nem as meninas ousaram revelar que eram fadas, e assim foram transportadas para bem longe, até uma estufa, da qual escaparam durante a noite, deixando os sapatos para trás; houve um grande clamor entre os pais, e a reputação da escola foi arruinada.

Quanto às casas das fadas, de nada adianta procurar por elas, porque são o oposto total das casas às quais estamos habituados. As nossas casas podem ser vistas durante o dia, mas não são vistas de noite. Bem, as casas das fadas podem ser vistas no escuro, mas não podem ser vistas durante o dia, pois elas têm a cor da noite, e eu nunca ouvi falar de alguém que seja capaz de ver noite em meio ao dia. Isso não quer dizer que elas sejam negras, porque a noite tem suas cores como o dia tem as dele, mas as cores noturnas são mil vezes mais brilhantes. Os azuis, vermelhos e verdes são como os nossos, mas brilham uma luminosidade intrínseca. O palácio é constituído inteiramente de vidro multicolor, e é a mais adorável das residências imperiais, mas a rainha às vezes reclama, porque pessoas comuns espiam para dentro, para ver o que ela está fazendo. Essas pessoas são muito inquisitivas, e se espremem com força contra as paredes de vidro, e é por isso que seus narizes são tão empinados. As ruas são quilométricas e muito sinuosas, e as trilhas que saem delas são demarcadas com um fio de lã brilhante. Os pássaros costumavam roubar a lã para construir ninhos, mas um policial foi designado para segurar a ponta do fio.

Uma das grandes diferenças entre as fadas e os humanos é que elas nunca fazem nada de útil. Quando o primeiro bebê deu sua primeira risada, seu riso se espatifou em um milhão de pedaços, e esses pedaços saíram saltitando em todas as direções. Foi assim que surgiram as fadas. Elas parecem estar sempre tremendamente atarefadas, como se não pudessem perder nem um minuto, mas se você perguntasse a elas o que é que estão fazendo, não teriam a menor condição de responder. São terrivelmente ignorantes, e tudo o que fazem, fazem em

faz de conta. Elas têm um carteiro, mas ele só aparece no Natal, com um presentinho; embora tenham lindas escolas, nada é ensinado nelas: a criança mais jovem, por ser a pessoa mais importante, é sempre escolhida como professora, e quando ela termina de fazer a chamada todos saem para um passeio e nunca mais voltam. É algo notável: nas famílias das fadas, o filho mais jovem é sempre o filho mais importante, e geralmente se torna príncipe ou princesa. As crianças se lembram disso, e acham que também deveria ser assim entre os humanos, e é por isso que elas muitas vezes se inquietam quando veem suas mães colocarem, furtivamente, babados novos no berço de vime.

Você provavelmente já observou que a sua irmãzinha quer fazer um monte de coisas que não são do agrado da sua mãe e da babá: ficar de pé quando é hora de sentar, por exemplo, ou acordar quando deveria dormir, ou se arrastar no chão quando está usando seu melhor vestidinho, e assim por diante, e talvez você pense que tudo isso é travessura. Mas não é; ela simplesmente está fazendo aquilo que um dia viu as fadas fazerem; ela começa agindo como fada, e se passam uns dois anos até que ela adquira os costumes humanos. Seus acessos de raiva, que são horríveis de se presenciar, e que costumam ser chamados de “botar as garras para fora”, não são nada disso; são decorrência de sua natural exasperação, porque ninguém a entende, embora ela esteja utilizando uma linguagem inteligível. Ela está falando a linguagem das fadas. As mães e as babás compreendem antes e melhor do que os outros as afirmações dos bebês: que “Qui” significa “Quero isso agora”, e que “Pu” quer dizer “Por que você está usando esse chapéu engraçado?”; isso ocorre porque, convivendo tanto com bebês, elas acabam captando um pouco da linguagem das fadas.

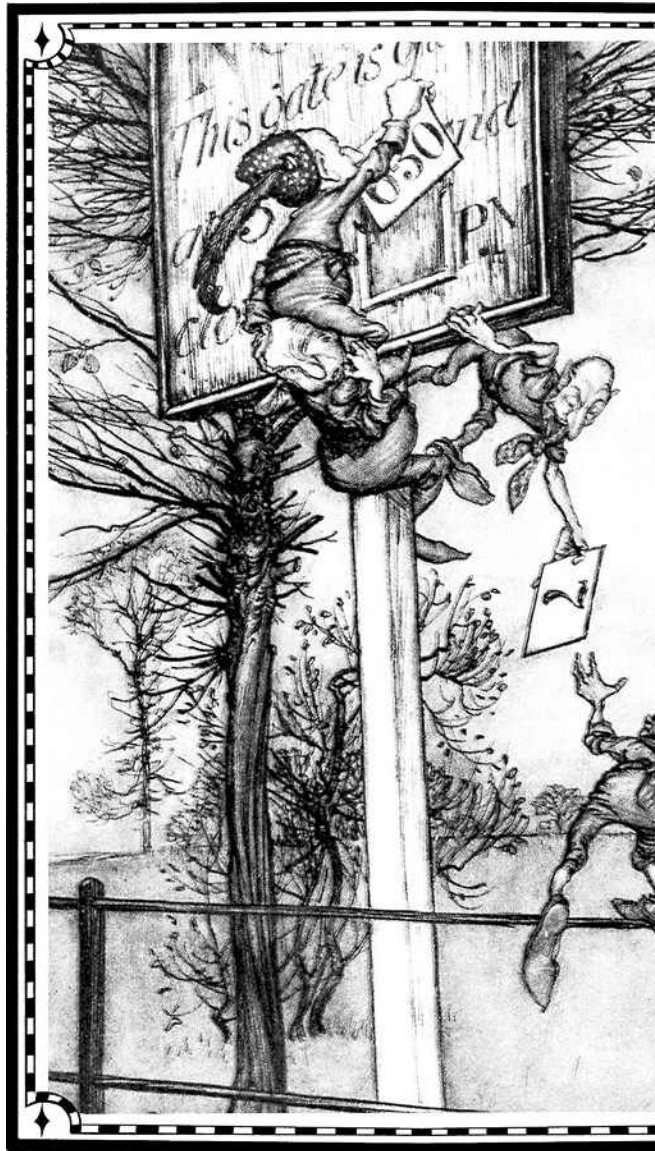
Ultimamente David tem se esforçado muito para lembrar alguma coisa da linguagem das fadas, com as mãos esmagando as têmporas, e conseguiu se lembrar de uma porção de frases que contarei a vocês um dia desses, se eu não esquecer. Ele as ouviu nos dias em que era um tordo, e quando argumentei que aquilo podia ser linguagem de pássaro ele disse que não, não podia ser, porque as frases falavam de diversão e aventuras, e os pássaros só sabem falar de construção de ninhos. Ele lembra claramente que os pássaros costumavam voar de um ponto a outro, como damas que passam por vitrines de lojas, e que analisavam diversos ninhos e diziam “Nessa cor não, meu amor”, ou “Como esse aqui ficaria com um forro discreto?”, ou “Será que vai durar?”, ou “Que enfeite horróroso!”, e assim por diante.

As fadas são refinadas dançarinas, e é por isso que a primeira coisa que um bebê faz é demonstrar com gestos que quer ver uma apresentação de dança, e quando começamos a dançar ele rompe em choro. As fadas promovem seus grandiosos bailes ao ar livre, em um terreno que é chamado de “arena de fadas”. O círculo ainda pode ser visto na grama semanas depois. A arena não está lá quando elas começam a dançar; elas valem e dão mil voltas e o círculo aparece no chão. Às vezes você vê cogumelos dentro da arena: são cadeiras que os criados das fadas se esqueceram de recolher. As cadeiras e as arenas são os únicos vestígios que essas pequenas criaturas deixam para trás, e elas removeriam até mesmo esses vestígios, não fosse o fato de que são fanáticas por dança: valem até o momento em que os portões começam a ser abertos. David e eu encontramos certa vez uma arena que ainda estava quente.

Existe uma maneira de descobrir com antecedência que as fadas farão um baile. Você conhece bem as placas que indicam o horário de fechamento do Gardens para o dia. Bem, as ardilosas fadas às vezes alteram os dizeres das placas dissimuladamente, em noite de baile, de modo que elas informem que o Gardens vai fechar às seis e meia, por exemplo, e não às sete. Isso lhes permite começar o baile meia hora mais cedo.

Se pudéssemos permanecer dentro do Gardens em uma dessas noites, como fez a famosa Maimie Mannering, veríamos cenas deliciosas: centenas de lindas fadas apertando o passo para chegar ao baile, as casadas usando suas alianças em torno da cintura, os cavalheiros, todos de uniforme, segurando as caudas dos vestidos das damas, e homens correndo na frente, carregando cerejas, que são as lanternas das fadas, e o vestiário onde todos deixam seus chinelos de prata e recebem um tíquete numerado por seus casacos, e as flores que se deslocam da Baby Walk para contemplar o espetáculo e que são sempre bem-vindas porque fornecem broches, e a mesa de jantar, presidida pela rainha Mab, e atrás dela o lorde Camareiro, que carrega consigo um dente-de-leão, para soprá-lo quando Sua Majestade quer saber que horas são.

A toalha de mesa varia de acordo com a estação, e em maio ela é feita de flores de castanheira. Os criados-fada procedem assim: os homens, dezenas deles, sobem nas árvores e chacoalham os galhos, e a floração cai como neve; depois as criadas recolhem as flores e as espanam com suas saias até que formem uma toalha de mesa; e é assim que as pequenas criaturas as obtêm.





As fadas têm taças de verdade e três tipos de vinhos de verdade, que são: vinho de abrunheiro, vinho de uva e vinho de prímula. É a rainha quem serve a bebida, mas as garrafas são tão pesadas que ela apenas finge que serve. Há pão com manteiga para a entrada, em pedacinhos do tamanho de uma moeda minúscula; e há bolos para sobremesa, tão pequenos que não têm miolo. As fadas se sentam em cogumelos em volta da mesa, e no começo se comportam muito bem, tosse para fora da mesa e assim por diante, mas depois de um tempo já não se comportam tão bem e enfiam os dedos na manteiga, que é produzida com raízes de árvores velhas, e as fadas realmente horríveis saem engatinhando em cima da toalha de mesa, em busca de açúcar e de outras guloseimas, passando a língua por tudo. Quando a rainha vê o que elas estão fazendo, ordena aos criados que recolham os pratos e limpem a mesa, e então todos se levantam e se encaminham para a dança, a rainha caminhando na frente e o lorde Camareiro caminhando atrás dela e carregando duas pequenas jarras, uma delas contendo suco de goivo e a outra contendo suco de selo-de-salomão. O suco de goivo é bom para reavivar dançarinos que desabaram no chão em um espasmo, e o suco de selo-de-salomão é para machucados. As fadas se machucam com muita facilidade; e quando Peter toca, cada vez mais rápido, elas dançam alucinadamente até que desabam no chão, convulsas. Nem preciso dizer a vocês que Peter é a orquestra das fadas. Ele se senta no meio da arena e toca; hoje em dia elas nem imaginam como seria ter uma boa dança sem ele. “P. P.” vai sempre escrito em um canto dos cartões de convite para as festas das melhores famílias. As fadas são criaturinhas muito generosas e agradecidas, e no baile de debutante da princesa (elas debutam no segundo aniversário, e fazem aniversário todos os meses) ofereceram a Peter, de presente, qualquer coisa que ele quisesse.

Peter ganhou o presente assim: a rainha ordenou a ele que se ajoelhasse e disse que, por ter tocado tão maravilhosamente bem, concederia ao músico a realização do desejo mais secreto de seu coração. Todos se juntaram em torno de Peter para saber qual era o desejo secreto, mas ele hesitou por um longo tempo, pois não sabia ao certo o que desejava em seu coração.

— Se eu quiser voltar para a minha mãe — perguntou ele, por fim —, a senhora me concederia esse desejo?

Bem, essa questão deixou todos sem jeito, pois se ele voltasse para sua mãe eles perderiam a música maravilhosa, então a rainha torceu o nariz, com desdém, e disse:

— Puxa, nada disso, você pode escolher um desejo muito maior.

— Esse desejo é meio pequeno? — quis saber ele.

— Desse tamanho aqui — respondeu a rainha, colocando as mãos muito perto uma da outra.

— Um desejo grande seria de que tamanho? — perguntou ele.

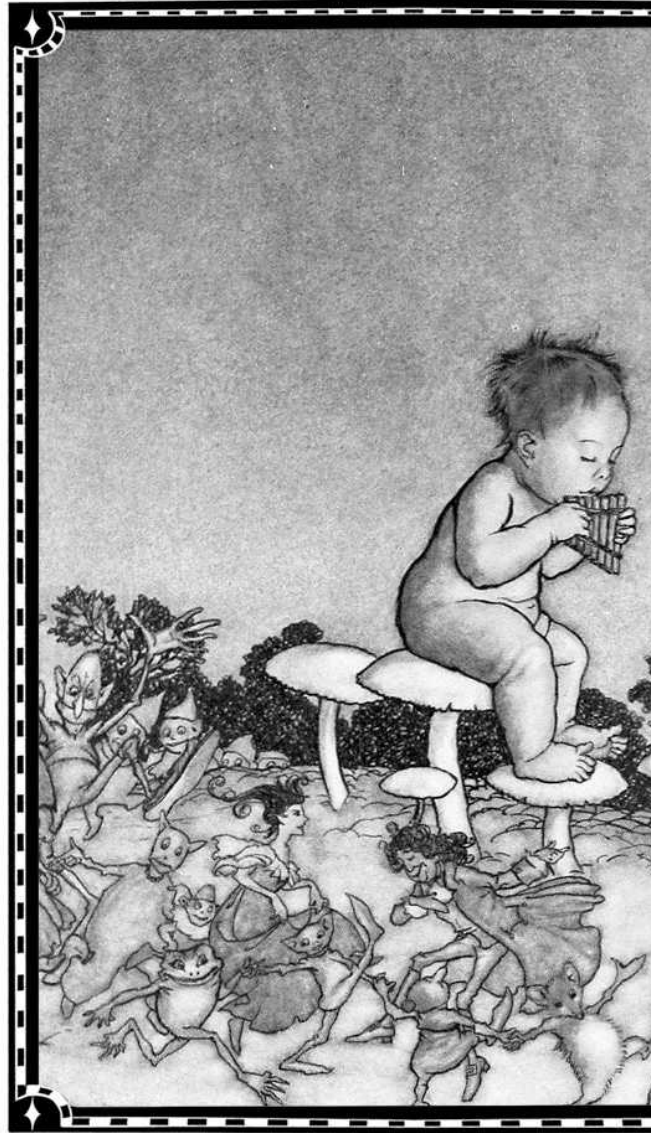
Ela fez a medida em sua saia, e o comprimento era fantástico.

Então Peter refletiu e disse:

— Bem, então acho que vou querer dois desejos pequenos, em vez de um grande.

As fadas se viram obrigada a concordar, é claro, embora tenham ficado chocadas com a esperteza do menino. Peter disse que seu primeiro desejo era ir visitar sua mãe, mas com o direito de retornar ao Gardens caso ficasse desapontado com ela. O segundo desejo ele manteria em segredo por enquanto.

Tentaram dissuadi-lo, tentaram colocar obstáculos em seu caminho.



— Posso lhe conceder o poder de voar até a casa dela — disse a rainha —, mas não posso abrir a porta para você.

— A janela pela qual eu saí voando estará aberta — disse Peter, confiante. — Minha mãe a mantém sempre aberta, na esperança de que eu volte voando.

— Como você pode saber? — perguntaram todos, e Peter, de fato, não soube explicar.

— Eu simplesmente sei — falou.

Como ele insistiu em seu desejo, as fadas tiveram que ceder. Deram a ele o poder de voar assim: todas fizeram cócegas em seus ombros, e em seguida ele começou a sentir um formigamento nos ombros e de repente subiu no ar, alto e mais alto, e se afastou do Gardens e voou sobre os telhados das casas.

Aquilo era tão delicioso que em vez de voar em linha reta ele circulou sobre a St. Paul's Cathedral e sobre o Crystal Palace e depois voltou pelo rio e sobrevoou o Regent's Park, e quando chegou à janela de sua mãe já tinha quase certeza de que seu segundo desejo seria se transformar em pássaro.

A janela estava escancarada, bem como ele previu, e ele voou para dentro e lá estava sua mãe, deitada, dormindo. Peter pousou com suavidade na balaustrada de madeira ao pé da cama, e olhou para ela com atenção. Ela tinha a cabeça sobre uma mão, e a cavidade do travesseiro era como um ninho forrado de cabelo castanho encaracolado.

Ele se lembrou, embora tivesse esquecido por muito tempo, de que ela sempre dava uma folga a seus cabelos durante a noite. Como eram belos os babados de sua camisola! Peter ficou muito feliz por ter uma mãe tão bonita.

Mas ela parecia triste, e seu filho sabia muito bem por que é que ela parecia triste. Um dos braços dela estava se mexendo, como se quisesse abraçar algo, e ele sabia o que era esse algo.

— Ah, mamãe — Peter disse consigo —, se você soubesse quem está sentado na balaustrada ao pé da cama...

Peter deu tapinhas suaves na pequena elevação que os pés dela formavam e pôde ver, pela expressão de seu rosto, que ela gostou. Ele sabia que só precisaria dizer “Mamãe”, em voz bem baixa, para que ela acordasse. Elas sempre acordam quando é você quem as chama. E então ela soltaria um imenso grito de alegria e o apertaria com força nos braços. Como seria agradável para ele! Ah, mas como seria extraordinariamente delicioso para ela! É assim, eu temo, que Peter encarava a situação. Retornando para sua mãe, ele não tinha nenhuma dúvida de que estava lhe dando o maior presente que uma mulher pode receber. Nada pode ser mais esplêndido, ele pensava, do que ter um menininho só seu. Elas são tão orgulhosas de seus filhos; e muito corretas e justas também.

Mas por que Peter fica sentado na balaustrada por tanto tempo, por que não diz à mãe que está de volta?

A verdade me amedronta um pouco. É que ele estava sentado ali refletindo, e duas mentes pensavam ao mesmo tempo em sua cabeça. Às vezes ele olhava com ânsia para a mãe, às vezes olhava com ânsia para a janela. Sem dúvida seria ótimo ser o menino dela outra vez, mas, por outro lado, que dias de pura diversão foram aqueles no Gardens! Será que ele gostaria de usar roupas de novo? Peter pulou da cama e abriu algumas gavetas, para dar uma olhada em suas roupinhas antigas. Ainda estavam todas lá, mas ele não sabia mais vesti-las. As meias, por exemplo, você as coloca nas mãos ou nos pés? Ele estava prestes a enfiar a mão em uma meia quando teve uma grande aventura. Talvez a gaveta tenha rangido; de qualquer maneira, sua mãe despertara, pois ele a ouviu dizer “Peter”, como se fosse a palavra mais linda do mundo. Ele ficou imóvel, sentado no chão, segurando a respiração, tentando entender como é que ela sabia que ele voltara. Se ela dissesse “Peter” de novo, ele prontamente gritaria “Mamãe!” e correria até ela. Mas ela não falou mais nada, apenas gemeu um pouco, e quando Peter a espiou de novo ela já estava dormindo de novo, com lágrimas nos olhos.

Peter ficou inconsolável, e o que vocês acham que ele fez a seguir? Sentado na balaustrada ao pé da cama, tocou uma bela canção de ninar com sua flauta. Ele criou a canção na hora, inspirando-se na entonação com que sua mãe dissera “Peter”, e não parou de tocar até que o rosto dela se mostrasse alegre outra vez.

Ele se contentou tanto com a própria astúcia que era quase irresistível acordá-la, para que ela pudesse dizer: “Ah, Peter, como você toca bem”. Entretanto, ela parecia estar muito confortável agora, e de novo ele lançou olhares para a janela. Não pensem que ele quis sair voando para nunca mais voltar. Peter estava bastante convicto de que voltaria a ser o menininho de sua mãe, mas hesitava em começar já nesta noite. O segundo desejo o perturbava. Ele já não queria ser um pássaro, mas não solicitar a realização de um segundo desejo lhe parecia um desperdício, e, é claro, ele não poderia fazer a solicitação se não retornasse ao Gardens. E não seria nada bom protelar a solicitação por muito tempo. E não tinha sido rude de sua parte ir embora para sempre sem dar adeus a Solomon?

— Seria tão incrível se eu pudesse velejar no meu barco só mais uma vez... — disse ele, tristonho, para a mãe adormecida.

Começou a argumentar com sua mãe, como se ela pudesse ouvi-lo.

— Seria esplêndido falar aos pássaros sobre esta aventura — disse, persuasivo. — Prometo que vou voltar — acrescentou, acreditando firmemente em sua promessa.

E no fim, vejam, Peter voou embora. Por duas vezes voltou e entrou no quarto, com a intenção de dar um beijo em sua mãe, mas temeu que o deleite do beijo a despertasse, e afinal tocou um adorável beijo para ela em sua flauta, e então se foi para o Gardens.

Muitas noites e muitos meses se passaram antes que ele fizesse seu segundo pedido às fadas; e não sei muito bem por que é que ele esperou tanto. Uma das razões era que ele precisava fazer muitas e muitas despedidas, precisava dizer adeus não apenas para seus amigos íntimos, mas também para cem lugares favoritos. Então velejou pela última vez, e depois velejou pela última das últimas vezes, e depois velejou pela última de todas as vezes, e assim por diante. E inúmeras festas de despedida foram celebradas em sua homenagem; e uma outra razão pertinente era a de que não havia pressa alguma, ora; pois sua mãe jamais se cansaria de esperar pelo filho. Essa última razão desagradou o velho Solomon, porque era um incentivo à procrastinação dos pássaros. Solomon tinha lemas excelentes para mantê-los trabalhando, tais como “Não deixe de fazer o forro hoje pensando que pode fazê-lo amanhã” ou “Neste mundo não existe uma segunda chance”, e no entanto ali estava Peter, sem pressa nenhuma e sem se importar. Os pássaros o observavam e faziam comentários entre si, e se entregavam a hábitos preguiçosos.

Mas vejam bem: por mais que Peter se demorasse, ele estava totalmente decidido a voltar para sua mãe. A maior prova disso era a sua cautela em relação às fadas. Elas torciam, angustiadas, para que Peter permanecesse no parque; não queriam ficar sem a música do menino. Tentavam lhe inculir pensamentos desviantes, lançavam mão de truques para que ele dissesse “Eu queria que a grama não estivesse tão molhada”, e algumas delas dançavam em descompasso para que ele exclamasse: “Seria bom se vocês dançassem direito!”. Então elas diziam que ele acabara de fazer seu segundo pedido. Mas Peter desvendou o estratagema; havia ocasiões em que ele começava a dizer “Eu queria que...”, mas sempre parava a tempo. Assim, quando por fim ele anunciou com bravura “Eu quero voltar para a minha mãe e não voltar nunca mais”, as fadas tiveram de fazer cócegas em seus ombros e não puderam impedir sua partida.

Ele voou em grande velocidade, pois tinha sonhado que sua mãe estava chorando, e estava ciente da grave motivação do choro, pensando que um esplêndido abraço de Peter a faria sorrir imediatamente. Ah, ele tinha certeza, e estava tão ansioso para se aconchegar nos braços dela que dessa vez voou em linha reta até a janela, que estaria permanentemente aberta para ele.

Mas a janela estava fechada, e barras de ferro a vedavam. Espiando para dentro, Peter viu sua mãe dormindo pacificamente, abraçando um outro menininho.

Peter gritou:

— *Mamãe! Mamãe!*

Mas ela não ouviu. Ele golpeou as barras de ferro com seus pequenos braços, em vão. Foi obrigado a voltar para o Gardens, soluçando, e nunca mais viu sua querida. Peter teria sido um filho inigualável. Ah, Peter! Nós, nós que cometemos um grande erro, como faríamos tudo diferente se tivéssemos uma segunda chance! Mas Solomon estava certo: não existe segunda chance para nós, não para a maioria. Quando chegamos à janela, os portões estão fechados. As barras de ferro vedarão a entrada para sempre.

OceanofPDF.com

XVII

A PEQUENA CASA

Todo mundo já ouviu falar da pequena casa do Kensington Gardens, que é a única casa no mundo inteiro que as fadas construíram para humanos. Mas ninguém a viu de fato, exceto umas três ou quatro pessoas, e elas não apenas a viram como dormiram nela, e se você não dormir nela você não a vê. É porque ela não está lá quando você se deita para dormir, mas está lá quando você acorda e sai.

Todo mundo pode vê-la, de certo modo, mas o que você vê não é a casa, você vê apenas a luz nas janelas. Você pode ver a luz depois do fechamento dos portões. David, por exemplo, viu a luz nitidamente na distância, entre as árvores, em um dia em que voltávamos do espetáculo de pantomina, e Oliver Bailey a viu na noite em que ficou até mais tarde no Templo, que é o nome do escritório de seu pai. Angela Clare, que adora ter dentes extraídos, porque depois ganha um belo chá em uma confeitaria, viu mais de uma luz, viu centenas ao mesmo tempo, e certamente eram as fadas construindo a casa, pois elas a constroem todas as noites, e sempre em pontos diferentes do Gardens. Angela achou que uma das luzes era maior do que as outras, mas não teve certeza, porque elas ficavam pulando para lá e para cá, e pode ser que ela não tenha de fato visto a maior de todas. Se viu mesmo a maior de todas, no entanto, então viu a luz de Peter Pan. Milhões de crianças já viram essa luz, não é nada demais. Mas Maimie Mannering foi a mais célebre de todas: foi para ela que construíram a casa pela primeira vez.

Maimie era uma menina bem estranha na maior parte do tempo, principalmente à noite. Tinha quatro anos de idade, e durante o dia era uma criança comum. Ficou muito satisfeita quando seu irmão Tony, um magnífico rapaz de seis anos de idade, começou a prestar atenção nela, e ela o admirava muito, tentava em vão imitá-lo e ficava antes lisonjeada do que aborrecida quando o irmão a expulsava das brincadeiras. Quando era sua vez de rebater, ela às vezes baixava o taco, com a bola ainda no ar, só para mostrar a todos que estava usando sapatos novos. Enfim, era uma menina bem comum durante o dia.

Porém, assim que assomavam as sombras da noite, Tony, o fanfarrão, esquecia seu desprezo por Maimie e passava a encará-la com pavor, e não era de se estranhar, pois, com a escuridão, surgia no rosto dela um olhar que só posso descrever como um olhar cismado. Era também um olhar sereno, que contrastava por completo com os olhares inquietos de Tony. Ele a presenteava com seus brinquedos favoritos (e os tomava de volta no dia seguinte, sempre), e ela os aceitava com um sorriso perturbador. O fato de que ele ficava tão lisonjeador e de ela que se tornava tão misteriosa tinha a ver (em resumo) com a aproximação da hora de ir para a cama. Era nessa hora que Maimie se mostrava mais terrível. Tony implorava a ela que não fizesse nada naquela noite, e a mãe e a aia faziam ameaças, mas Maimie meramente sorria seu temível sorriso. E o tempo passava, e os irmãos ficavam sozinhos com suas luzes de cabeceira, e ela se erguia na cama e exclamava:

— Psss! O que foi isso?

Tony suplicava:

— Não foi nada... Não, Maimie, pare! — e puxava a coberta por sobre a cabeça.

— Está chegando cada vez mais perto! — ela gritava. — Aaaah, veja, Tony! Está tocando a sua cama com os chifres... Está rasgando a coberta e vai pegar você, Tony, aaah!

Ela só parava quando Tony descia as escadas correndo, em seu pijama curto, berrando. Quando todos entravam no quarto, dispostos a dar umas chineladas em Maimie, ela em geral já estava dormindo, tranquila – e não estava trapaceando, estava dormindo mesmo, como o anjinho mais lindo do mundo, o que, a meu ver, chegava a ser mais sinistro do que todo o resto.

Mas era durante o dia, é claro, que eles frequentavam o Gardens, e então era Tony quem falava na maior parte do tempo. Era possível concluir, a partir de sua conversa, que ele era um menino muito valente, e ninguém tinha tanto orgulho dele quanto Maimie. Ela adoraria ter um distintivo preso ao peito, informando que era a irmã de Tony. E a admiração chegava ao ápice quando ele dizia, pela milésima vez, com esplêndida convicção, que pretendia permanecer dentro do Gardens em uma noite qualquer, depois que os portões fossem fechados.

— Tony! — dizia ela, cheia de respeito. — Mas as fadas vão ficar furiosas!

— Pouco me importa — retrucava Tony, despreocupado.

— Talvez — dizia ela, afogueada — você possa dar uma volta no barco de Peter Pan!

— Ele que se cuide, se não permitir — retrucava Tony.

Não é de se espantar que ela sentisse tanto orgulho dele.

Mas eles não deviam falar tão alto, porque um dia foram ouvidos por uma fada que estava juntando folhas secas, com as quais as criaturinhas fabricam suas cortinas de verão, e dali em diante Tony era um menino marcado. Afrouxavam as cercas quando ele estava prestes a se sentar nelas, de modo que ele caía para trás, de cabeça; puxavam seus cadaços e faziam-no tropeçar; subornavam os patos para que afundassem os barcos do menino. Praticamente todos os acidentes sórdidos que você sofre no Gardens ocorrem por causa de alguma hostilidade das fadas em relação a você; portanto, é aconselhável que você tenha muito cuidado com o que diz sobre elas.

Maimie era uma menina do tipo que gosta de fixar datas para fazer coisas, mas Tony não era assim; quando ela queria saber qual seria o dia em que ele ficaria no Gardens depois do horário de fechamento dos portões, ele respondia apenas:

— Num dia desses.

Tony era bastante vago em relação ao tal dia, a não ser quando Maimie perguntava:

— Vai ser hoje?

Nisso ele era preciso: não seria hoje. Maimie achava que o irmão estava esperando por uma oportunidade imperdível.

E assim chegamos a uma tarde em que o Gardens estava branco de tanta neve, e havia gelo no Round Pond; a camada não era grossa o suficiente para que se pudesse patinar, mas ao menos era possível jogar pedras e estragar a patinação do dia seguinte, e um animado grupo de meninos e meninas estava fazendo justamente isso.

Quando Tony e sua irmã chegaram ao parque, quiseram ir direto para o lago, mas a aia ressaltou que eles precisariam dar uma vigorosa caminhada antes, e dizendo isso ela conferiu a placa dos horários, para saber qual seria a hora de fechamento. A placa dizia “cinco e meia”. Pobre aia! Ela ri o tempo inteiro porque existem tantas crianças brancas no mundo, mas não teria muitos motivos para rir naquele dia.

Bem, eles subiram toda a Baby Walk e desceram de volta, e quando chegaram ao ponto de partida a aia ficou surpresa: segundo o que dizia agora a placa dos horários, o fechamento ocorreria às cinco horas. Mas ela desconhecia os truques das fadas, portanto não entendeu (Maimie e Tony entenderam de imediato) que elas tinham alterado o horário porque haveria baile naquela noite. A aia falou que agora só restava tempo para caminhar até o alto da Hump e voltar, e durante a caminhada não percebeu que os pequenos palpitavam de emoção. Ora, a oportunidade de presenciar um baile de fadas chegara. Tony sentiu que topara com uma oportunidade imperdível.

Ele só podia estar sentindo isso, porque Maimie sentia também, com muita intensidade. Ansiosa, ela perguntou com os olhos:

— É hoje?

Ele ficou sem ar e assinalou que sim, era hoje. Maimie agarrou a mão do irmão, e a dela estava quente, mas a dele estava fria. Ela fez uma coisa muito amável: tirou seu cachecol e o deu para ele!

— Para o caso de você sentir frio — sussurrou.

Maimie tinha o rosto radiante, mas a expressão de Tony era sombria.

Quando começaram a caminhar de volta, do alto da Hump, Tony sussurrou para ela:

— Estou com medo de que a babá me veja, acho que não vou conseguir.

Maimie o admirou mais do que nunca por ele sentir medo da aia e de mais nada, quando existiam tantos terrores temíveis, e disse em voz alta:

— Tony, vou correr com você até o portão.

E acrescentou, em um sussurro:

— Aí você poderá se esconder.

Tony costumava se distanciar de Maimie com facilidade, mas ela nunca o vira disparar em uma velocidade tão espantosa, e teve certeza de que ele se apressava para ter mais tempo de se esconder.

— Que coragem! — exclamavam seus olhos devotados.

Foi então que ela sofreu um choque terrível: em vez de se esconder, seu herói correria para fora do portão! Diante dessa amarga visão, Maimie estancou o passo, sem saber o que fazer, como se lhe tivessem roubado suas joias mais preciosas. Cheia de desprezo, não chorou nem soluçou; em protesto contra todos os covardes e choramingões, correu até o St. Govor's Well e se escondeu, substituindo Tony.

Quando a aia chegou ao portão, viu Tony longe, fora do parque, achou que a menina o acompanhava e seguiu em frente. O lusco-fusco desceu, dezenas e centenas de pessoas passaram pela saída, incluindo a última de todas, que sempre se vê obrigada a correr, mas Maimie não viu ninguém. Ela fechara os olhos com força, e os colara com lágrimas ardentes. Quando os abriu, uma coisa gelada subiu por suas pernas e por seus braços e penetrou seu coração. Era a quietude do Gardens. Então ouviu um estrondo metálico, e então um estrondo mais distante, e então uma sequência de estrondos longínquos. Era o fechamento dos portões.

Assim que o eco do último estrondo evanesceu, Maimie ouviu claramente uma voz que disse:

— Está tudo em ordem.

A voz tinha um timbre de madeira e parecia vir do alto, e Maimie olhou para cima e pôde ver um olmo esticando os braços e bocejando.

Ela estava prestes a dizer “Eu não sabia que você podia falar!” quando uma voz metálica, que parecia vir do balde do poço, respondeu ao olmo:

— Deve estar meio frio aí em cima, não?

E o olmo retrucou:

— Não muito. O problema é parar em uma perna só por tanto tempo, o sujeito fica todo dormente — e sacudiu os braços vigorosamente, como fazem os cocheiros antes de partir em viagem.

Maimie ficou um tanto admirada de ver que inúmeras outras árvores altas estavam repetindo o gesto; correu em silêncio até a Baby Walk e se agachou, atenta, sob um ílice de Minorca, que encolheu os ombros e não pareceu lhe dar atenção.

Ela não sentia nem um pouco de frio. Estava usando uma peliça castanho-avermelhada e cobrira a cabeça com seu capuz, de forma que só seus cachos e seu adorável rosto podiam ser vistos. O resto de sua aparência real estava escondido no fundo de tantas roupas que, no conjunto, ela parecia uma bola. Sua cintura tinha uns cem centímetros.

Havia uma certa algazarra na Baby Walk, e Maimie pôde ver uma magnólia e um lilás da Pérsia passando por cima da grade e saindo para uma caminhada jovial. Caminhavam aos trancos, certamente, mas era porque estavam usando muletas. Um sabugueiro coxeou pela alameda e se pôs a conversar com uns marmelos jovens, e todos estavam usando muletas. As muletas eram os sarrafos que são amarrados em árvores e arbustos infantis. Maimie já tinha visto esses sarrafos várias vezes, e só agora soube que eram na verdade muletas.

Ela olhou mais adiante na alameda e viu sua primeira fada. Era um menino-fada de rua que estava correndo pela alameda, perseguindo salgueiros-chorões. Ele se aproximava, apertava uma saliência do tronco e os salgueiros se fechavam como guarda-chuvas, soltando uma avalanche de neve sobre as plantinhas que estivessem por perto.

— Puxa, mas que menino malcriado! — Maimie exclamou, indignada, pois sabia como era ruim quando um guarda-chuva espirrava água na sua cabeça.

O pilantra estava longe demais para ouvi-la, por sorte, mas os crisântemos a ouviram, e disseram ao mesmo tempo, enfáticos:

— Santa presunção, quem está aí?

E Maimie teve de se apresentar. Todo o reino vegetal ficou atônito, sem ação.



— Não é problema nosso, é claro — disse um evônimo, quando as árvores pararam de cochichar —, mas você sabe muito bem que não deveria estar aqui, e talvez seja nosso dever denunciar o caso às fadas; qual é a sua opinião?

— Eu não faria isso, se fosse vocês — respondeu Maimie.

As árvores ficaram ainda mais perplexas e disseram, com petulância, que de nada adiantava conversar com a menina.

— Eu não pediria isso a vocês — assegurou ela — se achasse que é algo errado.

Diante disso elas desistiram da delação. E disseram:

— Pois muito bem! É a vida!

Elas sabem ser terrivelmente sarcásticas. Mas Maimie se compadeceu das árvores que não tinham muleta, e falou, bondosa:

— Antes de me dirigir ao baile das fadas, gostaria de passear um pouco com vocês, com uma de cada vez; vocês podem se apoiar em mim.

As árvores bateram palmas, e ela as escoltou por toda a Baby Walk, indo e voltando, levando uma de cada vez, segurando as mais frágeis com o braço ou com um dedo, firmando a perna de suas acompanhantes quando a cena ficava muito ridícula e tratando sem distinção as estrangeiras e as inglesas, embora não conseguisse entender uma palavra do que diziam as estrangeiras.

Elas se comportaram muito bem, de modo geral, mas algumas resmungaram, disseram que Maimie não as levava tão longe quanto levava Nancy ou Grace ou Dorothy, e outras a arranharam, mas de modo involuntário, e Maimie era senhora de si e jamais choraria. Aquele excesso de caminhada a deixara exausta, e ela não via a hora de ir para o baile, mas já não sentia medo. Não sentia mais medo porque chegara à noite, e no escuro, vocês lembram, Maimie era sempre um tanto estranha.



As árvores relutavam em deixá-la, porque:

— Se as fadas notarem a sua presença — advertiram elas —, você vai ser ludibriada, vai ser esfaqueada até a morte, ou será obrigada a ser babá dos filhos delas, ou será transformada em alguma coisa tediosa, em um carvalho sempre-verde ou algo assim.

Tendo dito isso, olharam para um carvalho sempre-verde com afetada piedade: no inverno elas morrem de inveja das plantas sempre-verdes.

— Aaaaah! — retrucou o carvalho, mordaz. — É tão delicioso estar encasacado até o pescoço, enquanto vocês, pobres criaturas peladas, ficam aí tremendo de frio!

O comentário as deixou emburradas, mas bem que o mereceram; e elas expuseram a Maimie o cenário tenebroso e os mil perigos que enfrentaria se insistisse em ir ao baile.

Uma avelreira roxa contou a Maimie que a corte não passava por um bom momento; o causador da tristeza generalizada era o atormentado coração do duque de Margarida Natalina. Tratava-se de um cavalheiro de origem oriental que sofria de uma pavorosa enfermidade, a incapacidade de amar; ele já tentara se relacionar com diversas damas em diversos países, e não conseguira se apaixonar por nenhuma delas. A rainha Mab, que governa o Gardens, alimentara a certeza de que uma de suas donzelas acabaria por enfeitiçá-lo. Pobre duque; seu coração, dizia o médico, permanecia frio. Esse irritante doutor, médico particular do enfermo, auscultava o coração do duque a cada vez que uma dama lhe era apresentada, e sempre balançava sua cabeça calva e resmungava:

— Frio, muito frio!

Aquilo causava um enorme desânimo na rainha Mab, naturalmente; ela ordenou à corte que vertesse lágrimas por nove minutos ininterruptos, sem obter resultado algum; depois, atribuiu a culpa aos cupidos e decretou que eles usassem chapéus de burro até que conseguissem derreter o coração congelado do duque.

— Eu adoraria ver os cupidos usando seus lindos chapéus de burro! — Maimie exclamou.

Ela saiu correndo, ardendo de vontade de ver os cupidos; isso era um tanto arriscado, porque os cupidos odeiam que achem graça deles.

É sempre muito fácil descobrir onde está sendo realizado um baile de fadas: fitas são estendidas entre o local da festa e todos os recantos populosos do Gardens, e os convidados vão caminhando por cima das fitas, assim não molham as sapatilhas. Naquela noite as fitas eram vermelhas, e o contraste com a neve era muito bonito.

Maimie caminhou ao longo de uma das fitas por um tempo e não topou com ninguém, mas por fim viu um cortejo de fadas se aproximando. Para sua surpresa, elas pareciam estar retornando do baile, e no último segundo ela conseguiu se esconder: dobrou os joelhos e projetou os braços para a frente, fingindo ser uma cadeira de jardim. Seis cavaleiros vinham na frente e seis cavaleiros seguiam atrás; entre eles caminhava uma dama empertigada, metida em um vestido longo cuja cauda era carregada por dois pajens, e na cauda se reclinava uma charmosa garota, como se estivesse em um sofá, pois é assim que as fadas aristocráticas viajam. A garota estava vestida com chuva dourada, mas o mais invejável nela era o pescoço, que tinha uma coloração azulada e uma textura de veludo, e que exibia, é claro, um colar de diamantes, com um esplendor que jamais será visto em um pescoço humano. As fadas de linhagem nobre obtêm esse admirável efeito espetando a si mesmas: o sangue azul aflui e tinge a pele, e é impossível pensar em algo mais deslumbrante, a não ser que você já tenha visto um busto de veludo em uma vitrine de joalheria.

Maimie também notou que todos os integrantes do cortejo tinham semblantes furiosos, e que empinavam muito o nariz, mais alto do que seria recomendável, até mesmo para fadas, e concluiu que devia ser um dos casos em que o médico dissera:

— Frio, muito frio!

Bem, ela seguiu caminho até um lugar em que a fita se tornava uma ponte, sobre uma poça seca. Uma fada caíra na poça e não conseguia sair. Em um primeiro momento a pequena donzela teve medo de Maimie, que se prontificou a ajudá-la com a maior gentileza; dentro de pouco tempo, porém, a fada já estava sentada na mão da menina, conversando alegremente, contando que seu nome era Brownie e que, embora não passasse de uma pobre cantora de rua, estava se dirigindo para o baile para tentar conquistar o coração do duque.

— Mas eu sou apenas uma fada comum, é claro — disse ela.

Maimie ficou sem jeito, pois, de fato, a pobre fadinha era uma criatura absolutamente sem graça.

Era difícil saber o que dizer.

— Eu sei, você acha que não tenho chance — falou Brownie, com a voz falhando.

— Eu não diria isso — a menina respondeu, educada. — O seu rosto é um pouco corriqueiro, bem pouquinho, é claro, mas...

Aquilo era embaraçoso para Maimie, de fato. Mas ela se lembrou, por sorte, de seu pai e da feira beneficente. Ele visitara uma feira popular na qual, ao custo de meia coroa no segundo dia, podiam ser vistas as mais belas damas de Londres, mas ao chegar em casa, em vez de ficar insatisfeito com a mãe de Maimie, ele dissera:

— Você não imagina, minha querida, o alívio que é poder ver um rosto corriqueiro de novo.

Maimie repetiu essa história e Brownie se revigorou tremendamente; já não tinha a menor dúvida de que o duque a escolheria. E saiu correndo em velocidade máxima pela fita, gritando para Maimie que seria uma temeridade ir atrás dela, porque a rainha seria inclemente.

Mas a curiosidade de Maimie a impeliu, e ela logo avistou os sete castanheiros espanhóis e viu uma luz magnífica. Agachada, avançou até chegar bem perto dela, e se posicionou atrás de uma árvore e espiou.

A luz ficaria na altura da sua cabeça, se você parasse ao lado, e era composta por uma miríade de vaga-lumes que se abraçavam, formando assim um dossel deslumbrante sobre a arena das fadas. Havia milhares de pequenos seres observando o espetáculo, mas estavam nas sombras, apagados, incolores se comparados às gloriosas criaturas que se encontravam dentro do círculo luminoso e que cintilavam de modo atordoante, tanto que Maimie tinha que fechar os olhos com força a cada vez que olhava para elas.

Era assombroso e até mesmo irritante, para ela, que o duque de Margarida Natalina fosse capaz de não estar apaixonado por um segundo sequer; desapaixonado, no entanto, ainda estava o majestoso coração soturno: isso era visível nos semblantes envergonhados da rainha e dos cortesãos (embora fingissem não se importar), nas lágrimas abundantes das lindas damas que eram apresentadas ao duque e em seguida descartadas, e no rosto lúgubre do próprio duque.

Maimie também podia ver o pomposo doutor apalpando o coração do paciente e o ouvia proferindo sua frase de papagaio, e sentia profunda pena dos cupidos, que se ocultavam em cantos obscuros com seus chapéus de burro e, a cada vez que ouviam aquele “Frio, muito frio”, baixavam suas desgraçadas cabecinhas.

Ela estava desapontada por não ver Peter Pan, e eu posso muito bem contar a vocês por que é que ele estava tão atrasado naquela noite. É que seu barco se encravarara em blocos flutuantes de gelo no Sertentine, e ele teve que abrir caminho à força, golpeando o gelo com seu fiel remo.

As fadas ainda nem tinham dado pela falta de Peter, pois não tinham condições de dançar, tão pesados estavam seus corações. Elas esquecem todos os passos quando estão tristes e os relembram quando estão alegres. David me conta que as fadas jamais dizem “Estamos felizes”; o que elas dizem é: “Estamos dançantes”.



Bem, elas de fato não pareciam dançantes, até que uma gargalhada súbita irrompeu entre os que estavam ao redor, motivada por Brownie, que acabara de chegar e insistia em seu direito de ser apresentada ao duque.

Maimie esticou o pescoço o mais que podia, angustiada, para ver como sua amiga se sairia, embora no fundo não tivesse esperança alguma; ninguém parecia ter a mais mínima esperança, exceto a própria Brownie, que, muito pelo contrário, tinha plena confiança. Ela foi levada até o majestoso cavalheiro; o médico, tocando o coração ducal desleixadamente com o dedo, através de uma conveniente escotilha na camisa de diamantes, começara a dizer, mecanicamente, “Frio, mu...”, e parou de súbito.

— O que é isso? — exclamou; e primeiro sacudiu o coração, como quem sacode um relógio, e depois encostou o ouvido nele.

— Abençoada seja a minha alma! — gritou o doutor, e a essa altura a euforia entre os espectadores era tremenda, fadas desmaiavam à esquerda e à direita.

Ninguém respirava; todos olhavam para o duque, que estava muito assustado e dava sinais de que sairia correndo a qualquer momento.

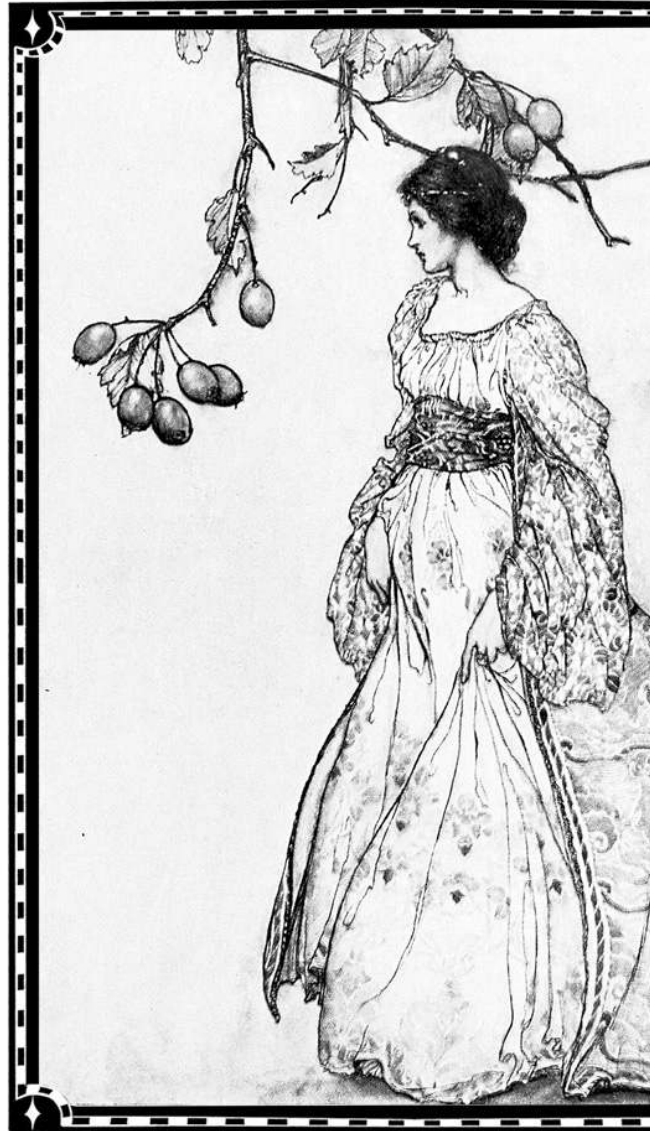
— Bendita sorte! — o médico seguia comemorando, e agora o coração estava evidentemente pegando fogo, porque o doutor recuou a mão em um repuxo e levou os dedos à boca.

O suspense era medonho!

Então, em voz alta, curvando-se até o chão, o doutor anunciou, esfuziante:

— Senhor duque, tenho a honra de informar a Vossa Excelência que vosso majestoso coração está apaixonado.

Vocês não podem conceber o efeito do anúncio. Brownie esticou os braços na direção do duque e ele pulou na direção deles, a rainha se jogou nos braços do lorde Camareiro, e as damas da corte se jogaram nos braços dos cavalheiros da corte, pois a etiqueta exige que se siga o exemplo da soberana em tudo. Assim, em um só momento, foram efetivados cerca de cinquenta casamentos, pois, se você se joga nos braços de alguém, isso é um casamento de fada. É necessário que um clérigo se faça presente, é claro.



A multidão exultava e saltava! Trombetas zurraram, e a lua saiu, e imediatamente mil casais apanharam seus raios com as mãos, como quem apanha fitas em uma dança de maio, e valsaram em total abandono pela arena das fadas. Foi a cena mais jubilosa de todas: os cupidos arrancaram os odiosos chapéus de burro de suas cabeças e os jogaram para o alto no ar. E então Maimie apareceu e estragou tudo.

Ela não pôde evitar. Estava louca de alegria pela ventura de sua pequena amiga, e deu vários passos à frente e gritou, em êxtase:

— Brownie! Que esplêndido!

Ninguém se moveu, a música cessou, as luzes se apagaram, e tudo isso no tempo que você levaria para dizer “Minha nossa!”. Um pressentimento de perigo tomou conta de Maimie; ela lembrou, tarde demais, que era uma menina perdida em um lugar em que nenhum humano deveria estar entre o fechamento e a abertura dos portões, e ouviu o murmúrio de uma turba furiosa, e viu mil espadas reluzentes que pediam por sangue, soltou um grito de terror e fugiu.

Como ela correu! Seus olhos estavam o tempo todo a ponto de saltar das órbitas. Parou e se deitou no chão várias vezes, mas logo se levantava em um pulo e saía correndo de novo. Sua cabecinha cogitava tantos terrores que já não sabia mais onde estava. Sua única certeza era a de que não podia parar de correr nunca. Maimie achou que ainda estava correndo mesmo depois de desabar no chão, no Figs, e de pegar no sono. Achou que os flocos de neve que caíam em seu rosto eram os beijos de boa-noite de sua mãe. Achou que sua cobertura de neve era um cálido cobertor, e tentou puxá-lo por sobre a cabeça. Quando ouviu pessoas conversando enquanto sonhava, achou que eram seus pais no quarto, vigiando seu sono. Mas eram as fadas.

Fico muito feliz de poder dizer que elas não tinham mais a intenção de puni-la. Quando Maimie fugira correndo, elas rasgaram o ar da noite com gritos como “Acabem com ela!”, “Reduzam seu corpo a algo extremamente desagradável!” e assim por diante, mas a perseguição se atrasou porque não sabiam quem devia marchar na frente, e com isso a duquesa Brownie teve tempo de se jogar aos pés da rainha e de lhe pedir um obséquio.

Toda noiva tem direito a um obséquio, e Brownie pediu pela vida de Maimie.

— Tudo menos isso — respondeu a rainha Mab, severa.

E todas as fadas ecoaram:

— Tudo menos isso.

Quando souberam, porém, que Maimie prestara auxílio a Brownie, que fizera com que a fada pudesse ir ao baile que lhe daria glória e renome, deram três hurras pela pequena humana, e partiram em sua busca como um exército para agradecer a ela, a corte avançando na frente e o dossel seguindo junto. Rastreamos Maimie com facilidade, pelas pegadas marcadas na neve.

Encontraram-na no Figs, enterrada em neve, mas parecia ser impossível lhe agradecer, pois não conseguiam acordá-la. Deram início, mesmo assim, ao cerimonial do agradecimento, ou seja, o novo rei se postou junto ao corpo de Maimie e leu um longo discurso de boas-vindas, mas ela não ouviu uma palavra sequer. Também removeram a neve de cima dela, mas a menina logo foi soterrada de novo, e viram que ela iria acabar falecendo de frio.

— Transformem-na em algo que não se importe com o frio!

Essa sugestão do doutor pareceu interessante, mas eles pensaram que a única coisa que não se importaria com o frio seria um floco de neve.

— E ele poderia derreter — ressaltou a rainha, de modo que a ideia foi descartada.

Foi empreendida uma magnífica tentativa de carregar Maimie até um abrigo; havia muitos braços, mas ela era pesada demais. A essa altura todas as damas choravam em seus lenços. Pouco depois, porém, os cupidos tiveram uma ótima ideia.

— Vamos construir uma casa em volta dela — exclamaram; e todos perceberam, de imediato, que era essa a solução.

Momentos depois, com serradores circulavam entre os galhos, arquitetos corriam em torno de Maimie, medindo-a; materiais de construção foram dispostos ao pé dela, 75 pedreiros trouxeram às pressas a pedra fundamental e a rainha a assentou, vigilantes foram designados para que meninos não se aproximassem da obra, andaimes foram erguidos, sons de martelos e formões e tornos repercutiam sem parar, e a essa altura a casa já tinha telhado e os vidraceiros instalavam as janelas.

A casa tinha o tamanho exato de Maimie e era simplesmente adorável. Um braço dela estava esticado para o lado e os construtores se atormentaram por alguns instantes; mas construíram uma varanda sobre o braço, conduzindo à porta da frente. As janelas tinham o tamanho de um livro de gravuras colorido e a porta era ainda menor, mas Maimie poderia sair de casa sem grande dificuldade, removendo o telhado. Como sempre fazem, as fadas bateram palmas, aclamando a própria engenhosidade; e ficaram tão desesperadamente apaixonadas pela

pequena casa que não suportavam a ideia de que tivessem encerrado o trabalho. Então se puseram a dar inúmeros retoques finais, e depois disso ainda deram mais alguns retoques finais.

Por exemplo: dois dos trabalhadores subiram em uma escada e instalaram uma chaminé.

— A casa está pronta, infelizmente — suspiraram.

Não estava, e outros dois subiram a escada e amarraram um pouco de fumaça na chaminé.

— Com isso, não temos mais o que fazer — choramingaram, relutantes.

— Nada disso — exclamou um vaga-lume. — Se ela acordasse e não visse uma luz de cabeceira, ficaria assustada. Farei as vezes de luz de cabeceira.

— Espere um momento — disse um comerciante de porcelana —, vou fazer um pires para você.

Puxa, agora a casa estava definitivamente pronta.

Não!

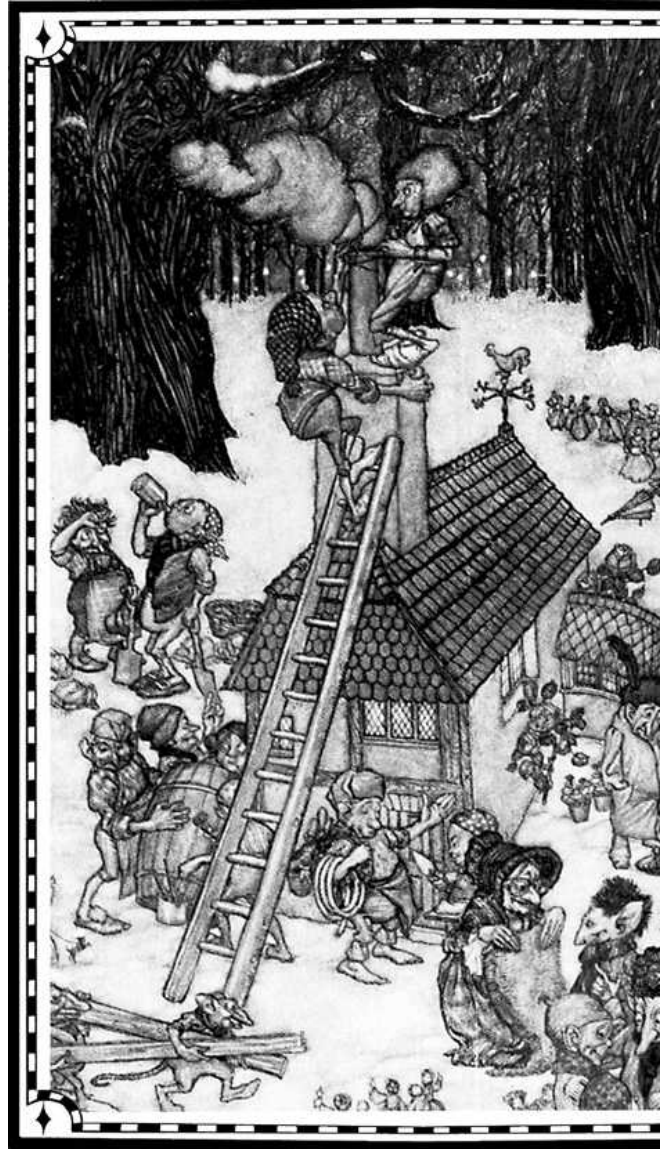
— Céus! — gritou um fundidor de bronze. — Não há maçaneta na porta! — e instalou uma maçaneta.

Um ferreiro providenciou um raspador de sapatos e uma velhinha apareceu com um capacho. Carpinteiros trouxeram uma tina para apanhar água de chuva, e os pintores insistiram em pintá-la.

Pronta a casa, finalmente!

— Pronta? Como pode estar pronta — o encanador questionou, com escárnio — sem instalação de água quente e fria? — e instalou água quente e fria.

Nesse momento um exército de jardineiros se acercou da casa com diminutos carrinhos de mão e minúsculas pás, e sementes e bulbos e estufas de crescimento, e logo se viu um jardim de flores à direita da varanda e uma horta à esquerda, e rosas e clematites subiam pelas paredes da casa, e em menos de cinco minutos todas as encantadoras plantas estavam em plena floração.



Ah, como estava linda a pequena casa agora! Estava finalizada, sem a menor sombra de dúvida, e as fadas tiveram que ir embora e voltar para a dança. Todas elas jogaram beijos com a mão enquanto se afastavam, e a última a partir foi Brownie. Ela esperou um momento, até que os outros se distanciassem, e jogou um sonho feliz para dentro da chaminé.

Por toda a noite a requintada casinha tomou conta de Maimie, no Figs, e ela não se deu conta de nada. A menina dormiu até que o sonho estivesse bem acabado; acordou sentindo-se deliciosamente aconchegada no momento em que a manhã saía da casca, e então quase pegou no sono de novo, e então chamou por Tony, porque pensou que estava em casa, em seu quarto. Como Tony não respondeu, ela se sentou, e com isso sua cabeça bateu no telhado, e o telhado se abriu como a tampa de uma caixa; para seu imenso espanto, tudo o que via era o Kensington Gardens, afundado em neve. Já que não estava em seu quarto, tentou verificar se era ela mesma quem estava ali, e beliscou suas bochechas, e então soube que era ela mesma, e isso a fez lembrar que se encontrava no meio de uma grande aventura. Lembrou-se de tudo o que lhe acontecera desde o fechamento dos portões até o momento em que fugira correndo das fadas; mas de que maneira, perguntou a si mesma, fora parar naquele lugar esquisito? Ela saiu pelo telhado, passando por cima do jardim, e viu, então, a bela casa na qual passara a noite. Ficou em transe, não conseguia pensar em mais nada.

— Ah, que amor, que doçura, que lindo!

A voz humana talvez tenha assustado a pequena casa, ou quem sabe ela agora soubesse que seu trabalho estava terminado: assim que Maimie acabou de falar, ela começou a diminuir de tamanho; encolhia com muita lentidão, e Maimie mal pôde acreditar que estivesse encolhendo, porém logo percebeu que não conseguiria mais entrar nela. A casa não perdeu nenhum de seus adornos, mas foi ficando cada vez menor, e o jardim se retraiu na mesma medida, ao mesmo tempo, e a neve foi se avolumando e começou a engolir a casa e o jardim. Agora a casa tinha o tamanho de uma pequena casinha de cachorro, e agora tinha o tamanho de uma concha, mas você ainda podia ver a fumaça e a maçaneta da porta e as rosas na parede, todos os detalhes. A luz do vaga-lume também estava se extinguindo, mas ainda estava lá.

— Minha querida, meu amor, não desapareça! — gritou Maimie, caindo de joelhos, porque a pequena casa, ainda completa, tinha agora o tamanho de um carretel.

Enquanto a menina estendia os braços, em súplica, a neve subiu por todos os lados até se unir a si mesma, e a ausência da pequena casa foi ocupada por uma expansão maciça de neve.

Ela bateu o pé, ranzinza, e ia cobrir os olhos com as mãos quando ouviu uma voz amável dizer:

— Não chore, humana bonita, não chore.

Maimie girou a cabeça e viu um lindo menininho nu, que olhava para ela melancolicamente. Ela soube na hora que ele só podia ser Peter Pan.

XVIII

A CABRA DE PETER

Maimie ficou um tanto tímida, mas Peter não sabia o que significava ficar tímido.

— Espero que você tenha dormido bem — disse ele, sério.

— Obrigada — falou ela —, eu fiquei bem aconchegada e aquecida. Mas você... — e olhou, sem jeito, para a nudez do menino. — Você não sente frio?

Ora, “frio” era mais uma palavra que Peter esquecera, e ele respondeu:

— Acho que não, mas posso estar errado: sou um tanto ignorante, sabe? Não sou exatamente um menino; Solomon diz que sou um nem-isso-nem-aquilo.

— Esse é o nome, então... — disse Maimie, pensativa.

— Esse não é o meu nome — explicou ele —, meu nome é Peter Pan.

— Sim, é claro — disse ela —, eu sei, todo mundo sabe.

Vocês não imaginam o quanto Peter ficou contente de saber que todas as pessoas o conheciam fora dos portões. Ele pediu a Maimie que lhe contasse o que sabiam e o que diziam, e ela contou. Os dois estavam sentados em uma árvore caída a essa altura. Peter removera um pouco de neve para que Maimie se sentasse; quanto a ele, sentara-se na neve mesmo.

— Fique mais junto de mim — disse Maimie.

— Como assim? — perguntou ele.

Maimie explicou, e ele se aproximou dela. Os dois começaram a conversar, e Peter descobriu que as pessoas sabiam muitas coisas a respeito dele, mas não tudo, não que ele havia voltado para sua mãe e que tinha encontrado a janela vedada, e não contou nada disso para Maimie, pois ainda se sentia humilhado.

— As pessoas sabem que eu brinco e jogo exatamente como os meninos de verdade? — perguntou ele, transbordante de orgulho. — Maimie, conte para elas, por favor!

Porém, quando Peter contou como brincava, como fazia sua argola navegar no Round Pond e assim por diante, ela ficou simplesmente horrorizada.

— O seu jeito de brincar, em todos os jogos — afirmou ela, com olhos arregalados — é totalmente, totalmente errado, não é assim que os meninos brincam, nem um pouco!

O pobre Peter soltou um pequeno gemido diante disso e chorou, pela primeira vez em não sei quanto tempo. Maimie se compadeceu muitíssimo dele, e lhe emprestou seu lenço, mas Peter não sabia o que fazer com aquilo, e ela lhe mostrou, ou seja, ela limpou os olhos, e então devolveu o lenço para ele, dizendo “Faça você agora”, mas em vez de limpar os próprios olhos ele limpou os dela, e ela achou melhor dar a entender que Peter tinha feito a coisa certa.

Maimie disse, por compaixão:

— Posso lhe dar um beijo, se você quiser.

Houve um tempo em que Peter sabia o que era um beijo, mas já esquecera por completo; ele respondeu:

— Obrigado — e estendeu a mão, achando que ganharia um objeto.

Isso foi um grande choque para Maimie, mas ela sentiu que envergonharia o menino se contrariasse sua expectativa; com encantadora delicadeza, ofereceu para Peter um dedal que, por acaso, encontrou no bolso, dando a entender que o dedal era um beijo. Pobre menininho! Acreditou nela, e até hoje usa o objeto em seu dedo, embora não haja ninguém no mundo que precise menos de um dedal do que ele. Embora Peter fosse ainda uma criança pequena, já haviam se passado anos e anos desde que vira sua mãe, e ousou dizer que o bebê que o suplantara era agora um homem com bigode.

Não pensem, porém, que Peter Pan merecesse mais compaixão do que admiração; Maimie se compadecera dele no começo, mas logo concluíra que não havia motivo para sentir pena. Os olhos da menina reluziram de admiração quando Peter falou de suas aventuras, principalmente quando ele contou como se deslocava entre a ilha e o Gardens no ninho do tordo.

— Que romântico! — exclamou Maimie.

Mas essa era mais uma palavra desconhecida, e ele baixou a cabeça, sentindo-se depreciado.

— Creio que Tony jamais faria isso, não? — perguntou, humilde.

— Nunca, nunca! — respondeu ela, convicta. — Ele teria muito medo.

— O que significa ter medo? — perguntou Peter, sôfrego; achou que devia ser algo esplêndido. — Queria muito que você me ensinasse a ter medo, Maimie — pediu.

— Acho que ninguém seria capaz de ensinar isso a você — respondeu ela, com veneração.

Mas Peter pensou que ela o achava tolo. Maimie lhe falara sobre Tony, sobre a maldade que ela cometia no escuro para assustar o irmão (ela sabia muito bem que aquilo era maldade). Peter, no entanto, não captara o sentido da história, e disse:

— Ah, como eu queria ter a coragem que Tony tem!

Maimie ficou irritada:

— Você é vinte mil vezes mais corajoso do que ele, você é de longe o menino mais corajoso que eu já conheci!

Peter mal pôde acreditar que ela falava sério; quando acreditou, gritou de alegria.

— E se você quiser muito me dar um beijo — disse Maimie —, vá em frente.

Com muita relutância, Peter começou a tirar o dedal do dedo. Achou que ela o queria de volta.

— Eu não quis dizer “beijo” — ela logo disse. — Quis dizer “dedal”.

— O que é isso? — perguntou Peter.

— É assim — disse ela, e o beijou.

— Eu adoraria lhe dar um dedal — disse Peter, com ar grave, e deu.

Ele lhe deu uma boa quantidade de dedais; e em seguida teve uma ideia maravilhosa!

— Maimie — disse Peter —, você quer se casar comigo?

É estranho dizer: a mesma ideia ocorrera a Maimie, exatamente ao mesmo tempo.

— Eu gostaria muito — respondeu ela —, mas haverá espaço para dois no seu barco?

— Se você ficar bem junto de mim... — disse ele, animado.

— Pode ser que os pássaros se aborreçam.

Ele assegurou que os pássaros adorariam tê-la entre eles; eu, no entanto, não teria tanta certeza. E além disso os pássaros eram poucos no inverno.

— Eles provavelmente tentariam pegar as suas roupas — admitiu Peter, com a voz fraca.

Maimie ficou um pouco revoltada com isso.

— Eles pensam o tempo inteiro em seus ninhos — disse ele, em defesa dos pássaros. — E ficariam muito entusiasmados com você, de certa forma — acrescentou, acariciando a peliça fofa de Maimie.

— Eles não vão pegar a minha peliça de jeito nenhum — disse ela, inflamada.

— Não, não! — exclamou ele, ainda acariciando a peliça. — Ah, Maimie — continuou, enlevado —, eu amo você, sabe por quê? É porque você é como um ninho perfeito.

Isso a aturdiu, de certa forma.

— Acho que agora você está falando mais como pássaro do que como menino — disse ela, recuando.

De fato, Peter parecia um pássaro agora, até mesmo na aparência.

— Afinal de contas — Maimie falou —, você não passa de um nem-isso-nem-aquilo.

A afirmação o magoou tanto que ela logo acrescentou:

— Deve ser maravilhoso ser um nem-isso-nem-aquilo.

— Venha comigo, então, e você será como eu — implorou ele.

E eles se encaminharam para o barco, porque a hora da abertura dos portões estava chegando.

— E você não se parece nem um pouco com um ninho — sussurrou Peter, para agradá-la.

— Mas acho que é incrível ser como um ninho — disse ela, em uma afirmação contraditória, tipicamente feminina. — Ah, Peter, querido, não vou dar meu casaco para os pássaros, mas não acharia ruim se eles construíssem um ninho nele. Imagine só um ninho no meu pescoço, com ovinhos manchados dentro! Peter, seria simplesmente uma graça!

Quando chegaram mais perto do Serpentine, porém, ela sentiu um calafrio e disse:

— É claro que vou viajar para ver minha mãe muitas vezes, muitas vezes. Não é que eu esteja dando adeus à minha mãe para sempre, não, nem um pouco.

— É claro — falou ele.

No fundo do coração, contudo, ele sabia que era, sim, para sempre, e teria dito isso a Maimie, se não estivesse sentindo um tenebroso medo de perdê-la. Gostava tanto dela, não conseguiria viver sem ela. “Ela vai esquecer a mãe com o tempo, e vai viver feliz comigo”, ficava dizendo para si mesmo, e a apressava, dando dedais para ela no caminho.

No entanto, mesmo depois de ter chegado ao Serpentine e de ter exaltado, em êxtase, a graciosidade do barco, Maimie ainda falava sobre a mãe, trêmula.

— Você sabe muito bem, Peter, que eu não iria com você se não tivesse certeza de poder voltar para a minha mãe sempre que quisesse, não é? Diga, Peter!

Ele disse, mas já não conseguia olhá-la no rosto.

— Se tem certeza de que sua mãe sempre vai querer a sua volta — acrescentou, amargo.

— Que ideia! Mamãe não quer a minha volta! — exclamou Maimie, e seu rosto corou.

— Se ela não barrar você — disse Peter, áspero.

— A porta — retrucou Maimie — estará sempre, sempre aberta, e mamãe estará sempre me esperando.

— Então — disse Peter, não sem crueldade — entre no barco, se tem tanta confiança nela — e ajudou Maimie a subir no ninho do tordo.

— Por que você não olha para mim? — perguntou Maimie, pegando no braço dele.

Peter fez muito esforço para não olhar, tentou se soltar dela, e então engoliu em seco e saltou para a margem e se sentou, miserável, na neve.

Maimie foi até ele.

— O que foi, querido? — ela quis saber, preocupada.

— Ah, Maimie — choramingou ele —, não é justo levá-la se você acha que vai poder voltar. A sua mãe... — ele engoliu em seco de novo. — Você não conhece as mães tão bem quanto eu.

E então ele contou a pesarosa história de como tinha sido barrado pela mãe, e Maimie ficou sem ar todo o tempo enquanto isso.

— Mas a minha mãe — disse ela —, a minha mãe...

— Sim, ela faria a mesma coisa — disse Peter. — São todas iguais. Arrisco dizer que ela já está em busca de outro bebê.

Maimie falou, horrorizada:

— Não posso acreditar. Veja, Peter, quando você foi embora a sua mãe só tinha você, mas a minha mãe tem Tony, e tenho certeza de que as mães ficam satisfeitas em ter pelo menos um filho.

Peter retrucou, com amargura:

— Você precisa ver as cartas que Solomon recebe, de mulheres que já têm seis.

Bem nesse momento eles ouviram um rangido metálico, seguido por mais um ranger e por mais outro, ruídos vindos de todos os cantos do Gardens. Era a abertura dos portões, e Peter saltou para dentro do barco, nervoso; sabia que Maimie não viria mais com ele, e tentava, com bravura, não chorar. Mas Maimie soluçava dolorosamente.

— Se eu não conseguir sair — exclamou ela, em agonia —, ah, Peter, se ela já tiver outro bebê!

Peter pulou para a margem de novo, como se ela o tivesse chamado de volta.

— Vou procurar por você no parque hoje à noite — disse ele, chegando bem junto dela. — Mas se você se apressar, acho que chegará a tempo.

E então ele depositou um último dedal nos doces lábios de Maimie, e cobriu o rosto com as mãos para não a ver indo embora.

— Querido Peter! — exclamou ela.

— Querida Maimie! — exclamou o trágico menino.

Ela se jogou nos braços dele, como em um casamento de fada, e então saiu correndo. Como ela disparou em direção aos portões! Peter, tenha certeza, voltou ao Gardens, naquela noite, assim que soou o fechamento dos portões, mas não encontrou Maimie nenhuma, e assim soube que ela conseguira sair. Por muito tempo, teve esperança de que em uma noite qualquer ela voltaria para ele; em várias ocasiões, chegando ao parque com sua barca, via a menina na margem do Serpentine, à espera dele, mas Maimie nunca voltou. Ela quis voltar, mas temeu que, se visse outra vez o seu amado nem-isso-nem-aquilo, acabaria se demorando demais com ele, e além disso a aia a vigiava com severidade agora. Mas ela sempre falava de Peter com adoração, e tricotou um descanso de chaleira para ele, e um dia, quando estava tentando pensar em um presente de Páscoa para o menino, sua mãe fez uma sugestão.

— Nada seria tão útil para ele quanto uma cabra — disse ela, pensativa.

— Ele poderia montar nela — exclamou Maimie — e tocar sua flauta ao mesmo tempo!

— Você não quer dar sua cabra para ele, a cabra com a qual você assusta Tony à noite?

— Mas não é uma cabra de verdade — disse Maimie.

— Para Tony ela é de verdade — respondeu sua mãe.

— Ela é totalmente de verdade para mim também — admitiu Maimie —, mas como eu poderia entregá-la para Peter?

Sua mãe sabia como, e no dia seguinte, acompanhadas por Tony (que era na verdade um ótimo menino, embora não se pudesse compará-lo com Peter, é claro), elas foram ao Gardens, e Maimie se posicionou sozinha dentro de uma arena de fadas, e então sua mãe, que era uma dama muito sábia, perguntou:

*Minha filha, diga, por favor,
O que é que Peter Pan vai ganhar de seu amor?*

E Maimie respondeu:

*Uma cabra, para montar,
Veja como pretendo a criatura lançar.*

A menina estendeu os braços para todos os lados, como se estivesse jogando sementes, e girou sobre si mesma três vezes.

Tony, por sua vez, disse:

*Se P. encontrar a fera,
nunca mais precisarei ter medo dela?*

E Maimie respondeu:

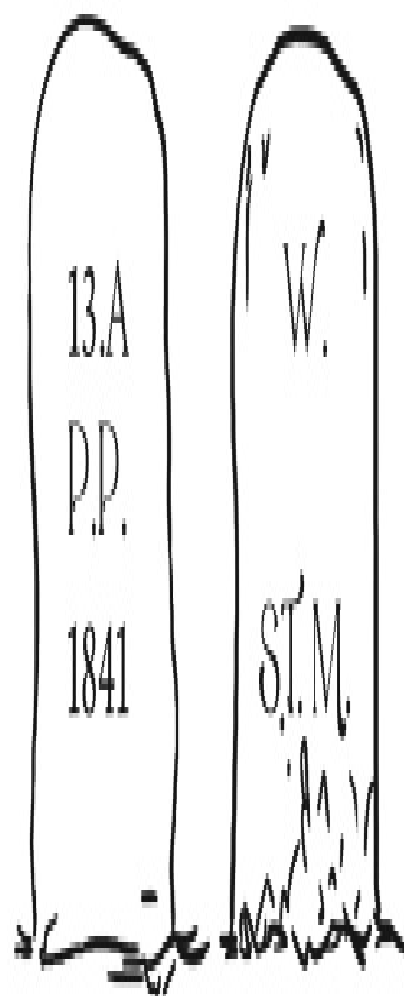
*Seja na luz, seja no escuro,
Cabra nenhuma jamais haverá, eu juro.*

Ela também deixou uma carta para Peter, em lugar visível; explicava nela o que fizera e orientava Peter a pedir às fadas que transformassem a cabra imaginária em uma cabra que pudesse ser montada. Bem, tudo se concretizou como ela quis, pois Peter encontrou a carta, e nada podia ser mais fácil para as fadas do que transformar a cabra de Maimie em uma cabra real, é claro, e portanto foi assim que Peter ganhou a cabra que ele cavalga todas as noites pelo Gardens, tocando melodias sublimes com sua flauta. E Maimie manteve sua promessa e nunca mais assustou Tony com cabras, mas ouvi falar que ela inventou outro animal. Até se tornar uma garota bem grande, continuou deixando presentes para Peter no Gardens (com cartas que explicavam como os humanos brincavam com eles), e ela não é a única a fazer isso. David, por exemplo, também deixa presentes para Peter, e ele e eu conhecemos o lugar mais adequado para deixá-los, e podemos contar para vocês onde ele fica, se vocês quiserem, mas não nos perguntem na presença de Porthos, por misericórdia; se o cão descobrisse o lugar, roubaria todos os presentes.

Embora Peter ainda se lembre de Maimie, ele fica mais alegre a cada dia, e muitas vezes, no auge da felicidade, ele salta de sua cabra e se deita na relva, dando chutes festivos no ar. O menino se diverte tanto! Mas conserva uma vaga lembrança de que foi humano um dia, e por isso ele é especialmente carinhoso com as andorinhas-dos-beirais quando elas visitam a ilha, porque são os espíritos das criancinhas que morreram. Elas constroem seus ninhos nos beirais das casas em que viveram quando eram humanas, e às vezes tentam entrar pelas janelas dos quartos de criança; talvez em função disso, Peter as ame mais do que a todas as outras aves.

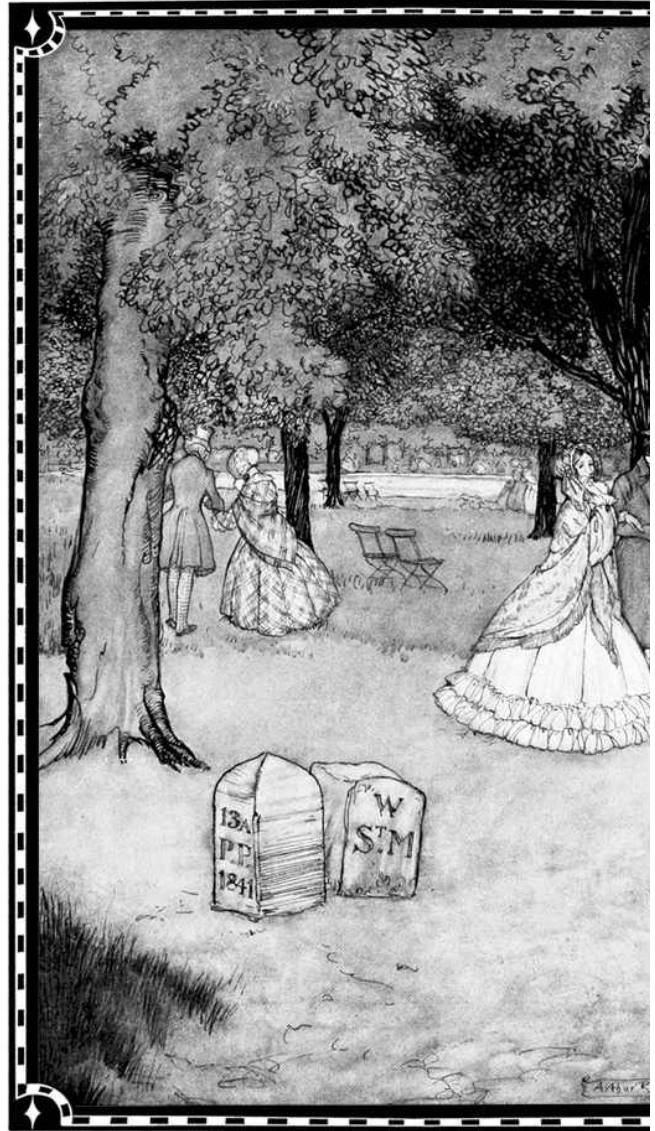
E a pequena casa? Agora, a cada noite útil (ou seja, todas as noites, menos nas noites de baile) as fadas constroem a pequena casa, para o caso de haver uma criança humana perdida no Gardens, e Peter cavalga pelos charcos em busca de crianças perdidas, e se encontra alguma ele a leva em sua cabra até a pequena casa, e quando a criança acorda ela está dentro da casa, e quando sai da casa ela a vê. As fadas só constroem a casa porque ela é linda, mas Peter cavalga pelo parque em memória de Maimie, e porque ainda adora fazer as coisas que acha que meninos de verdade fariam.

Mas vocês não devem pensar, só porque a pequena casa está reluzindo em algum lugar entre as árvores, que é seguro permanecer no Gardens depois do fechamento dos portões. Se fadas más estiverem à solta nessa noite, elas certamente serão cruéis com vocês, e mesmo que não encontrem fadas, vocês poderão morrer de frio e de escuridão, antes que Peter Pan chegue. Peter chegou tarde demais diversas vezes, e quando vê que chegou tarde demais ele corre de volta até o ninho do tordo para pegar seu remo, cuja real utilidade lhe foi revelada por Maimie, e ele cava uma tumba para a criança e ergue uma pequena lápide e grava nela as iniciais da pobrezinha. Ele faz essas coisas de imediato, sem perder tempo, porque acha que meninos de verdade fariam o mesmo, e você já deve ter topado com as pequenas pedras tumulares, e deve ter notado que são sempre duas juntas. Peter enterra as crianças em pares pois acha que assim é menos solitário. Eu acho que o que há de mais tocante, no Gardens, é a visão das duas lápides de Walter Stephen Matthews e Phoebe Phelps. Elas podem ser vistas, juntas, no lugar em que, segundo se diz, a paróquia de Westminster St. Mary faz fronteira com a paróquia de Paddington. Aqui Peter encontrou os dois bebês, que tinham caído de seus carrinhos, despercebidos, Phoebe com treze meses de idade e Walter com menos meses, provavelmente; Peter não inscreveu idade na pedra do menino, por delicadeza, ao que parece. Os dois jazem lado a lado, e as simples inscrições dizem:



David às vezes deposita flores brancas nessas duas inocentes tumbas.

Mas como é estranho, para os pais, entrar correndo no Gardens, na abertura dos portões, e procurar pelo filho perdido, e encontrar a graciosa lápide. Espero que Peter não esteja usando seu remo neste momento. É tudo muito triste.



XIX

UM INTRUSO

David e eu tivemos uma aventura maravilhosa. Aconteceu que ele passou a noite comigo. Sempre conversávamos sobre essa possibilidade, e finalmente Mary nos permitiu fazer isso.

A aventura começou com David vindo até mim no inusitado horário das seis da tarde, trazendo o que parecia ser um pacote de sanduíches, mas acabei descobrindo que eram os itens que ele precisaria para uma noite arrumados em um embrulho de papel. Nós dois estávamos tão animados que, no momento em que nos cumprimentamos, nenhum de nós conseguiu dizer nada, por isso expressamos nossos sentimentos através de sinais; assim, David meio que se sentou em um lugar onde não tinha cadeira, o que é a sua maneira preferida de demonstrar que está feliz, e que eu acho que ele emprestou dos sapos, e então fizemos aquela expressão facial que significa “que tremenda aventura!”.

Deveríamos fazer todas as coisas importantes exatamente como são feitas todas as noites em sua casa, e por isso estou intrigado em saber como foi tal aventura para David. Mas agora já disse o suficiente para mostrar a vocês o tamanho da aventura para mim.

Durante algum tempo brincamos com minhas duas medalhas e, com a delicadeza de uma companhia para dormir, David se absteve na ocasião de perguntar por que uma delas não tinha a Cruz Vitória. Ele se preocupa muito por eu nunca ter ganho a Cruz Vitória, pois isso rebaixa sua posição no Gardens. Ele nunca diz que eu ganhei quando estamos no Gardens, mas ele briga com qualquer garoto de sua idade que diz que não ganhei. A briga consiste em um desafiar o outro.

Às seis e vinte e cinco liguei a água quente da banheira, e em segredo engoli um pequeno copo de conhaque. Disse então: “Seis e meia, hora de garotos pequenos irem para a cama”. Eu disse aquilo com a voz de alguém que está livre da companhia dos pais, como se eu já houvesse dito aquilo várias vezes antes, e teria que dizer várias vezes de novo, e como se não houvesse nada particularmente delicioso para mim ao me ouvir dizendo isso. Tentei dizer dessa maneira.

E David foi enganado. Para minha imensa alegria ele bateu seu pezinho, e foi tão travesso que, em agradecimento, dei a ele mais cinco minutos para brincar com uma caixa de fósforos. Fósforos, que ele joga no chão quando acesos, são o melhor presente que vocês podem dar a David;

na verdade, acho que seu paraíso particular é um lugar com uma lareira acesa.

Então coloquei minha mão despreocupadamente em seu ombro, como alguém um pouco entediado com uma rotina monótona de colocar garotinhos para dormir e conduzi-los ao quarto das crianças, que recentemente foram meus aposentos particulares. Havia uma cama extra ali nesta noite, muito perto da minha cama, mas com formato diferente, e pouco menos notável era o novo enfeite na beirada da lareira: um copo de leite, com um biscoito em cima dele, e um chocolate em cima do biscoito. Era impossível entrar no quarto sem ver o copo de leite imediatamente. Tentei fazer isso várias vezes, e David viu e assumiu sua posição de sapo, com uma emoção indescritível, e eu peguei uma lamparina em meu bolso e a apoiei em um pires na beira da pia.

David observou meus preparativos com uma leviandade desagradável, mas logo fez uma nobre emenda, oferecendo-me abruptamente seu pé como se não precisasse mais dele, e eu soube, por intuição, que ele esperava que eu tirasse suas botas. Eu as tirei com toda a frieza de uma mão velha e então apoiei-o em meus joelhos e retirei sua blusa. Foi uma experiência encantadora, mas eu acho que permaneci maravilhosamente calmo até que de repente cheguei rápido demais a seus bracinhos, o que me deixou muito agitado.

Não posso continuar despindo David em público.

Logo o quarto de dormir estava escuro, havia apenas o brilho da lamparina, e muito quieto a não ser quando a porta rangeu e um homem olhou para a pequena figura na cama. Embora suavemente, abri a porta, um pouquinho por vez, e seus olhos brilhantes viraram-se para mim de uma vez, e ele sempre fazia aquela expressão facial que significa “que aventura tremenda!”.

— Você nunca vai dormir, David? — dizia eu.

— Quando você vai vir para a cama? — ele sempre respondia, bastante corajoso, mas em um sussurro, como se temesse que ursos e lobos o pegassem. Quando garotinhos estão na cama não há nada entre eles e ursos e lobos além da lamparina.

Voltei para minha cadeira para pensar, e finalmente ele adormeceu com o rosto virado para a parede, mas mesmo depois de ele ter dormido eu fiquei várias vezes perto da porta, tentando ouvir.

Bastante tempo depois de eu ter ido para a cama um silêncio repentino tomou conta do ambiente e eu soube que David estava acordado. Fiquei deitado imóvel e, depois do que pareceu ser um longo tempo de espera, uma vozinha um pouco distante chamou em um sussurro cauteloso: “Irene!”.

— Você está dormindo comigo hoje, David — disse eu.

— Eu não sabia — gritou ele, um pouco perturbado, mas tentando não incomodar.

— Você lembra que está comigo? — perguntei.

Depois de um momento de hesitação, ele respondeu:

— Estou quase me lembrando — e então ele acrescentou, bastante agradecido, como se algum anjo houvesse sussurrado algo para ele — agora eu me lembro.

Acho que ele estava quase adormecendo de novo quando ele se mexeu e disse:

— Está acontecendo agora?

— O quê?

— A aventura.

— Sim, David.

Talvez isso o incomodasse, pois pouco a pouco eu precisava perguntar:

— Você não está com medo, não é?

— Não estou? — respondeu ele com educação, e eu sabia que sua mão estava tateando na escuridão, então estiquei a minha mão e ele segurou um de meus dedos com força.

— Não estou com medo agora — sussurrou ele.

— E você precisa de mais alguma coisa?

— Preciso? — perguntou ele de novo, com educação. — Você acha que preciso? — acrescentou ele.

— Do que você precisa, David?

— Eu não ocupo muito espaço — disse a voz distante.

— Ora, David — disse eu, sentando-me —, você quer vir para a minha cama?

— Mamãe disse que eu não podia querer isso se você não quisesse primeiro — soltou ele.

— É o que eu quero desde o começo — disse eu, e então, sem maiores problemas, a pequena criatura levantou-se e se atirou em minha direção. Durante todo o resto da noite ele ficou deitado em mim, e atravessado em mim, e às vezes seus pés estavam no pé da cama e às vezes no travesseiro,

mas durante o tempo todo ele continuou segurando meu dedo, e ocasionalmente ele me acordou para dizer que estava dormindo comigo. Eu não tive uma boa noite. Fiquei deitado pensando.

Pensando naquele garotinho que, no meio de sua brincadeira enquanto eu o despia, de repente apoiou a cabeça em meus joelhos.

Pensando na mulher que havia cuidado dele e que poderia ser suficientemente ousada.

Pensando em David na banheira e em como, quando tentei pegá-lo, ele escorregou dos meus braços como se fosse uma truta.

Pensando em mim em pé na beira da porta aberta ouvindo sua doce respiração. Eu havia ficado tanto tempo ali que cheguei a me esquecer de seu nome e o chamei de Timothy.

OceanofPDF.com

XX

COMPARANDO DAVID E PORTHOS

Mas Mary estragou tudo, quando enviei David de volta para ela pela manhã, ao fazer perguntas com demasiada curiosidade para ele e ao descobrir que eu havia colocado suas roupas com os botões virados para a frente. Por causa disso, escrevi para ela a seguinte carta ofensiva. Quando Mary faz qualquer coisa que me incomoda muito eu envio para ela uma carta ofensiva. Uma vez tirei uma foto de David pendurado em uma árvore. Enviei a foto para ela. Vocês não podem imaginar as minhas várias maneiras sutis de magoá-la. Nenhuma mulher suportaria isso.

“Prezada senhora (escrevi), tomei conhecimento de que quando você caminha no Gardens com o garoto David você escuta avidamente para ouvir elogios sobre ele e sobre suas roupas, feitos por pessoas que por ali passeiam, guardando-os em seu coração enquanto finge em vão não se preocupar com eles: para que você não seja engolida por coisas tão pequenas eu, que agora conheço David tanto de dia quanto de noite, eu me preocupo em compará-lo com Porthos, um com o outro, tanto nesta questão quanto em outras questões mais importantes. E tocando nesse assunto de exibição, os dois são muito educados, e nenhum deles gosta ser mencionado, mas os dois se manifestam de maneiras diferente. Pois David diz ‘Ah, que chato!’ e em alguns momentos reclama, mas Porthos abaixa o rabo e deixa que as pessoas falem. No entanto ele é exaltado como sendo bonito e querido dez vezes mais do que David é exaltado.

“Os modos de Porthos, então, são mais bonitos do que os modos de David, que quando pede para que eu me esconda atrás de uma árvore às vezes não vem me procurar, e ao sair de meu esconderijo eu o encontro brincando de outra coisa tendo se esquecido totalmente da minha existência. Já Porthos sempre vem me procurar. Além disso, se David se cansa de você, ele tem escrúpulos para não dizer isso, mas Porthos, em circunstâncias semelhantes, oferece sua pata querendo dizer ‘adeus’ e para homens barbados ele faz isso o tempo todo (acho que graças à sua aversão hereditária por cabras), de modo que eles imaginam que ele está apaixonado por eles quando ele está simplesmente implorando, de maneira educada, que eles se retirem. Assim, enquanto os modos de Porthos são mais educados pode ser dito que as maneiras de David são mais eficazes.

“Com relação à gentileza, é difícil comparar David com Porthos. Pois enquanto um empurra e é conhecido por chutar quando provocado, o outro, que é ruidosamente odiado por todos os cães pequenos por causa de seu

tamanho, não protesta, mesmo quando eles grudam furiosos em seu peito, mas os carrega com tolerância até que eles se cansam e caem. De novo, David não vai se abaixar quando está na companhia de bebês esperando que eles subam a seu nível, já Porthos, ao contrário, embora seja terrível com andarilhos, sofre na companhia dos bebês que chegam até a explorar sua boca na tentativa de descobrirem como é a sua língua do outro lado. As idas e vindas de David não são percebidas pelos carrinhos de bebê, que ficam parados esperando por Porthos. Os fortes e perversos temem Porthos, mas nenhuma criatura pequena tem medo dele, nem os ouriços que ele transporta de um lugar para outro em sua boca, nem os pardais que roubam sua palha debaixo dele.

“Em prova de sua gentileza, cito suas aventuras com o coelho. Depois de passar algum tempo morando em um país de coelhos, Porthos ficou exultante ao descobrir uma criatura pequena correndo dele, e tornando-se imediatamente um desportista partiu em rápida perseguição, embora sempre ultrapassando a marca dos cem metros ou mais e se perguntando o tempo todo o que tinha acontecido com o coelho. Havia um caminho íngreme, do topo do qual o coelho rapidamente surgiu à vista, e a prática de Porthos era avançar na ponta dos pés, virando-se perto da curva para trocar olhares comigo e então saltando para a frente. O coelho então fez algo truculento com o buraco no chão, mas Porthos seguiu em frente com plena fé de que o jogo estava sendo levado de forma justa e sempre voltava ofegante e intrigado, mas glorioso.

“Eu às vezes me arrepiava ao pensar em sua perplexidade se conseguisse capturar o coelho, o que era, porém, bastante improvável; no entanto ele o pegou, não sei como, mas acredito que tenha sido um outro coelho, diferente daquele que ele estava caçando. Eu o encontrei com ele, com suas sobranceiras franzidas e absorto em pensamentos. O coelho, aterrorizado, mas não machucado, escondido embaixo dele. Porthos me olhou feliz e, de novo, entrou em um estado de espírito carregado. ‘O que fazer agora?’ era obviamente o que o intrigava, e a posição não era nem um pouco menos estranha para o coelho, que por várias vezes fez um movimento para encerrar com aquele suspense intolerável. Diante disso Porthos imediatamente deu um tapinha com seu pé, e de novo caiu em pensamentos. A pressão em mim foi bastante grande.

“Por fim eles pareceram chegar a um acordo. Porthos olhou para trás com bastante consciência e o coelho, primeiro devagar e depois em

disparada, retirou-se. Porthos fingiu procurar por ele, mas você não pode imaginar o quanto ele parecia aliviado. Ele até tentou escancarar sua vergonha quando me viu e abanou o rabo. Mas ele não conseguia olhar para mim, e quando viu que era isso o que eu insistia que ele fizesse, ele se deitou aos meus pés e gemeu. Havia lágrimas de verdade em seus olhos, fiquei comovido e enfatizei para ele que ele havia feito tudo o que um cachorro poderia fazer, e embora ele soubesse que eu estava mentindo ele ficou feliz novamente. Desde que eu esteja feliz com ele, senhora, nada mais importa para Porthos. Conteí essa história para David, depois que ele me prometeu julgar Porthos, e agora exijo que você me prometa o mesmo. Quero também que admita que na inocência de seu coração, pelo qual David é bastante elogiado, ele não pode, no entanto, ensinar nada a Porthos, mas, ao contrário, pode aprender muito com ele.

“E agora, tratando daquelas qualidades de David, quando ele supera Porthos – a primeira delas é que ele não esnoba mas gosta muito da garota Irene (pretensiosamente chamada de sua babá) mais do que de qualquer outra dama, e inveja todo garoto maltrapilho que consegue acertar a perna. Por outro lado, Porthos faria cada classe ocupar seu lugar, e embora goste de descer para a cozinha, sempre late no topo da escada esperando por um convite para que desça. A maioria dos criados em nossa rua o pediu emprestado para tirar uma foto com ele, e eu acabei de vê-lo saindo com esse propósito com uma pequena serviçal orgulhosa que está olhando para ele como se ele fosse um guerreiro a quem ela estava pagando um xelim.

“De novo, quando David e Porthos estão tomando banho, um recebe elogios e o outro não. Pois David, como já percebi, adora esparramar água enquanto toma banho e escapar de volta para a banheira das mãos daquele que o enrolaria em uma toalha. Mas Porthos fica parado em seu banho, com a cabeça abaixada, como se fosse uma figura envergonhada cortada de algum material mole.

“Além disso, a criatividade de David é muito maior do que a de Porthos, que não consegue brincar sozinho, e não sabe nem sair para passear sozinho, enquanto David inventa brincadeiras o dia todo. Por fim, quando David é descoberto fazendo alguma travessura e expressa arrependimento por isso, ele não faz mais aquela travessura por algum tempo, mas procura por outras traquinagens para fazer, enquanto Porthos continua a repetir suas travessuras; em outras palavras, ele enterra

novamente seu osso no quintal, e fica maravilhado por eu saber disso, embora seu focinho fique repleto de terra.

“Por falar nisso, portanto, preciso mencionar que David supera Porthos; e em diversas qualidades semelhantes um não é mais páreo que o outro, como em relação à curiosidade; pois, se um pacote é entregue em minha casa Porthos fica aflito até que eu o abra, e percebi que o mesmo acontece com David.

“Tem também a questão de tomar remédios, pois durante a manipulação do frasco toda a alegria de repente desaparece de Porthos e ele olha para o outro lado, mas se eu disser que me esqueci de completar o frasco ele fica feliz e ainda assim acha que tem o direito de ganhar um chocolate, e quando comentei sobre isso com David ele ficou tão envergonhado que enxerguei a imagem de uma certa dama tratando-o contra doenças da juventude.

“Algo a ser considerado nos dois é como reagem ao serem punidos, e agora sou lembrado de que a garota Irene (a quem eu considero, neste assunto, sua porta-voz) reclama que não sou severo o suficiente com David, e que deixo que ela o repreenda por travessuras que ele faça contra mim na esperança de que ele goste menos dela e mais de mim. Discutimos fervorosamente sobre isso no Gardens em detrimento de nossa dignidade. E digo aqui que se não sou severo o suficiente com David, é porque não me atrevo a ser severo com Porthos, e sempre tentei tratar um e outro da mesma maneira.

“Eu me recuso a levantar a mão ou a voz para Porthos porque seu grande coração corre o risco de quebrar se ele suspeitar que algo não vai bem entre ele e eu, e como eu o golpeei alguns anos atrás nunca vou me esquecer da reação dele ao perceber que eu havia batido nele, e nunca mais, madame, encostarei minha mão nele. Mas quando ele é pego em alguma atividade imprópria hoje em dia, costumo bater em minha escrivania na presença dele, e mesmo este tipo de punição é quase mais do que ele consegue aguentar. Portanto, se tal transgressão infligida a David o encoraje a fazer travessuras (como sugere a garota Irene), a razão é porque seu coração não é como o coração do nobre Porthos.

“E se você retrucar dizendo que David é um garotinho naturalmente pervertido, e por isso precisa de medidas duras, eu mantenho minha posição e ainda pergunto: de que maneira severa ele é reprimido em casa? E para

que você não se atrapalhe em sua resposta, mencionarei uma história que chegou aos meus ouvidos.

“Ouvi dizer que David, depois de ter ouvido uma palavra horrível na rua, a pronunciou com vontade ao chegar em casa. E sua mãe ameaçou agredi-lo fisicamente, e seu pai interferiu. Ouvi dizer que David continuou usando tal palavra de maneira excessiva, o pai falou sombriamente sobre uma bengala, mas a mãe se apressou a se meter entre os combatentes. E o castigo se tornou, para David, um objeto de interesse. E isso trouxe um clima tenso para aquele lar feliz. Ouvi ainda que, expulsando de seu caminho uma mãe chorosa, o pai saiu de casa gritando que ia comprar uma bengala. E que ele simplesmente andou pelas ruas atordoado imaginando o horror que David estava sentindo. E que quando voltou, foi David, radiante de esperança, quem abriu a porta e então começou a chorar, porque ele não trazia nenhuma bengala. Sinceramente, madame, você é uma pessoa adequada para me pedir para agir com severidade. Em vez disso você deveria me agradecer que não é você que estou comparando com Porthos.

“Mas para terminar a comparação, digo que Porthos sempre quer demonstrar sua gratidão por minha gentileza com ele, de maneira que, ao tirar os olhos de meu livro, eu o vejo com sua expressão triste fixa em mim com apego, e então eu percebo que a tristeza quase insuportável que surge no rosto dos cães é porque eles não conseguem dizer ‘Obrigado’ para seus donos. Já David vê minha gentileza com ele como sendo um direito seu. Mas por isso, embora eu deva repreendê-lo, não consigo fazê-lo, pois entre todas as maneiras que David tem de me fazer amá-lo a mais comovente é que ele espera isso de mim como algo natural. David só quer diversão, mas ninguém é capaz de adivinhar o que existe dentro de Porthos. Entretanto, eu quase consigo adivinhar quando me deito ao lado dele no chão e ele coloca um braço em volta de meu pescoço. Para mim, madame, um braço que me protege. Nessas horas é como se cada um de nós soubesse o que um quer do outro.

“Assim, ao colocar Porthos e David em uma balança, é difícil dizer qual é o mais valioso. Assim sendo, você fica com seu garoto e eu fico com meu cão, e então ficaremos ambos satisfeitos.”

XXI

WILLIAM PATERSON

Estávamos juntos, nós três, em minha casa. David me contava sobre a linguagem das fadas e Porthos estava deitado no sofá ouvindo, digamos assim. Este é o lugar preferido dele em um dia monótono, e embaixo dele havia algumas folhas de jornal, que eu espalhava ali às vezes para enganar a empregada, que acha que cachorros devem ficar no chão.

Chazinho mágico é o que devem dizer para as fadas quando querem que elas deem a vocês uma xícara de chá, mas não é tão difícil falar isso quanto parece, pois o “z” e “g” precisam ser pronunciados com som de “ch” e eu me esqueço disso com tanta frequência que David acha que eu vou encontrar dificuldade em me fazer entender.

— O que você diria — perguntou ele — se quisesse que elas o transformassem em uma malva-rosa?

Ele acha que a facilidade com que elas transformam você em coisas é sua qualidade mais atraente.

A resposta seria “plantinha mágica”, mas embora ele já tenha me dito isso várias vezes, eu sempre me esquecia da palavra “plantinha”.

— Eu nunca sonharia — disse eu (para disfarçar meu desconforto) — em pedir para que elas me transformassem em nada. Se eu fosse uma malva-rosa eu logo murcharia, David.

Ele mesmo havia me oferecido esta objeção há pouco tempo, mas agora ele parecia pensar que aquilo era simplesmente uma bobagem.

— Quando você for murchar — disse ele, aéreo —, diga a elas “volta mágica”.

Volta mágica significa “me transforme de volta”, e a descoberta de David me deixou desconfortável, pois eu sabia que até agora ele havia mantido distância das fadas principalmente porque ele achava que as transformações que elas faziam eram permanentes.

Então eu o mandei de volta para casa. Ele foi da minha casa para a casa dele sob os cuidados de Porthos. Posso andar do outro lado sem eles saberem, mas eles não precisam de mim, pois naqueles momentos nada faria Porthos se afastar dos cuidados de David. Se alguém se dirige a eles ele rosna suavemente e mostra os dentes que esmigalham ossos como se eles fossem biscoitos. E assim, de maneira amigável, os dois chegam à casa de Mary, onde Porthos late até que a porta seja aberta. Às vezes ele entra com David, mas nesta ocasião ele se despediu no degrau. Nada demais nisso, mas ele não voltou para mim, não naquele dia nem no outro dia, nem

nas próximas semanas e meses. Eu era um homem perturbado; e David estava sempre esfregando os olhos. Imaginamos que tínhamos perdido nosso querido Porthos, pelo menos... Bem, algo preocupante acontecera. Não sei o que pensar sobre isso até hoje. Eu sei o que David pensa. Mas você pode pensar o que quiser.

Minha primeira esperança era que Porthos tivesse ido para o Gardens e ficara trancado lá durante a noite, e assim que os portões foram abertos eu estava lá fazendo perguntas às pessoas. Mas não havia notícias de Porthos, embora eu soubesse que acreditavam que alguém passara a noite no Gardens, um jovem que saiu andando rapidamente no momento em que os portões foram abertos. Ele não havia dito nada, porém, sobre ter visto um cachorro. Agora eu temia um acidente, pois eu não conhecia nenhum ladrão que pudesse roubá-lo, ainda assim até mesmo um acidente parecia ser inacreditável, ele era sempre tão cauteloso ao atravessar as ruas; e além disso não poderia ter acontecido um acidente com Porthos sem que houvesse um acidente com mais alguma coisa.

David no meio de seus jogos de repente se lembrava do grande amigo e saía para o lado para chorar. Essa era uma das qualidades dele: quando ele sabia que estava prestes a chorar se afastava para fazer isso e eu sempre respeitava sua privacidade e esperava até ele voltar. É claro que, como ele era um garotinho, logo voltava a brincar, mas suas súbitas inundações de sentimentos, sobre os quais nunca falamos, eram caras para mim naqueles dias desolados.

Tínhamos um refúgio favorito, chamado de “banco da história”, e voltamos até ele, não com a intenção de procurar na grama perto dali, onde Porthos costumava se esparramar, mas não conseguimos evitar de procurar por todos os lados e para nossa decepção havia um homem sentado no lugar conhecido. Ele se levantou quando nos aproximamos e deu dois passos em nossa direção, tão rapidamente que mais pareciam pulos, e então quando ele viu que passamos por ele indignados achei ter ouvido ele chamar baixinho.

Eu o considerei como sendo uma daquelas pessoas tagarelas que tentam puxar papo com estranhos, mas no dia seguinte, quando o encontramos sentado no próprio banco da história, eu o examinei por mais tempo. Ele estava muito bem vestido, parecia ter menos de vinte anos e um rosto bonito e melancólico no topo de uma figura pesada, desajeitada e quase corpulenta, que por outro lado não indicava inatividade; pois o chapéu roxo de David (uma vaidade de sua mãe da qual ambos sentíamos

muita vergonha) voou quando nos aproximamos dele e ele pulou a cerca sem tocá-la e voltou com ele em três segundos; a única coisa foi que, em vez de devolver o chapéu para David imediatamente, ele pareceu ficar esperando que o garoto o fosse buscar.

Você se apresenta a David no momento em que pula a cerca sem tocá-la, e William Paterson (descobrimos ser este o seu nome) logo se tornou nosso amigo. Sempre o encontrávamos esperando por nós no “banco da história”, e o grande e robusto camarada ria e chorava com nossas histórias como se tivesse três anos de idade. Ele sempre dizia, com um grande orgulho: “Você está contando a história para mim quase tanto quanto conta para David, não está?”. Ele tinha uma inocência bastante rara de se encontrar, e acreditava em histórias das quais até mesmo David desconfiava. Ele sempre olhava para mim alarmado se David dissesse que era claro que aquelas coisas não aconteciam de verdade, e sem conseguir resistir àquele apelo eu respondia que elas aconteciam, sim. Nunca o vi ficar bravo, exceto quando David ainda estava cético, mas então ele dizia, advertindo:

— Ele está dizendo que é verdade, então deve ser verdade.

Isso me leva a uma de suas qualidades, que logo me deixou feliz, mas que também me causou dor, a admiração que ele tinha por mim. Seus olhos, que às vezes tinham um tom avermelhado, estavam sempre fixos em mim com carinho, exceto quando eu contava para ele sobre Porthos e dizia que apenas a morte poderia mantê-lo tanto tempo longe de mim. E então a simpatia de Paterson por mim era tão grande que ele precisava olhar para o outro lado. Ele tinha vergonha de falar sobre si e por isso eu não fazia perguntas pessoais para ele, mas concluí que ele cresceu solitário, por causa de sua ignorância sobre os assuntos, e sem amor, pois senão ele não teria sentido tanto carinho por mim.

Eu me lembro muito bem do dia em que a estranha, e certamente monstruosa, suspeita surgiu em minha cabeça. Havíamos sido levados, nós três, para minha casa por uma chuva repentina; foi também, eu acho, a primeira vez que Paterson havia entrado lá.

— Sente-se no sofá, Sr. Paterson — disse eu enquanto puxava uma cadeira para perto da lareira, e naquele momento tirei os olhos dele. Então eu vi que, antes de se sentar no sofá, ele estava espalhando o jornal sobre ele.

— Por que você está fazendo isso? — perguntei, e ele ficou perplexo com a pergunta. Depois ficou pálido e empurrou o jornal para o lado.

David não havia percebido nada, mas eu estava estranhamente desconfortável e, apesar de meus esforços para falar, sempre acabava ficando em silêncio e era tirado dele pela sensação de que Paterson estava me olhando escondido. Puf! Que imaginação era essa. Afastei aqueles pensamentos de mim e para provar, digamos assim, que eles tinham ido embora, pedi a ele que levasse David para casa. Assim que fiquei sozinho, eu me joguei no chão gargalhando, e então rapidamente dei um pulo e fui atrás deles, bastante sensato também, pois de repente me veio um estranho pensamento de que Paterson havia saído com David sem perguntar onde ele morava.

Ao vê-los à minha frente, atravessei a rua e os segui. Eles andavam um ao lado do outro, de maneira bastante solene, e talvez nada de muito importante tenha acontecido até eles chegarem à porta da casa de David. Digo talvez, pois alguma coisa aconteceu. Uma dama, que tinha vários lindos motivos para frequentar o Gardens, reconheceu David na rua, e estava se inclinando para falar com ele quando Paterson fez algo que a assustou. Eu estava longe demais para ver o que era, mas ele gritara:

— Tire as mãos!

Ela fugiu o mais rápido que pôde. Ele então marchou com os pés pesados até a porta onde, com firmeza, fez algo estranho. Em vez de bater na porta ou tocar a campainha, ele ficou no degrau e gritou alto:

— Hei, hei, hei! — até que a porta fosse aberta.

A extravagância, pois não podia ser nada diferente disso, me deixou sem dormir naquela noite; vocês podem me imaginar experimentando os dois lados do travesseiro.

Eu me lembrei de outras coisas estranhas de Paterson, e elas voltaram para mim carregadas de novos significados. Havia a sua maneira de apertar as mãos. Agora ele fazia aquilo do jeito comum, mas quando nos conhecemos seus braços descreviam um círculo, e sua mão às vezes não alcançava a minha e batia com força em meu peito. Seu andar, também, mais parecia um gingado.

Seu agradecimento também. Ele raramente ia embora sem me agradecer com uma intensidade que era fora de proporção ao pouco que eu havia feito por ele. No Gardens ele parecia sempre preferir a grama ao assento, talvez uma escolha sábia, mas ele tinha uma maneira incomum de

se sentar. Só consigo descrevê-la dizendo que ele soltava o corpo e se esparramava no chão.

Eu me lembrei da ocasião em que ele almoçou comigo no Clube. Comemos costela e notei que ele comia seu prato de maneira um tanto delicada, mas deixei a mesa por um momento para olhar o carrinho de doces e vi, quando voltei, que não havia nenhum osso em seu prato. Os garçons estavam olhando para ele de maneira curiosa.

David era bastante parcial com relação a ele, mas demonstrava isso de maneira singular, costumava acariciar sua cabeça, por exemplo. Eu me lembro também que, enquanto David gritava comigo ou com Irene para chamar nossa atenção, ele normalmente assobiava para Paterson, e não sabia explicar o porquê.

Esses fantasmas me faziam suar na cama, não somente naquela noite, mas sempre quando algum novo choque me trazia de volta com força, embora durante o dia me incomodassem pouco. O dia, porém, tinha suas reflexões, e elas surgiam quando eu me barbeava, naqueles dez minutos quando, colocado face a face com as duras realidades da vida, vemos as coisas com mais clareza. Então a linda natureza de Paterson aparecia ofensivamente, e seus olhos honestos me insultavam. Ninguém que chegasse aos vinte anos de idade tinha o direito de ter tamanha fé em seus semelhantes. Ele não conseguia caluniar, nem invejar, nem prevaricar, nem pular nos motivos mesquinhos de atos generosos. Ele não tinha nem uma história para contar sobre mulheres. Tudo parecia inumano.

Que criaturas somos nós! Eu tinha um pouco de vergonha da confiança de Paterson em mim, mas quando vi que ela estava começando a diminuir eu lutei por ela. Uma tarefa fácil, pode-se dizer, mas não foi fácil, pois gradualmente uma mudança se sobrepunha à juventude. Cheguei agora em uma época em que o bom coração escapara dele; ele havia perdido seu gosto pela diversão, e havia uma dubiedade tão certa em seus olhos. Ele não duvidava de mim, ainda não, mas da natureza humana em geral; aquela construção nobre estava cambaleando. Ele se misturava aos garotos no Gardens; ah, mães, é difícil dizer isso, mas como ele poderia conservar sua inocência ao se misturar com os garotos? Ele ouvia suas conversas sobre vocês mesmas e então, senhoras, aquela parte da construção desmoronou. Não tenho coragem de acompanhá-lo em suas descobertas. Às vezes ele ficava inflamado com elas, mas na maioria das vezes ele ficava olhando, abismado e mudo, como alguém gemendo por dentro.

Ele via tudo como um mundo novo; antes ele tinha tempo de respirar sobre o vidro. Assim como aconteceria com sua criança, senhora, se nascesse com os poderes de um homem, e quando ficasse desiludida com todo o resto, ela voltaria atrás de um momento maior com você, a mulher sobre quem, antes de vê-la, ela ouvira tanto falar. Como você tentaria enganá-la, assim como eu tento esconder meu verdadeiro ser de Paterson, e você ainda iria tentar, assim como eu tento, depois que soubesse que o jogo acabou.

Os olhos tristes de Paterson me desnudavam. Havia dias em que eu não suportava olhar para ele, embora certamente eu tenha deixado de ser um homem vaidoso há bastante tempo. Ele ainda se encontrava conosco no Gardens, mas durante horas ele e eu ficávamos juntos sem conversar. Foi assim no último dia, um daqueles muitos dias em que David, depois de ter passado a noite espirrando, fora mantido em casa, e eu me sentei sozinho com Paterson no banco da história. Por fim eu me dirigi a ele. Nunca havíamos conversado sobre o que prendia nossas línguas, e eu só queria dizer agora que precisávamos ir, pois logo os portões se fechariam, mas quando olhei para ele vi que havia mais tristeza do que antes; ele fechou os olhos com tanta força que uma gota de sangue caiu deles.

— Estava tudo terminado, Paterson, há muito tempo — disse eu, severamente —; por que insistimos?

Ele juntou as mãos com tristeza e ainda assim me lançou olhares apelativos com muita afeição por mim.

— Você esperava muito de mim — disse a ele, e ele abaixou a cabeça. — Não sei de onde você tirou suas grandes ideias sobre homens e mulheres. Não quero saber — acrescentei, com seriedade.

— Mas deve ter sido de um mundo mais bonito do que este.

Disse eu:

— Você tem certeza de que foi sábio em passar por isso?

Ele se levantou e sentou-se de novo.

— Eu queria saber — respondeu ele, devagar —, eu queria ser como você.

— E agora você me conhece — disse eu. — Você ainda quer ser como eu? Sou uma pessoa curiosa com quem se relacionar, Paterson; você não vê que até mesmo David sempre ri de mim quando acha que não está sendo observado? Luto bastante para manter o amor daquele garotinho; mas eu devo perdê-lo logo; até mesmo agora eu não sou o que já fui um dia para

ele; em um ou dois anos no máximo, Paterson, David vai crescer longe de mim.

O pobre camarada esticou a mão para mim, mas:

— Não — disse eu. — Você descobriu como eu sou. Todos descobrem como eu sou exceto meu cachorro, e é por isso que a perda dele faz tanta diferença para mim. Podemos ir, Paterson?

Ele não quis vir comigo e por isso eu o deixei no banco; quando eu já estava bem distante dali olhei para trás e ele ainda estava sentado lá, desesperado.

Durante muito tempo não consegui fechar meus ouvidos naquela noite. Fiquei deitado ouvindo, não sei o quê. Eu tinha um medo dentro de mim que me deixava incomodado com o escuro e acendi a luz e finalmente dormi. Fui acordado por uma grande algazarra bem cedo, com os criados animados, e minha porta se abriu, e o querido Porthos de quem eu sentira tanta falta entrou. Eles o haviam ouvido latir, mas ninguém sabia de onde ele veio.

Ele estava em excelentes condições e depois de ter pulado em todas as partes do meu corpo eu o joguei no chão com um truque que eu conhecia, e me deitei ao lado dele, e ele colocou seus braços protetores em volta de mim e olhou para mim com aqueles velhos e adoráveis olhos.

Mas nunca vimos Paterson novamente. Vocês podem pensar o que quiserem.

XXII

JOEY

Crianças sábias sempre escolhem uma mãe que foi namorada em seus dias de solteira e por isso teve várias ofertas de casamento antes de escolher seu afortunado papai. Fazem isso porque cada oferta recusada pela mãe significa uma outra pantomima para eles. Vejam só, não é possível confiar em seu pai levando você para a pantomima, mas você pode confiar em todos os pobres cavalheiros por quem aquela dama derramou uma lágrima deliciosa em seu adorável lençinho de cambraia. É lindo (mas terrivelmente emocionante) vê-los na Noite das caixas reunindo os bebês de seus antigos amores. Alguns batem em apenas uma porta e trazem um carro de aluguel, mas outros vão de rua em rua em ônibus particulares, e até usam narizes falsos para combinar com os sofrimentos que sentem ao verem você crescer mais e mais parecido com sua doce e cruel mamãe.

Então levei David para a pantomima, e espero que vocês entendam meu raciocínio, pois eu não entendo. Ele tinha bastante expectativa, parava no patamar para olhar dentro do buraco na pequena casa chamada “Pague Aqui”, que ele pensou ser a casa da Chapeuzinho Vermelho, e perguntou educadamente se ele poderia vê-la, mas disseram a ele que ela tinha ido passear no bosque, e aquilo era bem verdade, pois ela estava no bosque pegando lenha para acender a lareira da casa de sua avó. Ela cantava uma linda música sobre os meninos e seu jeito elegante, o que deixou David bastante lisonjeado, mas ela se esqueceu de levar a lenha no final. Outras partes da peça não foram tão boas, mas David a achou adorável, de verdade.

Contudo, deixou o lugar aos prantos. Soluçou durante todo o caminho para casa e se eu tentasse confortá-lo ele me atacava.

O palhaço havia causado aquilo, o homem de quem ele esperava coisas tão justas. Ele perguntou em voz alta ao cavalheiro mediano e engraçado (e no meio de uma música) se ele achava que ia demorar muito para Joey entrar, e quando finalmente Joey apareceu, ele gritou “Como vai você, Joey!” e parecia ter convulsões de tanta alegria.

Joey e seu pai acompanhavam um açougueiro que vendia carnes de porco, embalando linguças pelas quais sua família tem uma enorme fraqueza, e então quando o açougueiro colocou Joey como seu ajudante as linguças desapareceram. Mas isso não importava, pois havia uma caixa bem parecida com uma máquina de fazer sorvete, e você coloca pedaços de carne de porco em uma ponta e gira a maçaneta e as linguças saem do outro lado. Joey gostava bastante de fazer isso, e era possível perceber que

as linguças eram excelentes pela maneira que ele lambia os dedos depois de tocá-las, mas logo não restavam mais pedaços de carne de porco, e neste momento o querido e pequeno cachorro terrier irlandês apareceu trotando pela rua, de maneira que Joey o colocou dentro da máquina e o cachorrinho saiu do outro lado em forma de linguça.

Foi esse ato insensível que transformou toda a alegria de David em tristeza, e nos fez ir embora chorando para casa.

Deus sabe que não tenho a intenção de defender tal ato cruel, mas Joey me contou depois que é muito difícil distinguir o engraçado do bárbaro. Fui forçado a admitir a ele que David havia se divertido muito quando ele bateu nas pernas do policial, e gritava com força “Faz de novo!” sempre que Joey batia em sua perna e derrubava o homem com um chute e depois o ajudava a levantar.

— Isso machuca o pobre camarada — disse Joey para mim, que descobri, com uma agradável surpresa, ser uma pessoa que não queria de maneira alguma magoar os sentimentos humanos. — E ele não suportaria fazer isso se não houvesse a risada para encorajá-lo.

Ele afirmou que o cachorro também usava as risadas como motivação.

Mas ele não conseguiu convencer David a rir, cuja mãe, pai e babá juntos não conseguiram confortá-lo, embora tenham jurado para ele que o cachorro ainda estava vivo, no que ele teria acreditado se não tivesse visto as linguças. Foi para perguntar se algo podia ser feito para melhorar aquela situação que enviei meu cartão para o palhaço, e o resultado de nossa conversa foi que ele convidou a mim e a David para tomar um chá com ele na próxima quinta-feira em seus aposentos.

— Não vou rir — disse David, ainda fiel à lembrança do cachorrinho —, não vou rir nem uma vez.

E David fechou a boca com força quando nos aproximamos da casa no Soho onde ficavam os aposentos de Joey, mas ele também segurou minha mão, como alguém que sabia que seria difícil não rir.

A casa era bastante comum, mas havia uma loja de linguças bastante conveniente do lado oposto (acredito que Joey seja responsável por isso) e vimos um policial na rua olhando para o outro lado, da maneira como fazem antes de você passar por eles. Uma mulher usando o mesmo tipo de roupas que pessoas de outras casas usam nos disse para subir até o segundo andar, e ela sorriu para David parecendo que já ouvira falar sobre ele; então

subimos, David resmungando com os dentes cerrados “não vou rir” e logo que batemos na porta uma voz gritou:

— Aqui estamos nós de novo!

Com isso um arrepio tomou conta de David, como se ele temesse ter se envolvido em uma missão impossível. Entramos, porém, e pensamos que a voz certamente tinha vindo de seu quarto, pois não encontramos ninguém ali. Olhei perplexo para David, e ele rapidamente colocou uma mão na boca.

Era um cômodo engraçado, é claro, mas não tão engraçado quanto se espera; havia coisas divertidas nele, mas elas não faziam nada engraçado, era possível ver que aquelas coisas estavam ali só esperando por Joey. Havia cadeiras acolchoadas com aparência agradável no meio da sala, e uma mesa e um sofá de crina de cavalo. Nós nos sentamos com cuidado no sofá mas nada nos aconteceu.

A maior peça de mobília era um enorme tronco de vime que tinha uma meia bem colorida pendurada em um buraco, e percebi que Joey era o homem mais engraçado da terra. David tentou puxar a meia do buraco, mas ela era tão comprida que nunca chegava ao fim, e quando ela se mostrou ter seis vezes a largura da sala ele cobriu a boca de novo.

— Eu não estou rindo — disse ele para mim, de maneira um tanto feroz.

Ele até conseguiu não rir (embora tenha engolido o riso) quando viu na beira da lareira uma foto de Joey usando roupas comuns, as peças de vestuário que ele usava antes de se tornar um palhaço. Vocês não imaginam como ele parecia engraçado usando aquelas roupas. Mas David não riu.

De repente Joey estava ao nosso lado. Não poderia ter sido mais repentino, embora ele tenha saído de debaixo da mesa, e usava suas roupas de pantomima (ele nos contou mais tarde que eram as únicas roupas que ele tinha) e seu rosto vermelho e branco era tão engraçado que David fez barulhos gorgolejantes, que eram sua risada tentando forçar passagem.

Apresentei David, que ofereceu sua mão de maneira formal, mas Joey, em vez de apertá-la, colocou a língua para fora e começou a balançá-la e isso era tão engraçado que David precisou mais uma vez se proteger colocando a mão sobre a boca. Joey pensou que ele estava com dor de dente, então expliquei o que aquilo realmente queria dizer e então Joey disse:

— Ah, logo vou fazê-lo rir.

E então a seguinte conversa se estabeleceu entre eles:

— Não, não vai — disse David, obstinado.

— Sim, eu vou.

— Não, não vai.

— Sim, eu vou.

— Não vai, não vai, não vai.

— Vou, vou, vou.

— Cala a boca.

— Cala a boca, você.

Neste momento Joey estava em uma situação assustadora (porque ele viu que estava extraindo o pior dele), e disse que estava com a risada de David guardada em seu bolso, e David o desafiou a mostrá-la, e Joey procurou em seus bolsos e tirou deles os artigos mais inesperados, incluindo um pato e um monte de cenouras; e era possível ver pelas suas maneiras que a alma simples pensava que estas eram coisas que todos os garotos carregavam soltas em seus bolsos.

Eu me atrevo a dizer que David teria rido no final, se não houvesse uma linguiça meio comida em um dos bolsos, e ao ver isso ele se lembrou do cruel destino do pobre cachorro que uivou, e o coração de Joey foi finalmente tocado, e ele também chorou, mas limpou seus olhos com o pato.

Foi neste momento emocionante que o outro palhaço entrou, também vestido da maneira como o havíamos visto da última vez, e trazendo, infelizmente, uma bandeja cheia de linguiças que rapidamente aumentou a tristeza geral, pois ele anunciou, com sua voz aguda, que aquilo era o que sobrara do cachorro.

Então Joey pareceu ter uma grande ideia, e sua animação foi tão impressionante que ficamos parados olhando para ele. Primeiro, ele contou as linguiças, e disse que eram muito poucas, e encontrou outras duas na manga do outro palhaço. Então correu para fora da sala e voltou com a máquina de fazer linguiças; e o que vocês acham que ele fez? Ele colocou as linguiças em uma ponta da máquina e girou a alavanca, e então o cachorro saiu do outro lado.

Vocês podem imaginar a alegria de David?

Ele pegou o pequeno terrier nos braços; e então percebemos que havia uma linguça presa em seu rabo. O palhaço disse eles colocaram muita linguça na máquina, mas Joey disse que a máquina não tinha funcionado bem e que ele temia que a linguça fosse o latido do cachorro, o que deixou David aflito, pois ele imaginou como deveria ser estranho para um cachorro ficar com o latido do lado de fora, e estávamos pensando no que deveria ser feito quando o cachorro encerrou a discussão ao engolir a linguça.

Depois disso, David teve a hora mais hilária de sua vida, entrando nos prazeres infantis desta família com tanta emoção como se tivesse sempre lidado com o truque das linguças, e derrubando o palhaço repetidas vezes. Vocês não devem pensar que ele fez isso por maldade, ele o fez para agradar o velho senhor, que implorou para que ele fizesse aquilo, e sempre apertava suas mãos e dizia “obrigado” depois que ele o derrubava. São pessoas bastante simples.

Joey chamava David e eu de “Filho” e pediu para David, que se dirigia a ele como “Senhor Palhaço”, para chamá-lo de Joey. Ele também nos contou que o nome do outro palhaço era velho Joey, e o da columbina era Josy, e do arlequim, Joeykin.

Ficamos tristes ao ouvir que o velho Joey causava uma grande série de problemas para ele. Isso porque sua memória é muito ruim e ele sempre esquece se é a cabeça ou se são os pés que te colocam em pé, e normalmente começa o dia levantando-se pela ponta que sai da cama primeiro. Assim, ele precisa ser sempre vigiado, e o pior é que você não pode se atrever a chamar atenção para o erro dele, pois ele é muito sensível a isso. Joey havia acabado de nos contar isso quando o pobre velho camarada começou a se virar de ponta-cabeça e ficou apoiado nela, mas fingimos não perceber e conversamos sobre o tempo até ele chegar até nós.

Josy e Joeykin, de saias e lantejoulas, já estavam conosco neste momento, pois também tinham sido convidados para o chá. Eles chegaram dançando, e continuaram dançando durante a maior parte do tempo. Mesmo no meio do que estavam dizendo começavam a girar; não é que eles queriam dançar o tempo todo, mas qualquer coisinha já os fazia se mexer, coisas como sentirem uma corrente de ar; e David achou que ele poderia assoprá-los pela sala como se fossem pedaços de papel. Era possível ver pelo comprimento do vestido de Josy que ela era realmente muito jovem, e no início isso o deixou tímido, como ele sempre fica quando é apresentado

formalmente a garotinhas, e começou a chupar o dedo, assim como ela, mas logo a timidez se afrouxou e os dois se sentaram juntos no sofá, um segurando a mão do outro.

Durante todo esse tempo o arlequim girava parecendo um lindo peixe, e David pediu para que ele pulasse na parede, algo que ele gosta muito de fazer, e a princípio ele disse que faria aquilo, e depois disse que era melhor não fazer, pois na última vez em que fez isso as pessoas na casa ao lado reclamaram. David precisou concordar que deve ser bastante incômodo para as pessoas do outro lado da parede, mas ficou triste por isso.

Agora o chá estava pronto, e Josy, que serviu o chá, lembrou-se de perguntar se tomávamos leite com apenas uma gota de chá nele, exatamente como sua mãe teria perguntado. Não havia nada para comer, é claro, além de linguças, mas havia muitas linguças! Centenas, pelo menos, cordões de linguças, e de vez em quando Joey se levantava e pulava cordas com elas. David havia sido ensinado a não ser guloso, mesmo que se sentisse guloso, e ele ficou chocado ao ver a maneira como Joey e o velho Joey e até mesmo Josy olharam para as linguças que haviam dado para ele. Logo Josy desenvolveu sentimentos mais nobres, pois ela e Joeykin de repente se apaixonaram loucamente um pelo outro do outro lado da mesa, mas não afetada por esta linda imagem, Joey continuou a colocar linguças inteiras em sua boca de uma só vez, e então se abaixou um pouco para se esfregar, enquanto o velho Joey contava para eles em segredo sobre sua pessoa; e quando David não estava olhando os dois pegavam mais linguças, e ainda assim eles corriam constantemente para o topo da escada e gritavam para o serviçal trazer mais linguças.

Era possível ver que Joey (se você o pegasse com a mão no prato) estava com um pouco de vergonha de si mesmo, e admitiu para nós que linguças eram sua paixão.

Ele disse que nunca em sua vida comeu um número suficiente de linguças. Elas o deixavam louco desde que ele era um garotinho. Ele nos contou como, mesmo naqueles dias, sua mãe temera por ele, embora ela também gostasse de linguças; e que ele havia comprado uma linguça com o primeiro centavo que ganhou, e que pretendia comprar uma linguça com o último centavo que ganharia (se elas não pudessem ser adquiridas de alguma outra maneira), e que ele sempre dormia com um cordão de linguças embaixo de seu travesseiro.

Enquanto ele estava nos contando essas coisas, infelizmente, seus olhos brilharam, primeiro acidentalmente, e depois com vontade, para o cachorrinho, que estava brincando em cima da máquina de fazer linguiças, e suas mãos começaram a seguir aquela direção. Neste momento David, subitamente amedrontado, alcançou o cachorro com um braço e cerrou o outro punho, e então Joey implorou por seu perdão e caiu no choro, jogando cada lágrima contra a parede, onde explodiam fazendo um barulho.

David recusou-se a perdoá-lo a menos que ele promettesse nunca olhar daquela maneira para o cachorro novamente, mas Joey disse que promessas não significavam nada para ele quando ele estava sem linguiças, e então sua ação mais sábia seria presentear David com o cachorro. Ah, a alegria de David quando entendeu que o cachorrinho que salvara agora era seu! Posso dizer que agora ele tinha pressa em ir embora antes que Joey mudasse de ideia.

— Só peço — disse Joey com a voz emocionada — que você dê a ele o meu nome e sempre lhe dê linguiças, filho, nas noites de sábado.

Havia uma dignidade silenciosa sobre Joey no final, que mostrava que ele poderia ser uma pessoa bastante distinta, não fosse sua paixão fatal.

A última vez em que o vimos foi na rua. Ele mostrou sua língua para nós daquela maneira atraente e tola, e Josy estava apoiada nas mãos de Joeykin como se fosse uma borboleta que pousara em uma flor. Não pudemos exatamente ver o velho Joey, mas vimos seus pés, e então tememos o pior. Claro que eles não são tudo o que alguém deve ser, mas é impossível não gostar deles.

XXIII

PILKINGTON

Quando atingem os oito anos de idade, ou algo próximo disso, as crianças voam para fora do Gardens e nunca mais voltam. Quando vocês as encontram novamente, elas são damas e cavalheiros segurando seus guarda-chuvas e chamando por um carro de aluguel.

Não sei para onde vão as garotas, devem ir para algum lugar em particular, eu acho, para arrumar seus cabelos, mas os garotos vão para a casa do Pilkington. Ele é um homem com uma bengala. Você não vai para a casa do Pilkington usando as calças curtas feitas pela sua mãe, com tanto cuidado. Elas precisam ser calças de verdade. Essa é a regra. Daí a terrível fascinação de Pilkington.

Ele pode ser visto colocando suas iscas no anzol e usando calças curtas de verdade, e passa o dia todo pescando no Gardens, que para ele é apenas um lago cheio de peixinhos.

Sombra abominável! Não sei que tipo de homem és na carne, senhor, mas imagine-se barbudo e com cabelo preto, e com um corpo esguio e tortuoso, que está sempre assobiando. Todas as manhãs, eu juro, ele lê avidamente a lista de nascimentos de meninos em seu jornal, e então suas mãos são esfregadas vivamente uma na outra. É o medo dele, da roupa dele e da bengala dele, que são parte dele, que faz com que as fadas se escondam durante o dia; caso apenas uma vez fosse atormentá-las entre as horas de fechamento e abertura dos portões, não sobraria nenhum lugar agradável em todo o Gardens. As pequenas sairiam voando. Elas são muito mais espertas do que os garotos que nadam glamourosos atrás de seu engenhoso anzol. Você, devastador do Gardens, eu conheço você, Pilkington.

Ouvi falar sobre Pilkington pela primeira vez através de David, que ouvia falar dele por Oliver Bailey.

Este Oliver Bailey era uma das figuras mais arrojadas do Gardens, e sem esforço aparente se aproximava diariamente do fim de seu sétimo ano de idade enquanto David parecia ser incapaz de passar dos cinco anos e meio. Preciso falar sobre ele no passado, pois Oliver foi embora do Gardens (foi embora para a casa de Pilkington), mas ele ainda é um nome entre nós, e algumas de suas atitudes nobres ainda são lembradas, como o fato de seu pai se barbear duas vezes ao dia. O próprio Oliver estava nessa escala.

Sua ambição não desprezível parece sempre ter naufragado em uma ilha, na verdade me disseram que ele mencionou isso de maneira insinuante em suas orações, e talvez fosse inevitável que um menino com tal ponto de

vista fascinasse David. Tenho orgulho, portanto, de poder afirmar que foi Oliver quem fez a proposta inicial.

Ao ouvir pela primeira vez, de algum satélite de Oliver, sobre as Ilhas das Ruínas, como são chamadas no Gardens, David disse melancolicamente que achava que você precisa ser muito bom antes de ter qualquer condição de ser arruinado, e a observação foi transmitida a Oliver, que ficou um pouco desconfortável com aquilo. Durante algum tempo ele tentou evitá-lo, mas por fim David foi apresentado a ele e foi convidado a repetir o que havia dito. O resultado foi que Oliver anunciou ao Gardens sua intenção de ser bom até completar oito anos de idade, e se ele não estivesse arruinado ao chegar nesta idade, ele seria tão mau quanto um menino poderia ser. Ele era naturalmente tão mau que no jardim de infância, quando a diretora ordenava que quem houvesse feito a última travessura desse um passo à frente, o costume de Oliver era dar o passo à frente, não necessariamente por ter sido ele quem fez a travessura, mas porque presumia que era muito provável tê-la feito.

A amizade dos dois começou nesta época e, a princípio, achei que Oliver havia descoberto a generosidade ao tratar David como um igual; ele também andava de mãos dadas com ele, e até chamava sua atenção por algumas delinquências como um adorável irmão mais velho. Mas o mundo é cruel até mesmo no Gardens, pois descobri que uma nova combinação havia sido feita, que reduzia Oliver ao tamanho de uma vida. Ele se cansou de fazer o bem e passou isso, por assim dizer, para seu amigo. Em outras palavras, agora pesava em David a missão de ser bom até os oito anos de idade, enquanto Oliver se agarrava a ele com tanta força que era impossível um não ser destruído sem levar o outro junto.

Quando tomei conhecimento disso já era tarde demais para quebrar o encanto de Oliver. David tinha muito orgulho dele e acreditava muito nele. Comecei a me ver deixado de lado, pois Oliver deixava claro que se entediava com a minha presença e até David parecia achar que seria mais conveniente que eu fosse me sentar com Irene. Vocês vão rir de mim? Fiquei realmente incomodado, e solitário, e bastante amargo; e como me tornei humilde. Às vezes quando Joey, o cachorro, não consegue convencer Porthos a brincar com ele, ele fica em pé em suas patas traseiras e implora pela sua atenção, e eu acredito que em alguns momentos eu fui tão humilde quanto Joey. Então David insistia para que eu ficasse com eles por causa de meu sofrimento, mas era claro que ele não tinha nenhuma vontade de me ter por perto.

Não era um problema importante e eu me desprezava por isso. Durante anos briguei com Mary para ter a companhia de David, e não fracassei totalmente embora ela tenha a vantagem por ter um relacionamento mais próximo com ele; será que agora eu seria deixado de lado com tanta facilidade por causa de um menino de sete anos de idade? Reconsiderarei minhas armas e lutei contra Oliver e venci. Guardem para vocês a ideia de que aqueles dois garotos se tornaram tão próximos de mim quanto meu casaco quando o visto.

Fiz isso com as ilhas das ruínas. Comecei da maneira mais despretensiosa contando para eles uma história que poderia durar uma hora e, favorecido por um vento bastante inesperado ela durou dezoito meses. Começou com a ruína de uma família suíça simples, que olhou para cima e viu uma árvore, mas logo uma inspiração gloriosa que tive durante a noite transformou a história da ruína de David A----- e Oliver Bailey. Primeiro foi sobre o que eles estavam a ponto de fazer quando foram arruinados, mas imperceptivelmente se transformou no que eles tinham feito. Passei bastante tempo encarando pensativo os títulos das histórias de garotos nas vitrines das livrarias, procurando por inspiração, digamos assim, e então descobri que os títulos eram até mais úteis do que as próprias histórias. Destruímos todo o mundo digno de nota, incluindo os personagens mais emocionantes de Homero e o heróis de Paraíso Perdido. Mas permitimos que eles não atrasassem. Tiramos deles o que quisemos e os deixamos a navegar pelos altos mares sem aventuras. E tudo isso era apenas o começo.

Neste momento eu já estava na ilha. Não era minha proposta, mas David conhecia meus desejos, e já tinha combinado com Oliver. Eles me

encontraram entre as ondas com um cachorro grande, que havia me mantido flutuando naquela noite horrorosa. Eu era o único sobrevivente do malfadado Anna Pink. Eu estava tão exausto que eles precisaram me carregar para sua cabana, e fiquei muito agradecido quando abri meus olhos e me vi naquela construção romântica e não no depósito de Davy Jones. Enquanto caminhávamos no Gardens contei a eles sobre a cabana que haviam construído; e eles ficaram orgulhosos, mas não se mostraram surpresos. Por outro lado, procuravam por alguma surpresa em meu olhar.

— Contamos para você sobre a tartaruga que colocamos de cabeça para baixo? — perguntou Oliver, remetendo-se a feitos deles, sobre os quais eu já havia contado a eles.

— Sim, contaram.

— Quem virou? — perguntou David, não como alguém que precisa da informação, mas como se fosse um professor.

— Foi virada — disse eu — por Davi A-----, o mais novo dos dois jovens.

— Quem fez os macacos jogarem cocos nele? — perguntou o mais velho dos dois.

— Oliver Bailey — respondi eu.

— Foi Oliver — perguntou David animado — que encontrou o coqueiro primeiro?

— Pelo contrário — respondi —, quem viu a árvore primeiro foi David, que imediatamente subiu nela, observando: “é certamente um coqueiro, pois, veja, caro Oliver, as colunas delgadas que sustentam a coroa de folhas que caem com uma graça que nenhuma arte pode imitar”.

— Foi isso mesmo o que eu disse — observou David, balançando a mão.

— Eu também disse coisas desse tipo — insistiu Oliver.

— Não, você não falou isso naquela hora — disse David.

— Falei, sim.

— Não falou, não.

— Cala a boca.

— Bom, então vamos ouvir o que você disse.

Oliver parecia estar me fazendo um apelo.

— Você disse o seguinte — anunciei —; Oliver disse: “é verdade, camarada, e embora os perigos desses acontecimentos sejam grandes e nossas privações calculadas para partir o mais forte dos corações, para ser

recompensado por tais belas visões eu suportaria provações ainda maiores e ainda me regozijaria, tal como o pássaro em seu galho longínquo”.

— Foi isso mesmo o que eu disse! — gritou Oliver.

— Eu atirei no pássaro — disse David, instantaneamente.

— Que pássaro?

— O pássaro que estava no galho.

— Não atirou, não.

— Eu não atirei no pássaro?

— Foi David quem atirou no pássaro — disse eu — mas foi Oliver quem viu graças à sua plumagem muito colorida que era um Psittacidae, um excelente substituto para a perdiz.

— Você não percebeu isso — disse Oliver, bastante vaidoso.

— Percebi, sim.

— O que mais você percebeu?

— Percebi aquilo.

— Aquilo o quê?

— Cala a boca.

— David atirou nele — retomei — e Oliver sabia seu nome, mas eu o comi. Vocês se lembram como eu estava com fome?

— Com muita fome! — disse David.

— Fui eu quem cozinhei — disse Oliver.

— Foi servido com torrada — eu os lembrei.

— Fui eu quem preparei a torrada — disse David.

— Torradas da árvore de macadâmia — disse eu —, que (como os dois comentaram ao mesmo tempo) têm duas e às vezes até três safras ao ano, e também produzem uma goma muito boa para lançar canoas.

— Eu lancei a minha melhor — disse Oliver.

— Eu lancei a minha mais longe — disse David.

— E quando eu terminei de comer — disse eu —, vocês me surpreenderam ao me entregar um cigarro que fizeram a partir de uma planta de tabaco.

— Eu entreguei para você — disse Oliver.

— Eu preparei a ponta — disse David.

— E então — disse eu — você me deu o fogo.

— Qual de nós? — gritaram os dois ao mesmo tempo.

— Os dois — disse eu. — Nunca vou me esquecer de como fiquei impressionado quando vi vocês providenciarem fogo esfregando dois

pauzinhos.

Ao ouvirem isso, os dois balançaram a cabeça.

— Você não teria conseguido fazer isso! — disse David.

— Não, David — admiti —, eu não sei fazer isso, mas é claro que sei que todos os garotos que sofrem um naufrágio sabem fazer isso com facilidade. Me mostre como vocês fizeram.

Mas depois de conversarem longe de mim os dois decidiram não me mostrar. Eles não me mostravam tudo.

David agora estava bastante convencido que ele já havia sofrido um naufrágio e fora para uma ilha, enquanto Oliver passou seus dias em dúvida. Eles costumavam conversar sobre isso um com o outro e entre seus amigos. Quando eu contava a história, Oliver a escutava com uma faca na mão, e David, que não tinha permissão para ter uma faca, usava uma bandana de pirata em volta da cintura. Irene, que costumava interferir, foi contra a história toda e disparou comentários sobre ilhas arruinadas que merecem pouco crédito. Eu queria afrontá-la, mas David, que tinha um jeito com mulheres, conhecia uma melhor maneira de lidar com ela. Ele astuciosamente propôs que a “deixássemos entrar”, em suma, deveríamos arruiná-la, e embora eu me opusesse a isso, ela se mostrou ser um grande sucesso e reconheceu a yucca filamentosa graças a suas folhas longas e estreitas no dia em que se juntou a nós. Depois disso não zombamos mais de Irene, que ouvia a história com o mesmo entusiasmo do que qualquer outra pessoa.

Isso nos encorajou na época a deixar que o pai e a mãe de David se juntassem a nós, apesar de que eles nunca saberiam dela se nós não a contássemos, e não tenho dúvidas de que ele o fez. Eles foram admitidos para agradar a David, que tinha um coração muito bom e sabia que enquanto estivesse na ilha os dois deveriam estar sentindo muito a sua falta em casa. Então nós os deixamos entrar, e não havia nenhuma outra parte da história que ele gostava tanto quanto aquela que contava a alegria que fora este encontro. De qualquer maneira, precisávamos de uma outra mulher, alguém mais romântico do que Irene, e Mary, posso garantir a ela agora, tinha muito trabalho. Ela era sempre levada por canibais, e David tornou-se bastante adepto a arrancá-la da panela e pular de penhasco em penhasco com seu adorável fardo nos braços. Raramente havia um sábado em que David não matasse seu homem.

Agora vou mostrar a vocês a prova de que David acredita que tudo aquilo era verdade. Quem me contou isso foi Oliver, que ouviu isso de nosso próprio herói. Eu havia descrito para eles como os selvagens tatuaram o pai de David, e Oliver me contou que uma noite, logo depois disso, David foi pego levantando suavemente o cobertor das pernas de seu pai para olhar os pássaros e répteis gravados nele.

E então muitos meses tinham se passado sem ouvirmos nada a respeito de Pilkington, e vocês podem estar se perguntando onde ele estava durante esse tempo todo. Ah, meus amigos, ele estava ocupado pescando, embora eu ainda não tivesse conhecimento de sua existência. De repente ouvi o rugido de sua maldita bobina quando ele pegou um peixe. Eu me lembro daquele dia sombrio com uma vivacidade dolorosa, era um dia úmido, na verdade acho que sempre tem chovido desde então. Assim que eles se juntaram a mim eu vi, pelas maneiras dos dois garotos, que eles tinham algo para me dizer. Oliver cutucou David e deu alguns passos para trás, enquanto David disse para mim com ar solene:

— Oliver vai para Pilkington.

Imediatamente achei que era alguma escola, mas eu sabia tão pouco sobre a importância do que David me contara que gritei, brincando: “Espero que você não leve umas chicotadas, Oliver”.

Era evidente que eu magoara os dois, pois eles trocaram olhares e se retiraram para conversar atrás de uma árvore, e então David voltou e disse, com ênfase:

— Ele vai levar duas jaquetas, duas camisas e duas calças curtas, todas de verdade.

— Muito bem, Oliver! — disse eu, mas eu estava falando a coisa errada novamente. E mais uma vez os dois desapareceram atrás da árvore. Era claro que os dois decidiram que chegara a hora de falar claramente comigo, pois agora David soltou:

— Ele não quer mais que você o chame de Oliver.

— E como eu devo chamá-lo?

— Bailey.

— Mas, por quê?

— Ele vai para Pilkington. E ele não pode mais brincar com a gente depois do próximo sábado.

— Por que não?

— Ele vai para Pilkington.

Então eu entendi a regra da coisa, e nós seguimos juntos, Oliver se esforçando e até David, eu pensei, tentava parecer calmo.

— David — disse eu em voz baixa —, você vai para Pilkington?

— Quando eu tiver oito anos — respondeu ele.

— E então eu não vou poder mais te chamar de David e você não vai mais brincar comigo no Gardens?

Ele olhou para Bailey, e Bailey sinalizou para ele se manter firme.

— Ah, não — disse David, alegremente.

Assim descobri rapidamente quanto tempo mais eu ainda teria com ele. É estranho que um garotinho possa causar tanta dor. Soltei sua mão e caminhei em silêncio, e logo cometi a maior de minhas grosserias ao terminar a história abruptamente, de maneira bastante cruel.

— Dez anos se passaram — disse eu — desde que falei pela última vez com eles, e nossos dois heróis, agora jovens homens felizes, estão revisitando a ilha em ruínas de sua infância. “Nós estávamos arruinados?”, perguntou um deles, “ou havia alguém lá para nos ajudar?”. E o outro que era o mais jovem respondeu: “Acho que havia alguém para nos ajudar, um homem com um cachorro. Acho que ele costumava me contar histórias no Kensington Gardens, mas eu esqueci tudo sobre ele; não me lembro nem de seu nome”.

Esse final da história incomodou Bailey, e ele se afastou de nós, mas David ainda andava ao meu lado, e estava tão quieto que eu sabia que uma tempestade estava se armando. De repente despejou sobre mim:

— Não é verdade — gritou ele —, isso é mentira!

Ele segurou minha mão.

— Eu não vou me esquecer de você, pai.

É estranho o fato de um garotinho poder proporcionar tanto prazer.

Ainda assim, continuei:

— Você vai se esquecer, David, mas já existiu um garoto que teria se lembrado.

— Timothy? — disse ele, imediatamente.

Ele acha que Timothy era um garoto de verdade, e tem muito ciúme dele. Ele se virou de costas para mim, e ficou sozinho, chorando, enquanto eu esperava por ele. Vocês podem ter certeza de que pedi perdão e fiz as pazes com ele, e o fiz rir, deixei-o feliz novamente antes que ele fosse embora. Mas, de qualquer maneira, o que eu disse era verdade. David não é meu garoto e ele vai se esquecer. Mas Timothy teria se lembrado.

OceanofPDF.com

XXIV

BARBARA

Um outro choque esperava por mim mais para frente na história.

Havíamos retomado nossas aventuras, embora mal víssemos Bailey agora. Depois de longos intervalos nós o encontrávamos em nosso caminho indo ou voltando do Gardens e, se não houvesse ninguém de Pilkington vigiando-o, eu achava que ele nos olhava com um pouco de saudade, como se por baixo de suas calças curtas ainda existisse um pedaço da casca do ovo. Caso contrário ele dava um chute nada amigável em David ao passar por ele e o chamava de “pirralho”. E isso era tudo.

Quando Oliver desapareceu da vida no Gardens nós o tiramos da história, e seguimos muito bem sem ele, estendendo nossas operações ao continente, onde elas eram de uma escala tão vasta que rapidamente fomos despovoando a terra. E então, um dia, David disse:

— Devemos deixar a Bárbara entrar?

Já havíamos pensado em dar o lugar de Bailey para alguma outra criança do Gardens, crianças da idade de David se candidataram e até tentaram nos subornar, mas Bárbara era nova para mim.

— Quem é ela? — perguntei.

— Ela é minha irmã.

Vocês podem imaginar como fiquei sem reação.

— Ela ainda não chegou — disse David —, mas está chegando.

Fiquei chocado. Talvez não tão chocado, mas desiludido. Pois embora eu sempre suspeitasse que Mary A----- nutria as mais loucas ambições enquanto parecia ser uma pessoa humilde, nunca imaginei que ela fosse capaz de tamanha presunção.

Vaguei pela Broad Walk para dar uma olhada em Irene, e ela tinha um ar que não se deixava enganar. Isso me fez pensar no marido de Mary e em seus modos na última vez em que nos encontramos, pois embora eu não tenha tido a oportunidade de dizer isso, ainda nos encontrávamos de vez em quando, e ele até jantou comigo no clube. Nessas ocasiões era proibido falar sobre Timothy, e se por um triste acidente o nome de Mary fosse mencionado, nós imediatamente olhávamos para lados opostos e o silêncio se estabelecia, durante o que eu tinha certeza de que ele sorria, e me perguntava do que o camarada estava rindo. Eu me lembro agora que a última vez em que o vi foi quando jantei com ele no clube (pois ele se tornou membro de um clube de amigos pintores, e Mary tinha tanto orgulho disso que havia imprimido isso em seu cartão), quando, sem dúvida, ele pareceu preocupado. Era o olhar, percebo agora, de alguém que compartilhava um segredo.

Quando tudo me havia sido revelado eu ri de forma desagradável de mim mesmo, pois, em minha alma, eu vinha pensando coisas boas sobre Mary ultimamente. Sempre exagerada com relação a David, ela o vinha restringindo até mesmo de mim durante as últimas semanas, e eu a havia perdoado, pensando que era amor de mãe. Eu sabia pelo que o pobre garoto me contava sobre o tratamento que ela vinha lhe dando e do qual ele não gostava; eu a havia visto abraçando-o furtivamente em lugares públicos; todos os seus atos, pelo que eu sabia, eram um desafio para quem ousasse afirmar que ela queria mais alguém além de David. Como poderia eu, não sendo uma mulher, ter adivinhado que na verdade ela estava se despedindo dele?

Leitores, imaginem aquele garotinho brincando pela casa neste momento, imaginando que tudo estava caminhando como sempre. Seus brinquedos não tinham adquirido um novo significado, principalmente o motor que ela comprara para ele ontem?

Você olhou no rosto dele, Mary, quando deu a ele aquele motor? Não invejo seus sentimentos, madame, quando com braços amorosos ele envolveu você. Aquela confiança infantil dele em mim, com a qual ele, inconscientemente, a traiu, mostra que finalmente você o está preparando para a grande mudança, e suponho que você seja capaz de me dizer que David ainda é feliz e até mesmo interessado. Mas você contou para ele o que isso realmente significa? Melhor, acredito, você é aquela que não teria escrúpulos para fazê-lo entender que B (que você ainda pode achar que quer dizer Benjamin) é primeiramente um presente para ele. No seu coração, madame, o que você acha desse truque de um garotinho?

Suponha que David soubesse o que ia acontecer antes de ele vir até você, você tem certeza de que ele teria vindo? Sem dúvidas, existe um pacto não escrito em tais assuntos entre uma mãe e seu primogênito, e desejo salientar a você que ele nunca o quebrará. De novo, o que dirão os outros garotos quando souberem? Você está fora das críticas do Gardens, mas David não está. Lealdade, madame; acredito que teria sido mais delicado de sua parte esperar e deixar que ele enfrentasse os desafios de Pilkington.

Você acha que seu marido é um grande homem agora porque estão começando a comentar sobre seus primeiros planos e médias distâncias nas colunas de jornal que ninguém lê. Sei que você comprou um casaco de veludo para ele, e que ele agora tem um estúdio grande, arejado e confortável em Mews Lane, onde você pode ser encontrada usando uma roupa macia nas primeira e na terceira quarta-feira do mês. Os tempos estão mudando, mas devo lhe contar uma história aqui, apenas para que você saiba que tenho conhecimento disso?

Três anos atrás uma certa galeria aceitou de um certo artista uma gravura que sua esposa e ele sabiam ser monstruosamente boa. Mas ninguém falou sobre a gravura, ninguém escreveu sobre ela, e ninguém fez nenhuma oferta por ela. O artista estava arrasado, sua esposa lamentava a estupidez dos conhecedores, até que o trabalho foi comprado por um negociante para um cliente anônimo, e então felizes ficaram os dois, e aliviados também em descobrir que eu não era o comprador. Ele veio até mim um dia para ter certeza disso, e andou glorioso de um lado para o outro me dizendo o que o reconhecimento significa para um cavalheiro com sangue artístico. Ah, o garoto feliz!

Mas meses depois, arrumando um armário em casa que normalmente fica trancado, ele descobriu a gravura ali escondida. Sua mulher fora colocada contra a parede e fez a confissão. Como ela poderia se submeter a ver uma obra-prima de seu amor ser ignorada pelo público idiota, e ver seu amor andar triste de um lado para o outro? Ela sabia tão bem quanto ele (pois, não estavam eles casados há anos?) o quanto o instinto artístico busca reconhecimento, e então com suas economias ela comprou a grande obra anonimamente e guardou-a no armário. Primeiro, acreditei, o homem ficou furioso, mas aos poucos ele estava de joelhos aos pés de sua querida. Você sabe quem ela era, Mary, mas, Deus me perdoe, pareço estar elogiando você, e este não foi o meu propósito. O que eu pretendia mostrar é que embora agora você possa se aventurar em pequenas extravagâncias, você parece estar indo rápido demais. Veja isso com responsabilidade, essa ideia de Bárbara é sem dúvidas uma má ideia.

Como ficar quites com ela? Procurei uma maneira e, em meu dia de sorte, concebi meu triunfo final sobre Mary, que ainda mal ousei insinuar, para que, ao descobri-lo, não estragasse minha trama. Pois existe uma trama o tempo todo.

Há bastante tempo eu sei que Mary escrevia um livro, sendo David meu informante, e porque eu publiquei um pequeno volume sobre táticas militares e estou preparando um volume maior sobre o mesmo assunto (que eu provavelmente nunca vou terminar), ele gosta de assistir meus métodos de composição, como mergulho a caneta na tinta, e coisas assim, sempre querendo ajudá-la. Ele pode ter feito isso por iniciativa própria, mas também é bem possível que em seu desespero ela tenha pedido para que ele o fizesse; ele certamente tinha implícito que ela havia decidido escrever um livro porque devia ser uma tarefa fácil, já que eu podia fazer isso. Ela também o informou (bastante sem consideração) que eu não imprimia meus livros, e isso me rebaixou aos olhos de David, pois ele me admirava por imprimir os livros e dizia aquilo por todo o Gardens.

— Suponho que você também não tenha feito as caixas, nem as capas — disse ele com a voz de quem não acredita mais em tudo.

Devo dizer aqui que meus trabalhos literários são obscuros, seus símbolos são várias fileiras de caixas pregadas em minha parede, cada uma marcada com uma letra do alfabeto. Quando faço uma anotação na letra A, coloco a anotação dentro da caixa com a letra A, e assim por diante, para a

alegria de David, que gosta de jogar as anotações lá dentro para mim. Agora preciso admitir que as caixas foram feitas por Wheeler & Gibb.

— Mas fui eu quem fiz as marcações das letras, David.

— Elas não são tão bem-feitas quanto as caixas — respondeu ele.

Embora eu tenha motivos para desejar tudo de mal para o trabalho de imaginação de Mary, que é o que presumo que seja, eu disse a ele com brutalidade:

— Conte a ela sobre as caixas, David, e diga que ninguém pode começar a escrever um livro até que as caixas estejam cheias. Isso vai deixá-la assustada.

Logo depois disso ele me contou que ela tinha arranjado uma caixa.

— Uma caixa! — disse eu com desdém.

— Ela fez a caixa sozinha — respondeu David, bravo.

Recebi pouca informação verdadeira dele sobre o trabalho, em parte porque David se perde um pouco quando começa a falar sobre coisas práticas, e talvez ainda mais porque ele percebeu minha antipatia. Mas quando ele soltou o nome do título do livro (“O Pequeno Pássaro Branco”), eu parecia ser aquele que havia lido o livro até o final. Soube de imediato que o pássaro branco era a garotinha que Mary gostaria de ter. De alguma forma eu sempre soube que ela gostaria de ter uma garotinha, ela era esse tipo de mulher, e como tinha a modéstia de perceber que ela não poderia ter uma, eu me simpatizava profundamente com ela, não importava o que eu tinha dito para David sobre seu livro.

Naqueles dias Mary tinha as mais adoráveis ideias para seu triste livro, e elas chegavam pela manhã, quando ela estava apenas um pouco acordada, mas quando ela se levantava da cama todas desapareciam como pássaros assustados. Eu soube por David que isso a deixava bastante deprimida.

Ah, Mary, seus pensamentos são lindos e sagrados demais para serem mostrados para qualquer outra pessoa que não seja você. As coisas tímidas estão escondidas aí dentro. Se elas pudessem ser liberadas não seriam um livro, seriam a pequena Bárbara.

Mas aquela não era a mensagem que eu enviava para ela:

— Ela nunca vai conseguir escrever o livro — expliquei para David.

— Ela não tem capacidade. Diga a ela que eu disse isso.

Eu me lembro agora que durante meses não ouvi nada sobre seu projeto ambicioso, então perguntei para David e descobri que ele fora abandonado. Ele não sabia dizer por que, e nem precisava que ele soubesse,

o motivo tão trivial logo fico claro para mim. A partir daquele momento toda a minha simpatia por Mary foi derramada e procurei por alguma maneira de exaltá-la até que encontrei. Foi assim. Decidi, sem que nem mesmo David soubesse, escrever o livro “O Pequeno Pássaro Branco”, que ela provou não ser capaz de escrever, e então quando, na plenitude do tempo, ela segurasse seu bebê no alto, mostrando que havia feito algo grande, eu seguraria o livro no alto. Eu me aventurei a pensar que tal vingança diabólica nunca havia sido planejada ou levada adiante antes.

Sim, levada adiante, pois este é o livro, rapidamente chegando ao final. Ela e eu estamos disputando uma corrida acirrada.

Eu também, mais uma vez, cheguei a um final abrupto na história das aventuras de David.

— E realmente este é o final desta vez, David — disse eu seriamente (eu sempre digo isso).

A história terminou na costa da Patagônia, para onde tínhamos ido para caçar o grande Bicho-Preguiça, conhecido por ser o maior dos animais, embora tenhamos achado seu tamanho um pouco subestimado. David, seu pai e eu estávamos deitados na praia dando uma última tragada antes de voltarmos, enquanto Mary, vestida com um esplendor bárbaro, cantava e dançava à nossa frente. Foi uma noite adorável e estávamos deitados como homens, bastante alegres, olhando para a linda criatura.

A noite ainda estava absolutamente silenciosa, exceto pelo barulho dos Bichos-Preguiça ao longe.

Logo Irene chegou na entrada de nossa caverna, onde sob a luz de sua tocha pudemos ver que explorava um tubarão que havia sido capturado por David mais cedo naquele dia.

Tudo levava ao repouso, e um sentimento delicado de paz tomava conta de nós, do qual fomos tirados por um grito arrepiante. Quem gritou foi Irene, que veio correndo até nós carregando alguns objetos: um relógio, um par de botas, um jornal, que ela parecia ter encontrado no interior do tubarão. A nossa surpresa foi descobrir no jornal uma informação de muita importância para todos nós. Era nada menos do que isso: o nascimento de um novo bebê em Londres, filho de Mary.

Que método estranho Solomon havia encontrado para nos enviar a notícia.

O anúncio nos deixou bastante agitados, e na manhã seguinte erguemos as velas e partimos para a Inglaterra. Logo enxergamos os

penhascos brancos de Albion. Mary não conseguiu se sentar por um minuto sequer, tão animada que estava para ver sua criança. Ela desceu no cais com uma agitação incontável.

— E eu também — gritou David, quando cheguei a essa parte da história.

Ao chegar nas docas nós imediatamente chamamos um carro de aluguel.

— Nunca, David — disse eu —, vou me esquecer da animação de sua mãe. Ela colocava a cabeça para fora da janela e pedia para que o cocheiro fosse mais rápido, mais rápido. Nossa, como ele bateu naquele cavalo! Finalmente ele nos deixou em sua casa, e então sua mãe, descendo do carro, subiu correndo os degraus e bateu suas mãos na porta.

David estava bastante envolvido na cena.

— O papai carrega a chave! — gritou ele.

— Ele abriu a porta — disse eu com grandiosidade —, e sua mãe correu para dentro, e no momento seguinte Benjamin estava em seus braços.

Houve uma pausa.

— Bárbara — corrigiu David.

— Benjamim — disse eu, obstinado.

— Benjamim é nome de menina?

— Não, é nome de menino.

— Mas mamãe quer uma menina — disse ele, bastante incomodado.

— Ela é presunçosa — respondi, testando. — Vai ser um menino, David, e você pode dizer a ela que eu falei isso.

Ele estava em um estado de espírito deplorável, mas bastante altruísta. Um menino estava bom para ele, mas ele se colocou de lado e foi obstinadamente solícito para que Mary conseguisse o que queria.

— Bárbara — repetiu ele, implorando para mim.

— Benjamim — respondi com firmeza.

Por muito tempo fui obstinado, mas era verão, e por fim concordei em decidir aquilo com ele em uma partida de duas rodadas. Se ele vencesse, seria uma menina, e se eu vencesse seria um menino.

XXV

A PARTIDA DE CRÍQUETE

Acho que não houve muita novidade em uma partida de críquete desde o dia em que Sir Horace Mann andou agitado por Broad Há'penny cortando as margaridas com seu taco. E é importante lembrar que os heróis de Hambledon jogavam apenas por dinheiro e renome, enquanto David jogava por uma dama. Uma dama! Será que não devemos dizer lindamente que ele jogava por duas damas? Não havia espectadores para a nossa partida a não ser por um vagabundo ali no Gardens que nem sequer pensava no que estávamos jogando, mas será que podemos imaginar que Bárbara estava em pé nas cordas e se agitava cortando as margaridas toda vez que David perdia uma bola? Digo a vocês, essa foi a partida histórica do Gardens.

David queria jogar em um campo perto do Round Pond com o qual ele era familiarizado, mas isso teria me colocado em desvantagem, então insisti que jogássemos em um terreno não conhecido por nós dois, e finalmente decidimos jogar no Figs. Não podíamos usar varetas, pois elas são proibidas no Gardens, mas existem árvores aqui e ali que têm marcas de giz durante o verão, e quando você assume sua posição com um taco perto delas é como se você tivesse uma vareta. A árvore que escolhemos é um teixo irregular que consiste de um tronco quebrado e um galho, e olhei para o terreno com secreta satisfação, pois ele se inclinava levemente a aproximadamente três metros e meio de distância da árvore, e isso combinava perfeitamente com meu estilo de lançamento.

Ganhei o sorteio e depois de analisar o *wicket* decidi fazer a primeira jogada. Como regra, na primeira jogada o lance é livre, mas nesta ocasião fui até uma prega de colocação em um silêncio quase assustador. David havia tirado sua blusa e levantado as mangas de sua camisa, e seus dentes estavam preparados, então eu soube que ele começaria a me enviar bolas rápidas.

Ele lança bolas baixas e elegantes, mas às vezes ele tenta uma bola com efeito, que já vi dobrar o arremessador na *square leg*. Ele não tem um bom alcance, mas varia suas ações de maneira desconcertante, e lança uma bola especialmente truculenta que cai do nada dos galhos no momento em que você sai do chão para procurá-la. Mas não foi, porém, essa bola truculenta que ele lançou naquele dia. Eu tinha marcado um três e dois *singles*, quando ele me enviou uma bola média para rápida que me dividiu e eu a rebati tarde demais. Agora, eu raramente entro em um campo gramado como esse para ter um resultado tão ruim, e como David e eu trocamos de

lugares sem dizer uma palavra, havia um olhar alegre em seu rosto que achei bastante irritante. Ele correu para a minha segunda bola e cortou-a com perfeição marcando um *single*, e partiu para minha quinta e sexta bolas marcando belos três pontos duas vezes, os dois atrás do *wicket*. Porém, como eu esperava, isso provou ser sua ruína, pois agora ele batia com confiança em todas as bolas, e quando fez nove pontos eu o venci com meu tiro.

Agora o olhar estava no meu rosto.

Abri meu segundo *inning* tratando-o com um respeito incomum, pois eu sabia que seu bracinho logo se cansava se não obtivesse sucesso, e então quando ele enviou bolas soltas eu as rebati para a grade. Aquilo pouco me importava, embora os lábios de David estivessem se contraindo.

Quando ele finalmente conseguiu ultrapassar minha defesa, com um salto passando desajeitadamente pelo *off*, eu já havia marcado vinte e três e ele precisaria marcar vinte pontos para ganhar, uma pontuação alta que ele nunca alcançara. Quando entreguei o taco para ele, o garoto parecia valente, e então senti algo molhado em minha mão e um medo repentino de que o garoto não ganhasse.

No início, porém, ele parecia dominar o lançamento, e logo conseguiu fazer dez *runs* da maneira clássica. Então lancei para ele um *Yorker*, que ele perdeu e saiu em uma tangente no momento em que alcançou a árvore.

— Dentro — gritei apressado, pois a expressão com a qual ele me olhou era terrível.

Logo depois daquilo um outro incidente aconteceu, do qual sempre me lembrarei com prazer. Ele pegara a bola bem alto com o taco e eu acabara de perder a jogada.

— Que se dane! — disse eu, irritado.

Estava prestes a voltar a lançar quando percebi que ele estava triste. Ele hesitou, assumiu sua posição no *wicket*, e então virou-se para mim com virilidade:

— Sou um idiota — disse ele, chateado —, sempre que a bola está no ar eu rezo.

Ele havia rezado para que eu não conseguisse pegar a bola e, acho que já comentei com vocês, no Gardens é considerado injusto rezar pedindo por vitória.

Meu esplêndido David! Ele comete os mesmos erros que outros garotinhos, mas ele tem um senso nobre de justiça.

— Devemos considerar uma bola nula, David — disse eu, seriamente.

Suponho que o suspense para o leitor agora esteja grande demais, e por isso devo dizer logo de uma vez que David ganhou a partida marcando quatro pontos duas vezes, primeiro lançando a bola sobre a minha cabeça e depois com uma bola que percorreu todo o gramado. Quando voltei depois de correr atrás desta última bola eu o encontrei abraçando seu taco, e ele só conseguiu responder às minhas amargas congratulações com gritos histéricos. Mas logo ele estava correndo para casa para contar a novidade para a mãe.

E foi assim que deixamos Bárbara entrar para o nosso grupo.

OceanofPDF.com

XXVI

A DEDICATORIA

Foi apenas ontem à tarde, caros leitores, exatamente três semanas depois do nascimento de Bárbara, que terminei de escrever o livro, e mesmo assim ele não estava exatamente terminado, pois faltava a dedicatória, à qual me dediquei exultante. Acho que nunca me diverti tanto; na verdade, acho que escrevi o livro como desculpa para escrever a dedicatória.

“Madame” (escrevi com humor), “não tenho vontade de exaltá-la, no entanto, eu demonstraria uma obtusidade lamentável para com a ironia das coisas se não dedicasse este pequeno trabalho à senhora. Pois quem teve a ideia foi a senhora, e em seus dias mais ambiciosos pensou em escrever a história do pequeno pássaro branco. Por que a senhora abandonou o ninho tão cedo não cabe a mim perguntar. Parece agora que estava ocupada. Enfim, a senhora escolheu o caminho mais baixo e se contentou em obter o pássaro. Devo destacar, ao presenteá-la com esta dedicatória, que enquanto isso eu me tornei o pai do livro? Para a senhora a sombra, para mim a substância. Confio que aceitará minha pequena oferta com espírito cristão, minha cara madame”, etc.

Foi um trabalho inebriante, pois as palavras atrevidas mostravam sua concepção através do brilho, e eu estava relendo aquilo em êxtase quando, sem avisar, a porta se abriu e o pequeno garoto entrou, arrastando uma senhora vacilante.

— Pai — disse David —, essa é a minha mãe.

Depois de fazer essa breve apresentação, ele virou sua atenção para a luz elétrica, e a apagou e acendeu tão rapidamente que, como era muito apropriado, posso dizer que Mary e eu nos encontramos pela primeira vez embaixo do brilho dos relâmpagos. Acho que ela estava vestida com plumas azuis, mas se tal roupa não for apropriada, juro que havia, pelo menos, pequenas plumas azuis em seu chapéu coquete, e ela carregava um regalo para combinar com ele. Nenhuma parte de uma mulher é mais perigosa do que seu regalo e, como eles não são usados no início do outono, mesmo por inválidos, percebi rapidamente que ela havia vestido todas as suas coisas bonitas para me persuadir. Também tenho a opinião de que ela se lembrava de que usava azul na época em que eu a observava pela janela do clube. Sem dúvidas Mary é uma criaturinha envolvente, embora não seja o meu estilo. Ela estava mais pálida do que de costume, e tinha a aparência de alguém que se quebraria com facilidade. Até me atrevo a dizer que isso era um truque. Suas saias pareciam música para minhas acomodações, mas

talvez isso tenha acontecido apenas porque nenhuma dama jamais entrara ali antes. Foi inquietante para mim pensar que apesar de seu desconforto óbvio, ela era uma mulher bastante astuta.

Com a rapidez de David ao acender e apagar a luz, coloquei um mata-borrão sobre a dedicatória e disse, com frieza:

— Sente-se.

Mas ela continuou em pé, toda nervosa e com muito medo de mim, e sei que suas mãos deviam estar se apertando embaixo do regalo. Se houvesse alguma maneira digna de fugir dali, acho que nós dois o teríamos feito.

— Eu não devia ter vindo — disse ela, nervosa, e então pareceu esperar por alguma resposta, por isso abaixei a cabeça.

— Eu estava morrendo de medo de vir, de verdade, estava mesmo — me garantiu ela com sinceridade. — Mas eu vim — encerrou ela.

— É uma epítome, madame — disse eu, vendo ali a minha chance — da sua vida toda — e dizendo isso eu a conduzi até minha poltrona.

Ela começou a falar sobre as minhas aventuras com David no Gardens, e sobre algumas coisinhas que não mencionei aqui, que eu posso ter feito para ela quando eu estava com o humor um pouco alterado, e sua voz era tão suave quanto seu regalo. Ela também tinha uma maneira adorável de pronunciar todos o “z” e o “g”, assim como as fadas.

— Então — disse ela, — como você não pôde vir até mim para que eu o agradecesse, eu vim para isso.

Com isso ela me agradeceu de maneira abominável. Ela também tirou as mãos do regalo e, embora estivesse sorrindo, seus olhos estavam molhados.

— Ora, madame — disse eu, desesperado, mas não segurei sua mão.

— Ainda não estou muito forte — disse ela, com a voz baixa e com astúcia.

Ela disse isso para que eu segurasse sua mão, e então eu segurei, talvez eu a tenha acariciado um pouco. Então andei bruscamente até a janela. A verdade é que comecei a ficar desconfortável com a dedicatória.

Fui até a janela porque, sem dúvidas, seria mais fácil me dirigir a ela estando atrás dela, e eu queria dizer algo que a magoaria.

— Quando a senhora tiver terminado, madame — disse eu, depois de uma longa pausa —, talvez a senhora permita que eu fale um pouco.

Eu só conseguia enxergar a parte de trás de sua cabeça, mas eu sabia, pelo rosto de David, que ela havia lançado a ele um olhar rápido que não indicava que ela estava magoada. Na verdade eu senti agora, como eu havia sentido antes, que embora ela estivesse nervosa e com um pouco de medo de mim, ela também estava se divertindo bastante.

Em tais circunstâncias minha intenção de tentar magoá-la não faria diferença, por isso eu disse, de maneira bastante imprevisível:

— Se eu fiz tudo isso para você, por que eu fiz isso?

Ela não me respondeu, mas pareceu crescer na poltrona, de maneira que consegui enxergar seus ombros, e eu sabia que agora ela estava se segurando presunçosamente e tentando parecer modesta.

— Nem um pouco por isso, madame — disse eu, bruscamente —, este não foi o motivo de maneira alguma.

Fiquei satisfeito ao ver ela se mexer, finalmente bastante indignada.

— Nunca disse que era por isso — respondeu ela, incomodada —, nunca pensei, em nenhum momento, que era por isso — acrescentou ela, de maneira um pouco trivial para a história. — Além disso, eu não sei do que você está falando.

Acho que devo ter sorrido neste momento, pois ela se virou com rapidez e ficou bastante pequena na poltrona novamente.

— David — disse eu sem pena alguma —, você já viu sua mãe corar?

— O que é corar?

— Ficar com uma cor lindamente rosa.

David, que nessa hora já tinha quebrado minha conexão com a chefe, foi até sua mãe para olhar para ela.

— Não estou corada, David — respondeu ela.

— Acho — disse eu — que ela vai ficar corada agora — e com o instinto de um cavalheiro, desviei o olhar.

Embora eu não possa dizer o que aconteceu, ouvi David exclamar com admiração:

— Ah, mãe, faça isso de novo!

Como ela não fez de novo, ele subiu no guarda-fogo para olhar no vidro da lareira se ele conseguia fazer o mesmo que ela, e então Mary virou-se para mim com um olhar sincero que mais lembrava maternidade do que reprovação. Talvez nenhum outro olhar, mesmo o de uma mulher para um homem, tenha tanto efeito sobre alguém.

— Você vê — disse ela radiante e com um gesto no qual ela se revelou para mim —, sou capaz de perdoar até mesmo isso. Há muito tempo você ganhou o direito de me magoar se quiser.

Esse comentário me livrou de todo o meu desejo de criticar Mary e senti uma atração incomum por ela.

— E se eu pensei isso durante algum tempo... — continuou ela com um sorriso.

— Isso o quê? — perguntei, mas sem a convicção necessária.

— Isso sobre o que estamos falando — respondeu ela estremecendo, mas me perdando novamente. — Se um dia pensei isso, foi bonito para mim enquanto durou, e durou só um pouco. Faz tempo que tenho certeza de que sua gentileza comigo é por algum outro motivo.

— Madame — disse eu com bastante sinceridade —, não sei qual era o motivo. Minha preocupação com você era no começo algo bastante frágil e até mesmo egoísta, mas não de todo egoísta, pois eu acho que o que primeiro mexeu comigo foi o balanço alegre da pequena babá enquanto ela descia a Pall Mall para encontrar seu amante. Parecia algo tão poderoso para você ser amada que achei que seria melhor você continuar sendo amada por mais um pouco. E talvez por tê-la ajudado uma vez ao deixar cair a carta tenha ficado encantado pela facilidade com que você aceitava a ajuda, pois você deve saber que eu sou uma daquelas pessoas que escolhem o caminho mais fácil há mais de vinte anos.

Ela sacudiu a cabeça e sorriu.

— Em minha cabeça — garanti a ela — não consigo pensar em nenhum outro motivo.

— Um coração gentil — disse ela.

— Parece mais um capricho — disse eu.

— Ou uma outra mulher — disse ela.

Fiquei bastante surpreso.

— Há mais de vinte anos — disse ela, com uma suave rouquidão em sua voz, e com um tremor e doçura, como se ela não soubesse que em vinte anos todas as histórias de amor ficam desgastadas.

Em minha defesa como um soldado, esta explicação sobre minha solicitude inicial por Mary era algo que nunca me preocupou, mas quanto mais eu pensava nisso — levantei sua mão e toquei-a com meus lábios, da maneira como nós, velhos cavalheiros caprichosos, fazemos quando uma garota graciosa nos faz abrir o baú que guarda algo há tanto tempo.

— Ora, madame — disse eu —, é uma bela noção, e deve haver alguma razão nisso. Vamos deixar assim.

Mas ainda havia aquela maldita dedicatória, embaixo, vocês se lembram, daquele mata-borrão. Eu não tinha mais nenhuma intenção de magoá-la com aquilo. Eu queria que ela tivesse conseguido escrever o livro como ela tanto desejava.

— Se você apenas tivesse sido menos ambiciosa — disse eu, bastante preocupado que ela ficasse decepcionada com o desejo de seu coração.

— Eu queria todas as coisas queridas e deliciosas — admitiu ela, arrependida.

— Não era razoável — disse eu ansioso, apelando para o seu intelecto. — Principalmente esta última coisa.

— Sim — concordou ela com franqueza. — Eu sei.

E então, para meu espanto, ela acrescentou, triunfante:

— Mas eu consegui.

Acho que meu olhar a censurou, pois ela continuou desculpando-se, mas ainda como se ela realmente achasse que tinha tido uma carreira romântica:

— Eu sei que não mereço, mas eu consegui.

— Ah, madame — soltei, com tom reprovador —, pense. Você não conseguiu a grande coisa.

Eu a vi pensando nas grandes coisas em sua cabeça, em seu maravilhoso marido e seu sucesso obscuro, em David, Bárbara e em outras coisas triviais que tinha dentro de sua caixa de joias.

— Acho que consegui, sim — disse ela.

— Vamos lá, madame — soltei, um pouco irritado. — Você sabe que falta uma das coisas que você mais queria.

Vocês acreditam que eu tive de contar a ela o que era? E quando contei, ela exclamou com extraordinária insensibilidade:

— O livro? Eu já tinha me esquecido totalmente do livro!

E então, depois de refletir, ela acrescentou:

— Puf!

Se ela não tivesse dito “puf” eu a teria poupado, mas como ela disse, levantei o mata-borrão e mostrei a ela a folha que estava embaixo dele.

— O que é isto? — perguntou ela.

— Madame — disse eu, inchando —, é uma dedicatória.

E caminhei majestosamente até a janela.

Não há nenhuma dúvida de que ouvi um barulho inesperado. Ainda assim, se foi uma risada ela a segurou, pois quase no mesmo momento ela me olhou com os olhos arregalados e bateu em minha manga de maneira impulsiva com seus dedos, assim como David faz quando ele começa a gostar de você.

— Tão típico de você — disse ela, à janela.

— Típico — repeti, incomodado. — Ora!

— E tão gentil.

— Você disse gentil, madame?

— Mas sou eu quem tenho a substância, e você quem tem a sombra, como você muito bem sabe — disse ela.

Sim, eu sempre soubera que aquela era a única falha em minha dedicatória, mas como eu poderia esperar que ela teria a inteligência para perceber isso? Eu estava bastante chateado.

— E tem mais um erro — disse ela.

— Me perdoe, madame, mas tem apenas um erro aí.

— Nunca foi sobre o meu pequeno pássaro branco que quis escrever — disse ela.

Eu parecia incrédulo e então ela realmente me surpreendeu.

— Eu queria escrever sobre o seu pequeno pássaro branco — disse ela —, sobre um garotinho chamado Timothy.

Ela tinha uma maneira muito linda de falar Timothy, e então David e eu fomos para outra sala para deixá-la sozinha com o manuscrito deste pobre livrinho, e quando voltamos ela tinha a maior surpresa do dia para me oferecer. Ela estava rindo e chorando ao mesmo tempo, o que não era uma surpresa, pois qualquer um de nós choraria ou daria gargalhadas ao ler um livro sobre um assunto tão interessante quanto nós, mas ela disse:

— Como você está errado em pensar que este livro é sobre mim e sobre os meus, na verdade é tudo sobre o Timothy.

No começo eu considerei isso um absurdo incomum, mas ao pensar melhor, vi que ela provavelmente estava certa novamente, e olhei cabisbaixo para esta mulher muito inteligente.

— E então — disse ela, batendo a mão como David faz quando chega a uma grande descoberta —, por fim ele se prova ser o meu livro.

— Com todos os seus lindos pensamentos deixados de fora — respondi, com humildade.

Ela falou em voz baixa para que David não a ouvisse.

— Tenho apenas uma sugestão bonita para o livro — disse ela —, eu daria a ele um final feliz.

Ela disse isso tão timidamente que eu estava quase derretendo quando ela acrescentou, com extraordinária ousadia:

— O pequeno pássaro branco precisa carregar uma folha de oliveira em sua boca.

Durante um longo tempo ela conversou comigo animada sobre um grande esquema no qual ela havia se empenhado, e sempre e de novo ela dava tapinhas em mim como se quisesse saber o que eu achava de suas ideias. Ouvi com respeito, sorrindo para esta jovem por cuidar com tanto carinho de mim, e no final precisei lembrá-la de que eu tinha quarenta e sete anos de idade.

— Você é bastante jovem para um homem — disse ela, descaradamente.

— Meu pai — disse eu — não tinha quarenta e sete anos quando morreu, e eu me lembro de vê-lo como um homem velho.

— Mas você não acha isso agora, não é? — insistiu ela. — Você ainda se sente jovem em alguns momentos, não é? Às vezes, quando você está brincando com David no Gardens, sua juventude reaparece, não é?

— Mary A----- — disse eu, começando a ficar com medo da mulher —, proíbo você de fazer mais descobertas hoje.

Mas ainda assim ela abraçou seu esquema, que não tenho dúvidas de que foi o que trouxe ela até minha casa.

— Elas são mulheres muito queridas — disse ela, de maneira persuasiva.

— Tenho certeza disso — disse eu —, devem ser mulheres queridas se são suas amigas.

— Elas não são exatamente jovens — vacilou ela —, e talvez não sejam muito bonitas.

Mas ela tinha ficado sabendo há tão pouco tempo sobre minha querida juventude que ela parou de repente, envergonhada, imagino; uma pausa em sua mente por ter proposto algo daquele tipo para mim que, naqueles dias presunçosos, pensei estar feliz com nada menos do que a mais adorável dama de toda a terra.

Meus pensamentos também haviam mudado, e pela última vez meus olhos viram a pequena cabana através da névoa do bosque de pinheiros. Encontrei Mary lá, e voltamos juntos para o presente.

Eu já contei a vocês, leitores, que essa conversa aconteceu ontem mesmo.

— Muito bem, madame — disse eu, tentando colocar uma aparência valente em meu rosto —, vou participar de seus chás, e vamos ver no que dá.

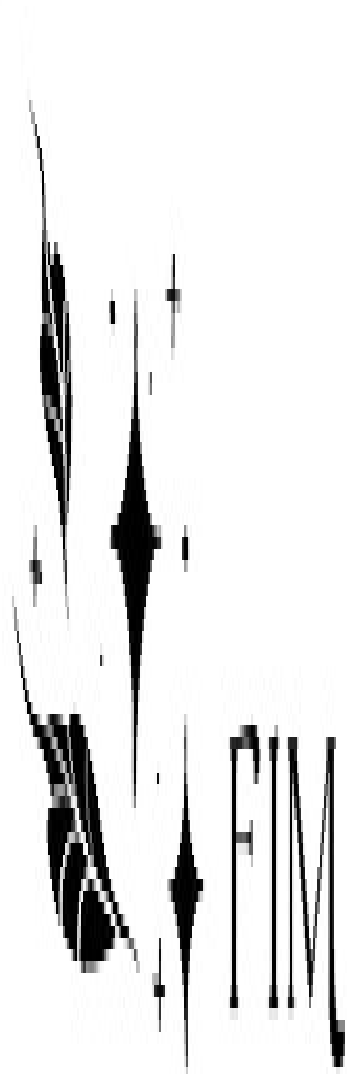
Realmente isso era tudo o que ela me pedira, mas agora que ela tinha conseguido o que queria de mim os olhos da tola alma ficaram molhados, ela sabia tão bem que os romances de juventude são os melhores.

Agora era a minha hora de confortá-la.

— Em vinte anos — disse eu, sorrindo para as lágrimas dela — um homem torna-se humilde, Mary. Guardei dentro de mim uma grande quantidade de afeição, sem ter ninguém com quem compartilhá-la e, juro para você, palavra de soldado, que se uma daquelas suas amigas vierem a gostar de mim ficarei bastante orgulhoso.

OceanofPDF.com

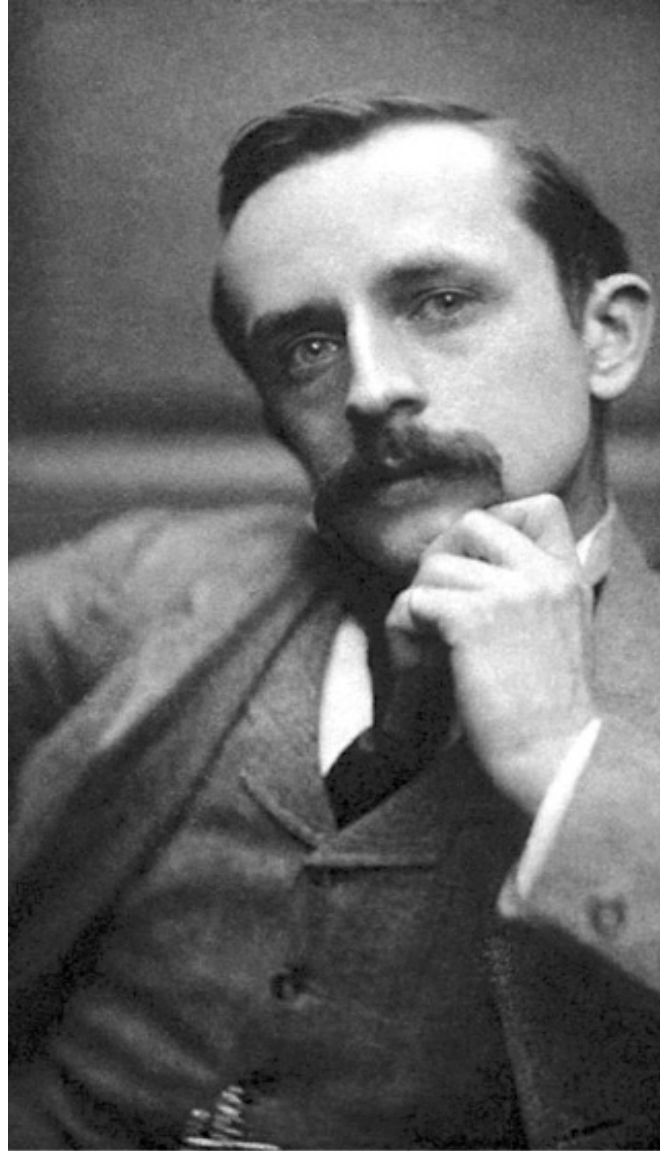
Apesar de parecer feliz, eu sabia que ela estava se perguntando se aquilo que eu dizia era verdade, e eu também me perguntava isso, mas aquilo era verdade.



OceanofPDF.com

CURIOSIDADES

OceanofPDF.com



SIR JAMES MATTHEW BARRIE

J.M. Barrie nasceu em Kirriemuir, na Escócia, em 1860, o nono entre os dez filhos do casal David e Margaret. Apesar de pertencer a uma família da alta sociedade britânica vitoriana, sua infância não foi muito feliz. Quando tinha apenas 6 anos de idade, seu irmão David, de 13, morreu em um acidente de patinação, sobre um lago congelado. David era o preferido de sua mãe e ela nunca se recuperou dessa perda tão trágica.

Em 1868, aos 8 anos de idade, James foi enviado para frequentar a Glasgow Academy, onde permaneceu por três anos antes de ir para a Dumfries Academy. James escreveu sua primeira peça enquanto estava em Dumfries, *Bandolero the Bandit*, que foi apresentada no Dumfries Theatre Royal. Em 1878, Barrie mudou-se para Edimburgo para frequentar a universidade, onde começou a escrever artigos e críticas para jornais locais. Depois de se formar, ele aceitou um posto para escrever para o *Nottingham Journal*.

JUVENTUDE E LONDRES

Sua vida mudou completamente quando viajou para a capital inglesa e se estabeleceu por lá. Iniciou-se um período de grande iluminação e inspiração e Barrie pôde se desenvolver e escrever melhor. Entre seus amigos, encontravam-se Arthur Conan Doyle e Robert L. Stevenson, com os quais dividiu professores na Universidade de Edimburgo.

Arthur Conan Doyle tornou-se amigo próximo de Barrie. Ambos eram fanáticos por críquete e o criador de Sherlock Holmes era um membro da equipe de Barrie, que era carinhosamente conhecida como Allahakbarries.

A amizade com Stevenson, no entanto, foi mais que especial. Anos depois foram encontradas cartas que os autores trocavam entre si, pelas quais teciam enormes elogios um ao outro. E embora J. M. Barrie e Robert Louis Stevenson nunca se tenham conhecido, eles desenvolveram uma amizade calorosa. A dupla não precisou de nenhuma apresentação para forjar uma conexão genuína.

No que dizia respeito à sua carreira, Barrie avançou com confiança na universidade e no jornalismo, recebendo aclamação popular por volta dos trinta e poucos anos. Sua vida amorosa, no entanto, ia de mal a pior: casou-se com a atriz britânica Mary Ansell, em 1894, e embora as aparências tenham se mantido por 15 anos, terminou em um doloroso divórcio. Na época, um grupo de autores importantes, incluindo Henry James e H.G. Wells, enviou uma circular privada aos jornais pedindo que minimizassem a história e poupassem os sentimentos de Barrie.

A FAMÍLIA LLEWELYN DAVIES

Depois que Barrie se formou, sua irmã encontrou um emprego para ele e, a partir daí a carreira de Barrie como escritor começou: primeiro como crítico de teatro e posteriormente como redator de um jornal. Depois de submeter uma obra de ficção a um jornal, baseada nas histórias que sua mãe lhe contava enquanto crescia, a carreira literária de Barrie começou para valer. Ele publicou romances e peças de teatro, tanto para elogios quanto para críticas, durante anos. Mas as pessoas mais influentes que conheceu foram a família Llewelyn Davies.

Essa família consistia em Arthur e Sylvia, e seus cinco filhos, George, John, Peter, Michael e Nicholas. Barrie conheceu a família em Kensington Gardens, enquanto passeava com seu São Bernardo, Porthos. Barrie entretinha os meninos com suas histórias e, eventualmente, conheceu o resto da família, tornando-se o tio Jim da família Llewelyn Davies.

Barrie se tornaria uma espécie de presença constante na casa da família, passando um tempo com Sylvia e os meninos e contando histórias. Uma história que George e Michael gostavam, especialmente, era como seu irmão mais novo, Peter, sabia voar. Barrie disse aos meninos que todas as crianças eram pássaros antes de serem bebês e que os pais bloqueavam as janelas dos quartos não para protegê-los dos perigos, mas para mantê-los voando dentro de casa.

Foi essa história que levou a *O pequeno pássaro branco*, em que Barrie apresentou o personagem pelo qual ele seria mais famoso – Peter Pan. Apresentada no palco em 27 de dezembro de 1904, a peça foi bem recebida e elogiada por seu apelo para crianças e adultos.

Barrie adorava Sylvia e mostrava generosidade e afeto aos cinco filhos dela: foi durante as brincadeiras com eles que a saga de Peter Pan se desenvolveu. Sylvia e Arthur morreram jovens e Barrie adotou as crianças.

ALÉM DE PETER PAN

Várias de suas obras se ambientaram em seus anos em Kirremuir, na Escócia, e era comum que alguns diálogos das histórias estivessem escritos em escocês. Logo escreveu obras teatrais como *Quality Stree* (1901), *What Every Woman Knows* (1908) e *The Admirable Crichton* (1932).

Também se especializou em romances que fizeram muito sucesso em sua época. No ano de 1896, Barrie produziu dois trabalhos importantes: *Margaret Ogilvy*, a biografia de sua mãe, e *Sentimental Tommy*, um romance que, assim como o seguinte, *Tommy and Grizel* (1900), antecipou o seu mais famoso personagem, Peter Pan.

Foi nomeado baronete por George V, em 1913, e membro da Ordem do Mérito nas honras de Ano Novo de 1922. James Matthew Barrie faleceu em junho de 1937, de pneumonia, e foi enterrado em sua cidade natal na Escócia, Kirriemuir, ao lado de seus pais e de dois de seus 9 irmãos. Antes de sua morte, ele deu os direitos das obras de Peter Pan para o Great Ormond Street Hospital for Children em Londres, que continua a se beneficiar deles.



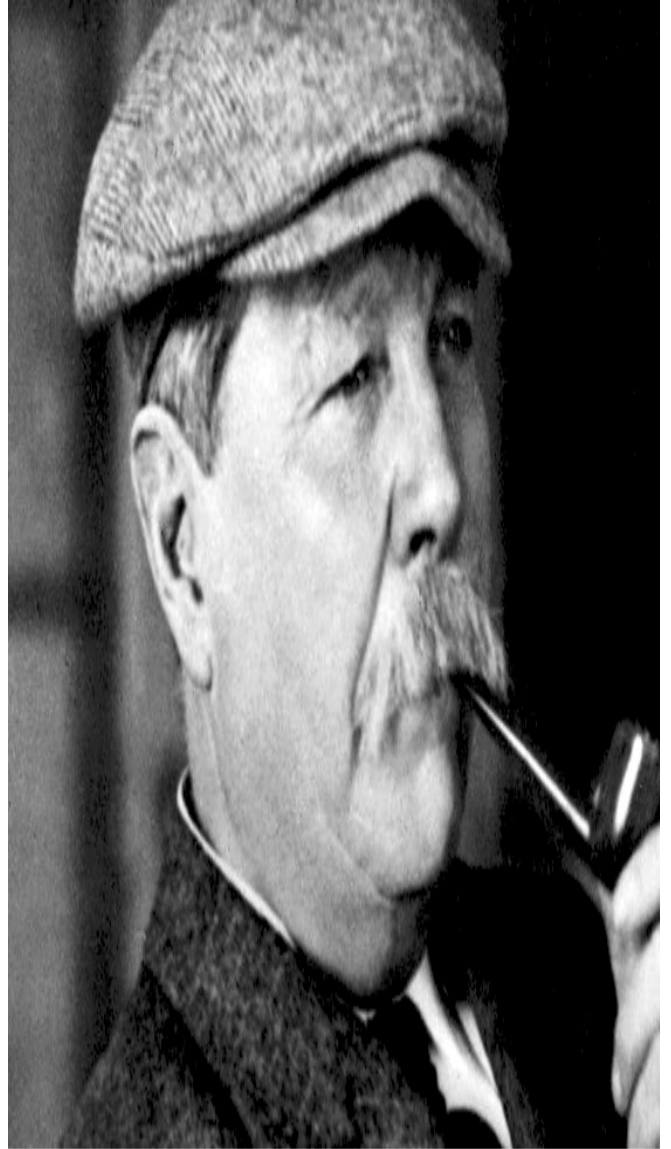
ROBERT LOUIS STEVENSON

(1850 – 1894)

é o criador da famosa história de *O médico e o Monstro*.



A esposa de Barrie, MARY ANSELL,
como Nanny O'Brien no primeiro sucesso de Barrie
em Londres, "Walker, London", 1892. (Fonte: www.jpbbarrie.co.uk)



SIR ARTHUR CONAN DOYLE

(1859 – 1930)

é o criador do emblemático detetive Sherlock Holmes.



Fotografia tirada por Barrie em Black Lake durante o Verão de 1901. ARTHUR está sentado ao centro, segurando PETER, cercado por GEORGE (à esquerda) e JACK (à direita). SYLVIA está atrás, embalando MICHAEL. (Fonte: www.jmbarrie.co.uk)

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

Copyright © 2021 Pandorga

All rights reserved.

Todos os direitos reservados.

Editora Pandorga

1ª Edição | Janeiro 2021

Título original: *Peter and Wendy*

Author: James Matthew Barrie

Ilustrações originais: F. D. Bedford

Diretora Editorial

Silvia Vasconcelos

Editora Assistente

Jéssica Gasparini Martins

Capa e Projeto Gráfico

Rafaela Villela

Diagramação

Lilian Guimarães

Tradução

Ana Paula Rezende

Revisão

Fernanda Carvalho

Conversão para e-Book

[Schaffer Editorial](#)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B275p

Barrie, J. M.

Peter Pan [recurso eletrônico] / J. M. Barrie ; traduzido por Ana Paula Rezende ;
ilustrado por Arthur Rackham. - Cotia, SP : Editora Pandorga, 2021.
496 p. : il. ; ePUB.

ISBN: 978-65-5579-073-3 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. I. Rezende, Ana Paula. II. Rackham, Arthur. III. Título.

2021-368 CDD 028.5
 CDU 8-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

OceanofPDF.com

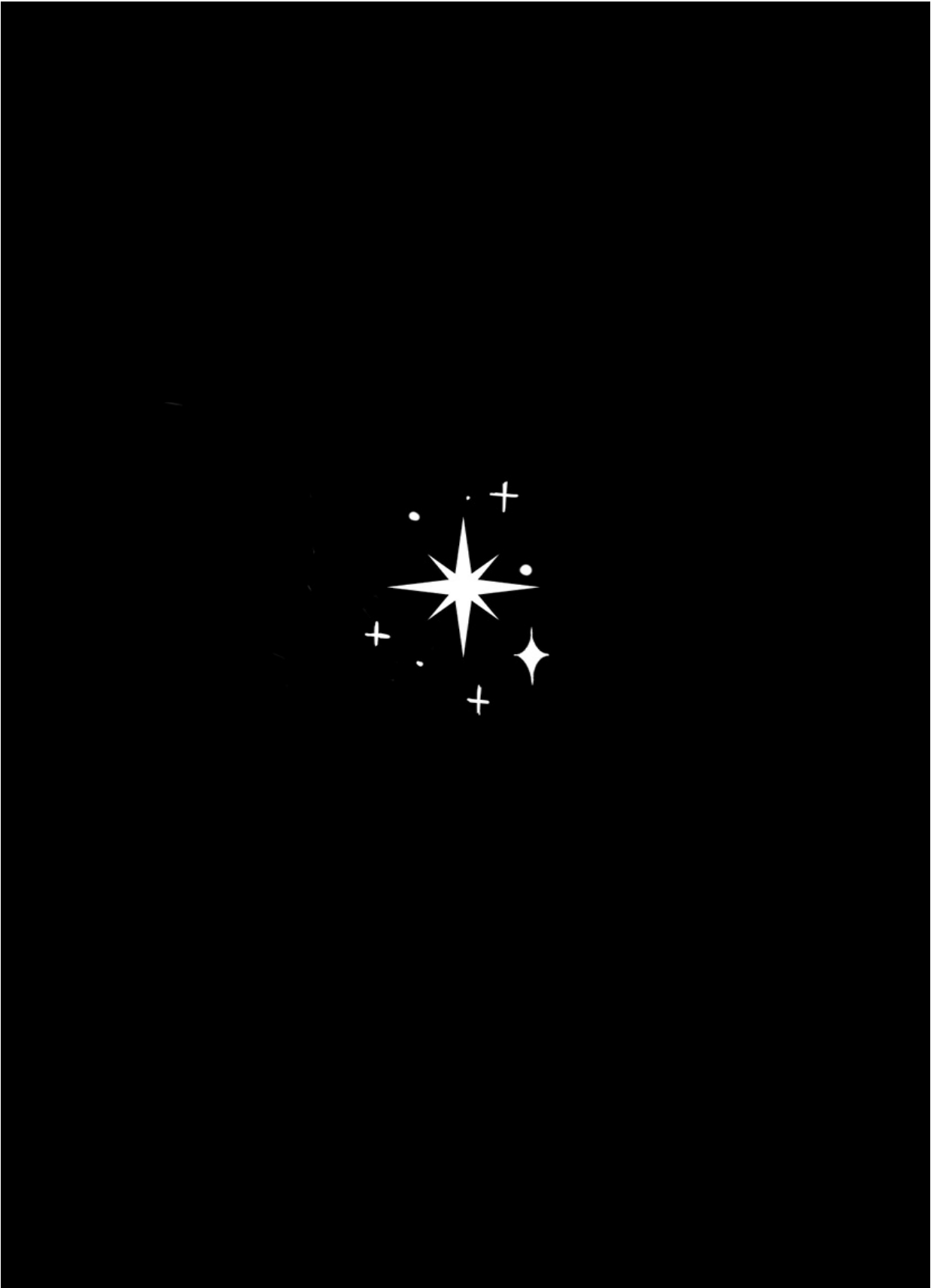


PETER PAN

e
WENDY

J.M. BARRIE

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

“SEGUNDA À DIREITA E DEPOIS
SIGA EM FRENTE ATÉ O AMANHECER.”

OceanofPDF.com



A TERRA DO NUNCA

OceanofPDF.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

I. PETER APARECE

II. A SOMBRA

III. VENHAM, VENHAM!

IV. O VOO

V. A ILHA SE TORNA REALIDADE

VI. A CASINHA

VII. A CASA DEBAIXO DA TERRA

VIII. A LAGOA DAS SEREIAS

IX. O PÁSSARO DO NUNCA

X. A CASA FELIZ

XI. A HISTÓRIA DE WENDY

XII. AS CRIANÇAS SE TORNAM PRISIONEIRAS

XIII. VOCÊ ACREDITA EM FADAS?

XIV. O NAVIO PIRATA

XV. “DESSA VEZ, É O GANCHO OU EU”

XVI. A VOLTA PARA CASA

XVII. QUANDO WENDY CRESCEU

CURIOSIDADES

OceanofPDF.com

APRESENTAÇÃO

Se a única forma desse romance a que você foi exposto são os filmes, pode pensar que este livro é sobre um menino chamado PETER PAN que nunca cresce e é uma celebração da infância perpétua. No entanto, a obra vai muito além disso. A maioria de nós conhece Peter Pan das adaptações dos estúdios Disney, que são inegavelmente fiéis à peça, estreada em 1904 e sucesso imediato e duradouro – a peça infantil mais famosa já escrita. Menos conhecida é a maravilhosa versão da história de Barrie, publicada sete anos depois, que o leitor encontrará aqui em texto integral.

A história concebida pelo dramaturgo escocês J.M. Barrie criou um mundo imaginativo e fantasioso que, dentro de sua própria lógica, abordou temas universais de indiscutível relevância para seu público – neste caso, a inexorabilidade do tempo e a tragédia da perda da inocência. É uma história mágica e caprichosa na qual crianças podem voar e cães podem ser babás.

PETER PAN é um dos personagens mais reconhecidos da literatura infantil. Ele é famoso por ser “o menino que não quer crescer” e incorpora os ideais que as crianças sempre desejam ter e os adultos desejam nunca ter perdido: a capacidade de nunca envelhecer, nunca ter que assumir responsabilidades, nunca ter que preocupar-se em trabalhar e pagar impostos. Em vez disso, Peter Pan e seus amigos, os Garotos Perdidos (assim chamados porque todos, supostamente, se perderam, em Kensington Gardens quando bebês) passam dia após dia brincando ao sol e tentando (muitas vezes falhando) fazer amizade com sereias.

Histórias como *Peter Pan e Wendy* são hoje importantes mais do que nunca. Não reservamos tempo suficiente para sonhar e entrar no mundo do faz de conta porque estamos muito ocupados. Peter Pan nos permite pensar que podemos tornar possível o impossível.



OceanofPDF.com



I

PETER APARECE

Todas as crianças crescem, menos uma. Elas logo sabem que vão crescer, e Wendy soube assim: um dia, quando tinha dois anos de idade, ela estava brincando no jardim, colheu mais uma flor e correu com ela até sua mãe. Acho que ela devia estar muito alegre, pois a senhora Darling colocou a mão no coração e exclamou:

— Ah, por que você não pode ficar assim para sempre?

Isso foi tudo o que se passou entre elas com relação a esse assunto, mas desde então Wendy soube que teria que crescer. Sempre sabemos disso quando chegamos aos dois anos de idade. Dois anos é o início do fim.

Moravam no número 14, e até Wendy chegar sua mãe era a chefe da casa. Era uma dama adorável, com uma mente romântica e uma boca doce e debochada. Sua mente romântica parecia aquelas pequenas caixinhas, uma dentro da outra, que vêm do Oriente, e por mais que você descubra as caixinhas sempre tem uma ainda menor dentro da outra; e sua boca doce e debochada era detentora de um beijo que Wendy nunca conseguia ganhar e que podia ser perfeitamente percebido no canto direito.

Foi assim que o senhor Darling a conquistou: os vários cavalheiros que eram garotos quando ela era uma menina descobriram ao mesmo tempo que a amavam, e todos correram até sua casa para lhe pedir em casamento, menos o senhor Darling. Ele pegou um táxi e chegou antes de todos, e assim a conquistou. Conquistou tudo, menos a menor das caixinhas e o beijo. Ele nunca soube nada sobre a caixinha e, com o passar do tempo, desistiu de ganhar o beijo. Wendy pensou que Napoleon poderia ganhá-lo, mas posso imaginá-lo tentando, e então indo embora em um ataque de fúria, batendo a porta.

O Sr. Darling costumava se gabar para Wendy dizendo que sua mãe não só o amava, mas também o respeitava. Ele era um desses homens entendidos que sabem tudo sobre ações e fundos de investimento. É claro que ninguém realmente sabe tudo sobre isso, mas ele parecia saber, e normalmente dizia que as ações estavam subindo e os fundos de investimento caindo de tal maneira que teria feito qualquer mulher o respeitar.

A Sra. Darling se casou de branco e, no início, controlava tudo perfeitamente bem, quase com alegria, como se fosse uma brincadeira, não deixava nem uma folha de alface passar despercebida; mas aos poucos couves-flores inteiras foram deixadas de fora e, em vez delas havia imagens

de bebês sem rosto. Ela os desenhava quando devia estar fazendo contas. Eram os palpites da Sra. Darling.

Wendy veio primeiro, depois John e então Michael.

Durante uma ou duas semanas antes de Wendy chegar, eles duvidaram se conseguiriam ficar com ela, pois era mais uma boca para alimentar. O Sr. Darling estava muito orgulhoso dela, mas era um homem muito honroso e sentava-se na beirada da cama da Sra. Darling, segurando sua mão e fazendo contas, enquanto ela o observava, implorando. Ela queria arriscar, não importava o que acontecesse, mas esse não era o jeito dele; seu jeito era com um lápis e um pedaço de papel, e se ela o atrapalhasse com sugestões ele precisava começar tudo de novo.

— Agora não me interrompa — implorava ele. — Tenho uma libra e dezessete centavos aqui e duas libras e seis centavos no escritório; posso cortar o café que tomo no escritório, digamos que são dez xelins, o que dá dois, nove e seis, com seus dezoito e mais três ficamos com três nove sete, com mais cinco libras no meu talão de cheques temos oito nove sete — quem é que está se mexendo? — oito nove sete, ponto e sobe sete — não fale nada, deixe comigo — e a libra que você emprestou para aquele homem que bateu à nossa porta — quieta, criança — ponto e sobe menina — pronto, você conseguiu! Por acaso eu disse nove nove sete? Sim, eu disse nove nove sete, a pergunta é: conseguimos passar um ano com nove nove sete?

— É claro que conseguimos, George! — gritou ela.

Mas ela tinha a tendência a preferir Wendy, e ele era realmente a que tinha grandeza de caráter entre os dois.

— Lembre-se da caxumba — advertiu ele, quase de maneira ameaçadora, e continuou. — Caxumba custa uma libra, pelo menos foi o que anotei aqui, mas eu me atrevo a dizer que talvez custe uns trinta xelins, não fale nada, sarampo, uma libra e cinco centavos; rubéola, meio guinéu, o que dá dois quinze e seis, não mexa o dedo, coqueluche, digamos quinze xelins.

E assim ele continuou, e o resultado da conta era diferente a cada vez, mas finalmente Wendy pôde ficar, com caxumba reduzida para doze seis, e sarampo e rubéola sendo tratados como uma doença só.

Houve a mesma discussão por causa de John, e Michael escapou por pouco; mas os dois foram mantidos, e logo você poderá ver os três andando

em fila até o jardim de infância da Senhorita Fulsom, acompanhados pela babá.

A Sra. Darling adorava cuidar de tudo, e o Sr. Darling tinha paixão por ser exatamente igual a seus vizinhos; então, claro, eles tinham uma babá. Como eram pobres, devido à quantidade de leite que as crianças bebiam, esta babá era uma cachorrinha Terra-Nova bastante levada chamada Naná, que não pertencia a ninguém até os Darlings a adotarem. Ela sempre considerou as crianças importantes, e os Darlings a conheceram no Kensington Gardens, onde ela passava a maior parte de seu tempo livre xeretando os carrinhos de bebê, e era bastante odiada pelas babás descuidadas, pois as seguia até suas casas e reclamava delas para suas patroas. Ela se mostrou um tesouro de babá. Era muito cuidadosa na hora do banho, e levantava-se a qualquer hora da noite se uma de suas crianças fizesse o menor barulho. É claro que sua casinha de cachorro ficava no quarto das crianças. Ela sabia se uma tosse era uma bobagem qualquer ou se era necessário enrolar um pano em volta da garganta. Acreditou até o fim de seus dias nos remédios antigos como folha de ruibarbo, e emitia sons de desprezo diante dessa nova maneira de falar sobre germes e coisas do tipo. Ver a cachorra acompanhando as crianças até a escola era uma lição de competência. Caminhava tranquilamente ao lado delas se estivessem bem comportadas, e lhes dava cabeçadas para que voltassem para a fila caso se distraíssem. Nos dias em que John jogava futebol ela nunca se esquecia da blusa dele, e normalmente carregava um guarda-chuva na boca para o caso de chover. Havia uma sala no porão da escola da Srta. Fulsom onde as babás esperavam pelas crianças. Elas se sentavam em bancos, enquanto Naná deitava-se no chão, mas esta era a única diferença. As babás a ignoravam como se ela fosse de uma classe social mais baixa do que a delas, e ela desprezava a fofoca delas. Ela não gostava quando as amigas da Sra. Darling iam até o quarto das crianças, mas se isso acontecia ela primeiro trocava o macacão de Michael por aquele com a fita azul, ajeitava a roupa de Wendy e penteava o cabelo de John.

Nenhuma criança poderia ter recebido cuidados mais corretos, e o Sr. Darling sabia disso, mas ainda assim ele às vezes se incomodava pensando no que os vizinhos estariam comentando.

Ele tinha sua posição na sociedade para zelar.

Naná também o incomodava por outro motivo. Às vezes ele tinha a sensação de que ela não o admirava.

— Sei que ela admira muito você, George — garantia a Sra. Darling, e então ela dava um sinal para que as crianças fossem especialmente gentis com o pai.

Adoráveis sessões de dança aconteciam em seguida, das quais a outra única empregada, Liza, às vezes recebia permissão para participar. Ela parecia uma anãzinha com sua saia longa e a touca do uniforme, embora tenha jurado, quando começou a trabalhar, que já passara dos dez anos de idade há muito tempo. A alegria daquelas brincadeiras! E a mais alegre de todas era a Sra. Darling, que girava tanto que a única coisa possível de ver era o seu beijo, e então se você trombasse nela talvez o ganhasse. Nunca existiu uma família mais simples e feliz do que essa, até a chegada de Peter Pan.

A Sra. Darling ouviu falar sobre Peter pela primeira vez quando estava organizando as mentes de seus filhos. É um costume noturno de toda boa mãe, depois que seus filhos dormem, organizar suas mentes e colocá-las em ordem para o dia seguinte, colocando de volta nos lugares apropriados os muitos artigos que saíram do lugar durante o dia. Se você conseguir ficar acordado (mas é claro que não consegue), verá sua própria mãe fazendo isso, e você acharia bastante interessante ficar ali observando. É como arrumar as gavetas. Você a veria de joelhos, acho, olhando entretida para parte do conteúdo, imaginando onde você pegara aquelas coisas, fazendo descobertas doces e outras não tanto, pressionando suas bochechas nas descobertas doces como se fossem um gatinho, e guardando outras bem depressa em algum lugar onde ninguém vai ver. Ao acordar pela manhã, as traquinagens e malcriações com as quais você foi dormir foram dobradas até ficarem bem pequenas e guardadas no fundo da sua mente; e no topo, lindamente arejados, estão espalhados seus lindos pensamentos, prontos para serem colocados em uso.

Não sei se você já viu o mapa da mente de uma pessoa. Às vezes os médicos desenham mapas de outras partes de seu corpo, e seu próprio mapa pode se tornar bastante interessante, mas observe-os tentando desenhar o mapa da mente de uma criança, que não apenas é confuso, mas nunca para de funcionar. Existem linhas em ziguezague nele, parecidas com os gráficos de temperatura, e elas provavelmente são estradas na ilha, pois a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com pinceladas impressionantes de cores aqui e ali, e recifes de coral e barcos velozes prontos para zarpar, e tocas selvagens e isoladas, e gnomos que em sua maioria são alfaiates, e

cavernas pelas quais passam rios, e príncipes com seis irmãos mais velhos, e uma cabana caindo aos pedaços, e uma velha senhora bem baixinha com um nariz aquilino. Se isso fosse tudo, seria um mapa tranquilo; mas existe também o primeiro dia na escola, religião, pais, o laguinho, as lições de costura, os assassinatos, os enforcamentos, a conjugação dos verbos, o dia do pudim de chocolate, o uso dos suspensórios, dizer trinta e três, o dia de ganhar uma moeda se você tirar seu dente sozinho, e por aí vai; e tudo isso ou faz parte da ilha ou são um outro mapa que aparece por ali, e é tudo bastante confuso, principalmente porque nada fica parado.

É claro que as terras do Nunca variam bastante. A do John, por exemplo, tem uma lagoa com flamingos nadando nela, nos quais ele atirava, enquanto a do Michael, que era muito pequeno, tinha um flamingo com lagoas voando sobre ele. John morava em um barco virado de cabeça para baixo na areia, Michael em uma oca, e Wendy morava em uma casa feita de folhas muito bem-costuradas. John não tinha amigos, Michael encontrava seus amigos à noite, Wendy tinha um lobo de estimação que havia sido abandonado pelos pais; mas no geral as diferentes terras do Nunca têm um ar familiar e, se elas ficassem em fila uma ao lado da outra era possível dizer que todas têm o mesmo nariz e coisas assim. Nessas praias mágicas as crianças sempre irão ancorar seus barquinhos. Nós, também, já estivemos lá; ainda conseguimos ouvir o barulho das ondas, embora nunca mais atraquemos por lá.

De todas as ilhas deliciosas que existem, a Terra do Nunca é a mais aconchegante e compacta; não é grande e espalhada, sabe, com distâncias chatas entre uma aventura e outra, mas apertada de maneira agradável. Quando você brinca nela durante o dia com cadeiras e toalhas de mesa, ela não é nem um pouco assustadora, mas nos dois minutos antes de dormir ela se torna praticamente real. É por isso que existem as luzinhas para deixar acesas durante a noite.

Às vezes, em suas viagens através das mentes de suas crianças, a Sra. Darling descobria coisas que não conseguia entender, e, entre elas, a mais intrigante era a palavra “Peter”. Ela não conhecia nenhum Peter, e ainda assim ele estava aqui e ali na mente de John e Michael, enquanto Wendy começou a rabiscar seu nome por todos os lugares. O nome era escrito em destaque maior do que o que era dado às outras palavras, e quanto mais a Sra. Darling olhava para aquilo, mais achava ter uma aparência estranhamente arrogante.

— É, ele é bastante arrogante — admitiu Wendy com remorso.
Sua mãe a questionava.

— Mas quem é ele, meu anjinho?

— Você sabe, mãe, ele é o Peter Pan.

No começo a Sra. Darling não sabia, mas depois de pensar em sua infância ela se lembrou de um Peter Pan que diziam que morava com as fadas. Havia histórias estranhas sobre ele, como aquela que diz que, quando as crianças morrem, Peter Pan fica com elas durante parte do caminho para que não tenham medo. Ela acreditara nele naquela época, mas agora estava casada e cheia de bom senso, e duvidava bastante sobre a existência de tal pessoa.

— Além disso — disse ela para Wendy —, ele já teria crescido a esta altura.

— Ah, não, ele não cresceu — garantiu Wendy, com confiança. — Ele tem o meu tamanho.

Ela queria dizer que ele tinha o seu tamanho tanto na mente quanto no corpo; ela não sabia como sabia disso, mas ela sabia.

A Sra. Darling comentou com o Sr. Darling, mas ele sorriu e não deu muita bola para o assunto.

— Escreva o que estou falando — disse ele —, isso é alguma bobagem que a Naná está enfiando na cabeça deles; é o tipo de ideia que só um cachorro teria. Deixe para lá, essa história vai desaparecer.

Mas não desapareceu; e logo o garoto levado deu um enorme susto na Sra. Darling.

As crianças vivem as mais estranhas aventuras sem serem incomodadas. Por exemplo, elas podem se lembrar de comentar, uma semana depois de o evento ter acontecido, que quando estavam na floresta encontraram o pai falecido e brincaram com ele. Foi desta maneira casual que Wendy, em uma manhã, fez uma revelação inquietante. Algumas folhas de uma árvore haviam sido encontradas no chão do quarto das crianças, e elas certamente não estavam ali quando as crianças foram se deitar, então a Sra. Darling estava intrigada com elas quando Wendy disse, com um sorriso complacente:

— Acho que foi aquele Peter de novo!

— O que você quer dizer com isso, Wendy?

— É tão indelicado da parte dele não varrer as folhas — disse Wendy, com um suspiro.

Ela era uma garota bastante organizada.

Explicou com a maior tranquilidade que Peter às vezes vinha até o quarto das crianças à noite e se sentava ao pé de sua cama e tocava flauta para ela. Infelizmente, Wendy nunca acordava, então ela não sabia como sabia daquilo, só sabia.

— Que bobagem você está falando, meu anjo. Ninguém pode entrar em casa sem bater na porta.

— Acho que ele entra pela janela — disse ela.

— Meu amor, a janela do seu quarto fica no terceiro andar.

— As folhas não estavam perto da janela, mamãe?

Isso era bem verdade, as folhas foram encontradas bem perto da janela.

A Sra. Darling não sabia o que pensar, pois tudo parecia tão natural para Wendy que ela não podia simplesmente deixar o assunto de lado dizendo que ela sonhara.

— Minha filha — exclamou a mãe —, por que você não me contou isso antes?

— Eu me esqueci — disse Wendy, com tranquilidade.

Ela estava com pressa para tomar seu café da manhã.

Ah, ela certamente sonhara com aquilo.

Mas, por outro lado, tinha as folhas. A Sra. Darling as examinou com cuidado, eram folhas secas, mas ela tinha certeza de que não eram de nenhuma árvore que existia na Inglaterra. Ela engatinhou no chão, examinando-o com uma vela à procura de marcas de um pé diferente. Enfiou o atizador da lareira na chaminé e sacudiu-o de um lado para o outro e deu tapinhas na parede. Deixou cair a ponta da fita métrica, da janela até o chão, e viu que era uma distância de quase dez metros, sem nenhum lugar para se apoiar e escalar.

Wendy certamente havia sonhado.

Mas Wendy não estava sonhando, como foi provado na noite seguinte, a noite em que se pode dizer que as aventuras extraordinárias dessas crianças começaram.

Na noite sobre a qual estamos falando as crianças estavam mais uma vez na cama. Era a noite de folga de Naná, e a Sra. Darling havia dado banho nas crianças e cantara para eles até que cada um dos três soltou sua mão e deslizou para a terra dos sonhos.

Todos pareciam em segurança e aconchegados e ela sorriu ao pensar em seus medos, sentando-se tranquilamente perto do fogo para costurar.

Ela estava fazendo algo para Michael, que quando fizesse aniversário começaria a usar camisas. O fogo estava quente, porém, e o quarto das crianças era iluminado suavemente pelas três luzinhas de cabeceira, e logo a Sra. Darling deixou a costura apoiada em seu colo. Então sua cabeça caiu, de maneira tão graciosa. Ela adormecera. Veja os quatro, Wendy e Michael lá, John aqui e a Sra. Darling perto do fogo. Deveria haver uma quarta luzinha.

Enquanto ela dormia teve um sonho. Sonhou que a Terra do Nunca estava perto demais e que um garoto estranho saía de lá. Ele não a assustou, pois ela achou que já o tinha visto antes nos rostos de muitas mulheres que não tinham crianças. Talvez ele seja encontrado no rosto de algumas mães também. Mas em seu sonho ele havia rasgado o véu que esconde a Terra do Nunca, e ela viu Wendy, John e Michael espiando pelo buraco.

O sonho por si só não teria sido nada demais, mas enquanto ela sonhava a janela do quarto das crianças se abriu, e um garoto aterrissou no chão. Ele estava acompanhado por uma luz estranha, menor que o tamanho de um punho fechado, que disparou pelo quarto como se estivesse viva; e eu acho que foi esta luz que acordou a Sra. Darling.

Ela se levantou com um pulo e deu um grito, viu o garoto e de certa forma soube de imediato que era Peter Pan. Se você, ou eu, ou Wendy estivéssemos lá nós perceberíamos que ele era muito parecido com o beijo da Sra. Darling. Ele era um garoto adorável, vestia roupas feitas de folhas secas e da seiva que escoia das árvores; mas o mais fascinante nele era que ainda tinha todos os seus dentes de leite. Ao ver que a Sra. Darling era adulta, rangeu as perolazinhas para ela.



II

A SOMBRA

A Sra. Darling gritou e, como se em resposta a um chamado, a porta se abriu e Naná entrou, voltando de sua noite de folga. Ela rugiu e pulou no menino, que fugiu com agilidade pela janela. De novo a Sra. Darling gritou, dessa vez preocupada com ele, pois pensou que ele tinha morrido, e correu até a rua para procurar por seu corpinho, mas não havia nada lá. Ela então olhou para cima e, na noite escura, não conseguiu enxergar nada além do que ela pensou ser uma estrela cadente.

Voltou para o quarto das crianças e encontrou Naná com alguma coisa na boca, o que descobriu ser a sombra do garoto. Quando ele saiu pela janela Naná fechou-a rapidamente, tarde demais para pegá-lo, mas sua sombra não teve tempo de escapar; a janela se fechou com um golpe e deixou a sombra para dentro.

Pode ter certeza de que a Sra. Darling examinou a sombra com cuidado, mas ela era bastante comum.

Naná não teve dúvidas sobre o que era a melhor coisa a se fazer com a sombra. Ela a pendurou na janela querendo dizer “ele certamente voltará atrás dela; vamos deixá-la em um lugar onde ele possa pegá-la com facilidade, sem incomodar as crianças”.

Mas infelizmente a Sra. Darling não podia deixar a sombra pendurada na janela; ela se parecia demais com roupa pendurada no varal e deixava a casa com um tom deselegante. Ela pensou em mostrar a sombra para o Sr. Darling, mas ele estava fazendo contas para calcular quanto gastaria comprando casacos de inverno para John e Michael e tinha uma toalha molhada enrolada em volta da cabeça para deixar sua mente fresca. Parecia uma bobagem incomodá-lo com aquilo. Além disso, ela sabia exatamente o que ele diria: “é isso o que dá ter uma cachorra como babá”.

Ela decidiu dobrar a sombra e guardá-la com cuidado dentro de uma gaveta, até que surgisse uma oportunidade para que ela a mostrasse para o marido. Meu Deus!

A oportunidade surgiu uma semana depois, naquela sexta-feira que jamais será esquecida. É claro que era uma sexta-feira.

— Eu preciso tomar um cuidado especial às sextas-feiras — ela costumava dizer depois para o marido, talvez com Naná ao seu lado, segurando sua mão.

— Não, não — sempre dizia o Sr. Darling —, sou responsável por tudo isso. Eu, George Darling, causei isso. Mea culpa, mea culpa. — Ele tivera uma educação formal.

Eles ficavam sentados assim, noite após noite, lembrando daquela sexta-feira fatal, até que todos os detalhes daquele dia ficassem impressos em suas mentes e até aparecerem do outro lado, como acontece com as moedas mal cunhadas.

— Se eu não tivesse aceitado o convite para jantar na casa de número 7... — disse a Sra. Darling.

— Se eu não tivesse derramado meu remédio na tigela da Naná — disse o Sr. Darling.

“Se eu tivesse fingido gostar de remédio”, era o que os olhos molhados de Naná diziam.

— Essa história de eu gostar de festas, George.

— O meu talento fatal para o bom humor, minha querida.

“Minha mania de implicar com trivialidades, queridos senhor e senhora”.

Então, um deles ou mais do que um, caíam juntos no choro. Naná pensava “é verdade, é verdade, eles não deviam ter deixado uma cachorra de babá”. Muitas vezes foi o Sr. Darling quem limpou os olhos de Naná com o lenço.

— Aquele demônio! — exclamava o Sr. Darling.

Naná latia concordando com ele, mas a Sra. Darling nunca xingava Peter; havia algo no cantinho direito de sua boca que não queria que ela o xingasse.

Eles ficavam sentados lá no quarto de crianças vazio, lembrando-se com carinho de cada pequeno detalhe daquela terrível noite. Havia começado de maneira tão rotineira, tão precisamente como uma centena de outras noites, com Naná preparando a água para o banho de Michael e carregando-o em suas costas.

— Não vou para a cama — gritou ele, como alguém que ainda acreditava que tinha a última palavra no assunto. — Não vou, não vou. Naná, ainda não são seis horas. Ah, querida, querida, assim não vou mais amar você, Naná. Estou dizendo que não vou tomar banho, não vou e não vou!

Então a Sra. Darling entrou, usando seu vestido de noite branco. Ela havia se arrumado mais cedo porque Wendy adorava vê-la usando aquele vestido, com o cordão que George havia lhe dado. Ela usava o bracelete de Wendy em um braço; ela o pedira emprestado. Wendy adorava emprestar seu bracelete para a mãe.

Encontrou suas duas outras crianças brincando de ser ela e o pai na ocasião do nascimento de Wendy, e John dizia:

— Tenho o prazer de informá-la, Sra. Darling, que agora a senhora é mãe — e falava isso num tom bastante parecido ao que o Sr. Darling teria usado na ocasião verdadeira.

Wendy dançara com alegria, assim como a verdadeira Sra. Darling teria feito.

Então John nasceu, com a pompa extra que ele imaginava ser necessária devido ao nascimento de um menino. Michael saiu de seu banho e pediu para nascer também, mas John respondeu brutalmente que não queria mais brincar.

Michael quase chorou.

— Ninguém me quer — disse ele, e é claro que a dama que usava o vestido de noite não podia suportar aquilo.

— Eu quero — disse ela. — Eu quero muito uma terceira criança.

— Menino ou menina? — perguntou Michael, sem muita esperança.

— Menino.

Então ele se atirou nos braços dela. Um pequeno detalhe para que o Sr., a Sra. Darling e Naná se lembrassem agora, mas não tão pequeno se aquela fosse ser a última noite de Michael no quarto das crianças.

Eles continuavam com suas recordações.

— Foi então que entrei correndo como um furacão, não foi? — dizia o Sr. Darling, sentindo desprezo por si mesmo, e sim, ele realmente tinha entrado como um furacão.

Talvez houvesse alguma desculpa para ele. Ele, também, havia se vestido para a festa e tudo estava bem com ele até chegar à gravata. É algo impressionante a se dizer, mas este homem, embora soubesse tudo sobre fundos de investimentos e ações, não tinha domínio sobre sua gravata. Às vezes ela se rendia a ele sem protestar, mas havia ocasiões quando teria sido melhor para os moradores da casa se ele engolissem seu orgulho e usasse uma gravata daquelas que já vêm com o nó pronto.

Esta foi uma daquelas ocasiões. Ele entrou correndo no quarto das crianças com a maldita gravata toda embolada em sua mão.

— Ora, qual é o problema, papai?

— Problema! — gritou ele; ele realmente gritava. — Essa gravata, ela se recusa a me deixar dar o nó.

Ele ficou perigosamente sarcástico.

— Não consigo dar o nó em volta do meu pescoço! Só em volta do da coluna da cama! Ah, sim, dei nó vinte vezes em volta da coluna da cama, mas em volta do meu pescoço, não! Ah, não! Essa gravata não toma jeito!

Ele achou que a Sra. Darling não estava suficientemente impressionada e continuou, em um tom bastante sério:

— Estou avisando, querida, que se essa gravata não ficar direitinho em volta do meu pescoço não vamos sair para jantar nesta noite, e se eu não sair para jantar nesta noite eu nunca mais vou voltar para o escritório novamente, e se eu não voltar mais para o escritório, você e eu morreremos de fome, e nossas crianças vão ser jogadas nos olhos da rua.

Mesmo então a Sra. Darling continuou tranquila:

— Deixe-me tentar, querido — disse ela, e realmente era isso o que ele tinha vindo pedir para que ela fizesse.

Com suas mãos gentis e calmas ela deu o nó na gravata para ele, enquanto as crianças ficaram ao redor esperando para ver como seus destinos eram decididos. Alguns homens ficariam ressentidos por ela conseguir fazer aquilo com tanta facilidade, mas o Sr. Darling tinha a natureza refinada demais para se sentir assim. Ele a agradeceu sem muito entusiasmo, logo esqueceu sua raiva e em um outro momento já estava dançando pelo quarto com Michael pendurado em suas costas.

— Como dançamos! — disse a Sra. Darling agora, lembrando-se disso.

— Nossa última dança! — soltou o Sr. Darling.

— Ah, George, você se lembra do que Michael de repente me perguntou? “Como foi que você me conheceu, mamãe?”.

— Eu me lembro!

— Eles eram muito doces, você não acha, George?

— E eram nossos, nossos, e agora desapareceram.

A dança terminou com o aparecimento de Naná e, por uma grande infelicidade, o Sr. Darling trombou nela, o que deixou suas calças cheias de pelos. Não eram apenas calças novas, mas eram as primeiras com galão que ele tinha, e precisou morder seus lábios para evitar que lágrimas fossem derramadas. É claro que o Sr. Darling as limpou, mas começou novamente a falar sobre ser um erro ter uma cachorra como babá.

— George, a Naná é um tesouro.

— Sem dúvida, mas me incomoda pensar que às vezes ela trata as crianças como se elas fossem cachorrinhos.

— Ah, não, meu querido, tenho certeza de que ela sabe que eles têm almas.

— Será? — disse o Sr. Darling, pensativo. — Fico me perguntando isso.

Aí estava a oportunidade que sua esposa procurava para contar a ele sobre o garoto. Primeiro ele disse que a história era uma bobagem, mas ficou pensativo quando ela lhe mostrou a sombra.

— Não é ninguém que eu conheça — disse ele, examinando com cuidado a sombra — mas realmente parece de um safado.

— Ainda estávamos conversando sobre isso, você se lembra? — perguntou o Sr. Darling. — Foi quando Naná entrou com o remédio do Michael. Você nunca mais vai carregar um frasco de remédio na boca de novo, Naná, e é tudo culpa minha.

Embora fosse um homem forte, não havia dúvida de que ele se comportara de maneira bem tola sobre o remédio. Se ele tinha uma fraqueza, era achar que havia passado a vida inteira tomando remédio sem reclamar; e por isso agora, quando Michael fugiu da colher que Naná trazia na boca, ele disse de maneira reprovadora:

— Seja homem, Michael.

— Não vou tomar, não vou — gritou Michael.

A Sra. Darling saiu do quarto para pegar um chocolate para ele, e o Sr. Darling pensou que isso era falta de firmeza.

— Querida, não mime o menino assim — gritou ele para ela. — Michael, quando eu tinha a sua idade eu tomava remédio sem um resmungo. Eu dizia “obrigado, queridos papai e mamãe, por me dar esse remédio e fazer com que eu me sinta bem”.

Ele realmente achava que isso era verdade, e Wendy, que já estava de camisola, também acreditava nisso, e disse, para encorajar Michael:

— Aquele remédio que você toma às vezes, papai, é muito pior, não é?

— Muito pior — disse o Sr. Darling bravamente. — E eu o tomaria agora para te mostrar, Michael, se não tivesse perdido o frasco.

Ele não havia exatamente perdido o frasco; ele subira, na calada da noite, até o alto do armário e o escondera lá. O que ele não sabia é que a fiel Liza o havia encontrado e o colocara de volta em cima da pia.

— Eu sei onde ele está, papai — gritou Wendy, sempre feliz em ajudar. — Vou buscar — e saiu antes que ele a pudesse deter. Imediatamente ele sentiu um estranho desânimo.

— John — disse ele, estremecendo —, o remédio é terrível. É daquele jeito doce, grudento, nojento.

— Vai acabar logo, papai — disse John tentando animá-lo, e então Wendy entrou correndo com o remédio dentro de um copo.

— Voltei o mais rápido que consegui — disse ela, ofegante.

— Você veio maravilhosamente rápido — respondeu o pai, com um sarcasmo vingativo que passou despercebido por ela. — Michael primeiro — disse ele, teimoso.

— Papai primeiro — disse Michael, que tinha um espírito desconfiado.

— Eu vou passar mal, sabia? — disse o Sr. Darling, em tom ameaçador.

— Vamos lá, papai — disse John.

— Fique quieto, John — repreendeu o pai.

Wendy estava bastante intrigada.

— Achei que o senhor o tomasse sem problemas, papai.

— Essa não é a questão — respondeu ele. — A questão é que há mais remédio no meu copo do que na colher de Michael. — Seu coração orgulhoso estava quase explodindo. — E não é justo; eu repetiria isso mesmo que este fosse o meu último suspiro; isso não é justo.

— Papai, estou esperando — disse Michael, friamente.

— Tudo bem você estar esperando; eu também estou esperando.

— Papai é um medroso.

— Você também é um medroso.

— Eu não estou com medo.

— Eu também não estou com medo.

— Então tome o remédio.

— Tome você.

Wendy teve uma ideia esplêndida.

— Por que vocês dois não tomam o remédio ao mesmo tempo?

— Certamente — concordou o Sr. Darling. — Você está pronto, Michael?

Wendy contou “um, dois, três” e Michael tomou seu remédio, mas o Sr. Darling jogou o líquido do copo para trás.

Michael soltou um grito de raiva e Wendy exclamou:

— Ah, papai!

— O que você quer dizer com “Ah, papai”? — perguntou o Sr. Darling. — Parece com esse barulho, Michael. Eu ia tomar o meu remédio, mas errei a mira.

A maneira como os três olhavam para ele era terrível, parecia que eles não o admiravam.

— Olhem aqui, todos vocês — disse ele, em um tom suplicante assim que Naná entrou no banheiro —, acabei de pensar em uma brincadeira maravilhosa. Vou colocar o meu remédio na tigela da Naná e ela vai beber, pensando que é leite!

Era da cor do leite, mas as crianças não tinham o senso de humor do pai, e olharam para ele com tom reprovador enquanto ele derramava o remédio na tigela de Naná.

— Que divertido — disse ele hesitante, e eles não se atreveram a contar o que ele havia feito quando a Sra. Darling e Naná voltaram para o quarto.

— Naná, boa cachorra — disse ele, acariciando-a —, coloquei leite na sua tigela, Naná.

Naná balançou o rabo, correu até o remédio e começou a lambê-lo. Então lançou um olhar para o Sr. Darling, não era um olhar bravo. Ela mostrou a ele aquela imensa lágrima vermelha que nos faz sentir pena de um animal tão nobre, e se encolheu dentro de sua casinha.

O Sr. Darling ficou terrivelmente envergonhado de seu gesto, mas não deu o braço a torcer. Em um silêncio horroroso a Sra. Darling cheirou a tigela.

— Ah, George — disse ela —, é o seu remédio!

— Era só uma brincadeira — respondeu ele, enquanto ela consolava os meninos e Wendy abraçava Naná.

— Muito bem — disse ele, amargamente. — Eu aqui tentando ser o engraçado desta casa.

Wendy ainda abraçava Naná.

— Tudo bem — gritou ele. — Mimem a cachorra! Ninguém me mima. Ah, não! Eu sou apenas aquele que ganha o pão, para que me mimar, para quê, para quê, para quê!

— George — implorou a Sra. Darling —, não fale tão alto; a criadagem vai ouvir você.

Em algum momento eles haviam se acostumado a chamar Liza de criadagem.

— Que ouça — respondeu ele, com ousadia. — Chamem o mundo todo. Mas eu me recuso a permitir que essa cachorra cuide de meus filhos por mais um minuto.

As crianças choraram e Naná correu até o Sr. Darling, implorando, mas ele a afastou. Ele se sentiu um homem forte de novo.

— Tudo em vão! — gritou ele. — O seu lugar é no quintal, e é lá que você vai ficar amarrada.

— George, George — sussurrou a Sra. Darling —, lembre-se do que lhe contei sobre o garoto.

Mas ele não ouviu. Estava determinado a mostrar quem era o chefe da casa, e quando suas ordens não fizeram Naná sair de sua casinha, ele a atraiu para fora dizendo palavras carinhosas e agarrando-a com força, arrastando-a para fora do quarto das crianças. Ele estava com vergonha de si mesmo, mas ainda assim o fez. Era tudo por causa de seu temperamento afetuoso, que fazia com que ele buscasse por admiração. Depois de prendê-la o infeliz, sentou-se no saguão e limpou os olhos com os dedos.

Enquanto isso a Sra. Darling havia colocado as crianças na cama em um silêncio extraordinário e acendeu suas luzinhas. Eles podiam ouvir Naná latindo, e John resmungou:

— É porque ele a está prendendo no quintal.

Mas Wendy foi mais sábia.

— Esse não é o latido de tristeza da Naná — disse ela, sem imaginar o que estava prestes a acontecer. — Esse é o latido de quando ela sente o cheiro do perigo.

— Perigo!

— Você tem certeza, Wendy?

— Tenho sim.

A Sra. Darling estremeceu e foi até a janela. Estava bem fechada. Ela olhou para fora e a noite estava repleta de estrelas. Elas estavam amontoadas em volta da casa, como se estivessem curiosas para ver o que ia acontecer ali, mas ela não percebeu isso, nem que uma ou duas estrelas menores piscavam para ela. Ainda assim, um medo indefinido apertou seu coração e a fez chorar.

— Ah, como eu queria não ter uma festa para ir hoje!

Até mesmo Michael, já meio dormindo, sabia que ela estava incomodada, e perguntou:

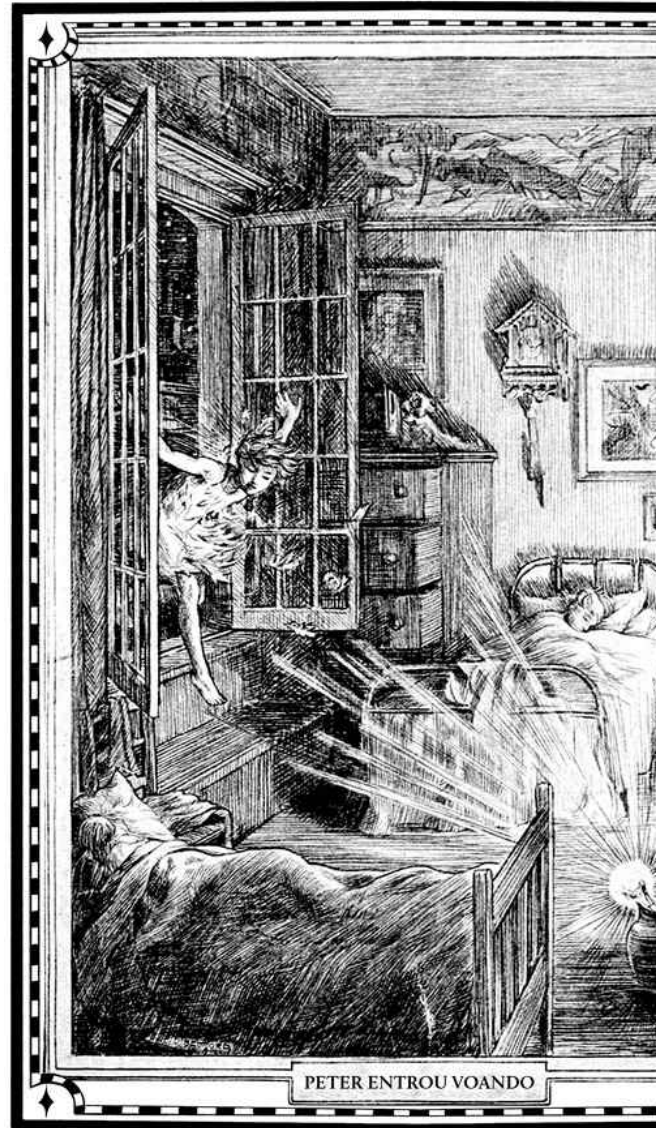
— Alguma coisa pode acontecer com a gente, mamãe, depois que as luzinhas são acesas?

— Nada, meu anjo — disse ela. — As luzinhas são os olhos que a mãe deixa para trás para vigiar seus filhos.

Ela foi de cama em cama cantando encantamentos para cada um deles, e o pequeno Michael jogou os braços em volta dela.

— Mamãe — disse ele — sou feliz por ter você.

E essas foram as últimas palavras que ela o ouviu dizer durante um longo tempo.



PETER ENTROU VOANDO

O número 27 ficava a apenas alguns metros de distância, mas havia caído um pouco de neve e Papai e Mamãe Darling tiveram que desviar das poças para não molhar seus sapatos. Eles eram as únicas pessoas na rua e todas as estrelas estavam observando-os. Estrelas são lindas, mas não podem ser parte ativa em nada, precisam sempre ficar só olhando. É uma punição que recebem por algo que fizeram há tanto tempo que nenhuma estrela agora sabe o que foi. Por isso, as mais velhas ficam com os olhos vidrados e raramente falam (piscar é a língua das estrelas), mas as pequenas ainda se perguntam o porquê. Elas não são verdadeiras amigas de Peter, que tem um jeito levado de se aproximar de mansinho delas e tentar assoprá-las para ver se apagam; mas elas gostam tanto de diversão que estavam do lado dele nesta noite, ansiosas para tirar os adultos do caminho. Então, assim que a porta do número 27 se fechou depois que o Sr. e a Sra. Darling entraram, houve uma comoção no firmamento e a menor das estrelas da Via Láctea gritou:

— Agora, Peter!

OceanofPDF.com



III

VENHAM, VENHAM!

Durante algum tempo depois que o Sr. e a Sra. Darling deixaram a casa, as luzinhas ao lado das camas das três crianças continuaram a brilhar. Eram luzinhas muito boas, e é impossível não lamentar que não tenham conseguido ficar acesas para ver Peter; mas a luzinha de Wendy piscou e deu um bocejo tão grande que as outras duas bocejaram também, e antes de fecharem suas bocas as três se apagaram.

Havia uma outra luz no quarto agora, mil vezes mais brilhante do que as luzinhas noturnas, e no tempo que levei para dizer isso, a luz entrou em todas as gavetas do quarto das crianças, procurando pela sombra de Peter, vasculhando o armário e procurando dentro de cada bolso que encontrou. Não era realmente uma luz; ela emitia sua luz ao se mover tão rápido quanto um raio, mas quando parou para descansar por um segundo era possível ver que era uma fada, não muito maior do que a sua mão, mas ainda estava crescendo. Era uma garota, chamada Sininho, que usava uma linda roupinha feita de folhas secas, bem curtinha e reta, e que lhe caía muito bem, embora ela tendesse levemente a ser mais “cheinha”.

Um minuto depois de a fada entrar, as janelas foram abertas graças ao sopro das pequenas estrelas, e Peter apareceu dentro do quarto. Ele havia carregado Sininho em uma parte do caminho, e suas mãos ainda estavam sujas com pó de fada.

— Sininho — chamou ele baixinho depois de se certificar de que as crianças estavam dormindo —, Si, cadê você?

Naquele momento ela estava em uma jarra, e estava gostando bastante dali, nunca vira uma jarra antes.

— Ah, saia dessa jarra e me diga, você sabe onde guardaram minha sombra?

A adorável fadinha dos sininhos dourados lhe respondeu. É a linguagem das fadas. Vocês, crianças comuns, nunca conseguem ouvi-las, mas se conseguissem escutar saberiam que vocês já ouviram essa língua antes.

Sininho disse que a sombra estava na caixa grande. Ela queria dizer na gaveta da cômoda, e Peter pulou nas gavetas, espalhando seu conteúdo no chão com suas duas mãos, como fazem os reis ao atirar moedas para a multidão. Em um momento ele recuperou a sombra, e em seu entusiasmo ele se esqueceu de que havia fechado Sininho dentro de uma gaveta.

Se ele tivesse pensamentos, mas não acredito que tenha, seria de que ele e sua sombra, ao ficarem perto um do outro, se juntariam como gotas d’água; e quando não se juntaram, ele ficou horrorizado. Ele tentou grudá-la com sabão que encontrou no banheiro, mas também não deu certo. Peter sentiu um arrepio, sentou-se no chão e chorou.

Seus soluços acordaram Wendy, e ela se sentou na cama. Ela não ficou assustada ao ver um estranho chorando no quarto das crianças; ficou apenas bastante curiosa.

— Ei garoto — disse ela, com educação —, por que você está chorando?

Peter podia ser extremamente educado, pois aprendeu a se comportar em cerimônias de fadas, e levantou-se e curvou-se lindamente para ela. Ela ficou muito feliz e também se curvou lindamente para ele do alto de sua cama.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele.

— Wendy Moira Angela Darling — respondeu ela com alguma satisfação. — E qual é o seu nome?

— Peter Pan.

Ela já tinha certeza de que ele deveria ser Peter, mas mesmo assim achou o nome bastante pequeno.

— Só isso?

— Sim — respondeu ele, um pouco irritado.

Pela primeira vez ele achou seu nome curto mesmo.

— Desculpe — disse Wendy Moira Angela.

— Não tem problema — soluçou Peter.

Ela perguntou onde ele morava.

— Na segunda à direita — respondeu Peter —, e depois siga em frente até o amanhecer.

— Que endereço engraçado!

Peter ficou chateado. Pela primeira vez ele pensou que talvez aquele fosse mesmo um endereço engraçado.

— Não, não é — disse ele.

— Quero dizer — disse Wendy, de maneira simpática, lembrando que ela era a anfitriã —, é isso que escrevem nas cartas?

Ele desejou que ela não tivesse falado em cartas.

— Não recebo cartas — disse ele, com desprezo.

— Mas sua mãe não recebe cartas?

— Não tenho mãe — disse ele.

Ele não só não tinha mãe, como também não tinha a menor vontade de ter. Ele as achava pessoas muito exageradas. Wendy, porém, logo percebeu que estava diante de uma tragédia.

— Ah, Peter, não é à toa que você estava chorando — disse ela, e levantou-se da cama e correu para abraçá-lo.

— Eu não estava chorando por causa das mães — disse ele bastante indignado. — Estava chorando porque não consigo grudar minha sombra em mim. Aliás, eu não estava chorando.

— Ela desgrudou?

— Sim.

Então Wendy viu a sombra no chão, parecendo toda amarrotada, e ela sentiu pena de Peter.

— Que horror! — disse ela, mas não conseguiu evitar que um sorriso se formasse quando viu que ele a estava tentando colar com sabão.

Tão típico de um garoto.

Felizmente ela logo soube o que fazer.

— Ela precisa ser costurada — disse ela, com um certo ar de superioridade.

— O que é costurada? — perguntou ele.

— Você é terrivelmente ignorante.

— Não sou não.

Mas ela estava exultante com sua ignorância.

— Vou costurar para você, meu pequeno camarada — disse ela, embora ele fosse do mesmo tamanho que ela; e ela pegou sua caixinha de costura e prendeu a sombra no pé de Peter.

— Devo dizer que vai doer um pouquinho — advertiu ela.

— Não vou chorar — disse Peter, que já estava acreditando que nunca havia chorado na vida. E cerrou os dentes e não chorou; e logo sua sombra começou a se comportar de maneira adequada, embora ainda um pouco amassada.

— Talvez eu devesse tê-la passado a ferro — disse Wendy pensativa; mas Peter, como acontece com os garotos, não se importava com as aparências, e agora estava pulando por todos os lados na maior felicidade. Infelizmente, ele já havia se esquecido de que devia sua felicidade a Wendy. Achou que ele mesmo havia prendido a sombra em seu corpo.

— Como sou esperto! — gabou-se ele. — Ah, como sou muito esperto!

É humilhante ter que confessar que essa arrogância de Peter era uma de suas qualidades mais fascinantes. Para falar com total franqueza, nunca existiu um garoto mais arrogante.

Mas, naquele momento, Wendy ficou chocada.

— Seu convencido! — exclamou ela com um terrível sarcasmo. — Você não fez nada!

— Você ajudou um pouco — disse Peter, sem muita preocupação, e continuou a dançar.

— Um pouco! — respondeu ela, orgulhosa. — Se eu não sirvo para nada, então posso pelo menos me retirar — e então ela pulou de maneira bastante elegante em sua cama e cobriu o rosto com o cobertor.

Para convencê-la a olhar para ele, Peter fingiu que ia embora. Quando isso não adiantou, ele se sentou na ponta da cama e cutucou seu pé com delicadeza.

— Wendy — disse ele —, não se retire. Não consigo deixar de me gabar, Wendy, quando estou feliz comigo mesmo.

Ainda assim ela não olhou para ele, embora o escutasse com atenção.

— Wendy — continuou ele, em um tom de voz ao qual nenhuma mulher consegue resistir —, Wendy, uma garota vale mais do que vinte garotos.

Agora Wendy era uma garota em cada centímetro de seu corpo, embora não houvesse muitos centímetros em seu corpo, e ela olhou para fora do cobertor.

— Você acha isso mesmo, Peter?

— Sim, eu acho.

— Acho isso muito gentil da sua parte — declarou ela — e vou me levantar de novo.

E então ela se sentou ao lado dele na cama. Ela também disse que lhe daria um beijo se ele quisesse, mas Peter não sabia o que ela queria dizer com aquilo e segurou sua mão esperando pelo beijo.

— Você tem certeza de que sabe o que é um beijo? — perguntou ela, impressionada.

— Vou saber quando você me der um — respondeu ele, irritado; e para não magoar seus sentimentos Wendy lhe deu um dedal.

— E agora, que tal eu lhe dar um beijo? — perguntou ele.

Ela respondeu com um pouco de vergonha:

— Por favor.

Ela foi até um pouco oferecida ao inclinar o rosto na direção dele, mas ele simplesmente arrancou um dos botões da roupa e colocou em sua mão; então ela levou devagar o rosto para onde ele estava antes, e disse com

delicadeza que usaria seu beijo na corrente que tinha em volta do pescoço. Foi realmente uma sorte ela o colocar na corrente, pois mais tarde aquilo salvaria sua vida.

Quando as pessoas são apresentadas, é comum perguntarem a idade umas das outras, então Wendy, que sempre gostava de fazer as coisas certas, perguntou a idade de Peter. Esta não era exatamente uma boa pergunta para se fazer a ele; era como chegar à escola e descobrir que tinha prova de gramática quando você estudou para a prova de história.

— Eu não sei — respondeu ele incomodado —, mas sou bastante jovem.

Ele realmente não sabia nada sobre isso, apenas suspeitava, mas disse em um impulso:

— Wendy, eu fugi de casa no dia em que nasci.

Wendy ficou bastante surpresa, mas interessada; e indicou, de maneira bastante educada como fazem as garotas, tocando sua camisola, que ele podia sentar-se perto dela.

— É que ouvi meu pai e minha mãe conversando sobre o que eu seria quando crescesse — explicou ele em voz baixa.

Ele estava bastante agitado agora.

— Não quero nunca me tornar um adulto — disse ele, com raiva. — Quero ser criança para sempre, e me divertir. Por isso fugi para o Kensington Gardens e vivi bastante tempo com as fadas.

Ela lançou um olhar de bastante admiração para ele e Peter pensou que era porque ele tinha fugido, mas na verdade era pelo fato de ele conhecer as fadas. Wendy vivera uma vida tão caseira que, para ela, conhecer fadas parecia um sonho. Ela fez várias perguntas sobre elas, para a surpresa dele, pois ele as achava chatas, sempre se metendo na vida dele, e, na verdade, algumas vezes elas lhe davam umas palmadas. Ainda assim, ele gostava das fadas em geral, e contou a ela sobre o surgimento das fadas.

— Sabe, Wendy, quando o primeiro bebê riu pela primeira vez, sua risada se quebrou em milhares de pedaços, e todos os pedaços saíram pulando, e foi assim que as fadas surgiram.

Aquela era uma história pouco interessante, mas como ela era uma garota caseira, acabou gostando dela.

— E então — continuou ele, simpático —, deveria existir uma fada para cada menino e para cada menina.

— Deveria existir? Não existe?

— Não. As crianças sabem de tanta coisa hoje em dia, logo elas deixam de acreditar nas fadas, e sempre que uma criança diz “eu não acredito em fadas”, existe uma fada em algum lugar que cai morta.

Agora Peter achou que eles já tinham falado bastante sobre fadas e estava intrigado com o fato de Sininho estar muito quieta.

— Não sei onde ela se meteu — disse ele, levantando-se e chamando a fadinha pelo nome.

Wendy sentiu um arrepio com tanta emoção.

— Peter — gritou ela, agarrando-o —, você não vai me dizer que tem uma fada neste quarto!

— Ela estava aqui agora mesmo — disse ele um pouco impaciente. — Você não está ouvindo ela falar, não é?

— O único som que ouço — disse Wendy — é um barulhinho de sino.

— Sim, é a Sininho, essa é a linguagem das fadas. Acho que estou ouvindo também.

O barulho vinha de uma gaveta da cômoda e Peter fez uma cara feliz. Ninguém conseguia ficar com a expressão tão feliz quanto a de Peter, e a risada mais adorável do mundo era a dele. Ele ainda guardava a sua primeira risada.

— Wendy — sussurrou ele, com alegria —, acho que a tranquei na gaveta!

Ele soltou a pobre Sininho da gaveta e ela voou pelo quarto das crianças gritando furiosa.

— Você não devia dizer esse tipo de coisas — respondeu Peter. — É claro que eu sinto muito, mas como é que eu poderia saber que você estava dentro da gaveta?

Wendy não escutava o que ele dizia.

— Ah, Peter — exclamou ela —, se ela pudesse ficar parada para que eu a visse direito.

— Elas raramente ficam paradas — disse ele, mas por um momento Wendy viu a linda imagem pousar no relógio cuco para descansar.

— Ah, que amor! — exclamou ela, embora Sininho estivesse fazendo uma careta de raiva.

— Sininho — disse Peter, cordialmente —, essa moça diz que queria que você fosse a fada dela.

Sininho deu uma resposta insolente.

— O que foi que ela disse, Peter?

Ele precisou traduzir:

— Ela não é muito educada. Ela disse que você é uma menina muito grande e feia e que ela é a minha fada.

Ele tentou argumentar com Sininho:

— Você sabe que não pode ser minha fada, Sininho, porque eu sou um rapaz e você é uma garota.

Para responder a isso, Sininho pronunciou palavras:

— Imbecil — e desapareceu para dentro do banheiro.

— Ela é uma fada bastante ordinária — explicou Peter, tentando desculpar-se. — Ela é chamada de Sininho porque faz um barulhinho de sino quando está consertando painéis e chaleiras.

Eles estavam sentados juntos na poltrona agora e Wendy continuou fazendo perguntas a Peter.

— Se você não mora mais no Kensington Gardens...

— Às vezes ainda moro.

— Mas onde você mora a maior parte do tempo agora?

— Moro com os garotos perdidos.

— Quem são eles?

— São as crianças que caem dos carrinhos de bebês quando as babás estão olhando para o outro lado. Se ninguém vai buscar essas crianças em sete dias, elas são enviadas para a Terra do Nunca, para ajudarem nas despesas. Eu sou o capitão.

— Isso deve ser muito divertido!

— É, sim — disse Peter, esperto —, mas somos bastante solitários. Veja só, não temos a companhia de nenhuma menina.

— Nenhum deles é menina?

— Ah, não. As garotas são espertas demais para caírem de seus carrinhos.

Isso deixou Wendy bastante lisonjeada.

— Eu acho a maneira como você fala sobre as meninas perfeitamente adorável — disse ela. — Já John, aquele menino ali, nos despreza.

Como resposta Peter levantou-se e chutou John para fora da cama, com cobertor e tudo; deu um chute só. Isso pareceu bastante abusado para um primeiro encontro e Wendy o advertiu em tom enérgico dizendo que ele não era o capitão ali, na casa dela. Mesmo assim, John continuou a dormir tão tranquilamente no chão que ela permitiu que ele continuasse ali.

— E eu sei que você quis ser gentil — disse ela, perdendo-o. — Por isso, você pode me dar um beijo.

Por um momento ela esquecera que ele não sabia o que era um beijo.

— Achei mesmo que você ia querer de volta — disse ele, um pouco bravo e ofendido por ter que lhe devolver o dedal.

— Ah, querido — disse a simpática Wendy —, não quis dizer um beijo, quis dizer um dedal.

— O que é isso?

— É assim.

E ela deu um beijo nele.

— Que engraçado! — disse Peter, bastante sério. — Agora eu também devo lhe dar um dedal?

— Se você quiser — disse Wendy com a cabeça ereta dessa vez.

Peter lhe deu um “dedal” e quase imediatamente ela soltou um grito.

— O que foi, Wendy?

— Senti como se alguém estivesse puxando o meu cabelo.

— Deve ter sido a Sininho. Nunca a vi tão malcriada antes.

E, realmente, Sininho estava voando por ali e falando coisas feias.

— Ela disse que vai fazer isso com você, Wendy, sempre que eu lhe der um dedal.

— Mas por quê?

— Por que, Sininho?

Mais uma vez Sininho respondeu:

— Seu imbecil.

Peter não conseguia entender, mas Wendy entendeu; e ela ficou um pouco decepcionada quando ele admitiu que entrou no quarto das crianças não para vê-la, mas para ouvir histórias.

— Sabe, eu não conheço nenhuma história. Nenhum dos garotos perdidos conhece história alguma.

— Que coisa mais terrível — disse Wendy.

— Você sabe por que as andorinhas fazem ninho nos beirais dos telhados das casas? — perguntou Peter. — É para ouvir as histórias. Ah, Wendy, sua mãe estava contando uma história adorável para você.

— Que história ela estava contando?

— Sobre um príncipe que não encontrava uma moça que usou um sapatinho de cristal.

— Peter — disse Wendy animada —, é a história da Cinderela, e ele a encontrou, e eles viveram felizes para sempre.

Peter ficou tão feliz que se levantou do chão onde estivera sentado e correu até a janela.

— Aonde você vai? — gritou ela, preocupada.

— Vou contar para os outros garotos.

— Não vá, Peter — pediu ela —, conheço muitas outras histórias. Aquelas foram suas palavras precisas, então não pode haver dúvidas de que foi ela quem primeiro o tentou. Ele voltou e havia um olhar ganancioso em seu rosto que deveria tê-la alarmado, mas isso não aconteceu.

— Ah, as histórias que eu poderia contar para os garotos! — exclamou ela, e então Peter a segurou e começou a arrastá-la em direção à janela.

— Me solte! — ordenou ela.

— Wendy, venha comigo e conte as histórias para os outros garotos. É claro que ela estava bastante feliz com o convite, mas disse:

— Ah, querido, não posso. Pense na mamãe! Além disso, eu não sei voar.

— Eu te ensino.

— Ah, que delícia poder voar.

— Eu ensino você a pular no lombo do vento, e então vamos embora.

— Ah! — exclamou ela, extasiada.

— Wendy, Wendy, enquanto você fica deitada nessa cama tola você poderia estar voando comigo e me ouvindo dizer coisas engraçadas para as estrelas.

— Ah!

— E, Wendy, tem as sereias.

— Sereias? Com cauda?

— Com caudas tão longas.

— Ah — exclamou Wendy. — Eu adoraria conhecer uma sereia!

Peter estava cada vez mais astuto.

— Wendy — disse ele —, nós a respeitaríamos tanto.

Ela estava sacudindo o corpo de tanta agonia. Até parecia que ela tentava ficar ali no quarto das crianças. Mas ele não teve pena dela.

— Wendy — disse ele, o dissimulado — você poderia nos cobrir à noite.

— Ah!

— Ninguém nunca nos cobriu antes de dormir.

— Ah! — E ela estendeu os braços para ele.

— E você poderia costurar nossas roupas, e fazer bolsos nelas. Nenhum de nós nunca teve bolsos costurados nas roupas.

Como ela poderia resistir?

— Mas é claro, isso é muito fascinante! — exclamou ela. — Peter, você ensinaria John e Michael a voar também?

— Se você quiser — disse ele, indiferente.

Ela correu até John e Michael e os sacudiu.

— Acordem! — gritou ela. — Peter Pan está aqui e vai nos ensinar a voar.

John esfregou os olhos.

— Então eu vou me levantar — disse ele.

Claro que ele já estava no chão.

— Olá — disse ele —, acordei!

Michael também já estava acordado, mais aceso do que um farol, mas Peter de repente fez um gesto pedindo silêncio. Seus rostos ficaram com aquela expressão astuta que as crianças fazem quando estão tentando escutar algum barulho do mundo adulto. Estava tudo em silêncio. Então estava tudo bem. Não, parem! Estava tudo errado. Naná, que vinha latindo muito a noite toda, estava quieta agora. Era o seu silêncio que eles ouviam.

— Apaguem a luz! Escondam-se! Rápido! — gritou John, assumindo o comando pela única vez durante toda a aventura. E então, quando Liza entrou, segurando Naná, o quarto das crianças parecia estar como sempre, bastante escuro; e era possível jurar que havia três criaturas danadas dormindo ali e respirando como anjinhos. Na verdade, eles faziam aquilo escondidos atrás das cortinas.

Liza estava de mau humor, pois estava preparando pudins para o Natal, lá na cozinha, e precisou sair de lá e ir até o quarto com uma uva passa grudada no rosto por causa das suspeitas absurdas de Naná. Ela achou que o melhor a fazer para que a cachorra se acalmasse era levá-la até o quarto das crianças por um momento, mas sempre a segurando, claro.

— Pronto, bicho desconfiado — disse ela, gostando de ver Naná humilhada. — Eles estão perfeitamente bem, não é? Todos os anjinhos dormindo profundamente, cada um em sua cama. Ouça a respiração deles.

Neste momento Michael, motivado pelo seu sucesso, respirou tão alto que eles quase foram descobertos. Naná conhecia aquele tipo de respiração e por isso tentou se soltar dos braços de Liza.

Mas Liza não era muito inteligente.

— Chega disso, Naná — disse ela, brava, tirando a cadela do quarto. — Estou avisando, se você latir de novo, vou atrás do patrão e da patroa e vou fazer com que eles venham embora da festa, e então, ah, o patrão vai dar umas boas palmadas em você.

Ela prendeu a cadela infeliz novamente, mas você acha que Naná parou de latir? Tirar o patrão e a patroa da festa? Ora, isso era exatamente o que ela queria que acontecesse. Você acha que ela se importou se levaria umas palmadas? Ela queria era que suas crianças estivessem em segurança. Infelizmente, Liza voltou para o seu doce e Naná, ao perceber que não teria nenhuma ajuda dela, esticou, esticou e esticou a corrente até finalmente conseguir quebrá-la. Em um segundo ela entrou em disparada na sala de jantar da casa número 27 e colocou as patas para cima. Essa era sua maneira mais expressiva de se comunicar. O Sr. e a Sra. Darling logo souberam que algo terrível estava acontecendo no quarto das crianças e, sem se despedirem de seus anfitriões, saíram correndo pela rua.

Mas agora já fazia dez minutos desde o momento em que aqueles três danadinhos estavam respirando atrás das cortinas, e Peter Pan é capaz de fazer bastante coisa em dez minutos.

Voltemos para o quarto das crianças.

— Está tudo bem — anunciou John, saindo de seu esconderijo. — Peter, você sabe mesmo voar?

Em vez de respondê-lo Peter voou pelo quarto, arrancando a prateleira da lareira ao fazer isso.

— Que legal! — exclamaram John e Michael.

— Que adorável! — disse Wendy.

— Sim, sou adorável, ah, eu sou adorável! — disse Peter, esquecendo-se novamente de suas boas maneiras.

Parecia deliciosamente fácil, e eles tentaram primeiro voar do chão para suas camas, mas sempre iam para baixo em vez de subir.

— Como você faz isso? — perguntou John, esfregando o joelho.

Ele era um garoto bastante prático.

— Basta pensar em coisas adoráveis e maravilhosas — explicou Peter —, e elas levantarão você no ar.

Ele mostrou mais uma vez.

— Você faz isso tão rápido — disse John —, você não consegue fazer bem devagar, pelo menos uma vez?

Peter fez devagar e rápido.

— Agora eu entendi, Wendy! — gritou John, mas logo ele percebeu que não tinha entendido nada.

Nenhum deles conseguia voar nem um centímetro, embora até Michael conseguisse ler palavras de duas sílabas enquanto Peter não sabia o que era A nem o que era Z.

Peter estava brincando com eles, é claro, pois ninguém consegue voar se o pó de fada não for jogado sobre a pessoa. Felizmente, como mencionamos, uma de suas mãos estava suja de pó de fada e Peter assoprou um pouco em cada uma das crianças, conseguindo resultados fantásticos.

— Agora é só sacudir os ombros desta maneira — disse ele — e se soltar.

Todos estavam em suas camas e o valente Michael foi quem voou primeiro. Ele não chegou a voar, mas se soltou um pouco e imediatamente foi lançado para o outro lado do quarto.

— Eu voei! — gritou ele, ainda no ar.

John se soltou e encontrou Wendy perto do banheiro.

— Ah, que adorável!

— Ah, que legal!

— Olhe para mim!

— Olhe para mim!

— Olhe para mim!

Eles não voavam nem um pouco tão bem quanto Peter, não conseguiam deixar de chutar um pouco o ar, mas suas cabeças estavam encostando no teto, e não há nada mais delicioso do que isso. Peter segurou a mão de Wendy no início, mas precisou soltá-la, pois Sininho ficou indignada.

Eles foram para cima e para baixo, giraram para um lado e para o outro. Wendy usou a palavra “divino” para explicar o que sentia.

— Pergunto — exclamou John —, por que não saímos daqui?

É claro que era isso que Peter queria que eles fizessem.

Michael estava pronto. Ele queria ver quanto tempo iam levar para percorrer um bilhão de quilômetros. Mas Wendy hesitou.

— Sereias! — disse Peter, de novo.

— Ah!

— E tem os piratas.

— Piratas! — exclamou John, procurando o chapéu que usava aos domingos. — Vamos logo.

Foi neste exato momento que o Sr. e a Sra. Darling saíram correndo, com Naná, da casa de número 27. Correram para o meio da rua para olhar para o quarto das crianças e, sim, ele ainda estava fechado, mas o quarto estava todo iluminado e, a visão mais espantosa que tiveram foi a sombra de três criaturinhas na cortina, vestindo pijamas e girando, girando, não no chão, mas no ar.

Não eram três criaturas, e sim quatro!

Tremendo eles abriram a porta da rua. O Sr. Darling teria subido as escadas correndo, mas a Sra. Darling sinalizou para ele que fizesse isso devagar. Ela tentou acalmar seu coração.

Será que eles chegarão ao quarto das crianças a tempo? Se chegarem, que alegria para eles, e nós conseguiremos todos respirar aliviados. Mas então nossa história termina aqui. Por outro lado, se não chegarem a tempo, prometo que vai dar tudo certo no final.

Eles teriam chegado ao quarto das crianças a tempo se as estrelinhas não os estivessem observando. De novo, as estrelas abriram a janela, e a menor estrela de todas gritou:

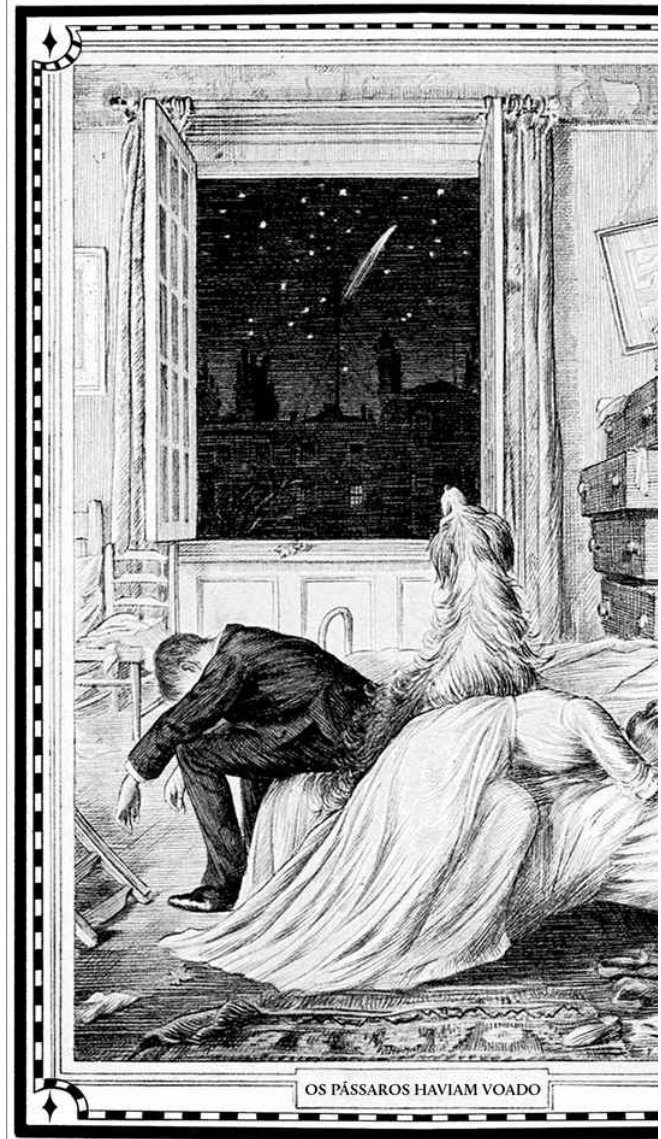
— Cuidado, Peter!

E então Peter soube que não havia mais tempo a perder.

— Venham! — gritou ele.

E lançou-se na noite, seguido por John, Michael e Wendy.

O Sr. e a Sra. Darling, acompanhados de Naná, chegaram tarde demais ao quarto das crianças. Os pássaros haviam voado.





IV

O VOO

*“Segunda à direita e depois
siga em frente até o amanhecer.”*

Peter havia dito a Wendy que aquele era o caminho para a Terra do Nunca, mas mesmo os pássaros, que carregavam mapas e os consultavam nas esquinas onde o vento batia com mais força, não teriam conseguido encontrar o lugar apenas com aquelas orientações. Peter, você sabe como é, apenas falou o que veio em sua cabeça.

Primeiro, seus companheiros confiaram nele sem perguntar nada, e estavam tão maravilhados com o voo que perderam tempo dando voltas em torno de torres de igrejas ou qualquer outro objeto que encontravam pelo caminho e que lhes agradasse.

John e Michael apostaram corrida, com Michael saindo na frente.

Eles se lembraram com desdém que há pouco tempo haviam se achado importantes por terem conseguido voar pelo quarto.

Há pouco tempo. Mas há quanto tempo? Eles estavam voando sobre o mar antes deste pensamento começar a incomodar Wendy de verdade. John achou que aquele era o segundo mar que eles sobrevoavam e a terceira noite que estavam fora.

Às vezes ficava escuro e às vezes claro, e em um momento sentiam frio e no outro calor. Será que eles realmente sentiam fome às vezes, ou estavam só fingindo, pois Peter tinha uma nova maneira tão legal de alimentá-los? O jeito dele era perseguir pássaros que levavam no bico algum alimento que os humanos pudessem comer, e roubá-lo deles; aí, o pássaro ia atrás dele e roubava a comida de novo; e eles ficavam voando um atrás do outro na maior alegria por vários quilômetros, finalmente se despedindo com um cumprimento. Mas Wendy percebeu, com um pouco de preocupação, que Peter não parecia saber que esta era uma maneira um tanto estranha de conseguir comida, e que também não parecia conhecer outras maneiras.

Com certeza eles não estavam fingindo que estavam com sono, eles realmente estavam com sono; e aquilo era um perigo, pois, quando adormeciam, caíam no chão. O terrível disso era que Peter achava aquilo engraçado.

— Lá vai ele de novo! — gritava ele radiante quando Michael de repente caía como uma pedra.

— Salve-o, salve-o! — gritava Wendy, olhando horrorizada para o mar cruel lá embaixo.

Peter então, de repente, mergulhava no ar e pegava Michael, apenas um pouco antes de ele chegar no mar, e a maneira como ele fazia isso era adorável; mas ele sempre esperou até o último momento, e era possível perceber que o que importava para ele era sua habilidade, e não o fato de salvar uma vida. Ele também gostava de variedade, e a brincadeira que o fascinava em um momento de repente parava de interessá-lo, então havia sempre a possibilidade de, na próxima vez em que algum deles despencasse, ele simplesmente os deixasse cair.

Peter sabia dormir no ar sem cair, simplesmente se deitando de costas e flutuando, mas isso acontecia, pelo menos em parte, por ele ser tão leve que se você estivesse atrás dele e assoprasse ele voaria mais rápido.

— Seja mais educado com ele — sussurrou Wendy para John quando eles estavam brincando de “Seu Mestre Mandou”.

— Então diga a ele para parar de se exibir — disse John.

Ao brincar de “Seu Mestre Mandou”, Peter voava bem perto da água e tocava as barbatanas dos tubarões pelos quais passava, assim como quando você está andando na rua e passa a mão em uma cerca de metal. Os outros não conseguiam fazer o mesmo que ele com muito sucesso, então, talvez, ele realmente quisesse se exhibir, principalmente porque ficava olhando para trás para ver quantas barbatanas eles não tinham conseguido tocar.

— Vocês precisam ser gentis com ele — disse Wendy para seus irmãos. — O que faremos se ele nos abandonar?

— Podemos voltar para casa — disse Michael.

— Como vamos descobrir o caminho de volta se ele não estiver conosco?

— Bom, então, poderíamos continuar seguindo em frente — disse John.

— E isso é o mais terrível, John. Devemos seguir em frente, pois não sabemos como parar.

Isso era verdade. Peter havia se esquecido de ensinar a eles como parar.

John disse que, na pior das hipóteses, tudo o que eles poderiam fazer era seguir em frente e, como o mundo é redondo, em algum momento eles voltariam para a janela de seu quarto.

— E quem vai conseguir pegar comida para nós, John?

— Tirei um pouco de comida do bico daquela águia até que bem, Wendy.

— Depois da vigésima tentativa — observou Wendy. — E, apesar de termos aprendido a pegar comida, vocês percebem como batemos nas nuvens e em outras coisas se ele não está por perto para nos ajudar?

De fato, eles sempre batiam nas coisas. Já conseguiam voar bem agora, embora ainda chutassem bastante o ar; mas se eles vissem uma nuvem pela frente, por mais que tentassem desviar, certamente trombavam com ela. Se Naná estivesse com eles já teria feito um curativo na testa de Michael.

Peter não estava com eles naquele momento, e eles se sentiram bastante sozinhos. Ele conseguia voar tão mais rápido do que eles que, de repente, sumia de vista e vivia uma aventura da qual os três não compartilhavam. Voltava rindo sobre algo terrivelmente engraçado que estava contando para uma estrela, mas que ele já tinha esquecido o que era, ou então subia com escamas de sereia ainda grudadas em sua pele, e ainda assim não conseguia contar com certeza o que acontecera. Era realmente bastante irritante para as crianças, que não tinham visto a sereia.

— E, se ele se esquece delas tão rapidamente — argumentou Wendy —, como podemos esperar que ele vá continuar se lembrando de nós?

De fato, às vezes, quando voltava, ele não se lembrava deles, pelo menos não muito bem. Wendy tinha certeza disso. Ela via em seus olhos que ele os reconhecia quando ele estava prestes a passar por eles e seguir em frente; uma vez ela até precisou dizer seu nome.

— Sou a Wendy — disse ela, assustada.

Ele se desculpou pelo acontecido.

— Veja só, Wendy — sussurrou para ela —, sempre que você perceber que estou me esquecendo de você, continue dizendo “sou a Wendy”, e então vou me lembrar.



DEIXE-O FICAR COM O QUE CONSEGUIR PEGAR

É claro que isso não era nada satisfatório. Mas, para se redimir, ele mostrou a eles como se deitar bem retinho em cima de um vento forte que vinha em sua direção, e isso foi uma mudança tão agradável que eles tentaram fazer aquilo várias vezes e perceberam que poderiam dormir ali em segurança. Na verdade, eles até teriam dormido mais, porém Peter logo se cansava de dormir e começava a gritar com sua voz de capitão:

— É aqui que desembarcamos.

Assim, com alguns desentendimentos, mas na maior parte do tempo em harmonia, eles foram se aproximando da Terra do Nunca. Depois de muitas luas eles chegaram lá e, ainda por cima, seguindo a direção certa durante o tempo todo, talvez não pela orientação de Peter ou de Sininho, mas porque a ilha estava procurando por eles. Só assim para que alguém consiga avistar aquelas praias mágicas.

— Lá está ela — disse Peter, com calma.

— Onde, onde?

— Ali, para onde as flechas estão apontando.

De fato, um milhão de flechas douradas apontavam a ilha para as crianças, todas lançadas por seu amigo, o Sol, que queria que eles tivessem certeza do caminho antes de ir embora e dar lugar para a noite.

Wendy, John e Michael ficaram na ponta dos pés no ar para olhar a ilha. É estranho dizer isso, mas todos a reconheceram logo que a viram, e até o medo tomar conta deles, não sentiram o que a gente sente quando vê ao vivo algo com o que já sonhamos muitas vezes, mas sentiram como se estivessem se encontrando com um amigo querido que estava voltando para casa depois de muito tempo.

— John, lá está a lagoa.

— Wendy, veja as tartarugas enterrando seus ovos na areia.

— Olha, John, estou vendo seu flamingo com a perna quebrada.

— Olhe, Michael, a sua caverna.

— John, o que é aquilo no meio do mato?

— É uma loba com seus filhotinhos. Wendy, acho que aquilo é o seu lobinho.

— Lá está o meu barco, John, com suas paredes amassadas.

— Não, não é o seu barco. Nós queimamos o seu barco.

— Mas não há dúvidas de que é ele. Olhe, John, tem fumaça saindo da aldeia dos peles-vermelhas.

— Onde? Me mostre e vou dizer se eles estão em pé de guerra só por observar o desenho da fumaça.

— Lá, do outro lado do Rio Misterioso.

— Agora estou vendo. Sim, eles estão em pé de guerra sim.

Peter ficou um pouco incomodado com eles por saberem tanto; mas se ele queria ser superior a eles sua chance estava prestes a chegar, pois, como falei, logo o medo tomaria conta deles.

Aconteceu quando as flechas douradas sumiram, deixando a ilha na escuridão.

Nos velhos tempos, quando estavam em casa, a Terra do Nunca sempre ficava um pouco escura e ameaçadora no momento de ir para a cama. Nessa hora, estradas nunca exploradas surgiam e se espalhavam; sombras negras começavam a se mexer; e o rugido das feras ficava muito diferente. E, acima de tudo, as crianças perdiam a certeza de que iriam vencer. Ficavam muito felizes pelas luzinhas estarem acesas. Gostavam até de ouvir Naná dizer que aquilo era só a lareira e que a Terra do Nunca não era de verdade.

É claro, a Terra do Nunca realmente não era de verdade naqueles dias; mas era real agora, e não havia luzinhas, e estava ficando mais escuro a cada momento, e onde estava Naná?

Eles vinham voando separados, mas agora ficaram bem juntinhos e perto de Peter. Seu jeito despreocupado finalmente desaparecera, seus olhos brilhavam e sentiam um arrepio sempre que tocavam seu corpo. Agora sobrevoavam a ilha assustadora e voavam tão baixo que às vezes uma árvore roçava seus pés. Nada horrível podia ser visto no ar, mas, ainda assim, seguir em frente tornou-se um processo lento e difícil, como se estivessem sendo puxados por forças hostis. Às vezes ficavam parados no ar até Peter socar uma delas.

— Eles não querem que a gente aterrisse — explicou ele.

— Quem são eles? — sussurrou Wendy, estremecendo.

Mas ele não podia ou não queria dizer. Sininho, que até então estivera dormindo em seu ombro, foi acordada por ele e seguiu na frente.

Às vezes Peter se posicionava no ar e ficava parado, ouvindo atentamente com as mãos no ouvido, e de novo olhava para baixo com os olhos tão brilhantes que parecia perfurar dois buracos na terra. Depois de fazer isso ele seguia em frente.

Sua coragem chegava a dar medo.

— Você quer uma aventura? — perguntou ele casualmente para John. — Ou prefere tomar seu chá primeiro?

— Chá primeiro — respondeu Wendy bem depressa.

Michael apertou sua mão agradecido, mas o valente John hesitou.

— Que tipo de aventura? — perguntou ele, com receio.

— Tem um pirata dormindo ali nos pampas, bem abaixo de nós — disse Peter. — Se você quiser, descemos até lá e o matamos.

— Não estou vendo — disse John, depois de uma longa pausa.

— Eu estou.

— Suponha — disse John, com a voz um pouco rouca — que ele acorde.

Peter falou, indignado:

— Você não acha que vou matá-lo enquanto ele está dormindo! Eu o acordaria primeiro, e então o mataria. É assim que sempre faço.

— E você mata muitos?

— Muitos.

John disse:

— Que legal!

Mas então decidiu tomar chá primeiro. Perguntou se havia muitos piratas na ilha neste momento, e Peter disse que nunca tinha visto tantos.

— E quem é o capitão deles?

— Gancho — respondeu Peter; e seu rosto ficou sério ao pronunciar aquela palavra.

— James Gancho?

— Este mesmo.

E então Michael começou a chorar, e até mesmo John só conseguia gaguejar, pois ele conhecia a reputação de Gancho.

— Ele substituiu o Barba Negra — sussurrou John. — É o pior de todos. É o único homem de quem Barbecue tinha medo.

— Este mesmo — disse Peter.

— Como ele é? Ele é grande?

— Não é tão grande quanto costumava ser.

— Como assim?

— Eu cortei um pedaço dele.

— Você?

— Sim, eu — respondeu Peter, bruscamente.

— Não quis desrespeitar você.

— Ah, tudo bem.

— Mas qual parte?

— Sua mão direita.

— Então ele não consegue mais lutar?

— Ah, consegue.

— Ele é canhoto?

— Ele usa um gancho de ferro no lugar da mão direita, e usa como se fosse uma garra!

— Uma garra!

— John — disse Peter.

— Sim.

— Diga “sim, sim, senhor”.

— Sim, sim, senhor.

— Tem uma coisa que todo menino liderado por mim precisa prometer, e por isso você também precisa.

John ficou pálido.

— É o seguinte, se nos depararmos com o Gancho em uma batalha, você deve deixá-lo por minha conta.

— Eu prometo — respondeu John com lealdade.

Naquele momento eles estavam se sentindo menos assustados, pois Sininho voava com eles e com sua luz eles conseguiam enxergar um ao outro. Infelizmente ela não conseguia voar tão devagar quanto eles, e então ela precisava voar em círculos em volta dos quatro, que ficaram envolvidos em uma espécie de auréola. Wendy estava gostando bastante daquilo, até Peter explicar qual era o problema.

— Ela está me contando que os piratas nos viram antes de escurecer, e soltaram o canhão.

— A arma grande?

— Sim. E é claro que eles devem ver a luz da Sininho, e se acharem que estamos por perto, com certeza vão mandar bala.

— Wendy!

— John!

— Michael!

— Mande a Sininho ir embora logo, Peter — gritaram os três ao mesmo tempo, mas ele se recusou a dar essa ordem.

— Ela acha que estamos perdidos — respondeu ele, bravo. — E ela está bastante assustada. Vocês não acham que eu vou mandar que ela vá embora sozinha se ela está com medo, né?

Por um momento o círculo de luz foi quebrado e Peter levou um beliscão carinhoso.

— Então diga a ela — implorou Wendy — para apagar a luz.

— Ela não consegue fazer isso. Esta é praticamente a única coisa que as fadas não conseguem fazer. A luz se apaga sozinha, apenas quando ela dorme, é o mesmo que acontece com as estrelas.

— Então a mande dormir logo — John praticamente ordenou.

— Ela não consegue dormir se não estiver com sono. Esta é a única outra coisa que as fadas não conseguem fazer.

— E me parece — respondeu John — que são as duas únicas coisas que elas precisariam fazer.

E então ele recebeu um beliscão, mas este não foi carinhoso.

— Se pelo menos tivéssemos um bolso — disse Peter — poderíamos carregá-la dentro dele.

Mas eles tinham saído de casa com tanta pressa que nenhum dos quatro tinha um bolso.

Ele teve uma ideia feliz. O chapéu de John!

Sininho concordou em continuar a viagem dentro do chapéu, desde que ele fosse levado na mão. John o carregou, embora ela quisesse que Peter o carregasse. Após algum tempo Wendy pegou o chapéu, pois John disse que ele batia em seu joelho quando voava; e isso, como veremos, deu confusão, pois a Sininho detestava a ideia de ter que obedecer a Wendy.

Dentro do chapéu preto a luz de Sininho ficava totalmente escondida, e eles continuaram voando em silêncio. Foi o silêncio mais profundo que eles jamais ouviram, quebrado apenas pelo ruído distante de alguém lambendo um líquido, que Peter explicou vir das feras que estavam bebendo no fiorde, e, de novo, por um farfalhar que parecia ser dos galhos das árvores batendo uns contra os outros, mas ele disse que eram os peles-vermelhas amolando suas facas.

Mesmo estes barulhos cessaram. Para Michael, aquele silêncio era terrível.

— Se pelo menos alguma coisa fizesse algum barulho — reclamou ele.

Como que em resposta a seu pedido, o ar foi rasgado pelo maior estrondo que Michael jamais ouvira na vida. Os piratas usaram o canhão para atirar neles.

O rugido do tiro ecoou pelas montanhas e o eco parecia gritar ferozmente “onde eles estão? Onde eles estão? Onde eles estão?”.

Foi assim que as três crianças aterrorizadas aprenderam a diferença entre uma ilha de faz de conta e a mesma ilha, só que de verdade.

Quando finalmente o silêncio voltou, John e Michael se viram sozinhos na escuridão. John estava pedalando mecanicamente no ar, e Michael, sem saber flutuar, flutuava.

— Você levou um tiro? — sussurrou John, trêmulo.

— Ainda não sei — sussurrou Michael de volta.

Nós sabemos que ninguém foi atingido. Peter, porém, foi lançado ao alto-mar pela rajada de vento que saiu do canhão, e Wendy foi atirada para cima, tendo apenas Sininho como companhia.

Teria sido melhor para Wendy se naquele momento ela tivesse soltado o chapéu.

Não sei se a ideia veio de repente à cabeça de Sininho, ou se ela já havia planejado isso antes, mas Sininho saiu imediatamente de dentro do chapéu e começou a atrair Wendy para sua ruína.

Sininho não era de todo má; ou melhor, ela se tornou toda má somente agora, mas, por outro lado, às vezes ela era toda boa. Fadas precisam ser de um jeito ou de outro, pois como são muito pequenas elas infelizmente só têm espaço para um sentimento por vez. Elas podem mudar, mas a mudança é complexa. No momento ela estava cheia de ciúmes de Wendy. O que ela dizia em seu adorável tilintar Wendy não conseguia entender, e acredito que algumas dessas coisas eram ruins, mas pareciam ser boas, e ela voou para trás e para a frente, querendo dizer “siga-me e tudo ficará bem”.

O que mais a pobre Wendy poderia fazer? Ela chamou Peter, John e Michael e ouviu apenas os ecos de sua voz como resposta. Ela ainda não sabia que Sininho a detestava com o ódio feroz de uma mulher de verdade. E então, confusa e agora cambaleando em seu voo, ela seguiu Sininho rumo a sua desgraça.



V

A ILHA SE TORNA REALIDADE

Ao perceber que Peter estava voltando, a Terra do Nunca despertou para a vida mais uma vez. Eu deveria usar o pretérito-mais-que-perfeito e dizer despertara, mas despertou é melhor e é o que Peter sempre usa.

Em sua ausência, a ilha em geral fica tranquila. As fadas dormem uma hora a mais pela manhã, as feras cuidam de seus filhotes, os peles-vermelhas fazem um banquete por seis dias e noites, e quando piratas e garotos perdidos se encontram eles simplesmente mordem os dedos uns dos outros. Mas, com a chegada de Peter, que odeia a preguiça, todos voltam a se animar. Se colocasse o ouvido no chão agora, você conseguiria ouvir toda a ilha cheia de vida.

Nesta noite as principais forças da ilha estavam dispostas assim: os garotos perdidos estavam procurando por Peter, os piratas estavam procurando pelos garotos perdidos, os peles-vermelhas estavam procurando pelos piratas, e as feras estavam procurando pelos peles-vermelhas. Eles andavam em círculos na ilha, mas não se encontravam porque caminhavam todos na mesma velocidade.

Todos queriam sangue menos os garotos, que normalmente gostavam de sangue, mas nesta noite haviam saído para receber seu capitão. O número de garotos na ilha varia, claro, quando alguns morrem e tal; e então quando eles parecem estar começando a crescer, o que é contra as regras, Peter desaparece com eles. Desta vez havia seis deles, contando os gêmeos como dois. Vamos fingir que estamos deitados aqui no meio desse canavial e observá-los se esgueirando em fila indiana, cada um com a mão em seu punhal.

Peter os proíbe de se parecerem com ele, e eles usam pele de ursos que matam para se cobrirem, e com essas roupas eles ficam tão roliços e peludos que quando caem, saem rolando. Por isso, todos aprenderam a ficar em pé e poucos caem.

O primeiro a passar é Tootles, não o menos corajoso, mas o mais azarado de todos os integrantes deste valente bando. Ele participara de menos aventuras do que os outros porque as coisas grandes normalmente acontecem sempre quando ele vai ali na esquina; tudo estava tranquilo, ele decidia aproveitar a oportunidade para pegar um pouco de lenha para a fogueira, e então quando voltava os outros estavam limpando o sangue espalhado. Esta má sorte lhe dera um ar de melancolia, mas, em vez de deixá-lo amargo, sua natureza tornou-se doce, então ele era o mais humilde dos garotos. Pobre e gentil Tootles, existe um grande perigo no ar nesta noite. Cuide-se ou você ganhará uma aventura que, se aceita, fará você mergulhar na mais profunda tristeza. Tootles, a fada Sininho quer fazer uma maldade nesta noite e está procurando por algo e ela acha que você é o mais fácil de todos de se enganar. Tome cuidado com a Sininho!

Gostaria que ele pudesse nos ouvir, mas não estamos na ilha, e ele passa por nós, mordendo os dedos.

Em seguida veio Nibs, feliz e gentil, seguido por Slightly, que faz flautas com pedaços de árvores e dança freneticamente ao ritmo de sua própria música. Slightly é o mais convencido dos garotos. Ele acha que se lembra dos dias antes de se perder, por causa de suas maneiras e costumes, e isso faz com que ande sempre com o nariz empinado. Curly é o quarto, e sempre se mete em confusão, e ele sempre tem que se entregar quando Peter diz em tom severo: “dê um passo à frente aquele que fez isso”. Agora ele já fica um passo à frente sempre que algo acontece, tendo sido ele o responsável por isso ou não. Por último vieram os Twins, que são gêmeos e que não consigo descrever por que certamente descreveria o gêmeo errado. Peter nunca sabia muito bem o que significava a palavra gêmeos, e seu bando não podia saber nada mais do que ele, então estes dois eram sempre vagos sobre si mesmos e faziam seu melhor para não incomodar ninguém e ficavam sempre juntos com cara de quem está pedindo desculpas.

Os garotos desapareceram na escuridão e, depois de um tempo, mas não depois de muito tempo, pois as coisas acontecem rapidamente na ilha, vieram os piratas atrás deles. Nós podemos ouvi-los antes de vê-los, e é sempre a mesma canção terrível:

*Amarre alto, yo-ho, velas ao ar,
Piratas ao mar,
E se um tiro levar
Um dia vamos nos encontrar!*

Nem no corredor da morte se vê um grupo tão estranho. Aqui, um pouco à frente, sempre encostando o ouvido no chão para escutar, com os grandes braços nus, moedas de prata penduradas nas orelhas imitando brincos, vem o belo italiano Cecco, que talhou seu nome com uma faca nas costas do diretor da prisão de Gao. O negro gigantesco atrás dele já teve vários nomes desde que deixou de usar aquele que as mães africanas ainda usam para aterrorizar suas crianças às margens do Guadjo-mo. Logo depois vem Bill Jukes, com tatuagens por todo o corpo, o mesmo Bill Jukes que levou seis dúzias de chibatadas do Capitão Flint no navio Walrus antes de largar o saco de cruzados de ouro. Depois vem Cookson, que dizem ser irmão do Black Murphy (mas isso nunca foi provado); e o Gentleman Starkey, que já foi inspetor de uma escola e ainda mata com frescura; e Skylights (Skylights do Morgan); e o irlandês Smee, um homem

estranhamente simpático que esfaqueava, digamos assim, sem querer ofender, e era o único membro da tripulação de Gancho que não pertencia à Igreja Anglicana; e Noodler, cujas mãos eram viradas para trás; e Robert Mullins e Alf Mason e muitos outros rufiões famosos e temidos nas colônias espanholas.

No meio deles estava reclinado o maior e mais assustador de todos naquele ambiente sombrio, James Gancho, ou como ele mesmo assinava, Jas. Gancho, que diziam ser o único homem que botava medo no grande Sea-Cook. Ele estava deitado à vontade em uma carruagem tosca carregada por seus homens e, no lugar da mão direita, tinha o gancho de ferro com o qual estava sempre os incentivando a andar mais depressa. Eles eram tratados como cães por este homem terrível, e como cães eles lhe obedeciam. O Capitão Gancho era moreno e cadavérico, e seu cabelo era cheio de cachos que, a uma certa distância, pareciam velas negras, e davam um ar ameaçador ao seu belo rosto. Seus olhos eram azuis como o miosótis e tinham uma expressão de profunda melancolia, exceto quando ele estava enfiando o gancho em alguém, pois aí manchas vermelhas apareciam neles e os deixavam terrivelmente incandescentes. Graças a seus costumes, Gancho ainda lembrava um pouco um fidalgo, e até para derrotar seu inimigo ele fazia uso de ares de grandeza. Já me disseram que ele era um grande contador de histórias. Ficava mais sinistro quando se comportava com mais polidez, o que provavelmente é a verdadeira marca registrada dos aristocratas; e a elegância de sua dicção, até quando falava palavrões, assim como a superioridade de seu comportamento mostravam que ele não era da laia de sua tripulação. Era um homem de coragem indomável, e dizem que só se assustava ao ver o próprio sangue, que era grosso e de uma cor diferente. No vestir, Gancho imitava um pouco as roupas associadas ao rei Carlos II da Inglaterra, tendo ouvido, em um período anterior de sua carreira, que era muito parecido com os azarados membros da dinastia Stuart. Na boca, Gancho tinha uma piteira que ele próprio fabricara e que lhe permitia fumar dois charutos ao mesmo tempo. Mas, sem dúvida, a parte mais aterradora de sua aparência era sua garra de ferro.

Vamos agora matar um pirata para mostrar o método de Gancho. Pode ser o Skylights. Ao passar, Skylights esbarra desajeitadamente no capitão, amassando sua gola de renda; o gancho dispara e ouve-se o barulho de algo sendo rasgado e um grito de dor, então o corpo é chutado para o lado e os piratas seguem em frente. Ele nem chega a tirar a piteira da boca.

Este é o terrível homem contra quem Peter Pan vai lutar. Qual dos dois vencerá?

Na trilha dos piratas, se esgueirando em completo silêncio pela estrada a caminho da batalha, que não é visível para os olhos inexperientes, surgem os peles-vermelhas, todos de olhos bem abertos. Carregam machadinhas e facas, e seus corpos nus brilham, cobertos de pintura e óleo. Trazem fileiras de escalpos penduradas em volta de si – escalpos não só de piratas, mas de meninos também, pois essa é a temível tribo dos Piccaninny, e não deve ser confundida com os Delawares ou Hurons, que são mais bonzinhos. Na vanguarda, de quatro, vem o Great Big Little Panther, um corajoso que já arrancou tantos escalpos que, nesse momento, impedem que ele continue. No final, que é o lugar mais perigoso, está a Tiger Lily, ereta e orgulhosa, uma princesa por direito. Ela é a mais linda das Dianas caçadoras e a mais bela da tribo dos Piccanninies, vaidosa, sabe ser fria ou doce quando quer. Todos os bravos da tribo gostariam de se casar com essa menina teimosa, mas ela foge do altar com uma machadinha. Observe como eles passam pisando nos galhos caídos no chão sem fazer o menor barulho. O único som que se ouve é o de sua respiração um tanto pesada. A verdade é que eles estão todos um pouco gordos agora, depois de terem se empanturrado, mas com o tempo vão acabar perdendo peso. No momento, porém, este é o maior perigo para eles.

Os peles-vermelhas desaparecem como surgiram, como sombras, e logo seu lugar é ocupado pelas feras, um bando enorme e todo misturado: leões, tigres, ursos e os inúmeros animais selvagens menores que fogem deles, pois todo tipo de fera e, mais particularmente, todos aqueles que se alimentam de homens, vivem próximos nesta ilha da qual tanto gostam. Suas línguas estão penduradas para fora, pois eles estão com bastante fome nesta noite.

Assim que as feras passam vem o último de todos, um crocodilo gigante. Logo saberemos por quem ele está procurando.

O crocodilo passa também, mas logo os meninos aparecem de novo, pois a procissão tem que continuar sem parar até que um grupo pare de andar ou diminua ou aumente o passo. Então, em pouco tempo, todos vão chegar à frente do grupo.

Todos estão olhando bem atentos para a frente, mas nenhum deles suspeita que o perigo pode estar vindo atrás deles. Isso mostra como a ilha é real.

Os primeiros a saírem do círculo são os garotos. Eles desabaram sobre a grama, perto do local onde ficava sua casa subterrânea.

— Queria muito que Peter voltasse — diziam todos eles nervosos, embora em voz, altura e, principalmente, largura, todos fossem maiores que seu capitão.

— Eu sou o único que não tem medo de piratas — disse Slightly, naquele tom que o impedia de ser o preferido do grupo.

Mas talvez algum som distante o tenha incomodado, pois ele acrescentou bem depressa:

— Mas eu queria que ele voltasse, e nos dissesse se descobriu mais alguma coisa sobre a Cinderela.

Eles conversaram sobre Cinderela, e Tootles acreditava que sua mãe era muito parecida com ela. Só quando Peter não estava presente é que eles podiam falar sobre suas mães, o assunto era proibido por ele, pois ele o considerava uma bobagem.

— Tudo o que lembro sobre minha mãe — disse Nibs a eles — é que ela sempre dizia para o meu pai: “Ah, como eu queria ter o meu próprio talão de cheques!”. Não sei o que é um talão de cheques, mas eu ia adorar dar um para minha mãe.

Enquanto eles conversavam ouviram um som ao longe. Você e eu, como não somos seres selvagens da floresta, não teríamos ouvido nada, mas eles ouviram, e era essa terrível canção:

*Yo-ho, yo-ho, vida de pirata,
A bandeira do esqueleto na água,
Um momento feliz, a corda amarrar,
E um viva a Davy Jones para lhe saudar.*

Na mesma hora os garotos – mas onde eles estão? Eles não estão mais lá. Coelhos não teriam conseguido desaparecer mais rapidamente.

Vou contar a vocês onde eles estão. Com exceção de Nibs, que saiu em disparada para fazer o reconhecimento do terreno, eles já estão em sua casa debaixo da terra, uma residência bastante agradável que vamos conhecer muito bem daqui a pouco. Mas como chegaram lá? Pois não existe nenhuma entrada à vista, nem mesmo uma pilha de gravetos que, se removidos, mostrariam a entrada de uma caverna. Olhe mais de perto, porém, e talvez você perceba que há aqui sete grandes árvores, e cada uma tem no tronco um buraco do tamanho de um menino. Essas são as sete entradas para a casa debaixo da terra, pelas quais Gancho vem procurando sem sucesso há tantas luas. Será que ele encontrará as entradas nesta noite?

Conforme os piratas foram avançando, os olhos rápidos de Starkey viram Nibs desaparecer no meio da floresta, e logo sacou sua pistola. Mas uma garra de ferro agarrou seu ombro.

— Capitão, me solte! — gritou ele, tentando se livrar.

Agora, pela primeira vez, vamos ouvir a voz de Gancho. Era uma voz sombria.

— Primeiro guarde essa pistola — disse ele, em tom ameaçador.

— Era um daqueles meninos que o senhor detesta. Eu poderia ter matado o danado.

— Sim, e o barulho teria feito com que os peles-vermelhas da Tiger Lily viessem atrás de nós. Você quer perder seu escalpo?

— Devo ir atrás dele, Capitão? — perguntou Smee, patético. — Posso fazer cosquinha nele com Johnny Saca-rolhas. Smee tinha nomes agradáveis para tudo e seu cutelo era Johnny Saca-rolhas, porque ele o contorcia na ferida.

Era possível nomear várias características adoráveis em Smee. Por exemplo, depois de matar alguém, ele limpava seus óculos e não sua arma.

— Johnny é um camarada silencioso — ele lembrou Gancho.

— Agora não, Smee — disse Gancho, sombrio mais uma vez. — Ele é só um, e quero pegar todos os sete. Separem-se e procurem por eles.

Os piratas desapareceram entre as árvores, e em um minuto seu capitão e Smee estavam sozinhos. Gancho deu um profundo suspiro; e eu não sei por que, talvez seja por causa da suave beleza da noite, mas ele foi tomado por um desejo de relatar a seu fiel e imediato a história de sua vida. Ele falou bastante e com muita sinceridade, mas sobre o que ele estava falando Smee, que é bastante burro, não entendeu nada.

De repente ele entendeu o nome Peter.

— O que eu mais quero — disse Gancho, com raiva — é o capitão deles, Peter Pan. Pois ele cortou meu braço fora — continuou ele, brandindo ameaçadoramente o gancho de ferro. — Espero há muito tempo para apertar a mão dele com isso aqui. Ah, vou acabar com ele.

— E ainda assim — disse Smee —, já ouvi o senhor dizer muitas vezes que esse gancho vale mais do que mil mãos para pentear o cabelo e para outros afazeres domésticos.

— Sim — respondeu o capitão. — Se eu fosse uma mãe, ia rezar para que meus filhos nascessem com isto em vez disso — e olhou orgulhoso para sua mão de ferro e com desprezo para a outra.

Depois, voltou a franzir o cenho.

— Peter jogou meu braço para um crocodilo que estava passando por lá — disse ele, com raiva.

— Já percebi o estranho medo que o senhor tem dos crocodilos.

— Não tenho medo de crocodilos — Gancho o corrigiu. — Mas tenho medo daquele crocodilo.

Ele abaixou a voz:

— Ele gostou tanto do meu braço, Smee, que me segue desde então, de mar a mar, de terra a terra, lambendo os beijos com vontade de comer o que sobrou de mim.

— De certa forma — disse Smee —, não deixa de ser um elogio.

— Não quero um elogio desses — soltou Gancho, petulante. — Quero Peter Pan, que deu um gostinho meu para a fera.

Ele se sentou em um grande cogumelo e então sua voz ficou trêmula.

— Smee — disse ele, com a voz rouca —, aquele crocodilo já teria conseguido me comer, se não fosse a sorte de ele ter engolido um relógio que faz tique-taque dentro da barriga dele. Assim, antes de ele conseguir

chegar perto de mim, ouço o tique-taque e saio correndo — riu ele, mas sem alegria.

— Um dia — disse Smee — o relógio vai parar de funcionar, e ele vai pegar o senhor.

Gancho molhou os lábios ressecados.

— Sim — disse ele. — Esse é o medo que me persegue.

Desde que se sentou, ele vinha sentindo um calor curioso.

— Smee, esse lugar está quente.

Ele deu um pulo.

— Raios e trovões! Mil barbatanas! Estou pegando fogo.

Eles examinaram o cogumelo, que era de um tamanho e solidez desconhecido na terra; tentaram puxá-lo e ele saiu de uma vez em suas mãos, pois não tinha raiz. E o mais estranho é que uma fumaça começou a subir. Os piratas se entreolharam.

— Uma chaminé! — exclamaram os dois.

Eles tinham, realmente, descoberto a chaminé da casa subterrânea. Os garotos costumavam escondê-la com um cogumelo quando os inimigos estavam na redondeza.

Não saía apenas fumaça dali. Vinham também vozes de crianças, pois os meninos se sentiam tão seguros em seu esconderijo que tagarelavam alegremente. Os piratas ouviram com ar perverso e então colocaram o cogumelo de volta no lugar. Olharam ao redor e notaram os buracos nas sete árvores.

— Você ouviu os meninos dizendo que Peter Pan não está em casa? — sussurrou Smee, mexendo no Johnny Saca-rolhas.

Gancho assentiu. Ele ficou durante um longo tempo perdido em seus pensamentos, e finalmente um sorriso cruel surgiu em seu rosto moreno. Smee estava esperando por isso.

— Revele seu plano, capitão! — exclamou ele, ansiosamente.

— Vamos voltar para o navio — respondeu Gancho, devagar com os dentes cerrados — e fazer um bolo enorme, bem gostoso e com bastante cobertura. Só pode haver um cômodo aí embaixo, pois tem apenas uma chaminé. As toupeiras não tiveram o senso de deduzir que não precisavam de uma porta para cada um. Isso mostra que eles não têm mãe. Deixaremos o bolo na margem da lagoa das sereias. Esses garotos estão sempre nadando por lá, brincando com as sereias. Vão encontrar o bolo e devorá-lo, pois,

como não têm mãe, eles não sabem que é perigoso comer um bolo tão cheio de cobertura.

Ele caiu na risada, não uma risada sem alegria agora, mas uma risada bastante sincera.

— Ahá! Eles vão morrer.

Smee estava escutando, cada vez mais admirado.

— Este é o plano mais terrível e mais maravilhoso que já ouvi — exclamou ele e, exultantes, os dois começaram a dançar e cantar:

*Amarre alto, quando eu aparecer
Eles certamente irão temer
Nada restará de seu ser
Quando com o Gancho você se meter.*

Não chegaram a terminar os versos, pois um outro barulho surgiu e os deixou paralisados. Primeiro foi um barulho bem baixinho, que se uma folha caísse no chão certamente faria um barulho maior, mas com o tempo foi ficando mais distinto.

Tique-taque, tique-taque, tique-taque.

Gancho começou a tremer, com um pé no ar.

— O crocodilo! — exclamou ele e saiu correndo, seguido por seu imediato.

Era realmente o crocodilo. Ele havia ultrapassado os peles-vermelhas, que agora estavam na trilha dos outros piratas. Ele rastejava atrás de Gancho.

Mais uma vez os garotos saíram de casa; mas os perigos da noite ainda não haviam terminado, pois Nibs chegou correndo e sem conseguir respirar, perseguido por uma alcateia de lobos. As línguas dos perseguidores estavam de fora, e seus rosnados eram horríveis.

— Socorro, socorro! — gritou Nibs, caindo no chão.

— Mas o que podemos fazer? O que podemos fazer?

Foi um grande elogio para Peter que, nessa hora tão difícil, eles pensaram nele.

— O que Peter faria? — perguntaram todos ao mesmo tempo.

Quase ao mesmo tempo também, todos responderam:

— Peter olharia para eles com a cabeça no meio das pernas.

E continuaram:

— Vamos fazer o que Peter faria.

É realmente a maneira mais eficaz de enfrentar os lobos e, no mesmo segundo, os garotos se inclinaram para a frente, enfiaram a cabeça no meio das pernas e olharam para os animais. O momento seguinte é aquele que demora para passar, mas a vitória veio rapidamente, pois os garotos avançaram sobre eles nessa posição terrível, e os lobos enfiaram seus rabos entre as pernas e fugiram.

Nibs então levantou-se do chão e os outros pensaram que seus olhos arregalados ainda viam os lobos. Mas não era os lobos que ele via.

— Vi algo maravilhoso — exclamou enquanto os outros se juntavam ao lado dele. — Vi um grande pássaro branco. Ele está voando para esta direção.

— Que tipo de pássaro você acha que é?

— Eu não sei — disse Nibs, maravilhado. — Mas parece estar tão cansado, e enquanto voa ele murmura “pobre Wendy”.

— Pobre Wendy?

— Eu me lembro — disse Slightly no mesmo instante — que existem pássaros que se chamam Wendy.

— Olhem, ele está chegando — gritou Curly, apontando para Wendy no céu.

Wendy estava agora quase acima deles, que podiam ouvir seu lamento com clareza. Mas, mais distinto ainda era o som agudo da voz da Sininho. A fada ciumenta agora não tentava mais fingir ser amiga da garota e se lançava contra sua vítima vindo de todas as direções, beliscando-a cruelmente sempre que a tocava.

— Oi, Sininho! — exclamaram os garotos.

Sininho respondeu em voz alta:

— O Peter quer que vocês atirem na Wendy.

Não era da natureza deles questionar as ordens de Peter.

— Vamos fazer o que Peter mandou! — exclamaram os garotos. — Rápido, peguem os arcos e as flechas.

Todos, com exceção de Tootles, pularam nos buracos de suas árvores. Ele tinha um arco e uma flecha com ele, e Sininho percebeu isso e esfregou suas mãozinhas.

— Rápido, Tootles, rápido — gritou ela. — O Peter vai ficar tão feliz.

Tootles, animado, colocou a flecha no arco.

— Saia da frente, Sininho! — gritou ele.

E então ele atirou. Wendy caiu no chão com uma flecha em seu peito.



VI

A CASINHA

O tolo do Tootles estava parado ao lado do corpo de Wendy como se fosse um guerreiro quando os outros garotos surgiram, armados, de dentro de suas árvores.

— Chegaram tarde demais — gritou ele, orgulhoso. — Atirei em Wendy. Peter vai ficar tão feliz comigo.

Lá de cima Sininho gritou:

— Imbecil!

E desapareceu no céu. Os outros não a escutaram. Eles haviam se juntado em volta de Wendy, e enquanto olhavam para ela um terrível silêncio tomou conta da floresta. Se o coração de Wendy ainda estivesse batendo eles teriam escutado.

Slightly foi o primeiro a falar:

— Não é um pássaro — disse ele, com medo. — Acho que é uma garota.

— Uma garota? — disse Tootles, começando a tremer.

— E nós a matamos — disse Nibs, com a voz rouca.

Todos tiraram seus chapéus.

— Agora estou entendendo — disse Curly. — Peter estava trazendo ela para nós.

Ele se jogou no chão, arrasado.

— Uma garota para finalmente cuidar de nós — disse um dos gêmeos. — E você a matou.

Eles estavam com pena dele, mas com mais pena ainda deles mesmos, e quando ele deu um passo para ficar mais perto deles todos se viraram de costas para ele.

O rosto de Tootles estava bastante pálido, mas havia uma dignidade nele agora que nunca existira antes.

— Eu matei — disse ele, refletindo. — Quando as garotas apareciam para mim em meus sonhos eu dizia “querida mamãe, querida mamãe”. Mas quando ela finalmente veio, eu atirei nela.

Ele se afastou devagar.

— Não vá embora! — disseram os outros, com pena.

— Preciso ir — respondeu ele, tremendo. — Estou com muito medo de Peter.

Foi neste trágico momento que eles ouviram um barulho que fez o coração de todos vir até a boca. Eles ouviram o som que Peter fazia, imitando o cacarejar de um galo.

— Peter! — gritaram todos, pois era sempre assim que ele avisava os garotos sobre seu retorno.

— Vamos esconder a garota — eles sussurraram e reuniram-se rapidamente em volta de Wendy.

Mas Tootles permaneceu distante.

De novo eles ouviram o som, e Peter desceu na frente deles.

— Saudações, garotos! — exclamou ele, e mecanicamente eles o cumprimentaram de volta e então de novo ficaram em silêncio.

Ele franziu o cenho.

— Estou de volta — disse ele, calorosamente. — Por que vocês não estão felizes?

Eles abriram suas bocas, mas os gritos de alegria não saíram. Peter decidiu relevar isso em sua pressa de contar sua gloriosa novidade.

— Tenho ótimas notícias, meninos! — exclamou ele. — Eu finalmente consegui trazer uma mãe para vocês todos.

Nenhum som foi ouvido novamente, a não ser o barulho de Tootles quando ele caiu de joelhos no chão.

— Vocês não a viram? — perguntou Peter, começando a ficar preocupado. — Ela voou nessa direção.

— Ah, meu Deus — disse uma voz.

E uma outra voz disse:

— Ah, que dia triste.

Tootles se levantou.

— Peter — disse ele, baixinho. — Vou mostrar para você onde ela está.

E enquanto os outros ainda a escondiam ele disse:

— Saiam para lá, gêmeos, deixem que Peter a veja.

Então todos se afastaram e deixaram que ele a visse, e depois de olhar para ela por um tempo ele não sabia o que fazer.

— Ela está morta — disse ele, desconfortável. — Talvez ela esteja com medo de estar morta.

Ele pensou em dar pulos de maneira engraçada até sair da vista dela, e então nunca mais chegar perto daquele lugar de novo. Todos o seguiriam satisfeitos se ele tivesse feito isso.

Mas havia uma flecha. Ele a tirou de seu coração e olhou para o grupo.

— De quem é esta flecha? — perguntou ele, bravo.

— É minha, Peter — disse Tootles, de joelhos.

— Ah, seu covarde! — disse Peter, erguendo a flecha para usá-la como um punhal. Tootles não recuou. Ele abriu o peito.

— Vá em frente, Peter — disse ele, com firmeza. — Não erre o alvo.

Por duas vezes Peter levantou a flecha, e por duas vezes abaixou a mão.

— Não consigo — disse ele, espantado. — Tem alguma coisa segurando minha mão.

Todos olharam para ele atônitos, com exceção de Nibs, que felizmente olhou para Wendy.

— É ela! — gritou ele. — A garota Wendy, olhem para o seu braço.

É incrível relatar isso, Wendy havia levantado seu braço. Nibs foi até ela e ouviu respeitosamente.

— Acho que ela disse “coitado do Tootles” — sussurrou ele.

— Ela está viva — disse Peter.

Slightly gritou no mesmo instante:

— A garota Wendy está viva.

Então Peter ajoelhou-se ao lado dela e encontrou seu botão. Você se lembra que ela havia colocado o botão na corrente que usava em volta do pescoço?

— Vejam — disse ele — a flecha acertou o botão. É o beijo que dei a ela. Ele salvou sua vida.

— Eu me lembro de beijos — disse Slightly rapidamente. — Deixe-me ver. Sim, isso é um beijo.

Peter não o ouviu. Ele implorava para que Wendy ficasse bem rapidamente, para que ele pudesse mostrar as sereias para ela. Claro, ela ainda não conseguia responder, pois estava desmaiada; mas lá de cima veio um barulho de lamentação.

— Ouçam a Sininho — disse Curly. — Ela está chorando porque a Wendy está viva.

Então eles precisaram contar para Peter sobre o crime de Sininho e eles nunca o tinham visto com uma cara tão séria.

— Ouça, Sininho — exclamou ele —, eu não sou mais seu amigo. Fique longe de mim para sempre.

Ela voou para o ombro dele e implorou, mas ele a espantou dali. Só depois de Wendy levantar seu braço de novo é que ele se acalmou um pouco e disse:

— Bom, não para sempre, mas por uma semana inteira.

Você acha que Sininho ficou agradecida a Wendy por ela ter levantado seu braço? Ah, meu caro, não, ela nunca teve mais vontade de dar um beliscão na menina do que agora. As fadas realmente são estranhas, e Peter, que é quem melhor as entende, vivia dando umas palmadas nelas.

Mas o que fazer com Wendy em seu delicado estado de saúde?

— Vamos levá-la para casa — sugeriu Curly.

— Sim — disse Slightly. — É isso que se faz com garotas.

— Não, não — disse Peter. — Vocês não devem tocá-la. Seria falta de respeito.

— Era isso que eu estava pensando — disse Slightly.

— Mas se ela ficar deitada aí — disse Tootles —, ela vai morrer.

— Sim, ela vai morrer — admitiu Slightly —, mas não temos o que fazer.

— Temos, sim — explicou Peter. — Vamos construir uma casinha em volta dela.

Eles ficaram todos encantados com a ideia.

— Rápido — ordenou ele —, tragam tudo de melhor que a gente tem. Esvaziem a nossa casa. Sejam rápidos.

Em um instante, todos os meninos estavam tão ocupados quanto costureiras na noite anterior a um casamento. Corriam de um lado para o outro, descendo para pegar roupa de cama, subindo para pegar lenha para o fogo, e enquanto faziam isso, John e Michael apareceram. Enquanto se arrastaram pelo caminho adormeceram em pé, pararam, acordaram, deram mais um passo e adormeceram novamente.

— John, John — gritou Michael. — Acorde! Onde está Naná, John, e a mamãe?

E então John esfregou os olhos e murmurou:

— É verdade, nós voamos mesmo.

Vocês podem ter certeza de que eles ficaram bastante aliviados por encontrarem Peter.

— Olá, Peter — disseram eles.

— Olá — respondeu Peter em um tom cordial, embora ele tivesse se esquecido completamente deles.

Ele estava bastante ocupado no momento medindo Wendy com seus pés para ver de que tamanho a casa precisava ser. Claro que ele pretendia deixar espaço para cadeiras e uma mesa. John e Michael o observavam.

— A Wendy está dormindo? — perguntaram eles.

— Sim.

— John — sugeriu Michael —, vamos acordá-la e pedir para ela preparar uma refeição para nós.

Enquanto ele falava isso alguns dos outros garotos apressaram-se a pegar galhos para a construção da casa.

— Olhe para eles! — exclamou ele.

— Curly — disse Peter com sua voz de capitão —, providencie para que esses garotos ajudem na construção da casa.

— Sim, sim, senhor.

— Construir uma casa! — exclamou John.

— Para a Wendy — disse Curly.

— Para Wendy? — perguntou John, espantado. — Mas, por quê? Ela é apenas uma garota.

— É por isso que nós somos seus servos — explicou Curly.

— Vocês? Servos de Wendy?

— Sim — disse Peter — e vocês também são. Vão ajudá-los.

Os irmãos aturdidos foram arrastados e obrigados a cortar, serrar e carregar madeira.

— Vamos fazer primeiro as cadeiras e uma proteção — ordenou Peter. — Depois construímos a casa em volta deles.

— Sim — disse Slightly —, é assim que uma casa é construída; agora estou me lembrando de tudo.

Peter pensou em tudo.

— Slightly — ordenou ele —, encontre um médico.

— Sim, sim — disse Slightly rapidamente e então saiu dali, coçando a cabeça. Mas ele sabia que Peter precisava ser obedecido, e voltou logo depois, usando o chapéu de John e com uma expressão séria.

— Por favor, senhor — disse Peter, indo até ele —, o senhor é médico?

A diferença entre ele e os outros meninos em momentos como aquele era que eles sabiam que aquilo era faz de conta, enquanto para Peter o faz de conta e a realidade eram exatamente a mesma coisa. Isso às vezes os incomodava, como quando eles tinham que fazer de conta que já tinham jantado. Mas, se eles interrompessem a brincadeira, Peter os castigava com tapas.

— Sim, meu jovem rapaz — respondeu Slightly ansioso, pois já tinha apanhado bastante.

— Por favor, senhor — explicou Peter —, temos uma dama bastante doente aqui.

Ela estava deitada aos seus pés, mas Slightly teve o bom senso de não olhar para ela.

— Tsc, tsc, tsc — disse ele. — Onde ela está?

— Lá naquela clareira.

— Vou colocar uma coisa de vidro em sua boca — disse Slightly; e ele fez de conta que fazia isso, enquanto Peter esperava.

Quando a coisa de vidro foi retirada houve um momento de ansiedade.

— Como ela está? — perguntou Peter.

— Tsc, tsc, tsc — disse Slightly —, acho que ela foi curada.

— Fico feliz — exclamou Peter.

— Volto à noite — disse Slightly —, dê a ela chá de bife em uma xícara com bico.

Depois de devolver o chapéu para John ele respirou fundo, um costume seu depois de sair de uma situação difícil.

Enquanto isso a floresta estivera fervilhando com o barulho dos machados. Quase tudo o que era necessário para construir um lar aconchegante para Wendy já estava aos seus pés.

— Ah, se soubéssemos o tipo de casa que ela mais gosta — disse um deles.

— Peter — gritou um outro —, ela está se mexendo.

— Ela abriu a boca! — gritou um terceiro, olhando respeitosamente para ela. — Ah, que adorável!

— Talvez ela vá cantar enquanto dorme — disse Peter. — Wendy, cante para nós para nos contar o tipo de casa que você gostaria de ter.

Imediatamente, sem abrir os olhos, Wendy começou a cantar:

*Eu gostaria de ter uma casa linda de se ver,
a menor das casinhas,
com paredes vermelhinhas,
e um teto com musgos a crescer*

Os meninos riram de alegria ao ouvir isso, pois, pela maior sorte do mundo, os galhos que haviam trazido tinham seiva vermelha, e todo o solo parecia coberto de musgo. Enquanto construíam a casinha os próprios meninos começaram a cantar:

*Construímos pequenas paredes e teto
E uma adorável porta,
Então, diga-nos, mamãe Wendy,
O que mais você precisa?*

E ela respondeu bastante feliz:

*Ah, verdade, agora eu quero
Janelas em toda a casa,
Com rosas do lado de fora,
E bebês do lado de dentro*

Com os punhos eles abriram as janelas, e grandes folhas amarelas serviram de cortinas. Mas, rosas?
— Rosas! — gritou Peter, bastante sério.
Rapidamente eles fizeram de conta que as mais lindas rosas cresciam pelas paredes.
Bebês?
Para evitar que Peter exigisse os bebês eles se apressaram e voltaram a cantar:

*Já temos rosas do lado de fora,
Os bebês também estão lá fora,
Não podemos ser os bebês,
Pois fomos criados em outro mês.*

Ao ver que essa era uma boa ideia, Peter logo fingiu que ele quem tinha imaginado aquilo. A casa estava bem bonita e, sem dúvida, Wendy estava confortável lá dentro, embora, claro, eles não pudessem mais enxergá-la. Peter andou de um lado para o outro, ordenando para que os meninos dessem os últimos retoques. Nada escapava de seus olhos atentos.

Quando a casa parecia estar pronta, ele soltou:

— A porta não tem aldrava.

Eles ficaram bastante envergonhados. Mas Tootles ofereceu a sola de seu sapato e ela virou uma aldrava excelente.

Agora terminamos, pensaram eles. Ainda não.

— Não tem chaminé — disse Peter. — Precisamos de uma chaminé.

— A casa certamente precisa de uma chaminé — disse John, com ar importante.

Isso deu uma ideia a Peter. Ele tirou o chapéu da cabeça de John, tirou seu fundo e colocou o chapéu no telhado da casa. A casinha ficou tão feliz em ter uma chaminé tão importante que, como que para agradecer, começou a soltar fumaça imediatamente.

Agora, de verdade, a casa estava pronta. Não havia mais nada a fazer, a não ser bater na porta.

— Arrumem-se todos — aconselhou Peter. — A primeira impressão é extremamente importante.

Ele ficou feliz por ninguém perguntar a ele o que é a primeira impressão. Estavam todos ocupados demais se arrumando.

Ele bateu na porta educadamente, e agora a floresta estava em silêncio, assim como as crianças. Nenhum som era ouvido além do barulho da Sininho, que observava de um galho e fazia cara de desprezo.

Os garotos se perguntavam se alguém abriria a porta. E, se fosse uma dama, como ela seria?

A porta se abriu e uma garota saiu lá de dentro. Era Wendy. Todos tiraram seus chapéus.

Ela fez cara de surpresa, e era exatamente isso que eles esperavam que ela fizesse.

— Onde estou? — perguntou ela.

Slightly, é claro, foi o primeiro a falar:

— Garota Wendy, construímos esta casa para você.

— Ah, diga que você gostou — exclamou Nibs.

— Ela é adorável — disse Wendy, e estas eram exatamente as palavras que eles esperavam ouvir.

— E nós somos suas crianças — exclamaram os gêmeos.

Então todos se ajoelharam, esticaram seus braços e pediram:

— Ah, menina Wendy, seja nossa mãe.

— Será que devo? — perguntou Wendy, toda radiante. — É uma proposta fascinante e amedrontadora, pois, vejam, sou apenas uma menina. Não tenho experiência.

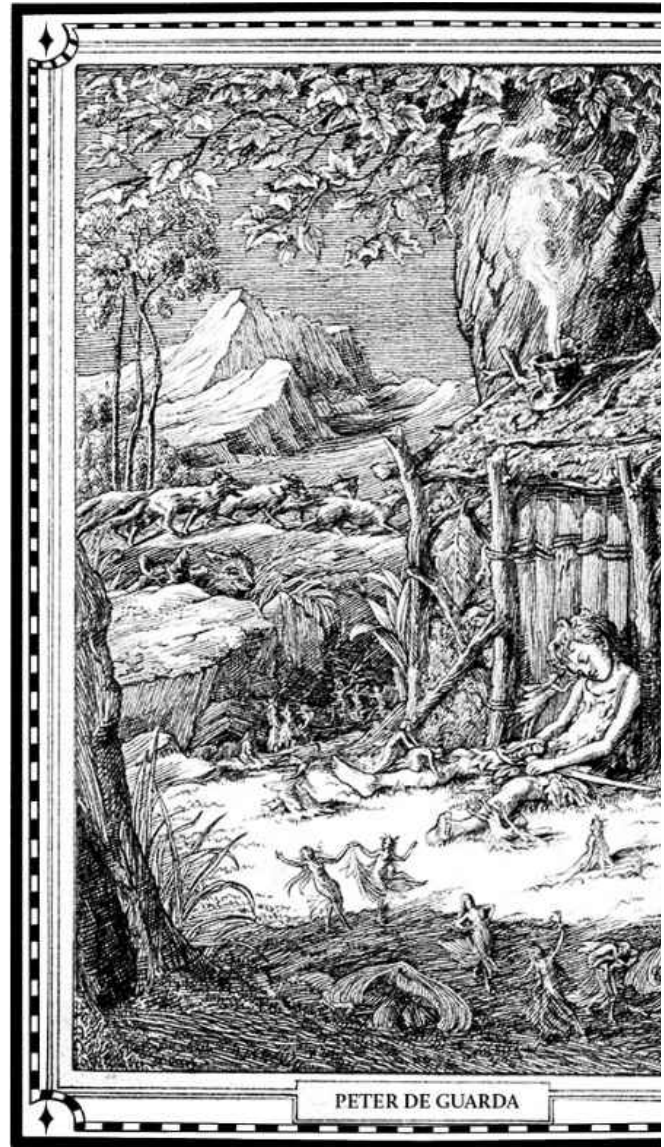
— Isso não importa — disse Peter, como se ele fosse a única pessoa ali que soubesse de tudo, embora ele fosse aquele que menos sabia. — Tudo o que precisamos é de uma pessoa legal e que tenha instinto materno.

— Ah, meu querido! — disse Wendy. — Sinto que sou exatamente isso.

— É mesmo, é mesmo — gritaram todos. — Logo vimos isso.

— Muito bem — disse ela. — Farei o meu melhor. Entrem logo, crianças levadas. Tenho certeza de que estão com os pés molhados. E antes de colocar vocês na cama, ainda tenho um tempinho para terminar de contar a vocês a história da Cinderela.

Os meninos entraram. Não sei como tinha lugar para todos eles, mas na Terra do Nunca é sempre possível se apertar bastante. E aquela foi a primeira de muitas noites alegres que eles passaram com a Wendy. Aos poucos ela os acomodou na grande cama na casa embaixo das árvores, mas ela mesma, naquela noite, dormiu na casinha, e Peter ficou vigiando do lado de fora com a espada em punho, pois os piratas podiam ser ouvidos festejando ao longe e os lobos estavam à caça de presas. A casinha parecia tão aconchegante e segura na escuridão, com uma luz aparecendo entre as cortinas, a chaminé soltando fumaça e Peter de guarda. Depois de um tempo ele adormeceu e algumas fadas trôpegas tiveram que subir nele para voltar para casa depois de um banquete. Qualquer um dos outros garotos que atrapalhasse a passagem das fadas à noite teria sofrido alguma penalidade, mas como era Peter, elas apenas beliscaram seu nariz e seguiram em frente.





VII

A CASA DEBAIXO DA TERRA

Uma das primeiras coisas que Peter fez no dia seguinte foi medir Wendy, John e Michael para providenciar árvores ocas para eles. Gancho, você deve se lembrar, desprezara os garotos por acharem que precisavam de uma árvore para cada um, mas isso era ignorância, pois se uma árvore não tivesse a sua medida, era difícil subir e descer e nenhum dos garotos tinha exatamente o mesmo tamanho. Ao encontrar uma árvore do seu tamanho, a pessoa prende a respiração lá em cima e consegue descer na velocidade certa, enquanto para subir é preciso prender e soltar a respiração alternadamente, e se espremer para cima. Claro, depois de praticar bastante você consegue fazer isso sem nem pensar, e então nada pode ser mais gracioso.

Mas é necessário caber lá dentro, e Peter tira suas medidas para encontrar sua árvore com o mesmo cuidado que faria se fosse costurar roupas para você. A única diferença é que as roupas são feitas para caber em você, enquanto você precisa ter um tamanho que caiba em uma árvore. Normalmente isso é resolvido com bastante facilidade, é só você colocar roupas extras ou não usar quase nenhuma roupa; mas se você tiver alguma deformação em alguma parte do corpo ou se a única árvore disponível tiver uma forma estranha, Peter faz algumas coisas com você e depois disso você cabe lá. E depois que isso acontece deve-se tomar bastante cuidado para continuar cabendo, e isso, como Wendy veio a descobrir para seu grande deleite, mantém uma família inteira em perfeitas condições.

Wendy e Michael couberam em suas árvores logo na primeira tentativa, mas John precisou ser um pouco ajustado.

Depois de alguns dias de prática eles já conseguiam subir e descer com a facilidade de baldes em um poço. E agora os três amavam muito sua casa embaixo da terra, principalmente Wendy. Ela era formada por uma grande sala, como todas as casas, com um chão no qual se podia abrir um buraco se quisesse pescar, e neste solo cresciam enormes cogumelos de uma cor linda, que eram usados como banquinhos. Uma árvore do Nunca tentava crescer no centro do cômodo, mas todas as manhãs eles serravam seu tronco e o deixavam da altura do chão. Na hora do chá ela já estava a meio metro do chão, e então eles colocavam uma porta em cima dela e a transformavam em mesa. Assim que desmontavam a mesa serravam o tronco novamente, e assim havia mais espaço para brincarem. Havia uma enorme lareira que ficava em praticamente qualquer lugar do cômodo onde você quisesse

acender o fogo e, sobre ela, Wendy estendia cordas feitas de fibras onde colocava a roupa limpa para secar. A cama ficava encostada na parede durante o dia, e era arrumada às 18:30, quando ocupava quase metade do cômodo, e todos os garotos, exceto Michael, dormiam nela como se fossem sardinhas dentro de uma lata. Havia uma regra severa que proibia que se virasse de lado até que alguém desse um sinal, e então todos se viravam ao mesmo tempo. Michael devia fazer isso também; mas Wendy queria ter um bebê e ele era o menorzinho, e você sabe como são as mulheres. Em resumo, ele acabou dormindo em uma cesta pendurada no teto.

A casa era rústica e simples, e não era diferente do que os bebês urso teriam feito em uma casa subterrânea nas mesmas circunstâncias. Mas havia um nicho na parede, não muito maior do que uma gaiola de passarinho, que era o aposento particular de Sininho. Ele podia ser separado do resto da casa por uma minúscula cortina que Sininho, que tinha muitas frescuras, sempre mantinha fechada quando se trocava. Nenhuma mulher, por maior que fosse, poderia ter um quarto mais lindo. O sofá, como Sininho gostava de chamar, era um Queen Mab genuíno, com pés em curva; e ela trocava a roupa de cama para combinar sempre com a flor da estação. O espelho era um Gato de Botas, sendo que os antiquários das fadas só conheciam três deles intactos no mundo todo. A mesinha retrátil onde ficava a bacia e a jarra que Sininho usava para se lavar tinha as bordas todas trabalhadas. A cômoda era uma autêntica Charming the Sixth, e o carpete e os tapetes eram do melhor período (o inicial) do reinado de Margery e Robin. Havia ainda um candelabro Adedanha, só para decorar, pois obviamente a própria Sininho iluminava o aposento. Sininho sentia um grande desprezo pelo resto da casa, o que talvez fosse inevitável; e seu quarto, embora lindo, era muito pretensioso, tendo a aparência de um nariz sempre empinado.

Imagino que tudo aquilo era especialmente extasiante para Wendy, pois seus meninos levados lhe davam muito o que fazer. Houve semanas inteiras em que ela trabalhou tanto que só conseguia sair um pouco de debaixo da terra quando pegava uma meia para cerzir no fim do dia. Tinha que fazer tanta comida que, posso lhes assegurar, não tirava o nariz da panela. A alimentação deles era composta principalmente por fruta-pão grelhada, inhame, cocos, porco assado, abricós, rolinhos de tapioca e bananas, acompanhados por cabaças de suco de serigueta. Mas eles nunca sabiam se ia haver uma refeição de verdade ou só uma de faz de conta, tudo dependia do humor de Peter. Ele às vezes comia muito, muito mesmo, como

se isso fosse parte de uma brincadeira, mas nunca comia só para se empanturrar, que é o que a maioria das crianças mais gosta de fazer na vida. A segunda melhor coisa é falar sobre fazer isso. O faz de conta era tão real para Peter que durante uma refeição de mentirinha ele até engordava. É claro que era difícil, mas todos eram obrigados a fazer o que ele mandava. Só que, se alguém conseguia provar para Peter que estava ficando magro demais para sua árvore, ele deixava a pessoa se empanturrar.

A hora preferida de Wendy para costurar e cerzir era quando todos eles já tinham ido para a cama. Então, ela tinha um momento para respirar e se ocupava fazendo roupas novas para os garotos, ou colocando um forro a mais nos joelhos, pois essa era a parte da roupa que eles sempre rasgavam primeiro.

Quando ela se sentava com uma cesta cheia de meias para cerzir, todas com um furo enorme no calcanhar, ela jogava os braços para o alto e exclamava:

— Meu Deus, às vezes acho que quem não tem filho deve ser invejado.

Seu rosto sempre brilhava quando ela dizia isso.

Você deve se lembrar de seu lobinho de estimação. Bom, ele logo descobriu que ela viera para a ilha e a encontrou, e os dois se abraçaram. Depois disso o lobinho ficava atrás dela por todos os lugares.

Será que com o passar do tempo Wendy começou a pensar nos queridos pais que deixara para trás? Essa é uma pergunta difícil, pois é quase impossível dizer como o tempo passa na Terra do Nunca, pois ele é calculado pela Lua e pelo Sol, e ali há muito mais luas e sóis do que na nossa terra. Mas receio que Wendy não se preocupasse com seu pai e sua mãe; ela tinha bastante confiança de que eles sempre manteriam a janela aberta para que ela voasse de volta, e isso a deixava tranquila. O que a incomodava às vezes era que John se lembrava apenas vagamente dos pais, como pessoas que um dia ele conheceu, e Michael estava bem confuso achando que Wendy realmente era sua mãe. Essas coisas a deixavam com um pouco de medo, e com o nobre propósito de cumprir com suas obrigações ela tentava ajudar os garotos a se lembrar de sua antiga vida obrigando-os a fazer provas sobre o assunto, parecidas com aquelas que ela costumava fazer na escola. Os outros garotos achavam aquilo extremamente interessante e insistiam em fazer também, e arrumavam lugares onde pudessem escrever as respostas, sentavam-se à mesa, escreviam e pensavam

bastante sobre as perguntas que ela havia escrito em um outro lugar de anotações improvisado e que passava por eles. Eram perguntas bastante fáceis, como:

“Qual era a cor dos olhos da mamãe? Quem era mais alto, o papai ou a mamãe? A mamãe era loira ou morena? Responda todas as três questões, se possível”. “a) Escreva uma redação de no mínimo 40 palavras sobre ‘O que fiz nas minhas últimas férias’ ou ‘Uma comparação das personalidades do papai e da mamãe’. Escolha apenas um dos temas.” Ou: “(1) Descreva a risada da mamãe; (2) descreva a risada do papai; (3) descreva o vestido de festa da mamãe; (4) descreva a casinha do cachorro e quem dorme nela”.

Eram perguntas simples como estas, e quando você não conseguia responder era necessário fazer uma cruz no lugar da resposta; e era horrível ver o número de cruzeiros que John fazia. É claro que o único garoto que respondia a todas as perguntas era Slightly, e ninguém poderia ter mais esperanças de ser o primeiro da turma, mas suas respostas eram totalmente ridículas, e ele sempre tirava a nota mais baixa, o que era bastante triste.

Peter não competia. Pois se existia algo que ele realmente desprezava eram as mães, com exceção de Wendy, e também porque ele era o único na ilha que não sabia ler nem escrever, nem uma palavrinha sequer. Ele estava acima de todos esses tipos de coisas.

Aliás, as perguntas eram sempre escritas no passado. Qual era a cor dos olhos da mamãe, e por aí vai. Veja só, Wendy também estava começando a se esquecer.

As aventuras, é claro, como veremos, eram diárias; mas nessa época Peter inventou, com a ajuda de Wendy, um jogo novo que o fascinava bastante, até que de repente ele perdeu o interesse nele. Como você já sabia, isso era o que sempre acontecia com os jogos e com Peter. O jogo era fingir que não havia aventuras ao fazer todos os tipos de coisas que John e Michael sempre fizeram em sua vida toda: sentar em banquinhos e jogar uma bola para cima, empurrar um ao outro, sair para caminhar e voltar sem ter matado mesmo um urso pardo. Ver Peter fazendo nada sentado em um banquinho era algo extraordinário; ele não conseguia deixar de parecer sério nesses momentos, ficar sentado era, para ele, algo muito cômico de se fazer. Ele se gabava por ter ido caminhar pelo bem de sua saúde. Durante muitos sóis essa foi a aventura mais diferente do mundo para ele; e John e Michael precisaram fingir que adoravam fazer aquilo também, se não seriam castigados.

Ele sempre saía sozinho e, quando voltava, os outros nunca tinham certeza se ele havia se envolvido em uma aventura ou não. Ele podia se esquecer completamente se tinha ou não falado algo sobre ela; e quando alguém saía encontrava o corpo. Por outro lado, ele podia falar bastante sobre a aventura e ainda assim não era possível encontrar o corpo. Às vezes ele voltava para casa com um curativo na cabeça, e quando Wendy cuidava dele e lavava o machucado em água morna ele falava sobre seu impressionante feito. Mas ela nunca acreditava totalmente nisso, você sabe como é. Havia, porém, muitas aventuras que ela sabia serem verdade, pois participava delas, e havia ainda aquelas que eram verdade pelo menos em

parte, pois os outros meninos haviam participado e diziam que era completamente verdade. Para descrever todas elas, seria necessário um livro tão grande quanto um dicionário de latim, e o máximo que posso fazer é dar uma ideia e uma hora como qualquer outra na ilha. A dificuldade é qual delas escolher. A briga com os peles-vermelhas na ravina Slightly? Foi uma batalha sangrenta e especialmente interessante, pois mostrou uma das peculiaridades de Peter, que era que no meio de uma luta ele repentinamente mudava de lado. Na ravina, quando a luta ainda estava equilibrada, ele às vezes estava de um lado, às vezes do outro, e gritava:

— Hoje eu sou pele-vermelha. E você, Tootles?

E Tootles respondia:

— Pele-vermelha. E você, Nibs?

E Nibs dizia:

— Pele-vermelha. E você, o que é, Gêmeo?

E assim por diante; e todos eram peles-vermelhas; e, é claro, isso teria terminado a luta se os verdadeiros peles-vermelhas, fascinados pelos métodos de Peter, não tivessem concordado em serem garotos perdidos daquela vez, e então começavam tudo de novo, mais ferozes do que nunca.

O resultado extraordinário dessa aventura foi que — mas ainda não decidi se essa vai ser a aventura que vou narrar. Talvez uma aventura melhor seja a do ataque noturno dos peles-vermelhas à casa debaixo da terra, quando diversos deles ficaram entalados nas árvores ocas e precisaram ser tirados de lá como rolhas. Ou eu poderia contar como Peter salvou a vida de Tiger Lily, na Lagoa das Sereias, e a transformou em sua aliada.

Ou posso falar do bolo que os piratas fizeram para que os meninos comessem e morressem; e sobre como o colocaram em diversos lugares diferentes, cada um mais estratégico do que o outro; mas Wendy sempre arrancava o bolo das mãos de seus filhos e, após algum tempo, ele perdeu sua suculência e ficou duro como uma pedra. O bolo acabou sendo usado em uma catapulta, e Gancho tropeçou nele no escuro e caiu na escuridão.

Ou talvez eu conte sobre os pássaros que eram amigos de Peter, particularmente o pássaro do Nunca, que fez seu ninho em uma árvore que se debruçava sobre a lagoa, e sobre como esse ninho caiu na água, e ainda assim a mãe continuou sentada sobre seus ovos, e Peter deu ordens para que ela não fosse incomodada. Essa é uma linda história e seu fim mostra o quanto um pássaro pode ser grato; mas se a contar precisarei contar também

sobre toda a aventura na lagoa, o que seria, então, contar duas aventuras e não uma só.

Uma aventura mais curta e tão emocionante quanto essa foi a tentativa de Sininho, com a ajuda de algumas fadas, de se aproveitar do fato de Wendy estar dormindo para colocá-la em cima de uma folha enorme e tentar fazer com que ela voltasse para casa, boiando. Felizmente a folha afundou e Wendy acordou, achando que era hora do banho e voltou nadando. Ou, então, posso escolher falar sobre o dia em que Peter desafiou os leões, quando desenhou um círculo em volta dele no chão com uma flecha e os desafiou a atravessá-lo; e embora tenha ficado horas esperando, com os outros garotos e Wendy olhando ansiosos das árvores, nenhum deles se atreveu a aceitar seu desafio.

Qual dessas aventuras devo escolher? A melhor maneira será tirar cara ou coroa.

Pronto, já fiz isso e a lagoa ganhou. Isso quase me faz desejar que a aventura da ravina ou do bolo ou a da folha da Sininho houvesse ganhado.

É claro que eu poderia jogar a moeda de novo e escolher o melhor de três, mas talvez seja mais justo ficar com a da lagoa mesmo.

OceanofPDF.com



VIII

A LAGOA DAS SEREIAS

Se você fechar os olhos e tiver sorte pode ser que, às vezes, veja uma poça suspensa na escuridão, sem forma e com lindas águas pálidas. Então, se apertar os olhos com mais força, a poça começa a tomar forma e as cores ficam tão vivas que, se você apertar mais um pouco, vão pegar fogo. Mas, logo antes disso, você vê a lagoa. É o mais perto que você consegue chegar nela quando não está na ilha, e só dura um maravilhoso segundo. Se pudessem ser dois segundos, talvez você visse a onda e ouvisse as sereias cantando.

As crianças sempre passavam longos dias de verão nessa lagoa, nadando ou boiando a maior parte do tempo, fazendo brincadeiras de sereias na água, e coisas assim. Isso não quer dizer que as sereias eram amigas delas; ao contrário, uma das maiores decepções de Wendy foi nunca ter ouvido uma palavra simpática delas durante todo o período que passou na ilha. Quando ela se aproximava devagar da beira da lagoa, às vezes via sereias aos montes por ali, principalmente na Marooners' Rock, onde elas adoravam tomar sol, penteando os cabelos de um jeito preguiçoso que a irritava bastante. Wendy às vezes nadava pé ante pé, por assim dizer, até ficar a cerca de um metro delas, mas aí as sereias a viam e mergulhavam, jogando água nela com suas caudas, não sem querer, mas de propósito.

Tratavam todos os garotos da mesma maneira, com exceção, é claro, de Peter, que conversava com elas na Marooners' Rock por horas e se sentava em suas caudas quando elas lhe faltavam com o respeito. Ele deu um de seus pentes para Wendy.



O momento mais aterrorizante para ver as sereias é na mudança da lua, quando elas emitem um som estranho e melancólico; mas a lagoa é perigosa para os mortais nessa hora e, até essa noite sobre a qual eu falarei agora, Wendy jamais havia visto o local à luz do luar, não por medo, pois Peter a teria acompanhado, mas porque ela exigia que todos estivessem na cama até as sete da noite. Ela estava sempre na lagoa, porém, em dias ensolarados depois da chuva quando as sereias apareciam em número extraordinário para brincar com as bolhas. As bolhas de várias cores que surgiam na água de arco-íris eram usadas como bolas, e as sereias jogavam-nas alegremente umas para as outras com as caudas, tentando mantê-las debaixo do arco-íris até estourarem. Os gols ficam nas duas pontas do arco-íris, e as goleiras só podem usar as mãos. Às vezes, centenas de sereias vêm brincar na lagoa de uma só vez, e é uma cena muito bonita.

Mas quando as crianças tentavam entrar na brincadeira tinham que se divertir sozinhas, pois as sereias desapareciam imediatamente. No entanto, temos provas de que elas observavam escondidas os intrusos e não desprezavam as ideias deles, pois John mostrou uma nova maneira de bater na bolha, com a cabeça em vez de com a mão, e as goleiras sereias adotaram a prática. Foi a única marca que John deixou na Terra do Nunca.

Também devia ser muito bonito ver as crianças descansando em uma pedra por meia hora após o almoço. Wendy insistia para que fizessem isso, e o descanso tinha que ser verdadeiro, embora a refeição fosse de mentirinha. Assim, eles ficavam deitados com os corpos brilhando sob o sol, enquanto ela se sentava ao lado deles com ar importante.

Era um dia como esse, e todos estavam sentados na Marooners' Rock. A pedra não era muito maior do que uma grande cama, mas, é claro, todos estavam acostumados a não ocupar muito espaço, e estavam dormindo, ou pelo menos estavam deitados com os olhos fechados, se beliscando uma hora ou outra quando achavam que Wendy não estava olhando. Ela estava muito ocupada, costurando.

Enquanto ela costurava a lagoa começou a mudar. A superfície pareceu estremecer, o sol se escondeu e sombras se espalharam devagar pela água, esfriando-a. Wendy não conseguia mais enxergar o buraco da agulha e, quando ergueu os olhos, viu que a lagoa, que sempre havia sido um lugar tão alegre, estava com um aspecto assustador e nada amigável.

Não era porque a noite tinha chegado, ela sabia disso, mas algo tão escuro quanto a noite havia chegado. Não, pior do que isso. Não havia chegado, mas enviara aquele estremecimento pelo mar para avisar que estava chegando. O que seria aquilo?

Wendy se lembrou então de todas as histórias que já ouvira sobre a Marooner's Rock, chamada assim porque capitães perversos abandonavam marinheiros ali para que se afogassem. Eles se afogavam quando a maré subia, pois quando isso acontece a pedra fica submersa.

É claro que Wendy deveria ter acordado as crianças imediatamente, não só porque o desconhecido estava se aproximando deles, mas porque não era bom continuar dormindo na pedra que agora estava fria. Mas Wendy era uma mãe jovem e não sabia disso; achava que era necessário seguir a regra de dormir meia hora depois do almoço. Por isso, embora estivesse com medo e com vontade de ouvir vozes masculinas, ela não os acordou. Mesmo quando ouviu o ruído distante de remos na água e ficou com o coração na boca, não os acordou. Continuou tomando conta deles enquanto dormiam. Você não diria que Wendy foi corajosa?

Por sorte dos meninos, um deles conseguia sentir o cheiro do perigo mesmo enquanto dormia. Peter deu um pulo, despertando em um segundo como um cachorro e, com um grito de aviso, acordou todos os outros.

Ele ficou imóvel, com a mão na orelha.

— Piratas! — gritou ele.

Os outros se aproximaram dele. Um sorriso estranho se formou em seu rosto e Wendy viu e estremeceu. Enquanto tinha aquele sorriso no rosto, ninguém se atrevia a falar com ele; só restava aos outros ficarem prontos para obedecê-lo. A ordem veio curta e incisiva.

— Mergulhem!

Viu-se um lampejo de pernas e instantaneamente a lagoa pareceu deserta. A Marooners' Rock estava vazia naquelas águas ameaçadoras, como se ela própria tivesse sido abandonada.

O barco se aproximou. Era o bote dos piratas com três pessoas dentro, Smee, Starkey e a terceira era uma prisioneira, ninguém menos do que Tiger Lily. Suas mãos e pernas estavam amarradas, e ela sabia qual era o seu destino. Ela seria deixada na pedra para morrer ali, um fim que, para uma pessoa de sua tribo, era mais terrível do que a morte pelo fogo e pela tortura, pois não estava escrito no livro sagrado dos Piccaninnies que nenhum caminho que leve ao feliz campo de caça passa pela água? Ainda assim seu rosto estava impassível; ela era a filha de um chefe, e precisava morrer como a filha de um chefe, exatamente assim.

Eles a capturaram quando ela estava subindo no navio pirata com uma faca na boca. Ninguém fazia a guarda, pois Gancho se gabava do fato de que apenas o som do seu nome já era suficiente para proteger o navio por um

raio de mais de meio quilômetro. Agora seu destino ajudaria também a vigiar o navio. Mais uma tristeza giraria no vento à noite.

Na penumbra que trouxeram consigo os dois piratas não viram a pedra até baterem nela.

— Cuidado, sua besta — gritou uma voz com sotaque irlandês.

Era Smee.

— Aqui está a pedra. Bom, agora precisamos colocar a pele-vermelha lá em cima e largar ela lá para se afogar.

Colocar a linda garota na pedra foi um trabalho rápido; ela era orgulhosa demais para oferecer resistência em vão.

Bem perto da pedra, mas fora da vista deles, duas cabeças saíam de dentro d'água de tempos em tempos, a de Peter e a de Wendy. Wendy estava chorando, pois aquela era a primeira tragédia que ela presenciava. Peter havia presenciado muitas tragédias, mas havia se esquecido de todas elas. Ele tinha menos pena da Tiger Lily do que Wendy; mas eram dois contra um e aquilo o deixou bravo e ele pretendia salvá-la. Uma maneira fácil de fazer isso teria sido esperar até os piratas irem embora, mas ele nunca escolhia a maneira fácil.

Não havia quase nada que ele não pudesse fazer, e ele imitou a voz de Gancho.

— Ei, vocês, seus imbecis — gritou ele.

Ele imitava Gancho maravilhosamente bem.

— O capitão — disseram os piratas, olhando um para o outro, surpresos.

— Ele deve estar nadando em nossa direção — disse Starkey, depois de o procurarem em vão.

— Estamos colocando a pele-vermelha na pedra — gritou Smee.

— Soltem a pele-vermelha — veio a resposta espantosa.

— Soltar?

— Sim! Cortem a corda e deixem-na ir embora.

— Mas, capitão...

— Rápido, estão me ouvindo? — gritou Peter. — Ou enfio meu gancho em vocês.

— Isso está esquisito — disse Smee.

— É melhor fazer o que o capitão está mandando — disse Starkey, nervoso.

— Sim, sim — disse Smee e ele soltou as cordas de Tiger Lily.

No mesmo segundo ela deslizou como uma enguia, passando no meio das pernas de Starkey e entrando na água.

É claro que Wendy ficou bastante feliz com a esperteza de Peter; mas ela sabia que ele também estaria feliz e que muito provavelmente soltaria seu grito parecido com um cacarejar e, assim, iria se trair. Por isso ela rapidamente esticou o braço e cobriu sua boca. Mas a mão ficou no ar, imóvel, pois a voz de Gancho foi ouvida na lagoa e desta vez não era Peter que falava:

— Ó de bordo!

Peter podia estar prestes a cacarejar mesmo, mas fez um bico e soltou um assobio, surpreso.

— Ó de bordo! — veio o grito novamente.

Agora Wendy entendeu. O verdadeiro Gancho também estava na água.

Ele estava nadando para o barco e como seus homens iluminaram o caminho para guiá-lo, ele rapidamente chegou até eles. À luz da lanterna Wendy o viu prender o gancho na lateral do bote; ela viu seu rosto perverso quando ele saiu pingando da água. Tremendo, ela quis nadar para longe, mas Peter se recusou a sair dali. Ele formigava de animação e estava todo vaidoso.

— Eu não sou o máximo? Ah, eu sou o máximo! — sussurrou ele; e embora ela também achasse aquilo, ela estava realmente feliz que ninguém o ouvisse além dela mesma.

Ele sinalizou para que ela ouvisse.

Os dois piratas estavam bastante curiosos para saber o que havia trazido o capitão até eles, mas ele se sentou com sua cabeça apoiada no gancho em uma posição de profunda melancolia.

— Capitão, está tudo bem? — perguntaram os dois, timidamente, mas ele respondeu emitindo um gemido.

— Ele está suspirando — disse Smee.

— Suspirou de novo — disse Starkey.

— E mais um terceiro suspiro — disse Smee.

— O que aconteceu, capitão?

Então ele finalmente falou:

— O jogo acabou! — gritou ele. — Aqueles garotos encontraram uma mãe.

Apesar do medo que sentia, Wendy se encheu de orgulho.

— Ah, dia maldito — gritou Starkey.

— O que é uma mãe? — perguntou o ignorante Smee.
Wendy estava tão chocada que exclamou:
— Ele não sabe!
E sempre depois disso ela sentiu que se fosse possível ter um pirata de estimação, ela escolheria Smee.
Peter a puxou para debaixo d'água, pois Gancho deu um pulo e gritou:
— O que foi aquilo?
— Eu não ouvi nada — disse Starkey, levantando a lanterna sobre as águas, e enquanto procuravam, viram algo estranho.
Era o ninho sobre o qual falei para vocês, flutuando na lagoa, e o pássaro do Nunca estava sentado nele.
— Veja — disse Gancho, respondendo à pergunta de Smee. — Aquilo é uma mãe. Que lição. O ninho deve ter caído na água, mas a mãe abandonaria seus ovos? Não.
A voz dele falhou, como se, por um momento, ele lembrasse de seus dias inocentes quando... Mas ele fez um gesto como se quisesse espantar sua fraqueza com seu gancho.
Smee, bastante impressionado, olhou para o pássaro quando o ninho passou boiando, mas Starkey, que era mais desconfiado, disse:
— Se ela é uma mãe, talvez esteja aqui para ajudar Peter.
Gancho estremeceu.
— Sim — disse ele. — Esse é o medo que me assombra.
Ele foi arrancado de seu desânimo pela voz animada de Smee.
— Capitão — disse Smee —, não podemos sequestrar a mãe desses garotos e fazer com que ela seja nossa mãe?
— É um plano perfeito — gritou Gancho, e logo o plano todo tomou forma em seu cérebro. — Vamos pegar as crianças e levá-las até o navio. Faremos os garotos andarem na prancha, e Wendy será nossa mãe.
De novo, Wendy não se segurou.
— Nunca! — gritou ela, e afundou de novo.
— O que foi isso?
Mas eles não conseguiam enxergar nada. Acharam que era o barulho de uma folha balançada pelo vento.
— Vocês concordam, valentões? — perguntou Gancho.
— Pode contar comigo, capitão — disseram os dois.
— E podem contar com o meu gancho. Eu juro.
Todos juraram. Neste momento já estavam na pedra e, de repente, Gancho se lembrou de Tiger Lily.
— Onde está a pele-vermelha? — questionou ele, abruptamente.
O capitão gostava de brincar às vezes, e eles acharam que essa era uma daquelas vezes.
— Está tudo bem, capitão — respondeu Smee, com complacência. — Nós a soltamos.
— Soltaram? — gritou Gancho.
— Obedecendo às suas ordens — gaguejou o imediato.
— O senhor gritou da água para que nós a soltássemos — disse Starkey.
— Pelas barbas do profeta! — explodiu Gancho. — O que está acontecendo por aqui?
Seu rosto ficou enegrecido de ódio, mas ele viu que eles tinham acreditado em suas palavras e ficou assustado.
— Rapazes — disse ele, tremendo um pouco —, eu não dei essa ordem.
— Isso está muito estranho — disse Smee, e todos se remexeram, preocupados.
Gancho levantou a voz, mas havia um tremor nela.
— Espírito que assombra esta lagoa escura nesta noite! — gritou ele. — Você está me ouvindo?
É claro que Peter deveria ter ficado em silêncio, mas é claro que ele não ficou. Imediatamente ele respondeu, com a voz de Gancho.
— Com raios e trovões, ouço você.
Naquele momento supremo, Gancho não ficou pálido, nem mesmo na pontinha do nariz. Mas Smee e Starkey se agarraram, aterrorizados.
— Quem é você, estranho? — perguntou Gancho.
— Sou James Gancho — respondeu a voz —, capitão do Jolly Roger.
— Não é, não! — gritou Gancho, com a voz rouca.
— Belas barbas do profeta — respondeu a voz —, diga isso de novo e jogo uma âncora em você.
Gancho tentou usar um tom mais agradável:
— Se você é o Gancho — disse ele, quase com humildade —, então venha me dizer quem eu sou!
— Você é um bacalhau — respondeu a voz —, só um bacalhau.

— Um bacalhau! — Gancho repetiu, horrorizado.

E foi então, mas não até então, que seu espírito orgulhoso murchou. Ele viu seus homens se afastarem dele.

— Durante todo esse tempo o nosso capitão foi um bacalhau! — murmuraram eles. — Isso nos envergonha.

Eram os seus próprios capangas que o atacavam, mas a figura trágica que ele havia se tornado mal lhes deu atenção. Contra tal evidência terrível não era da crença deles que ele precisava, mas de sua própria. Ele sentiu seu ego escorregar de suas mãos.

— Não me abandonem, valentões — sussurrou, com a voz rouca, para eles.

Nessa natureza sombria havia um toque de feminilidade, como acontece com todos os bons piratas, e às vezes existe também um pouco de intuição. De repente ele começou a brincar de adivinhação.

— Gancho — gritou ele —, você tem alguma outra voz?

Peter não conseguia resistir a uma brincadeira, e respondeu com alegria, usando sua própria voz:

— Tenho sim.

— E tem outro nome?

— Sim, sim.

— É um vegetal? — perguntou Gancho.

— Não.

— É um mineral?

— Não.

— Animal?

— Sim.

— Homem?

— Não! — Essa resposta saiu com um pouco de desprezo.

— Garoto?

— Sim.

— Um garoto comum?

— Não!

— Um garoto maravilhoso?

Para a tristeza de Wendy a resposta foi:

— Sim.

— Você está na Inglaterra?

— Não.

— Você está aqui?

— Sim.

Gancho estava completamente intrigado.

— Façam algumas perguntas para ele — disse ele para os outros, enxugando sua testa molhada.

Smee pensou um pouco.

— Não consigo pensar em nada — disse ele, desanimado.

— Vocês não conseguem adivinhar. Não conseguem — soltou Peter. — Desistem?

É claro que seu orgulho estava levando o jogo para longe demais, e os bandidos viram ali sua chance.

— Sim, sim — responderam ansiosos.

— Bom, então — gritou ele —, eu sou o Peter Pan! Peter Pan!

Em um segundo Gancho voltou a ser ele mesmo, e Smee e Starkey voltaram a ser seus fiéis capangas.

— Agora nós o pegaremos — gritou Gancho. — Pule na água, Smee. Starkey, cuide do barco. Quero que vocês o capturem, vivo ou morto.

Ele mergulhou enquanto falava e ao mesmo tempo foi possível ouvir a voz alegre de Peter.

— Estão prontos, meninos?

— Sim, sim — foi possível ouvir de diferentes lugares da lagoa.

— Então, vamos atrás dos piratas.

A briga foi curta e feia. O primeiro a derramar sangue foi John, que com coragem subiu no barco e segurou Starkey. Houve uma luta feroz, na qual o cutelo foi arrancado das mãos do pirata. Ele mergulhou na água e John pulou atrás dele. O bote foi arrastado para longe.

Aqui e ali uma cabeça surgia para fora da água, e havia um lampejo de aço seguido por um gemido ou um grito de alegria. Na confusão, alguns atacaram seus próprios aliados. O saca-rolhas de Smee atingiu Tootles na quarta costela, mas o pirata logo foi atingido por Curly. Mais longe da pedra, Starkey pressionava Slightly e os gêmeos com força.

Onde estava Peter nesse tempo todo? Ele procurava por um desafio maior.

Os outros eram todos garotos corajosos, e não devem receber a culpa por fugir da briga com o capitão dos piratas. Com a garra de ferro ele fez um círculo de água parada ao seu redor, de onde os garotos fugiam como peixes apavorados.

Mas um deles não o temia. Havia um que estava pronto para entrar no círculo.

Mas o estranho é que não foi na água que eles se encontraram. Gancho subiu na pedra para respirar e no mesmo momento Peter escalou a pedra do lado oposto. A pedra estava escorregadia como se fosse uma bola e eles precisaram se arrastar em vez de escalar. Nenhum deles sabia que o outro estava se aproximando. Ao tentarem se segurar, um segurou o braço do outro e surpresos os dois levantaram a cabeça; seus rostos quase se tocavam, e assim eles se encontraram.

Alguns dos melhores heróis já confessaram que logo antes de entrar em uma briga, eles sentiram medo. Se isso tivesse acontecido com Peter naquele momento, eu teria admitido o fato. Afinal, este era o único homem que o Sea-Cook temia. Mas Peter não sentiu medo, ele sentia apenas uma coisa, satisfação. E rangeu seus lindos dentes com alegria. Rápido como um raio, ele pegou uma faca no cinto de Gancho e estava prestes a enfiá-la no pirata quando viu que estava mais alto na pedra do que seu inimigo. Não teria sido uma luta justa. Ele esticou a mão para o pirata para ajudá-lo a subir.

Foi então que Gancho o atacou.

Não foi a dor, mas a injustiça que atordoou Peter. Isso o deixou bastante indefeso. Ele só conseguia olhar para Gancho, horrorizado. Toda criança se sente assim na primeira vez em que é tratada com injustiça. Tudo o que a criança pensa quando se aproxima de você é que será tratada com justiça. Depois que você a trata com injustiça ela voltará a amar você, mas não irá, depois, ser a mesma criança novamente. Ninguém consegue superar a primeira injustiça; ninguém, exceto Peter. Ele sempre se deparou com injustiças, mas sempre as esqueceu. Acho que essa era a verdadeira diferença entre ele e todos os outros.

Então, quando ele se deparou com a injustiça agora, era como se aquilo estivesse acontecendo pela primeira vez; e ele só conseguia olhar para Gancho, sem reagir. A mão de ferro o feriu por duas vezes.

Alguns minutos depois os outros garotos viram Gancho na água, nadando no maior desespero na direção do navio; não havia nenhuma alegria em seu rosto horroroso agora, apenas medo, pois o crocodilo nadava logo atrás dele. Em situações normais, os garotos teriam nadado junto com ele comemorando; mas neste momento eles estavam inquietos pois haviam perdido tanto Peter quanto Wendy, e estavam vasculhando a lagoa à procura deles, chamando-os pelo nome. Eles encontraram o bote e foram para casa nele, gritando “Peter, Wendy” enquanto navegavam, mas não houve resposta além de risadas zombeteiras emitidas pelas sereias.

— Eles devem estar nadando ou voando de volta para casa — concluíram os garotos.

Eles não estavam muito ansiosos, pois confiavam muito em Peter. Deram uma risada típica de garotos, pois chegariam depois do horário de ir para a cama; e tudo por culpa da mamãe Wendy!

Quando suas vozes desapareceram, o silêncio tomou conta da lagoa, e então ouviram uma voz fraca:

— Socorro, socorro!

Duas figuras pequenas batiam contra a pedra; a garota havia desmaiado e estava nos braços do garoto. Com um último esforço, Peter a colocou em cima da pedra e então deitou-se ao lado dela. Mesmo quando ele também desmaiou, pôde perceber que a água estava subindo. Ele sabia que logo se afogariam, mas não conseguia mais reagir.

Enquanto estavam deitados lado a lado uma sereia pegou Wendy pelos pés e começou a puxá-la suavemente para dentro da água. Peter, sentindo que ela escorregava de perto dele, acordou em um pulo, e bem no momento de trazê-la de volta. Mas ele precisou lhe contar a verdade.

— Estamos na pedra, Wendy — disse ele —, mas ela está ficando menor. Logo a água a cobrirá.

Ela não entendia, nem mesmo agora.

— Precisamos sair daqui — disse ela, quase com alegria.

— Sim — respondeu ele, com a voz fraca.

— Devemos nadar ou voar, Peter?

Ele precisava contar para ela.

— Você acha que consegue nadar ou voar até a ilha, Wendy, sem minha ajuda?

Ela precisou admitir que também estava cansada demais.

Peter gemeu.

— O que foi? — perguntou ela, agora preocupada com ele.

— Não consigo ajudar você, Wendy. Gancho me feriu. Não consigo nadar nem voar.

— Você quer dizer que vamos nos afogar?

— Veja como a água está subindo.

Eles colocaram as mãos sobre os olhos para não ver. Pensaram que logo não existiriam mais. Enquanto estavam ali sentados, alguma coisa roçou a pele de Peter de leve, tão suave quanto um beijo, e ficou por ali, como se estivesse dizendo timidamente: “Posso ajudar de alguma maneira?”.

Era a rabiola de uma pipa, que Michael havia construído alguns dias antes. Ela havia escapado de suas mãos e voado para longe.

— A pipa de Michael — disse Peter sem interesse, mas no momento seguinte ele havia pegado a rabiola e estava puxando a pipa para perto deles.

— Ela levantou Michael do chão! — exclamou ele. — Por que ela não nos levantaria também?

— Nós dois?

— Ela não consegue levantar duas pessoas. Michael e Curly tentaram.

— Vamos tirar a sorte — disse Wendy, com coragem.

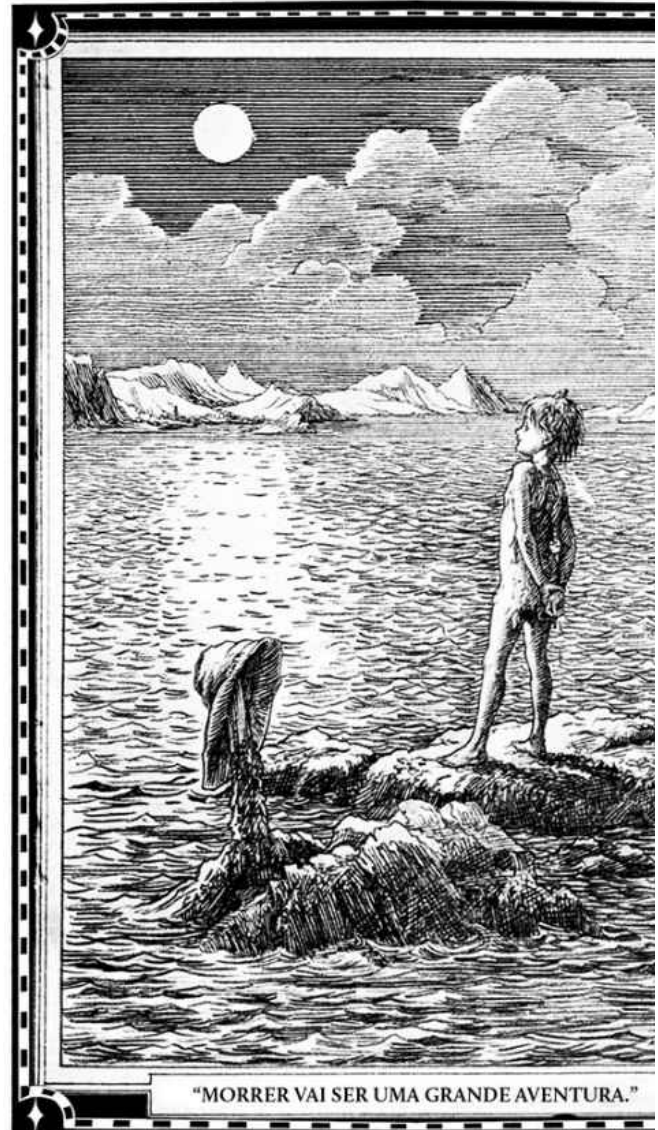
— Você é uma dama! Nunca farei isso.

Ele já tinha amarrado a rabiola em volta dela. Ela se segurou nele, recusando-se a ir embora sem ele; mas ele disse “adeus, Wendy” e a empurrou para longe da pedra; e em alguns minutos ela havia desaparecido da vista de Peter. Ele estava sozinho na lagoa.

A pedra era muito pequena agora; logo ele estaria submerso. Raios pálidos de luz se espalharam devagar pela água; e aos poucos ele ouviu aquele que é o som mais bonito e também mais melancólico do mundo: o som das sereias chamando a lua

Peter não era exatamente como os outros garotos; mas ele finalmente teve medo. Um tremor tomou conta de seu corpo, como um arrepio que toma conta do mar; mas no mar um arrepio é seguido por outro até que surgem centenas deles, e Peter se sentiu exatamente assim. No momento seguinte, ele estava em pé na pedra de novo, com aquele sorriso no rosto e um tambor batendo dentro de seu peito. Ele dizia:

— **Morrer vai ser uma grande aventura.**



"MORRER VAI SER UMA GRANDE AVENTURA."



IX

O PÁSSARO DO NUNCA

O último som que Peter ouviu depois de ficar sozinho foi o das sereias se retirando, uma a uma, para seus quartos no fundo do mar. Ele estava longe demais para ouvir o barulho das portas se fechando; mas cada porta das cavernas de coral onde elas moram tem um pequeno sino que toca sempre que a porta se abre ou fecha (como acontece nas melhores casas no mundo fora da ilha) e ele ouviu o barulho dos sininhos.

A água foi subindo sem parar até chegar aos seus pés; e para passar o tempo até que ela o engolisse, ele observou a única coisa que se movimentava na lagoa. Achou que era um pedaço de papel boiando, talvez um pedaço da pipa, e se perguntou, sem se importar muito, quanto tempo levaria para chegar até a margem.

Logo ele percebeu que aquela coisa estranha estava, sem dúvida, flutuando sobre a lagoa com algum propósito definido, pois lutava contra a maré e às vezes vencia; e quando vencia, Peter, sempre simpático ao lado mais fraco, não conseguia deixar de aplaudir; era um pedaço de papel tão valente.

Na verdade, não era um pedaço de papel; era o pássaro do Nunca, tentando desesperadamente alcançar Peter. Usando suas asas da maneira como havia aprendido desde que o ninho caiu na água, ela conseguia até certo ponto guiar sua estranha embarcação, mas quando Peter a reconheceu, ela estava bastante cansada. Ela havia vindo salvá-lo, daria a ele seu ninho embora seus ovos ainda estivessem dentro dele. Eu fico imaginando seus motivos para fazer isso, pois, embora ele tenha sido generoso com ela, ele também a atormentara algumas vezes. Só consigo imaginar que, como a Sra. Darling e todos os outros, ela se derretia por ele, pois ele ainda tinha todos os dentes de leite.

Ela gritou para ele explicando o que estava fazendo, e ele gritou para ela perguntando o que ela estava fazendo ali; mas claro que um não entendia a língua do outro. Nas histórias de fantasia as pessoas conseguem conversar normalmente com os pássaros, e eu gostaria que naquele momento eu pudesse fingir estar em uma história dessas para poder dizer que Peter respondeu de maneira adequada ao pássaro do Nunca; mas a verdade é ainda melhor, e quero contar apenas o que realmente aconteceu. Ora, eles não só não conseguiam se entender, mas também esqueceram suas boas maneiras.

— Quero que você entre no ninho — gritou o pássaro, falando devagar e da maneira mais clara possível — e vá até a borda, mas estou cansada demais para chegar perto de você, então você precisa tentar nadar até aqui.

— Por que você está grasnando aí? — perguntou Peter. — Por que você simplesmente não deixa o ninho boiar, como sempre?

— Eu quero que você... — disse o pássaro, e ficou repetindo isso o tempo todo.

Então Peter tentou falar devagar e de maneira clara também.

— Por que você está grasnando aí? — E continuou.

O pássaro do Nunca ficou irritado; eles não têm muita paciência.

— Seu imbecil — gritou ela —, por que você não faz o que eu estou mandando?

Peter percebeu que ela estava lhe xingando, e, num impulso, respondeu furioso:

— Você também é!

Então, curiosamente, os dois disseram a mesma coisa ao mesmo tempo:

— Cala a boca!

— Cala a boca!

Ainda assim, o pássaro estava determinado a salvá-lo se conseguisse, e em uma última tentativa conseguiu levar o ninho até a pedra. Então voou, abandonando seus ovos, para que conseguisse se fazer entender.

Por fim ele entendeu, aconchegou-se no ninho e acenou para o pássaro em agradecimento enquanto ele voava sobre sua cabeça. Mas, não foi para receber seus agradecimentos que a ave ficou sobrevoando no céu; não foi nem para vê-lo entrar no ninho; mas foi para ver o que ele faria com seus ovos.

Havia dois ovos grandes e brancos, e Peter os levantou e refletiu. A ave cobriu o rosto com as asas, para não ver o fim de seus ovos; mas não conseguiu deixar de espiar entre as plumas.

Eu não me lembro se contei para vocês que havia uma estaca na pedra, enfiada ali há bastante tempo por alguns bucaneiros para marcar o local onde haviam enterrado um tesouro. As crianças haviam descoberto o esconderijo brilhante e, quando estavam com o espírito de fazer bagunça aguçado jogavam punhados de ouro, diamantes, pérolas e moedas para as gaivotas, que achavam que eram comidas e os pegavam e levavam embora, bravas por terem sido enganadas com um truque tão baixo. A estaca ainda

estava ali, e nela Starkey havia pendurado seu chapéu, que era de lona, grande e impermeável, com abas largas. Peter colocou os ovos dentro do chapéu e o deixou na lagoa. Ele saiu boiando lindamente.

O pássaro do Nunca logo viu o que ele estava prestes a fazer, e gritou admirada para ele; e, pobrezinho, Peter cacarejou para concordar com ela. Então ele entrou no ninho, enfiou a estaca nele para servir de mastro e pendurou a camisa nela para servir de vela. No mesmo instante o pássaro pousou sobre o chapéu e logo sentou-se em seus ovos. A ave boiou em uma direção, e Peter na outra, os dois comemorando.

É claro que quando Peter chegou à margem ele deixou o ninho em um lugar onde o pássaro o encontraria com facilidade; mas o chapéu foi um sucesso tão grande que a ave abandonou seu ninho. Ele flutuou até se transformar em pedaços, e sempre que Starkey vinha até a lagoa e via a ave sentada em seu chapéu ficava bastante chateado. Como não vamos vê-la novamente, talvez valha a pena mencionar que todos os pássaros do Nunca agora constroem seus ninhos nesse formato, com abas largas nas quais os filhotes podem passear e tomar ar.

Todos ficaram muito felizes quando Peter chegou na casa embaixo da terra quase na mesma hora que Wendy, que havia sido levada para cá e para lá pela pipa. Todo garoto tinha aventuras para contar; mas talvez a maior aventura de todas tenha sido eles já terem passado, há tempos, da hora de ir para a cama. Isso também os deixou tão animados que eles fizeram várias coisas para ficarem acordados por mais tempo, tais como pedir para que fossem feitos curativos; mas Wendy, embora feliz por ter todos de volta em casa mais uma vez, em segurança, estava escandalizada com o avanço da hora e gritou:

— Já para a cama! Já para a cama!

E seu tom de voz fez com que todos a obedecessem. No dia seguinte, porém, ela estava bastante doce, fez curativos em todos e então deixou que eles brincassem até a hora de ir para a cama de andar mancando com os braços envolvidos em tipoias.



X

A CASA FELIZ

Um resultado importante do episódio na lagoa foi que ele fez com que os peles-vermelhas se tornassem seus amigos. Peter salvou Tiger Lily de um destino terrível, e agora não havia nada que ela e seus companheiros corajosos não fizessem por ele. Passavam a noite toda sentados lá em cima, vigiando a casa debaixo da terra e esperando pelo grande ataque dos piratas, que, era óbvio, não demoraria a acontecer. Mesmo durante o dia eles ficavam por ali, fumando o cachimbo da paz, e parecendo quase querer alguma coisa para comer.

Chamavam Peter de O Grande Pai Branco, e se prostravam diante dele; e ele gostava muito disso, e isso não era nada bom para ele.

— O Grande Pai Branco — dizia ele para o grupo de maneira bastante prepotente, quando eles se ajoelhavam aos seus pés — fica feliz em ver os guerreiros Piccaninnies protegendo sua casa dos piratas.

— Eu, Tiger Lily — respondia aquela adorável criatura —, Peter Pan me salvou, eu ser sua boa amiga. Eu não deixar piratas fazer mal a ele.

Ela era linda demais para adular alguém dessa maneira, mas Peter achava que fazia parte de seu papel, e respondia com condescendência:

— Isso é muito bom. Falou Peter Pan.

Sempre que ele dizia “Falou Peter Pan” ele queria dizer que agora era a hora de calarem a boca e aceitarem com humildade o que ele falava. Mas eles não eram nem um pouco respeitosos com os outros garotos, a quem consideravam apenas guerreiros comuns. Eles diziam apenas “e aí?” para eles, e coisas desse tipo. Mas o que realmente incomodava os garotos era que Peter parecia não se importar com aquilo.

Secretamente, Wendy concordava um pouco com eles, mas ela era uma dona de casa leal demais para ouvir reclamações contra o pai.

— Papai sabe o que faz — ela sempre dizia, não importava qual fosse a sua opinião.

Sua opinião particular era que os peles-vermelhas não deviam chamá-la de “pele-vermelha”.

Chegamos agora à noite que ficou conhecida entre eles como a “Noite das Noites” por causa das aventuras ocorridas e das consequências que elas trouxeram. O dia, como se estivesse reunindo forças em silêncio, havia sido bem normal, e agora os peles-vermelhas estavam em seus postos lá em cima, enrolados em cobertores, enquanto lá embaixo as crianças faziam sua refeição noturna; todas menos Peter, que saía para descobrir que horas

eram. Na ilha, para descobrir as horas, bastava encontrar o crocodilo e ficar perto dele até o relógio começar a bater.

A refeição era um chá de faz de conta, e estavam todos sentados ao redor da mesa, devorando tudo, esfomeados; realmente, com tanta tagarelice e briga, o barulho chegava a ser ensurdecedor, como Wendy costumava dizer. Ela não se incomodava com o barulho, mas simplesmente não permitia que eles ficassem pegando as coisas e depois se desculpassem dizendo que Tootles é que havia empurrado o cotovelo deles. Havia uma regra que dizia que eles não podiam se agredir durante as refeições, mas deveriam conversar com Wendy sobre o desentendimento levantando o braço direito educadamente e dizendo “Quero reclamar dessa pessoa por causa disso”. Mas eles normalmente se esqueciam de fazer isso, ou faziam isso sem parar.

— Silêncio! — gritou Wendy quando ela precisou dizer a eles pela vigésima vez que não deviam falar todos de uma só vez. — A sua caneca está vazia, Slightly querido?

— Não totalmente, mamãe — disse Slightly, depois de olhar dentro de uma caneca imaginária.

— Ele nem começou a tomar o leite ainda — intrometeu-se Nibs.

Isso era bancar o dedo-duro, e Slightly não perdeu sua chance.

— Quero reclamar do Nibs — gritou ele rapidamente.

Mas John havia levantado sua mão primeiro.

— John?

— Posso me sentar na cadeira de Peter, já que ele não está aqui?

— Sentar-se na cadeira do papai, John? — perguntou Wendy escandalizada. — É claro que não.

— Na verdade ele não é nosso pai — respondeu John. — Ele nem sabia se comportar como pai até eu mostrar a ele.

Isso era resmungar.

— Nós queremos reclamar do John — gritaram os gêmeos.

Tootles levantou sua mão. Ele era o mais humilde de todos, na verdade, ele era o único humilde entre eles, e por isso Wendy era especialmente gentil com ele.

— Eu não acho — disse Tootles, desanimado —, que eu poderia ser o pai.

— Não, Tootles.

Quando Tootles começava a falar, o que não era muito frequente, ele tinha uma maneira bem tola de seguir em frente.

— Como não posso ser pai — disse ele, triste —, não acho, Michael, que você me deixaria ser o bebê.

— Não deixo mesmo — respondeu Michael.

Ele já estava acomodado com seu cesto.

— Como não posso ser bebê — disse Tootles, ficando cada vez mais triste —, vocês acham que eu poderia ser um gêmeo?

— Não pode, não — responderam os gêmeos. — É muito difícil ser um gêmeo.

— Como eu não posso ser nada importante — disse Tootles —, será que algum de vocês gostaria de me ver fazer um truque?

— Não — responderam todos.

Então, por fim, ele parou.

— Eu não achava que vocês iam querer mesmo — disse ele.

As reclamações terríveis voltaram.

— Slightly está tossindo na mesa.

— Os gêmeos começaram a comer os abricós.

— O Curly está comendo o rolinho de tapioca e o inhame, tudo junto.

— O Nibs está falando com a boca cheia.

— Quero reclamar dos gêmeos.

— Quero reclamar do Curly.

— Quero reclamar do Nibs.

— Ah, meu Deus! — exclamou Wendy. — Às vezes acho que crianças dão mais trabalho do que alegria.

Ela mandou que todos saíssem da mesa e sentou-se para trabalhar nas peças que precisava costurar. Precisava arrumar uma grande quantidade de meias e os joelhos das calças de todos eles tinha aquele furo costumeiro.

— Wendy — murmurou Michael —, estou grande demais para dormir em um berço.

— Eu preciso ter alguém dormindo em um berço — respondeu ela, um tanto ríspida. — Você é o menor de todos. Um berço é uma coisa tão acolhedora para se ter em casa.

Enquanto ela costurava, eles brincavam em volta dela. Um grupo de rostos felizes e corpos dançantes iluminados pela encantadora lareira. Aquilo se tornara uma cena bastante familiar nesta casa embaixo da terra, mas estamos olhando para ela pela última vez.

Foi ouvido um barulho de passos lá em cima, e Wendy, pode ter certeza, foi a primeira a reconhecer quem produzia o som.

— Crianças, estou ouvindo os passos do pai de vocês. Ele gosta que vocês o recebam à porta.

Lá em cima os peles-vermelhas ajoelharam-se diante de Peter.

— Vigiem direito, guerreiros. Falou Peter Pan.

E então, como já aconteceu muitas vezes antes, as crianças alegres o arrastaram para dentro de sua árvore. Como fizeram tantas vezes antes, mas como nunca mais fariam.

Ele havia trazido nozes para os garotos e a hora certa para Wendy.

— Peter, você só os mima, sabia? — suspirou Wendy.

— Ah, minha velha — disse Peter, pendurando sua arma.

— Fui eu quem disse a ele que as mães são chamadas de minha velha — sussurrou Michael para Curly.

— Quero reclamar do Michael — disse Curly, no mesmo instante.

O primeiro gêmeo se aproximou de Peter.

— Pai, queremos dançar.

— Dance, meu rapaz — disse Peter, que estava de muito bom humor.

— Mas nós queremos que você dance também.

Peter realmente era o melhor dançarino de todos eles, mas ele fingiu estar escandalizado.

— Eu! Meus ossos velhos iam chacoalhar demais.

— E queremos que a mamãe dance também.

— O quê? — exclamou Wendy. — A mãe de um batalhão desses dançando?

— Mas é sábado à noite — insinuou Slightly.

Na verdade, não era noite de sábado, mas podia ser, pois eles já haviam perdido a noção dos dias há bastante tempo. Mas sempre que eles queriam fazer algo especial eles diziam que era noite de sábado, e então faziam a coisa especial.

— Ah, claro, é noite de sábado, Peter — disse Wendy, cedendo.

— Nós dois dançando, Wendy.

— Mas é só para os nossos filhos.

— Isso é verdade.

Então disseram para eles que, para dançar, precisariam colocar seus pijamas primeiro.

— Ah, minha velha — disse Peter para Wendy, esquentando-se perto do fogo e olhando para ela, que estava sentada consertando uma meia — não existe nada mais agradável para você e para mim do que descansar perto do fogo com nossos pequenos em volta de nós.

— É muito bom, não é Peter? — disse Wendy, muito agradecida. — Peter, acho que Curly tem o seu nariz.

— E Michael se parece com você.

Ela foi até ele e colocou sua mão em seu ombro.

— Peter, querido — disse ela —, com uma família tão grande, é claro que já não estou em minha melhor forma, mas você não quer que eu mude, quer?

— Não, Wendy.

Certamente, ele não queria que ela mudasse, mas ele olhou para ela desconfortável, piscando, como se não tivesse certeza se estava acordado ou dormindo.

— Peter, o que foi?

— Eu estava só pensando — disse ele, um pouco assustado. — É só uma brincadeira de faz de conta, não é, essa história de eu ser o pai deles?

— Ah, sim — disse Wendy, um pouco chateada.

— Veja bem — continuou ele, em tom de quem pede desculpas —, eu ia parecer tão velho se eu realmente fosse o pai deles.

— Mas eles são nossos filhos, Peter. Seus e meus.

— Mas não de verdade, não é, Wendy? — perguntou ele, ansioso.

— Não, se você não quiser — respondeu ela; e ela ouviu muito bem seu suspiro de alívio.

— Peter — perguntou ela, tentando falar com firmeza — quais são seus verdadeiros sentimentos com relação a mim?

— Os sentimentos de um filho, Wendy.

— Foi o que eu pensei — disse ela, e foi se sentar sozinha no outro canto da sala.

— Você é tão estranha — disse ele, bastante intrigado. — E a Tiger Lily é igual. Ela quer ser alguma coisa para mim, mas ela diz que não é minha mãe.

— Não, realmente, ela não é — respondeu Wendy com uma certa ênfase.

Agora sabemos por que ela não gostava dos peles-vermelhas.

— Então, o que ela quer ser?

— Não cabe a uma dama falar sobre isso.

— Ah, muito bem — disse Peter, um pouco ríspido. — Talvez a Sininho me explique, então.

— Ah, sim, a Sininho vai explicar para você — respondeu Wendy, brava. — Aquela fadinha rejeitada.

Nesse momento Sininho, que estava em seu quartinho, soltou um guincho insolente.

— Ela disse que adora ser rejeitada — traduziu Peter.

Ele teve uma ideia.

— Talvez a Sininho queira ser minha mãe.

— Seu imbecil! — gritou Sininho, furiosa.

Ela já havia dito isso tantas vezes que neste momento Wendy não precisou de tradução.

— Eu quase concordo com ela — disse Wendy, ríspidamente.

Imagine Wendy sendo ríspida. Mas sua paciência vinha sendo testada e ela não sabia o que estava prestes a acontecer antes do fim da noite. Se ela soubesse, talvez não tivesse sido ríspida.

Nenhum deles sabia o que ia acontecer. Talvez fosse melhor não saber. A ignorância permitiu que eles fossem felizes durante mais uma hora; e, como aquela seria a última hora deles na ilha, vamos nos deliciar pensando que havia sessenta alegres minutos nesse período de uma hora. Eles cantaram e dançaram vestindo seus pijamas. Era uma canção deliciosamente assustadora e, ao cantá-la, eles fingiam sentir medo de suas próprias sombras, sem saber que, muito em breve, seriam cercados por sombras que os fariam sentir medo de verdade. A dança foi uma algazarra, e como eles se divertiram, na cama e fora dela! Era mais uma guerra de travesseiros do que uma dança, e quando terminaram os travesseiros pediram por mais uma rodada, como amigos que soubessem que jamais voltariam a se encontrar. As histórias que eles contaram antes de chegar a hora da história de ninar de Wendy! Até Slightly tentou contar uma história naquela noite, mas o início foi tão incredivelmente chato que ele mesmo ficou horrorizado e disse, melancólico:

— É, foi mesmo um começo muito chato. Vamos fingir que foi o fim.

E então, finalmente, todos foram para a cama para ouvir a história de Wendy, a história que eles mais gostavam, a história que Peter detestava. Normalmente, quando ela começava a contar essa história, ele saía da casa ou colocava as mãos no ouvido; e possivelmente se ele tivesse feito

qualquer uma dessas duas coisas, nesse momento todos ainda estariam na ilha. Mas, nesta noite, Peter continuou sentado em seu banquinho. E agora veremos o que aconteceu.

OceanofPDF.com



XI

A HISTÓRIA DE WENDY

Então, escutem — disse Wendy, preparando-se para contar a história, com Michael aos seus pés e os sete garotos deitados na cama.

— *Era uma vez um homem...*

— Eu preferia que fosse uma mulher — disse Curly.
— Eu queria que fosse um rato branco — disse Nibs.
— Silêncio — respondeu a mãe, brava. — Havia uma mulher também, e...
— Ah, mamãe — exclamou o primeiro gêmeo —, você quer dizer que ainda há uma mulher, não é? Ela não está morta, está?
— Ah, não.
— Fico muito feliz que ela não esteja morta — disse Tootles. — Você está feliz, John?
— É claro que estou.
— Você está feliz, Nibs?
— Muito.
— Vocês estão felizes, gêmeos?
— Estamos muito felizes.

— Ah, querido — suspirou Wendy.

— Um pouco menos de barulho aí — gritou Peter, querendo que Wendy tivesse a chance de contar a história, por mais terrível que ela fosse, em sua opinião.

— O nome do homem — continuou Wendy — era Sr. Darling, e o nome da mulher era Sra. Darling.

— Eu conheço eles — disse John, para irritar os outros.

— Eu acho que conheço eles — disse Michael, bastante em dúvida.

— Eles eram casados — explicou Wendy. — E o que vocês acham que eles tinham?

— Ratos brancos — exclamou Nibs, inspirado.

— Não.

— Estou bastante intrigado — disse Tootles, que já sabia a história toda.

— Silêncio, Tootles. Eles tinham três descendentes.

— O que são descendentes?

— Ora, você é um descendente, Gêmeo.

— Você ouviu isso, John? Eu sou um descendente.

— Descendentes são apenas crianças — disse John.

— Meu Deus, meu Deus — suspirou Wendy. — Essas três crianças tinham uma babá fiel chamada Naná. Mas o Sr. Darling ficou bravo com a babá e a prendeu no quintal; então, as três crianças saíram voando.

— Essa é uma história muito boa — disse Nibs.

— Eles voaram — continuou Wendy — para a Terra do Nunca, onde as crianças perdidas vivem.

— Foi exatamente isso o que eu pensei — interrompeu Curly, animado. — Não sei por que, mas foi exatamente isso o que eu pensei que eles fizeram.

— Ah, Wendy — exclamou Tootles —, por acaso uma dessas crianças se chamava Tootles?

— Sim, chamava sim.

— Eu estou em uma história. Viva! Estou em uma história, Nibs.

— Silêncio. Agora quero que vocês pensem nos pobres pais, infelizes depois de suas crianças terem ido embora voando.

— Oh! — gemeram todos, embora não estivessem realmente pensando na tristeza dos pais.

— Pensem nas camas vazias!

— Oh!

— Isso é muito triste — disse o primeiro gêmeo, alegremente.

— Não sei como essa história vai ter um final feliz — disse o segundo gêmeo. — Você sabe, Nibs?

— Estou muito ansioso.

— Se vocês soubessem como é grande o amor de uma mãe — Wendy disse a eles, triunfante —, vocês não teriam medo.

Agora ela chegou na parte da história que Peter detestava.

— Eu gosto do amor de mãe — disse Tootles, atingindo Nibs com um travesseiro. — Você gosta do amor de mãe, Nibs?

— Gosto muito — disse Nibs, jogando o travesseiro de volta.

— Sabem o que aconteceu? — disse Wendy, complacente. — Nossa heroína sabia que a mãe sempre deixaria a janela aberta para que as crianças pudessem voltar voando; então as crianças ficaram fora durante anos e se divertiram muito.

— Eles voltaram para casa?

— Vamos ver — disse Wendy, se preparando para a parte principal de sua história. — Vamos dar uma olhada no futuro.

E todos eles deram aquele giro que facilita dar uma olhada no futuro.

— Anos se passaram; e quem é esta moça elegante, de idade incerta que surge na Estação de Londres?

— Ah, Wendy, quem é ela? — perguntou Nibs, bastante agitado, como se não soubesse.

— Poderia ser... sim... não... sim... é! É a bela Wendy!

— Oh!

— E quem são os dois cavalheiros aristocráticos e imponentes que a acompanham, agora tão crescidos. Seriam John e Michael? Sim! São eles!

— Oh!

— Estão vendo, queridos irmãos? — pergunta Wendy, apontando para cima. — Lá está a janela, ainda aberta. Ah, agora seremos recompensados com a fé sublime no amor de mãe. Então eles voaram de volta para sua mamãe e seu papai; e como não é possível descrever uma cena tão feliz, vamos parar por aqui.

Essa era a história, e os meninos gostavam tanto dela quanto sua narradora. Tudo como deveria ser, entende? De repente, desaparecemos como as coisas mais desalmadas do mundo, que é o que as crianças são, mas também tão encantadoras; e nos divertimos muito, no maior egoísmo; e aí quando precisamos de um pouco de atenção especial, generosamente decidimos voltar, confiantes de que seremos recebidos com beijos e não com tapas.

A fé no amor da mãe é tão grande que achavam que poderiam ser cruéis por mais um tempo.

Mas havia alguém ali que sabia que não era bem assim; e quando Wendy terminou, ele soltou um grito alto.

— O que foi, Peter? — perguntou ela, correndo até ele, achando que ele estava se sentindo mal.

Wendy apalpou carinhosamente seu peito e sua barriga perguntando:

— Onde dói, Peter?

— Não é esse tipo de dor — respondeu Peter, sombrio.

— Então, que tipo de dor é essa?

— Wendy, você está enganada com relação às mães.

Todos se juntaram ao redor dele, assustados, pois sua agitação era bastante alarmante; e com uma maravilhosa sinceridade Peter revelou algo que até então havia escondido de todos.

— Há muito tempo — disse ele — pensava como vocês. Eu achava que minha mãe sempre manteria a janela aberta para que eu voltasse; então fiquei fora durante várias luas, e então voei de volta para casa; mas a janela estava fechada, pois mamãe tinha se esquecido de mim, e havia um outro garotinho dormindo na minha cama.

Eu não tenho certeza se isso era verdade, mas Peter achava que era verdade, e deixou os garotos com medo.

— Você tem certeza de que as mães são assim?

— Sim.

Então essa era a verdade sobre as mães. Que desprezíveis!

Ainda assim é melhor ter cuidado, e ninguém sabe tão bem quanto as crianças quando chega a hora de entregar os pontos.

— Wendy, vamos para casa — gritaram John e Michael ao mesmo tempo.

— Sim — disse ela, segurando os dois.

— Não hoje, não é? — perguntaram os garotos perdidos, atordoados.

Eles sabiam, naquilo que chamavam de coração, que é possível viver sem uma mãe, e que só as mães pensam que não.

— Já — respondeu Wendy, decidida.

Pois um pensamento terrível havia passado por sua cabeça:

— Talvez a mamãe já esteja só meio triste agora.

Esse medo fez com que ela se esquecesse de como Peter devia estar se sentindo, e ela disse a ele, bastante direta:

— Peter, você toma as providências?

— Se é o que você quer — respondeu ele, com a mesma frieza com que responderia se alguém tivesse lhe pedido para lhe passar as nozes.



A HISTÓRIA DE WENDY

Nem um sinal de “que pena que você vai embora” foi trocado entre eles! Se ela não se importava em ir embora, ele iria mostrar, ah, se ia, que ele também não se importava que ela partisse.

Mas é claro que ele se importava muito; e estava cheio de ódio dos adultos que, como sempre, estragavam tudo, e logo que entrou em sua árvore respirou de propósito bem rápido e curto, fazendo mais ou menos cinco respirações por segundo. Ele fez isso, pois existe um ditado na Terra do Nunca que diz que, sempre que você respira, um adulto morre; e Peter os estava matando por vingança, o mais rápido possível.

Depois de dar as instruções necessárias para os peles-vermelhas, ele voltou para a casa, onde uma cena lamentável havia acontecido em sua ausência. Apavorados com a ideia de Wendy deixá-los, os garotos perdidos haviam avançado sobre ela, ameaçando-a.

— Vai ser pior do que antes de ela vir! — choraram eles.

— Não vamos deixar que ela vá embora.

— Vamos mantê-la prisioneira.

— Sim, vamos acorrentá-la.

Naquela situação extrema um instinto lhe ajudou a decidir com qual deles conversar.

— Tootles — exclamou ela —, imploro a você.

Isso não era estranho? Ela implorar para Tootles, logo o mais tolo de todos.

Mas, com grandeza, Tootles respondeu. Pois naquele momento ele deixou a tolice de lado e falou com dignidade:

— Sou apenas o Tootles — disse ele — e ninguém se importa comigo. Mas aquele que não se comportar com Wendy como um cavalheiro inglês vai ter que se ver comigo.

Ele pegou sua adaga e, naquele instante, sua cabeça fervia. Os outros se afastaram, incomodados. Então Peter voltou, e eles logo viram que não teriam nenhum apoio dele. Ele não ficaria com nenhuma menina na Terra do Nunca contra a vontade dela.

— Wendy — disse ele, caminhando de um lado para o outro —, pedi para que os peles-vermelhas guiem você pela floresta, já que vocês ficam tão cansados enquanto voam.

— Obrigada, Peter.

— Então — continuou ele, em um tom curto e grosso de quem está acostumado a ser obedecido —, a Sininho vai ajudar vocês a atravessar o mar. Acorde a Sininho, Nibs.

Nibs bateu duas vezes até ela responder, embora Sininho na verdade estivesse sentada na cama ouvindo tudo há algum tempo.

— Quem é você? Como você se atreve? Vá embora! — gritou ela.

— Você precisa se levantar, Sininho — disse Nibs —, para acompanhar Wendy em uma viagem.

É claro que Sininho tinha ficado encantada em saber que Wendy ia embora; mas ela estava determinada a não ser sua guia e disse isso usando uma linguagem ainda mais ofensiva. Então fingiu cair no sono novamente.

— Ela disse que não vai — exclamou Nibs, impressionado com tamanha falta de respeito, enquanto Peter foi direto até o quarto da jovem fada com ar bastante severo.

— Sininho — soltou ele —, se você não se levantar e se vestir logo vou abrir as cortinas, e então todos nós a veremos de camisola.

Isso fez com que ela pulasse da cama.

— Quem disse que eu não ia me levantar? — perguntou ela.

Enquanto isso os garotos estavam olhando com grande tristeza para Wendy, agora pronta com John e Michael para a viagem. Agora eles estavam arrasados, não só porque estavam prestes a perdê-la, mas também porque perceberam que ela ia para um lugar agradável e que não tinham sido convidados para ir com ela. Como sempre, os garotos estavam sendo seduzidos pela novidade.

Acreditando que o que eles sentiam era algo nobre, Wendy cedeu.

— Meus queridos — disse ela —, se vocês vierem comigo, tenho quase certeza de que posso fazer meu pai e minha mãe adotarem vocês.

O convite havia sido feito especialmente para Peter; mas cada um dos garotos pensava exclusivamente em si mesmo, e no mesmo segundo começaram a pular de alegria.

— Mas eles não vão achar que damos muito trabalho? — perguntou Nibs, no meio de seu pulo.

— Ah, não — disse Wendy, pensando rapidamente. — Eles só vão precisar colocar umas camas a mais no quarto das crianças; elas podem ficar escondidas atrás dos biombos nas primeiras quintas-feiras do mês.

— Peter, podemos ir? — gritaram todos, implorando.

Eles imaginaram que, se fossem, ele iria também, mas pouco ligavam para isso. As crianças estão sempre prontas para deixar aqueles de quem gostam quando a novidade bate à porta.

— Tudo bem — respondeu Peter, com um sorriso amargo; e imediatamente eles correram para arrumar suas coisas.

— E agora, Peter — disse Wendy, pensando que estava tudo resolvido —, vou dar a você seu remédio antes de irmos.

Ela adorava dar remédio para eles e sem dúvida dava remédios em excesso. Claro, era apenas água, mas água vinha de uma cabaça, e ela sempre sacudia a cabaça e contava as gotas, o que conferia um certo ar medicinal ao processo. Nessa ocasião, porém, ela não deu as gotas para Peter, pois enquanto ela preparava os remédios viu uma expressão em seu rosto que fez seu coração acelerar.

— Arrume suas coisas, Peter — exclamou ela, tremendo.

— Não — respondeu ele, fingindo indiferença. — Eu não vou com você, Wendy.

— Vai sim, Peter.

— Não vou.

Para mostrar que a partida dela não o deixava nem um pouco chateado, ele pulou pela sala, brincando feliz com sua flauta. Ela precisou correr atrás dele, embora aquilo não fosse um comportamento muito digno.

— Vamos encontrar a sua mãe — insistiu ela.

Se Peter um dia teve mãe, ele não sentia mais falta dela. Ele podia viver muito bem sem uma mãe. Ele tinha observado as mães, e lembrava apenas das coisas ruins sobre elas.

— Não, não — disse ele para Wendy, decidido. — Talvez ela diga que eu estou velho, e eu só quero ser um garotinho para sempre e me divertir.

— Mas, Peter...

— Não.

E então ela precisou contar para os outros.

— Peter não vai.

Peter não vai! Eles olharam espantados para ele, todos com um pedaço de pau apoiado no ombro e uma trouxa amarrada ao pau. O primeiro pensamento que passou pela cabeça deles foi que se Peter não ia, ele provavelmente mudara de ideia com relação a deixá-los ir.

Mas ele era orgulhoso demais para isso.

— Se encontrarem suas mães — disse ele, perverso —, espero que gostem delas.

O terrível cinismo desta frase deixou todos desconfortáveis, e a maioria deles começou a parecer em dúvida. Afinal, seus rostos diziam, não seriam loucos de pensar em ir embora?

— Pronto — disse Peter. — Nada de choro, adeus, Wendy.

E ele segurou sua mão com alegria, como se realmente quisesse que eles partissem, pois ele tinha algo importante para fazer.

Ela precisou segurar sua mão, pois não havia nenhum sinal de que talvez ele quisesse um dedal.

— Você vai se lembrar de trocar sua roupa de baixo, Peter? — perguntou ela, demorando-se um pouco perto dele.

Ela sempre insistia muito para que eles trocassem a roupa de baixo.

— Vou.

— E vai tomar seu remédio?

— Sim.

Aquilo parecia ser tudo; e um silêncio constrangedor tomou conta do lugar. Peter, porém, não era do tipo que perde o controle na frente dos outros.

— Você está pronta, Sininho? — perguntou ele.

— Sim, sim.

— Então, vá na frente.

Sininho disparou até a árvore mais próxima. Mas ninguém foi atrás dela, pois foi nesse momento que os piratas deram início ao seu terrível ataque aos peles-vermelhas. Lá em cima, onde tudo estava quieto, o ar foi rasgado pelos gritos e pelo clamor do aço se chocando. Lá embaixo, ficou o maior silêncio. Bocas se abriram e continuaram abertas. Wendy caiu de joelhos, mas seus braços estavam estendidos para Peter. Todos os braços estavam estendidos para ele, como se houvessem sido soprados naquela direção; era uma súplica muda para que Peter não os deixasse. Quanto a Peter, ele agarrou sua espada, a mesma com a qual pensara ter matado Barbecue; e a paixão pela batalha pôde ser vista em seus olhos.



XII

AS CRIANÇAS SE TORNAM PRISIONEIRAS

O ataque dos piratas foi uma surpresa absoluta. Uma prova de que o inescrupuloso Gancho conduzira tudo de maneira indevida, pois é muito difícil um homem branco conseguir surpreender os peles-vermelhas se agir de maneira justa.

De acordo com todas as leis que regem as batalhas selvagens são sempre os peles-vermelhas que atacam e, com a sagacidade típica da raça, fazem isso logo antes do nascer do sol, quando sabem que a coragem do homem branco está em seu nível mais baixo. Os homens brancos, enquanto isso, constroem um forte malfeito no topo de uma colina ao pé da qual corre um riacho, pois estar longe da água significa derrota na certa. Lá esperam pelo massacre, os inexperientes seguram seus revólveres e pisam nos galhos que estão no chão, mas os mais velhos dormem tranquilamente até um pouco antes do raiar do dia. Durante toda a noite os selvagens rastejam como cobras pela grama sem mover uma folha. A vegetação se fecha após passarem com o mesmo silêncio com que faz a areia depois que uma toupeira entra em um buraco. Não se ouve nenhum som, a não ser quando fazem uma imitação maravilhosa do uivo do coiote solitário. O uivo é respondido por outros corajosos; e alguns deles fazem isso até melhor do que os coiotes, que não são bons nessa arte. Assim as horas geladas se passam, e o longo suspense é horivelmente difícil para o cara-pálida que precisa passar por aquilo pela primeira vez; mas, para os mais treinados, aqueles uivos terríveis e silêncios mais terríveis ainda são apenas uma prova de que a noite está chegando ao fim.



ARREMESSADO COMO FARDOS

Gancho sabia muito bem que aquele era o procedimento correto e, ao agir de forma diferente, não podia lamentar dizendo ser ignorante no assunto.

Os Piccaninnies, por sua vez, confiavam sem questionar em sua honra, e todas as suas ações nessa noite contrastaram bastante com as dele. Fizeram tudo o que era consistente com a reputação de sua tribo. Graças à agudez de sentidos que ao mesmo tempo pasma e desespera os povos civilizados, eles souberam que os piratas estavam na ilha no instante em que pisaram em um galho seco; e, em um curto espaço de tempo, os uivos de coioote começaram a ser ouvidos. Cada centímetro do terreno entre o local onde as forças de Gancho haviam desembarcado e a casa embaixo das árvores foi sorrateiramente examinado por bravos usando seus mocassins virados para trás. Encontraram apenas uma colina com um riacho na base, o que significava que Gancho não teria escolha: ali ele deveria acampar e esperar pelo amanhecer. Depois de tudo ter sido mapeado com uma esperteza quase diabólica, a maior parte dos peles-vermelhas se enrolou em seus cobertores e, com aquela indiferença que, para eles, é a maior marca de bravura, sentaram-se em cima da casa das crianças, esperando pelo momento cruel em que iam matar aquele povo.

Estavam ali sonhando, embora estivessem bem acordados, com as maravilhosas torturas pelas quais fariam Gancho passar ao raiar do dia quando foram encontrados pelo traiçoeiro capitão. Pelos relatos narrados mais tarde por aqueles que escaparam à carnificina, ele não parece nem ter parado naquela colina, embora seja certo que ele a tenha visto à luz do fim do dia. Parece que a ideia de esperar para ser atacado não passou em nenhum momento por sua mente sutil; ele nem mesmo esperou pela madrugada e atacou apenas com a intenção de partir para cima do inimigo. O que poderiam os confusos selvagens fazer, eles que eram mestres de todas as artimanhas de guerra, menos dessa, além de sair inutilmente atrás de Gancho, expondo-se fatalmente ao ataque enquanto emitiam patéticos uivos de coioote?

Em volta da corajosa Tiger Lily havia uma dúzia de seus mais fortes guerreiros e eles de repente viram os pérfidos piratas se aproximando. Naquele momento, a visão da vitória deixou de encher seus olhos. Eles não iriam mais torturar ninguém. Estavam a caminho do campo de caça agora. Eles sabiam disso; mas como eram filhos de seus pais, não deixaram de demonstrar coragem. Mesmo neste momento eles poderiam ter formado uma falange que teria sido difícil de destruir se tivessem se levantado rapidamente, mas fazer isso era proibido pelas tradições de seu povo. Está escrito que o nobre selvagem jamais deve expressar surpresa na presença do homem branco. Então, por mais terrível que a repentina aparição dos piratas tenha sido para eles, o grupo permaneceu parado por um momento, sem mexer um músculo sequer; como se o inimigo tivesse sido convidado para estar ali. Só depois, com a tradição bravamente mantida, alcançaram suas armas, e um grito de guerra ressoou pelos ares, mas agora era tarde demais.

Não cabe a mim descrever o que foi um massacre e não uma luta. Assim pereceram alguns dos maiores guerreiros da tribo dos Piccaninnies. Mas suas mortes foram vingadas, pois Lean Wolf matou Alf Mason, que não mais atrapalharia ninguém nas colônias espanholas; e entre os que bateram as botas estavam Geo. Scourie, Chas. Turley, e Alsatian Foggerty. Turley foi morto pela machadinha do terrível Panther, que acabou conseguindo atravessar as hordas de piratas junto com Tiger Lily e os poucos sobreviventes da tribo.

Até que ponto Gancho vai ser considerado culpado por sua tática nessa ocasião é uma decisão que cabe aos historiadores. Se ele tivesse esperado na colina até o horário apropriado, seus homens e ele provavelmente teriam sido massacrados; e ao julgá-lo será justo levar isso em consideração. O que ele talvez devesse ter feito era contar aos adversários que pretendia usar um novo método de ataque. Por outro lado, ao destruir o elemento surpresa, sua estratégia seria inútil e por isso é muito difícil decidir essa questão. Por mais relutante que alguém possa se sentir, não há como deixar de admirar sua inteligência que concebeu um plano tão ousado, e a genialidade com que o plano foi executado.

Quais foram os sentimentos de Gancho naquele momento triunfante? Seus capangas teriam adorado saber quando, com a respiração ofegante e limpando os cutelos, se juntaram a uma distância discreta do gancho do capitão, apertando seus olhos para ver melhor aquele homem extraordinário. Ele devia estar se sentindo radiante por dentro, mas seu rosto não demonstrava isso. Gancho sempre foi um enigma cruel e solitário, e ele se manteve distante de seus seguidores não apenas física, mas também espiritualmente.

O trabalho da noite ainda não havia terminado, pois ele não viera destruir os peles-vermelhas; eles eram apenas as abelhas que precisavam ser enxotadas para que se pudesse chegar até o mel. Ele queria Peter Pan, Peter Pan, Wendy e seu bando, mas principalmente Peter Pan.

Peter era um menino tão pequeno que até causa espanto o ódio que o homem sentia por ele. É verdade que ele havia jogado o braço de Gancho para o crocodilo; mas até mesmo isso e a insegurança que isso causava, devido à obstinação do crocodilo, não explicavam uma vontade de vingança tão maligna e implacável. A verdade é que havia algo em Peter que provocava o capitão até deixá-lo enlouquecido. Não era sua coragem, não era sua

aparência encantadora, não era... Não podemos mais enrolar, pois sabemos muito bem qual era o problema, e precisamos contar. O que incomodava era o fato de Peter ser tão arrogante.

Isso irritava muito Gancho; fazia sua garra de ferro se contorcer, e à noite o incomodava como se fosse um mosquito. Enquanto Peter estivesse vivo, o homem torturado se sentia como um leão preso em uma jaula observando um passarinho voando.

A questão agora era como descer pelas árvores, ou como fazer com que seus capangas descessem? Ele passou seus olhos famintos por elas, procurando pelas menores. Elas se remexeram, desconfortáveis, pois sabiam que ele não teria escrúpulos em derrubá-las.

Enquanto isso, onde estavam os garotos? Nós os vimos quando foram ouvidos os primeiros sons das armas, e se transformaram em estátuas de pedra, com a boca aberta, implorando com os braços estendidos para Peter; e voltamos para eles agora com as bocas fechadas e braços caídos. O pandemônio lá de cima cessou quase tão subitamente quanto começou, passou como uma terrível rajada de vento; mas eles sabem que, ao passar, selou seu destino.

Que lado venceu?

Os piratas, ouvindo ávidos nos troncos da árvore, escutaram a pergunta feita por cada garoto e, infelizmente, também escutaram a resposta de Peter.

— Se os peles-vermelhas ganharam — disse ele —, vão bater no tambor. Eles sempre fazem isso em sinal de vitória.

Smee havia encontrado o tambor dos peles-vermelhas e estava sentado nele.

— Vocês nunca vão ouvir o barulho do tambor de novo — murmurou ele.

Mas murmurou bem baixinho, é claro, pois o silêncio era absoluto. Para seu espanto, Gancho sinalizou para que ele batesse no tambor e, devagar, Smee começou a entender a perversidade da ordem. Nunca, provavelmente, esse homem simples admirou tanto Gancho como naquele momento.

Smee bateu duas vezes no tambor e então parou para escutar, radiante.

— O tambor! — gritou Peter, enquanto os vilões ouviam. — Vitória dos índios!

As malfadadas crianças deram vivas que soaram como música para os corações malignos lá em cima e quase imediatamente voltaram a se despedir de Peter. Isso intrigou os piratas, mas todos os seus outros sentimentos foram engolidos pela alegria de saber que o inimigo estava prestes a sair pelas árvores. Eles sorriram uns para os outros e esfregaram as mãos. Gancho rapidamente e em voz alta deu suas ordens: um homem em cada árvore, e os outros deviam formar uma fileira a dois metros de distância.



XIII

VOCÊ ACREDITA EM FADAS?

O mais rápido que conseguir contar o terror que aconteceu, melhor. O primeiro a sair da árvore foi Curly. Ele saiu e caiu direto nos braços de Cecco, que o jogou para Smee, que o jogou para Starkey, que o jogou para Bill Jukes, que o jogou para Noodler, e assim ele foi jogado de um para outro até chegar aos pés do pirata. Todos os garotos foram tirados de suas árvores dessa maneira cruel e vários deles foram jogados ao ar ao mesmo tempo, como sacos de farinha que são jogados de uma pessoa para outra.

Wendy recebeu um tratamento diferente, e ela subiu por último. Com uma polidez irônica, Gancho tirou o chapéu para ela e, oferecendo seu braço, acompanhou-a até o lugar onde os outros haviam sido jogados. Ele fez isso com tal ar de grandeza e foi tão absurdamente distinto que ela estava fascinada demais para gritar. Ela era apenas uma garotinha.

Talvez eu esteja sendo fofoqueiro ao dizer que por um momento Wendy ficou hipnotizada por Gancho, e só digo isso porque essa escorregadela gerou um resultado estranho. Se ela tivesse tentado se desvencilhar dele (e eu adoraria escrever isso sobre ela), ela teria sido lançada no ar como os outros, e então Gancho provavelmente não estaria presente no momento em que as crianças foram amarradas; e se ele não estivesse presente no momento em que as crianças estavam sendo amarradas ele não teria descoberto o segredo de Slightly, e sem descobrir o segredo ele não teria conseguido cometer o vil atentado contra a vida de seu inimigo, Peter.

Eles foram amarrados para que não saíssem voando, foram colocados com os joelhos encostados nas orelhas e, para prendê-los, o pirata cortou uma corda em nove pedaços iguais. Tudo correu bem até chegar a vez de Slightly, que acabou se revelando ser como um daqueles pacotes irritantes que tentamos amarrar com um barbante, mas o barbante acaba e depois de dar a volta não sobra um pedaço sequer para dar o nó. Os piratas o chutaram com raiva, assim como você chutaria o pacote (embora, para ser justo, devêssemos chutar o barbante); e, por mais estranho que pareça, foi Gancho quem os mandou parar com a violência. Havia um sorriso triunfal e maléfico em seu rosto. Enquanto seus capangas estavam apenas cansados, pois sempre que tentavam amarrar o infeliz de um lado ele sobrava do outro, o poderoso cérebro de Gancho enxergou muito além da superfície de Slightly, pensando não no efeito, mas na causa; e sua exultação mostrava que ele a encontrara. Slightly, branco até a raiz dos cabelos, sabia que

Gancho havia descoberto seu segredo. O segredo era que nenhum menino gordo como ele poderia usar uma árvore onde um homem de tamanho médio não caberia. O pobre Slightly, que agora era a mais miserável das crianças devido ao pânico que sentia por Peter, arrependeu-se amargamente do que havia feito. Ele era viciado em beber água quando estava com calor, e por isso havia inchado até atingir sua presente circunferência e, em vez de diminuir de tamanho para caber em sua árvore, sem que os outros soubessem, talhou sua árvore para que ela ficasse do tamanho adequado para ele.

Gancho percebeu isso e acreditou que Peter estava, finalmente, à sua mercê. Mas não disse nem uma palavra sobre o plano que se formou nas cavernas subterrâneas de sua mente; apenas fez um sinal para os piratas, indicando que deveriam levar os prisioneiros para o navio e deixá-lo ali sozinho.

Como fazer para levar os garotos? Amarrados daquele jeito, eles podiam até ser rolados colina abaixo como barris, mas a maior parte do caminho era coberta por um pântano. Mais uma vez, a genialidade de Gancho ajudou a vencer a dificuldade. Ele indicou que a casinha de Wendy podia ser convenientemente usada. As crianças foram jogadas lá dentro, quatro piratas fortes a apoiaram em seus ombros, os outros seguiram atrás e, cantando aquela terrível canção dos piratas, a estranha procissão começou a atravessar a floresta. Eu não sei dizer se havia alguma criança chorando; se sim, a música abafou o som. Mas, conforme a casinha foi desaparecendo na floresta, uma corajosa, mas minúscula nuvem de fumaça saiu pela chaminé, como que desafiando Gancho.

Gancho viu a fumaça e isso foi ruim para Peter. Fez secar qualquer pingo de piedade que por acaso ainda pudesse restar no coração enfurecido do pirata.

A primeira coisa que ele fez ao se ver sozinho na floresta enquanto a noite caía rápido ao seu redor foi ir pé ante pé até a árvore de Slightly e certificar-se de que podia mesmo entrar na casa por ela. Depois, ele ficou um longo tempo refletindo, com seu chapéu sobre a grama, para que uma leve brisa que surgira pudesse bagunçar seus cabelos e refrescá-lo. Embora seus pensamentos fossem sombrios, seus olhos continuavam com o azul suave do céu diurno. Gancho escutou com atenção para ver se ouvia algum som vindo das profundezas, mas lá embaixo, assim como ali em cima, tudo era silêncio. A casa embaixo da terra parecia ser apenas outro lar

abandonado no vazio. Será que o menino estava dormindo ou será que estava esperando ao pé da árvore de Silghtly com a adaga na mão?

Não havia como saber, a não ser descendo. Gancho deixou que sua capa deslizesse suavemente até o chão e então, mordendo os lábios até que uma gota de sangue escorresse deles, ele entrou na árvore. Ele era um homem corajoso; mas por um momento precisou parar e limpar a testa, que pingava como uma vela acesa. Então, silenciosamente, aventurou-se pelo desconhecido.

Chegou ileso ao fundo da árvore e ficou parado novamente, recuperando o fôlego que praticamente abandonara seu corpo. Quando seus olhos se acostumaram à luz fraca, ele começou a enxergar o formato de vários objetos da casa embaixo da árvore; mas o único que o capitão ficou olhando com olhos gulosos, o único que ele procurava há tanto tempo e que afinal fora encontrado, estava na grande cama. Na cama dormia Peter, profundamente.

Sem saber da tragédia que acontecera acima, Peter continuou, durante algum tempo depois de as crianças terem ido embora, a tocar sua flauta alegremente. Com certeza aquela era uma tentativa desesperada de provar para si mesmo que ele não se importava com o fato de eles terem ido embora. Então ele decidiu não tomar seu remédio, só para chatear Wendy. E deitou-se na cama, por cima do cobertor, para chateá-la ainda mais; pois ela sempre os colocava embaixo dele, pois nunca se sabe se você vai sentir frio durante a noite. Então ele quase chorou; e depois pensou que Wendy ficaria indignada se ele risse em vez disso; então ele soltou uma risada bem alta e caiu no sono bem no meio dela.

Às vezes, embora não sempre, ele sonhava, e eram sonhos mais dolorosos do que os sonhos dos outros meninos. Durante horas ele não conseguia sair desses sonhos, embora gemesse de um jeito horrível enquanto estava neles. Eles tinham a ver, eu acho, com o mistério que é a sua existência. Algumas vezes Wendy costumava tirá-lo da cama e sentava-se com ele em seu colo, acalmando-o de uma maneira carinhosa que ela própria inventara, e quando ele melhorava ela o colocava de volta na cama antes que ele realmente acordasse, assim ele não tomava conhecimento da indignidade à qual fora submetido. Mas nessa ocasião ele havia caído direto em um sono sem sonhos. Um de seus braços pendia na beirada da cama, uma perna estava dobrada, e a risada que ele não terminou de soltar estava pendurada em sua boca, que estava aberta, mostrando seus dentes.

Gancho o encontrou assim, indefeso. Ele ficou parado em silêncio no pé da árvore, olhando para o inimigo deitado na cama. Será que ele não sentiu nem uma pontinha de compaixão perturbando seu coração sombrio? O homem não era de todo mal; ele amava flores (me disseram) e música (inclusive tocava cravo muito bem); e, deixe-me admitir com franqueza, a natureza idílica da cena o tocou profundamente. Dominado pelo seu lado melhor ele teria voltado para cima relutante, se não fosse por uma coisa.

O que o fez ficar foi a aparência impertinente de Peter enquanto dormia. A boca aberta, o braço caído, a perna dobrada; tudo aquilo era a personificação da arrogância que ninguém espera que volte a ser vista por olhos tão sensíveis a uma ofensa como essa. Isso gelou o coração de Gancho. Se a raiva o houvesse quebrado em cem pedaços, cada um desses pedaços teria pulado em cima daquele que dormia.

Embora uma luz de um único lampião iluminasse a cama, Gancho estava na escuridão, e ao dar o primeiro passo para a frente, descobriu um obstáculo: a porta da árvore de Slightly. A porta não cobria todo o buraco da árvore, e Gancho até então olhava por cima dela. Tateando à procura do trinco, descobriu, furioso, que ele ficava lá embaixo, fora de seu alcance. Para seu cérebro perturbado pareceu que o rosto e a postura de Peter haviam ficado ainda mais arrogantes, e ele sacudiu a porta e se atirou contra ela. Será que o inimigo ia acabar escapando?

Mas o que era aquilo? Seus olhos enxergaram o remédio de Peter em uma prateleira de fácil alcance. Ele logo entendeu o que era e soube que o dorminhoco estava em seu poder.

Para não ser capturado vivo, Gancho sempre carregava um vidro com uma droga poderosa, uma mistura criada por ele mesmo e feita de todas as substâncias mortais que já encontrara. Os ingredientes eram fervidos e se transformavam em um líquido amarelo bastante desconhecido pela ciência, e provavelmente era o veneno mais virulento que existia.

Ele colocou cinco gotas desse veneno na caneca de Peter. Sua mão tremia, mas era de exultação e não de vergonha. Ao fazer isso, Gancho evitou olhar para o garoto que dormia, não com receio de que a piedade o fizesse perder a coragem, mas apenas para não derrubar. Então lançou um olhar demorado e triunfal para sua vítima e, virando-se, rastejou com dificuldade árvore acima. Quando surgiu no topo, parecia mesmo a alma do mal saindo de sua cova. Colocou o chapéu no ângulo mais malvado, se enroscou em sua capa, segurando uma ponta na frente como se quisesse

esconder o corpo da noite, da qual ele próprio era a parte mais sombria e, murmurando de um jeito esquisito para si mesmo, foi embora desaparecendo entre as árvores.

Peter continuou dormindo. A luz tremulou e apagou, deixando a casa no escuro; mas ele ainda dormia. Já devia ser dez horas da noite no relógio do crocodilo quando ele de repente pulou na cama e se sentou, sem saber por que acordara. Ele ouviu batidas suaves e hesitantes na porta de sua árvore.

Suaves e hesitantes; mas naquele silêncio, eram sinistras. Peter procurou sua adaga e segurou-a com força. E então perguntou:

— Quem é?

Não houve resposta, e então uma nova batida.

— Quem está aí?

Nenhuma resposta.

Ele ficou arrepiado, e ele adorava ficar arrepiado. Com dois passos alcançou a porta. Diferente da porta de Slightly, essa ocupava todo o buraco, então ele não conseguia enxergar ninguém por cima dela, assim como a pessoa que batia na porta não conseguia vê-lo.

— Não vou abrir se você não disse quem é — gritou Peter.

Então, por fim, o visitante falou, com sua adorável voz que parecia um tilintar de sino.

— Me deixe entrar, Peter.

Era Sininho e ele abriu a porta rapidamente para ela. Ela voou agitada, seu rosto estava vermelho e seu vestido manchado de lama.

— O que aconteceu?

— Ah, você não vai adivinhar — exclamou ela, e lhe deu três chances para adivinhar.

— Diga logo! — gritou ele.

E em uma frase bem confusa, tão longa quanto aquela corda de lenços que os mágicos tiram de dentro da boca, ela contou a ele sobre a captura de Wendy e dos garotos.

O coração de Peter batia acelerado enquanto ele ouvia. Wendy amarrada, e em um navio pirata; ela, que gostava de tudo tão organizado!

— Vou resgatá-la! — exclamou ele, dando um salto para alcançar suas armas.

Quando ele deu o pulo pensou que podia fazer uma coisa para deixar Wendy feliz. Ele podia tomar seu remédio.

Sua mão agarrou o líquido fatal.

— Não! — gritou Sininho, que ouvira Gancho resmungar falando sobre seu feito enquanto andava pela floresta.

— Por que não?

— Está envenenado.

— Envenenado? Quem envenenou o remédio?

— Gancho.

— Não seja tola. Como Gancho viria até aqui?

Infelizmente, Sininho não sabia explicar isso, pois nem ela conhecia o segredo da árvore de Slightly. De qualquer maneira, as palavras de Gancho não deixaram espaço para dúvidas. O frasco estava envenenado.

— Além disso — disse Peter, realmente acreditando no que dizia —, eu nem dormi.

Ele levantou o frasco. Não havia tempo para discussão agora; era hora de agir; e com um de seus movimentos rápido Sininho entrou entre seus lábios e o frasco e bebeu até a última gota.

— Ora, Sininho, como você se atreve a tomar o meu remédio?

Mas ela não respondeu. Ela já estava cambaleando no ar.

— O que está acontecendo com você? — gritou Peter, sentindo um medo repentino.

— Fui envenenada, Peter — disse ela, baixinho. — Agora vou morrer.

— Ah, Sininho, você bebeu o remédio para me salvar?

— Sim.

— Mas, por que, Sininho?

As asinhas de Sininho mal podiam sustentá-la agora, mas, em resposta, ela pousou no ombro de Peter, deu uma mordidinha carinhosa no queixo dele e sussurrou em seu ouvido:

— Seu imbecil.

E então, caminhando com dificuldade até seu quarto, deitou-se na cama.

Sua cabeça ocupou quase toda a quarta parede do quartinho quando ele se ajoelhou perto dela. A cada segundo sua luz ficava mais fraca; e ele sabia que se ela se apagasse ela morreria. Ela gostava tanto das lágrimas dele que esticou seus lindos dedinhos e deixou que elas escorressem sobre eles.

Sua voz estava tão baixa que primeiro ele não conseguia entender o que ela dizia. Depois ele entendeu. Ela dizia que achava que poderia se recuperar se as crianças acreditassem em fadas.

Peter abriu os braços. Não havia crianças ali, e era noite; mas ele falou com todas aquelas que talvez estivessem sonhando com a Terra do Nunca, e que estavam, portanto, mais perto dele do que você pode imaginar. Meninos e meninas de pijama, e indiozinhos nus em suas cestas penduradas nas árvores.

— Vocês acreditam? — gritou ele.

Sininho sentou-se na cama bem depressa para ouvir qual seria o seu destino.

Ela achou ter ouvido respostas afirmativas e então, mais uma vez, não teve certeza.

— O que você acha? — perguntou para Peter.

— Se vocês acreditam — gritou ele para as crianças —, batam palmas! Não deixem a Sininho morrer.

Muitos bateram palmas.

Alguns não bateram.

Poucos monstros fizeram caretas.

As palmas cessaram de repente; como se várias mães houvessem entrado correndo nos quartos de seus filhos para ver o que estava acontecendo. Mas Sininho já estava salva. Primeiro, sua voz ficou mais forte, depois ela se levantou da cama; e então disparou pela casa, mais alegre e danada do que nunca. Sininho nunca pensou em agradecer àqueles que acreditaram na existência das fadas, mas ela teria gostado de pegar aqueles que fizeram careta.

— E agora, vamos salvar Wendy.

A lua galopava em um céu nublado quando Peter saiu de dentro de sua árvore, carregado de armas e quase nu, para cumprir sua perigosa missão. Para ele, teria sido melhor se a noite estivesse diferente. Peter queria ir voando, mantendo-se sempre perto do chão para que nada de anormal passasse despercebido; mas se voasse baixo naquela luz trêmula, sua sombra apareceria nas copas das árvores, perturbando os pássaros e denunciando sua presença para qualquer inimigo que estivesse atento.

Ele se arrependeu agora de ter dado nomes tão estranhos aos pássaros da ilha, tornando-os tão selvagens e ariscos.

A única alternativa era atravessar a floresta como os peles-vermelhas faziam, técnica que Peter, felizmente, conhecia muito bem. Mas em que direção, já que ele não tinha certeza se as crianças haviam sido levadas para o navio? Um pouco de neve havia caído, apagando todas as pegadas do

chão; e na ilha inteira havia um silêncio de morte, como se durante algum tempo a própria natureza estivesse paralisada de horror diante da recente carnificina. Ele havia ensinado para as crianças alguns dos truques da floresta que aprendera com Tiger Lily e Sininho e sabia que, naquele momento difícil, elas não iam esquecê-los. Slightly, se tivesse oportunidade, faria alguma marca nas árvores; Curly jogaria sementes no chão; e Wendy deixaria seu lenço em algum lugar importante. Mas era preciso que amanhecesse para que Peter conseguisse procurar por esses sinais, e ele não podia esperar. O mundo lá de cima o chamara, mas não o ajudaria.

O crocodilo passou por ele, mas não viu nenhuma outra criatura, não ouviu nenhum som, nenhum movimento; e ainda assim sabia muito bem que a morte súbita podia estar aguardando na próxima árvore, ou espreitando-o pelas costas.

Ele fez um terrível juramento:

— Dessa vez, é o Gancho ou eu.

Ele seguiu em frente rastejando como se fosse uma cobra, depois em pé e disparou por uma clareira iluminada pela lua brincando. Tinha um dedo sobre os lábios e a adaga pronta para ser usada. Ele estava assustadoramente feliz.

OceanofPDF.com



XIV

O NAVIO PIRATA

Uma luz verde piscando sobre o Kidds's Creek, que fica perto da foz do rio dos piratas, marcava o local onde estava ancorado o navio Jolly Roger. Era uma embarcação fétida de popa a proa, detestável em cada uma de suas vigas, como um chão coberto de penas estraçalhadas. Era o canibal dos mares, e não precisava de vigias, pois flutuava imune graças ao horror que seu nome evocava.

A embarcação estava envolta pelo manto da noite, que impedia que qualquer som vindo dela chegasse à costa. Quase não havia som ali, e o único barulho que se ouvia era o ronco da máquina de costura do navio, onde estava sentado Smee, sempre trabalhador e rotineiro, o patético Smee. Não sei por que ele era tão patético, a menos que fosse por ele ser tão pateticamente inconsciente disso; mas mesmo os homens fortes tinham que desviar depressa o olhar quando o encontravam e, em mais de uma ocasião, em noites de verão, ele tocara a fonte das lágrimas de Gancho e o fez derramá-las. Ele não tinha a menor ideia disso, nem de todo o resto.

Alguns dos piratas estavam debruçados no navio inalando a atmosfera fétida da noite; outros estavam esparramados sobre barris, jogando baralho ou dados; e os quatro que haviam carregado a casinha tinham desabado de exaustão no convés onde, mesmo dormindo, rolavam habilmente para um lado ou para o outro para escapar de Gancho, pois não queriam correr o risco de levar uma arranhada distraída quando ele passasse por eles.

Gancho caminhava pelo convés. Que homem imprevisível. Era o seu momento de triunfo. Peter havia sido retirado para sempre de seu caminho, e todos os seus garotos estavam no navio, prestes a caminhar na prancha. Aquele era seu feito mais implacável desde os dias em que fizera Barbecue ajoelhar-se aos seus pés; e sabendo, como nós sabemos, o quanto os homens são vaidosos, teríamos ficado surpresos se ele estivesse agora caminhando trôpego pelo convés, zonzinho de alegria graças ao seu sucesso?

Mas não havia alegria em seus movimentos, que estavam em sintonia com sua mente sombria. Gancho sentia uma profunda melancolia.

Ele muitas vezes ficava assim quando andava de um lado para o outro no navio na quietude da noite. Isso porque ele era terrivelmente só. Esse homem inescrutável se sentia mais sozinho do que nunca quando estava rodeado por seus capangas. Socialmente, eles eram tão inferiores a ele.

Gancho não era seu nome verdadeiro. Revelar quem ele realmente era, mesmo hoje, deixaria todos espantados; mas aqueles que sabem ler nas entrelinhas já devem ter adivinhado que o capitão estudou em uma escola

bastante famosa; e as tradições do lugar ainda podiam ser observadas em suas roupas, que, aliás, são muito importantes para as tradições. Portanto, para ele, era ofensivo hoje embarcar em um navio usando a mesma roupa com a qual o atacou; e ele ainda se movia com o andar característico dos alunos da tal escola.

Mas, acima de tudo, ele manteve a paixão pelos bons modos.

Bons modos! Por mais que Gancho houvesse se degenerado, ele ainda sabia que eles são a única coisa que realmente importa.

Nas profundezas de seu ser ele ouviu um barulho parecido com o de uma porta enferrujada, e então ouviu batidas, como marteladas no meio da noite, quando não conseguimos dormir.

— Você se comportou hoje? — Era a pergunta que ele ouvia internamente.

— Fama, fama, essa joia tão gloriosa, é minha! — gritou ele.

— E por acaso ter fama é ter bons modos? — respondiam as marteladas.

— Sou o único homem que Barbecue temia — respondeu ele —; e até Flint tinha medo de Barbecue.

— Barbecue, Flint... onde eles estudaram? — voltava a pergunta.

A reflexão mais inquietante de todas era se não era ruim ficar pensando em bons modos.

Esse problema era uma tortura para ele. Era como uma garra dentro dele, mais afiada do que a garra de ferro; e ela o rasgava, e enquanto ele pensava nisso o suor pingava de seu rosto e molhava seu gibão. Por várias vezes ele passou a manga no rosto, mas não havia como fazer o suor parar de escorrer.

Ah, não tenham inveja de Gancho.

De repente ele teve um pressentimento de que logo não existiria mais. Era como se o terrível juramento de Peter tivesse embarcado no navio. Gancho sentiu um triste desejo de fazer seu último pronunciamento, para o caso de em breve ele não ter mais tempo para fazer isso.

— Seria melhor para o Gancho — exclamou ele —, se ele fosse menos ambicioso.

Apenas nas horas mais sombrias é que ele se referia a si mesmo na terceira pessoa.

— Nenhuma criancinha gosta de mim.

É estranho que ele pensasse isso, pois era algo que nunca o incomodara antes; talvez a máquina de costura tenha trazido isso para a sua cabeça. Durante bastante tempo ele murmurou para si mesmo, olhando para Smee, que estava placidamente fazendo uma bainha, com a convicção de que todas as crianças tinham medo dele.

Medo dele! Medo de Smee! Não havia uma criança a bordo do navio naquela noite que já não o amasse. Ele havia dito coisas terríveis a elas, e batera em todas com a palma de sua mão, porque ele não conseguia bater nelas com os punhos fechados; mas eles apenas se agarraram mais a ele. Michael havia até experimentado seus óculos.

Contar ao pobre Smee que eles o achavam adorável! Gancho queria muito contar a ele, mas parecia maldade demais. Em vez disso ele ficou remoendo o mistério em sua cabeça: por que eles acham o Smee adorável? Ele perseguia aquele mistério como o cão farejador que era. Se Smee era adorável, ele era o quê? Uma resposta terrível surgiu de repente: bons modos?

Será que o Smee tinha bons modo sem saber? Esse era o melhor de todos os bons modos.

Ele se lembrou de que é necessário provar que você não sabe que tem bons modos antes de entrar no clube dos populares da escola.

Com um grito de raiva ele levantou sua mão de ferro sobre a cabeça de Smee; mas não o machucou. O que o impediu de fazer isso foi o seguinte pensamento: “Matar um homem por ele ter bons modos? O que seria isso?”.

“Maus modos!”

O infeliz Gancho estava tão impotente quanto suado, e caiu no chão como uma flor quando é cortada do caule.

Seus capangas achavam que ele tinha se recolhido por um tempo e instantaneamente relaxaram na disciplina; e começaram uma dança frenética, o que fez Gancho levantar-se rapidamente. Todos os traços da fraqueza humana haviam desaparecido, como se um balde de água fria tivesse sido jogado sobre seu corpo.

— Silêncio, seus animais! — gritou ele. — Ou lanço a âncora em vocês.

E rapidamente todos fizeram silêncio.

— Todas as crianças estão acorrentadas para que não possam sair voando?

— Sim, sim.

— Então tragam-nas aqui.

Os infelizes prisioneiros foram arrastados para fora de seu abrigo, todos menos Wendy, e foram colocados em fila na frente dele. Durante algum tempo ele pareceu não notar a presença deles. Ficou andando calmamente de um lado para o outro, cantarolando, com uma certa melodia, pedaços de uma música feia, e embaralhando cartas de um baralho. De vez em quando a brasa de seu charuto dava um toque de cor a seu rosto.

— Muito bem, seus danadinhos — disse ele, rapidamente. — Seis de vocês vão andar na prancha hoje, mas tenho vaga para dois novos piratas. Quem se candidata?

“Não o irrite sem necessidade”, Wendy havia dito a eles enquanto estavam com ela; então Tootles deu um passo à frente educadamente. Tootles detestava a ideia de trabalhar para um homem como aquele, mas o instinto disse a ele que seria prudente jogar a responsabilidade em alguém que não estivesse ali; e embora fosse um garoto um tanto tolo, ele sabia que as mães estão sempre dispostas a assumir a responsabilidade por tudo. Todas as crianças sabem que as mães são assim e, apesar de desprezá-las por isso, usam essa desculpa o tempo todo.

Então, Tootles explicou, com prudência:

— Veja bem, capitão, não acho que minha mãe gostaria que eu me tornasse um pirata. Sua mãe ia gostar que você virasse um pirata, Slightly?

Ele piscou para Slightly, que disse, com tristeza, como se ele desejasse que as coisas tivessem sido diferentes:

— Acho que não. Sua mãe ia gostar que você virasse pirata, Gêmeo?

— Acho que não — respondeu o primeiro gêmeo, tão esperto quanto os outros. — Nibs, a sua mãe...

— Parem com essa bobagem — rugiu Gancho.

E os garotos foram arrastados para trás.

— Você, garoto — disse ele dirigindo-se a John —, você parece que tem um pouco de coragem. Você nunca quis ser um pirata, meu querido?

John já sentira vontade de ser pirata às vezes, durante as aulas de matemática, e ficou intrigado por Gancho tê-lo escolhido.

— Uma vez eu me lembro de ter usado o nome de Jack, o pirata — disse ele, envergonhado.

— E é mesmo um bom nome. Vamos chamar você assim, rapaz, se você se juntar a nós.

— O que você acha disso, Michael? — perguntou John.

— Como vocês me chamariam se eu me juntasse a vocês? — questionou Michael.

— Joe Barba Negra.

Michael ficou impressionado.

— O que você acha, John?

Ele queria que John decidisse, e John queria que ele decidisse.

— Ainda seremos súditos obedientes ao Rei? — perguntou John.

Por entre os dentes cerrados de Gancho saiu a resposta:

— Vocês teriam que jurar e dizer “abaixo o rei”!

Talvez John não tivesse se comportado muito bem até então, mas, naquele momento, ele se portou muito bem.

— Então eu recuso — exclamou ele, dando um tapa no barril que estava à frente de Gancho.

— E eu recuso também — exclamou Michael.

— Viva a Inglaterra! — gritou Curly.

Os piratas furiosos lhe deram tapas na boca; e Gancho gritou:

— Isso sela o destino de vocês. Tragam a mãe deles. Preparem a prancha.

Eles eram apenas garotos, e ficaram brancos quando viram Jukes e Cecco prepararem a prancha mortal. Mas tentaram parecer corajosos quando Wendy foi trazida para junto deles.

Não consigo encontrar palavras para contar a vocês o quanto Wendy desprezava aqueles piratas. Para os meninos os piratas podiam até ter algum glamour; mas a única coisa que ela enxergava era que ninguém fazia uma faxina no navio há anos. Não havia um pedacinho nos vidros embaçados do navio onde não era possível escrever, com a ponta de seu dedo, “porco nojento”; e ela já havia escrito isso em várias partes do vidro. Mas quando os garotos se reuniram em volta dela a garota só conseguia pensar neles.

— Minha linda — disse Gancho, como se falasse com a boca cheia de mel —, você está aqui para ver seus filhos andarem na prancha.

Embora ele fosse um cavalheiro refinado, a intensidade de seus pensamentos o fizera suar muito, molhando sua gola de renda, e logo ele percebeu que ela estava reparando nisso. Com um rápido gesto ele tentou esconder a gola, mas era tarde demais.

— Eles vão morrer? — perguntou Wendy, com um olhar de tamanho desprezo que o capitão quase desmaiou.

— Vão — respondeu ele. — Silêncio! — gritou ele, com ar de superioridade. — Vamos ouvir as últimas palavras de uma mãe para seus filhos.

Neste momento Wendy foi grandiosa.

— Estas são minhas últimas palavras, queridos meninos — disse ela, com firmeza. — Sinto que tenho uma mensagem para vocês de suas verdadeiras mães e a mensagem é a seguinte: “Esperamos que nossos filhos morram como valentes cavalheiros ingleses”.

Até mesmo os piratas ficaram impressionados; e Tootles gritou, histérico:

— Vou fazer o que minha mãe espera que eu faça. E você, o que vai fazer, Nibs?

— O que minha mãe espera que eu faça. E você, o que vai fazer, Gêmeo?

— O que minha mãe espera que eu faça. John, e você, o que vai...

Mas Gancho encontrou sua fala novamente.

— Amarrem a menina — gritou ele.

Foi Smee quem a amarrou ao mastro.

— Veja só, minha querida — sussurrou ele —, salvarei você se prometer ser minha mãe.

Mas nem mesmo Smee conseguiria fazer com que ela promettesse tal coisa.

— Eu quase preferiria não ter filhos — disse ela com desdém.

É triste saber que nenhum garoto estava olhando para ela quando Smee a amarrou ao mastro. Os olhos de todos eles estavam voltados para a prancha; para aquela última caminhada que eles estavam prestes a realizar. Eles não eram mais capazes de pensar que andariam por ela com coragem, pois a capacidade de pensar os havia abandonado; eles só conseguiam olhar para a prancha e tremer.

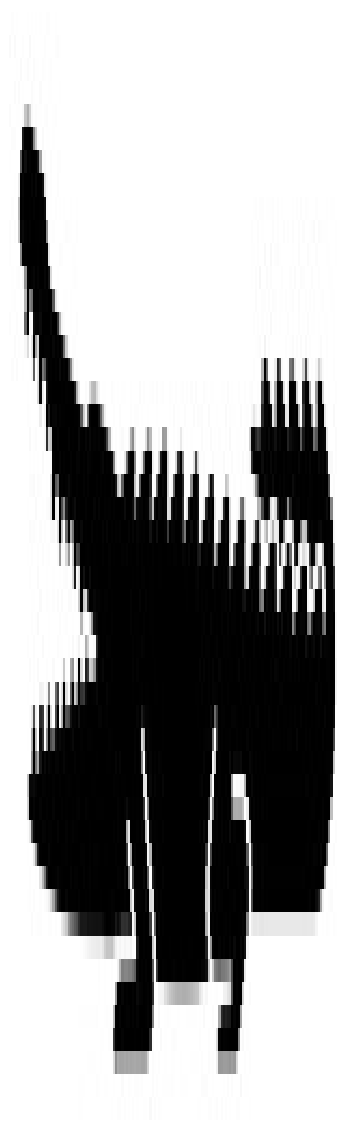
Gancho sorriu com os dentes serrados e deu um passo na direção de Wendy. Ele queria que ela virasse o rosto para ver os garotos caminhando na prancha, um por um. Mas ele nunca chegou perto dela, nunca ouviu o grito de angústia que ele esperava que saísse de sua boca. Ouviu, sim, uma outra coisa.

O terrível **tique-taque** do crocodilo.

Todos ouviram, os piratas, os garotos, Wendy. Imediatamente todos voltaram sua atenção para uma única direção; não para a água, de onde vinha

o som, mas para Gancho. Todos sabiam que o que estava prestes a acontecer só dizia respeito a ele, e de atores eles repentinamente se tornaram espectadores.

Foi terrível ver a mudança que se assolou sobre ele. Era como se ele tivesse levado um soco em cada uma de suas juntas. Ele desabou no chão.



O barulho estava cada vez mais próximo; e antes dele vinha o pensamento: “O crocodilo está prestes a embarcar no navio.”

Até mesmo a garra de ferro pendia inútil, como se soubesse que não era parte intrínseca do que o atacante queria. Largado daquela maneira tão assustadoramente sozinho, qualquer outro homem teria fechado os olhos ao cair. Mas o cérebro gigante de Gancho ainda trabalhava, e sob seu comando ele engatinhou pelo convés afastando-se o máximo que conseguia do local de onde o barulho vinha. Os piratas respeitosamente abriram passagem para ele, e ele só falou quando chegou à borda:

— Escondam-me! — gritou ele com a voz rouca.

Eles se juntaram em volta dele; todos desviando o olhar da coisa que subia no navio. Eles não tinham intenção de lutar contra ele. Aquele era seu destino.

Foi apenas depois de Gancho ter sido escondido que a curiosidade tomou conta dos meninos e eles correram até a beirada do navio para ver o crocodilo subindo. Eles tiveram a mais inacreditável de todas as surpresas da Noite das Noites, pois não havia nenhum crocodilo vindo em sua direção. Quem subia era Peter.

Ele sinalizou para que os meninos não reagissem de maneira suspeita. E assim ele continuou a fazer o barulho do

TIQUE - TAQUE.

OceanofPDF.com



XV

“DESSA VEZ, É O GANCHO OU EU”

Coisas estranhas acontecem com todos nós ao longo da vida sem que consigamos perceber por um tempo que elas aconteceram. Assim, por exemplo, de repente percebemos que somos surdos de um ouvido sem saber há quanto tempo isso aconteceu e já fazer, digamos, meia hora. E tal experiência acontecera naquela noite com Peter. Quando o vimos pela última vez ele estava atravessando furtivamente a ilha com um dedo nos lábios e a adaga pronta para ser usada. Ele vira o crocodilo passar sem notar nada de peculiar nele. mas, aos poucos, percebeu que ele não estava fazendo o barulho de tique-taque. Primeiro achou aquilo esquisito, mas logo concluiu que o relógio havia parado de funcionar.

Sem parar para pensar em como devia ser triste para o crocodilo ser privado tão subitamente de sua companhia mais próxima, Peter logo pensou em como transformar essa catástrofe em algo útil para ele; e decidiu fazer o tique-taque para que feras selvagens acreditassem que ele era o crocodilo e não o incomodassem. Ele imitava o barulho muito bem, mas isso teve um resultado inesperado. O crocodilo estava entre aqueles que ouviram o barulho e foi atrás dele. Nunca saberemos ao certo se ele tinha o objetivo de recuperar o que havia perdido, ou simplesmente queria estar perto de um amigo ao acreditar que o tique-taque vinha de dentro de Peter, pois o crocodilo, assim como todos aqueles que viram escravos de uma ideia fixa, não passa de um burro.



"DESSA VEZ, É O GANCHO OU EU!"

Peter chegou à praia sem problemas, e continuou em frente. Suas pernas encontraram as águas como se não tivessem consciência de estar pisando em um novo elemento. Embora muitos animais passem da terra para a água assim, nenhum outro ser humano além de Peter é capaz de fazer isso, até onde eu sei. Enquanto nadava, ele pensava em apenas uma coisa: “Dessa vez, é o Gancho ou eu”. Ele fazia o barulho do tique-taque há tanto tempo que agora nem percebia mais que continuava fazendo. Se tivesse percebido isso teria parado, pois nunca passou pela sua cabeça que fazer tique-taque o ajudaria a subir no navio, embora fosse uma ideia genial.

Ao contrário, ele achou que havia escalado o navio da maneira mais silenciosa possível; e ficou impressionado ao ver os piratas se encolhendo com medo dele, com Gancho no meio deles, tremendo como se tivesse ouvido o barulho do crocodilo.

O crocodilo! Assim que Peter se lembrou dele ouviu o barulho do **tique-taque**. Primeiro achou que o barulho vinha mesmo do crocodilo e olhou para trás bem depressa. Depois percebeu que era ele quem estava fazendo o barulho e logo entendeu a situação. “Como sou esperto”, pensou logo, e sinalizou para que os garotos não demonstrassem nenhuma reação.

Foi nessa hora que Ed Teynte, o contramestre do navio, surgiu de dentro do castelo da proa e foi para o convés. Agora, leitor, use um relógio para cronometrar o tempo. Peter deu um golpe certo e profundo. John colocou a mão na boca do pirata azarado para abafar o grito que ele deu antes de morrer. Ele caiu para a frente. Quatro garotos o seguraram para que ele não fizesse barulho ao cair. Peter sinalizou, e o cadáver foi atirado no mar. Houve um barulho na água e depois o silêncio. Quanto tempo levou?

— Um! (Slightly começou a contar.)

Bem na hora Peter, com cada centímetro do corpo na ponta dos pés, desapareceu para dentro da cabine; pois mais de um pirata tomou coragem para olhar em volta. Eles conseguiram ouvir a respiração ofegante uns dos outros agora, o que significava que o barulho mais terrível havia desaparecido.

— Ele foi embora, capitão — disse Smee, limpando seus óculos. — Está tudo calmo de novo.

Devagar, Gancho deixou que sua cabeça surgisse dentro da gola de renda, ouvindo com tanta atenção que poderia ter escutado até o eco do tique-taque. Não havia nenhum barulho, e ele se ergueu novamente.

— Então, vamos ao Johnny da prancha! — gritou ele descaradamente, detestando os garotos mais do que nunca porque eles o haviam visto morrendo de medo.

Ele começou a cantar aquela canção terrível:

*Yo-ho, yo-ho, a bela prancha,
pronta para caminhar,
até que você desaba,
direto para o fundo do mar!*

Para aterrorizar os prisioneiros ainda mais, embora isso o fizesse perder um pouco a dignidade, ele dançou em cima de uma prancha imaginária, fazendo caretas para eles enquanto cantava; e quando terminou, gritou:

— Vocês querem uma chicotada antes de andarem na prancha?

Ao ouvirem isso todos caíram de joelhos.

— Não, não — gritaram com tanto pavor que todos os piratas sorriram.

— Pegue o chicote, Jukes — disse Gancho. — Ele está na cabine.

A cabine! Peter estava na cabine!

As crianças se entreolharam.

— Sim, sim — disse Jukes alegremente, entrando na cabine.

As crianças o acompanharam com os olhos; mal perceberam que Gancho havia voltado a cantar e que seus capangas se juntaram a ele:

*Yo-ho, yo-ho, o chicote,
ele tem nove pontas,
que adoram trabalhar com o toque...*

O último verso da música jamais saberemos qual é, pois um grito terrível foi ouvido vindo da cabine. O som se espalhou pelo navio e desapareceu. Então ouviu-se um cacarejo que foi muito bem entendido pelos garotos, mas

os piratas ficaram ainda mais assustados.

— O que foi isso? — gritou Gancho.

— Dois — disse Slightly, em tom grave.

Cecco, o italiano, hesitou por um momento e então entrou na cabine. Saiu cambaleando, apavorado.

— O que aconteceu com Bill Jukes? — perguntou Gancho, se erguendo sobre ele.

— O que aconteceu com ele é que ele está morto, foi esfaqueado — respondeu Cecco, com a voz baixa.

— Bill Jukes morto! — repetiram os piratas.

— A cabine está toda escura — disse Cecco, quase sem conseguir pronunciar as palavras. — Mas tem alguma coisa terrível lá dentro. A coisa que ouvimos cacarejar.

Gancho percebeu a exultação dos meninos e seus piratas abaixando a cabeça.

— Cecco — disse ele com seu tom de voz mais severo — volte lá e pegue esse frango.

Cecco, o mais corajoso entre os corajosos, acovardou-se diante de seu capitão, exclamando:

— Não, não.

Mas Gancho acariciava sua garra de ferro.

— Você disse sim, Cecco? — perguntou ele, com um ar pensativo.

Cecco foi erguendo os braços em sinal de desespero. Ninguém mais cantava, todos escutavam atentos e, de novo, ouviu-se um grito de morte e um cacarejar.

Ninguém falou além de Slightly.

— Três — disse ele.

Gancho tentou animar seus capangas com um gesto.

— Pelas barbas do profeta! — rugiu ele. — Quem vai me trazer aquele frango?

— Espere até que Cecco saia de lá — respondeu Starkey, e os outros concordaram.

— Acho que ouvi você se oferecer, Starkey — disse Gancho, acariciando a garra de ferro mais uma vez.

— Não, raios que o partam! — gritou Starkey.

— Meu gancho acha que você ofereceu — disse Gancho, se aproximando dele. — Será que não é melhor, Starkey, fazer o que o gancho quer?

— Prefiro ser enforcado antes de entrar lá — respondeu Starkey, mais uma vez com o apoio do resto da tripulação.

— Isso é um motim? — perguntou Gancho, mais afável do que nunca. — E parece que Starkey é o líder.

— Piedade, capitão — gemeu Starkey, tremendo todo agora.

— Aperte minha mão, Starkey — disse Gancho, estendendo a garra.

Starkey olhou em volta em busca de ajuda, mas todos o abandonaram. Enquanto ele andava para trás, Gancho andava para a frente, e agora seus olhos brilhavam avermelhados. Com um grito desesperado o pirata pulou no Long Tom e se jogou no mar.

— Quatro — disse Slightly.

— E agora — disse Gancho, com educação —, algum outro cavalheiro quer fazer outro motim?

Alcançando um lampião e levantando a garra com um ar ameaçador ele disse:

— Eu mesmo vou pegar esse frango — disse ele, e andou depressa em direção à cabine.

“Cinco”. Slightly estava se preparando para dizer. Ele molhou seus lábios para se preparar para dizer aquilo, mas Gancho saiu cambaleando da cabine, sem o lampião.

— Alguma coisa apagou o lampião — disse ele, inseguro.

— Alguma coisa! — repetiu Mullins.

— E o Cecco? — perguntou Noodler.

— Está tão morto quanto Jukes — disse Gancho rapidamente.

Sua relutância para voltar para a cabine impressionou todos eles, e os murmúrios de motim voltaram a surgir. Todos os piratas são supersticiosos; e Cookson gritou:

— Dizem que o sinal mais evidente de que um navio está amaldiçoado é quando tem uma pessoa a mais a bordo e ninguém sabe dizer quem é.

— Ouvi dizer — murmurou Mullins — que essa pessoa é sempre a última a entrar no navio. Ele tem rabo, capitão?

— Dizem — disse outro, olhando com fúria para Gancho —, que quando ele vem, sempre tem a mesma cara que o homem mais malvado do navio.

— Ele tinha um gancho, Capitão? — perguntou Cookson, insolente.

E um depois do outro os piratas começaram a gritar: “O navio está amaldiçoado!”. As crianças não conseguiram resistir a isso e deram gritos de alegria. Gancho já quase se esquecera de seus prisioneiros, mas agora ele se virou e voltou a fazer uma cara de satisfação.

— Rapazes — gritou ele para sua tripulação —, tive uma ideia. Abram a porta da cabine e enfiem os garotos lá dentro. Deixe que eles briguem com o galo. Se o matarem, melhor para nós; se ele os matar, não faz diferença.

Pela última vez, os capangas admiraram Gancho, e fizeram o que ele mandara com devoção. Os garotos fingiram se debater, foram empurrados para dentro da cabine e a porta se fechou.

— Agora, escutem — disse Gancho.

E todos ouviram atentos. Mas ninguém se atreveu a olhar para a porta. Apenas uma pessoa, Wendy, que durante esse tempo todo estava presa no mastro. Ela não esperava nenhum grito ou cacarejo, mas sim o reaparecimento de Peter.

Ela não precisou esperar muito. Dentro da cabine ele havia encontrado o que procurava: a chave que abriria os cadeados que prendiam os garotos. Todos agora seguiam adiante, pé ante pé, levando as armas que haviam conseguido encontrar. Primeiro, sinalizando para que os garotos se escondessem, Peter cortou as amarras de Wendy. Teria sido mais fácil se todos saíssem voando, mas um juramento impedia que fizessem isso: “Dessa vez, é o Gancho ou eu”. Então, depois de libertar Wendy, Peter sussurrou para ela se juntar aos outros, e ele assumiu seu lugar no mastro, enrolado na capa da garota para poder se passar por ela. Respirou fundo e cacarejou.

Para os piratas, aquilo significava que todos os garotos estavam mortos dentro da cabine. E eles entraram em pânico. Gancho tentou lhes dar coragem; mas assim como fazem os cachorros, os capangas que ele próprio criara agora se voltaram contra ele. E ele sabia que se tirasse os olhos deles agora, seria atacado.

— Rapazes — disse ele, pronto para bajular ou bater se fosse necessário, mas nunca se acovardando —, já pensei em uma solução. Temos um traidor a bordo.

— Sim — responderam —, um homem com um gancho.

— Não, rapazes, não; é a garota. Ter uma garota a bordo de um navio pirata nunca deu sorte. Vamos consertar o navio depois que ela não estiver mais aqui.

Alguns deles se lembraram que isso costumava ser dito por Flint.

— Vale a pena tentar — disseram eles, em dúvida.

— Joguem a garota ao mar — gritou Gancho.

E os capangas correram na direção da garota encapuzada.

— Ninguém pode salvar você agora, garotinha — zombou Mullins.

— Existe uma pessoa que pode, sim — respondeu a figura.

— Quem?

— Peter Pan, o vingador! — Foi a terrível resposta.

E enquanto falava Peter jogou a capa longe. Então todos descobriram quem havia matado aqueles homens na cabine. Gancho abriu a boca para falar, mas fracassou por duas vezes. Naquele momento terrível, acho que o feroz coração do capitão se partiu.

Por fim, ele exclamou:

— Enfiem uma faca no peito dele!

Mas disse aquilo sem convicção.

— Agora, garotos, para cima deles — gritou Peter.

No minuto seguinte o estrondo de armas se batendo ressoou por todo o navio. Se os piratas houvessem se mantido juntos eles certamente teriam vencido. Mas o ataque começou com eles desorientados, e os capangas de Gancho correram de um lado para o outro, atacando sem ver quem atacavam, cada um achando que era o último sobrevivente da tripulação. Os piratas estavam em maioria, mas eles só lutaram para se defender, o que permitiu que os meninos formassem duplas para caçá-los e escolhessem suas vítimas. Alguns dos bandidos pularam no mar; outros se esconderam em buracos escuros, onde foram encontrados por Slightly, que não lutou, mas correu com um lampião que usava para iluminar seus rostos. Isso cegava os piratas, e eles se tornavam presas fáceis das espadas ensanguentadas dos outros. Só se ouvia o som das armas batendo umas nas outras, um grito ou um barulho de alguém caindo no mar aqui e ali, e Slightly continuava contando: cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze.

Acho que os bandidos já estavam todos liquidados quando um grupo de garotos furiosos cercou Gancho, que parecia ter uma vida encantada, e conseguia manter todos para fora de seu círculo de fogo. Os garotos haviam exterminado seus capangas, mas esse homem sozinho parecia ser páreo para eles todos. Várias vezes eles os cercaram, e várias vezes ele os obrigou a recuar com seus golpes. Ele levantara um garoto com seu gancho e o usava como escudo quando outro, que acabara de enfiar sua espada em Mullins, entrou na briga.

— Baixem suas espadas, garotos — gritou o recém-chegado. — Esse homem é meu.

Assim, de repente, Gancho se viu frente a frente com Peter Pan. Os outros se afastaram e formaram um círculo em volta deles.

Durante um longo tempo os dois inimigos se olharam. Gancho tremia um pouco e Peter trazia um estranho sorriso no rosto.

— Então, Pan — disse Gancho, por fim —, você é o responsável por tudo isso.



— Sim, James Gancho — foi a resposta séria. — Sou o responsável por tudo isso.

— Jovem orgulhoso e insolente — disse Gancho —, prepare-se para o seu fim

— Homem sombrio e sinistro — respondeu Peter —; ao ataque!

Sem dizer mais nada, eles começaram a brigar e, durante alguns minutos, nenhum levou vantagem. Peter era um espadachim maravilhoso e aparava os golpes de Gancho com uma rapidez estonteante. A toda hora alternava uma finta com um ataque, que enganava a defesa do adversário, mas seus braços mais curtos eram uma desvantagem, e ele não conseguia atingir o alvo. Gancho, que era quase tão brilhante quanto Peter, mas não tão ágil no movimento dos pulsos, o forçava a recuar com a fúria de suas investidas, esperando conseguir ganhar a luta com um dos golpes que mais gostava de usar e que lhe fora ensinado por Barbecue há anos no Rio; mas, para seu espanto, seu ataque foi repellido repetidas vezes. Gancho então tentou acabar com Peter usando sua garra de ferro, com a qual vinha rasgando o ar durante esse tempo todo. Mas Peter se desvencilhou, abaixou-se e, em um ataque feroz, furou as costelas do capitão. Ao ver seu próprio sangue que, você deve se lembra, tinha uma cor peculiar que o enojava, Gancho largou a espada e ficou à mercê de Peter.

— Agora! — gritaram todos os garotos.

Mas, com um gesto magnífico, Peter convidou seu inimigo a pegar sua espada. Gancho fez isso instantaneamente, mas com um sentimento trágico de que Peter estava tendo bons modos.

Até agora ele acreditava estar lutando contra um demônio, mas uma suspeita sombria pairou sobre ele naquele instante.

— Pan, quem é o que é você? — perguntou ele, com a voz rouca.

— Eu sou a juventude. Sou a alegria — respondeu Peter em um impulso. — Sou um pequeno pássaro que furou a casca do ovo.

Isso, é claro, não fazia sentido, mas era a prova para o infeliz Gancho de que Peter não fazia ideia de quem ou o que ele era, e isso era o máximo dos bons modos.

— Voltando para a luta! — gritou ele, desesperado.

Ele lutou como um flagelo humano, e cada golpe de sua terrível espada poderia cortar em dois qualquer homem ou menino que estivesse em seu caminho. Mas Peter movimentava-se com tanta leveza que era como se até o vento o ajudasse a sair da zona de perigo. E ele sempre se esquivava e atacava.

Gancho agora lutava sem esperanças. Aquele coração apaixonado não queria mais viver, a não ser por um único desejo: ver Peter ter maus modos antes de parar de bater para sempre.

Abandonando a luta, ele correu para o depósito de pólvora e acendeu um pavio.

— Em dois minutos — gritou ele — o navio vai explodir.

Agora, pensou ele, a verdade virá à tona.

Mas Peter saiu de dentro do depósito com o pavio aceso nas mãos e o atirou calmamente no mar.

Que tipo de comportamento Gancho estava mostrando ter? Embora fosse um homem que havia tomado rumos errados na vida, podemos nos alegrar, sem nos simpatizarmos com ele, que no fim ele tenha seguido as verdadeiras tradições de sua raça. Os outros garotos voavam em volta dele agora, caçoando e zombando; e, embora ele cambaleasse pelo convés, tentando em vão golpear algum deles, sua cabeça não estava mais ali. Ele pensava nos campos onde praticara esportes tanto tempo atrás, ou em quando entrara para os anais de seu colégio, ou em quando ficara observando o Jogo da Parede em cima de uma famosa parede. E seus sapatos eram bonitos; seu colete, bonito; sua gravata, bonita; suas meias, bonitas.

Adeus, James Gancho, figura com algum heroísmo.

Pois chegamos a seus últimos momentos.

Ao ver Peter aproximando-se devagar com sua adaga erguida, Gancho saltou sobre a beirada do navio, pronto para se jogar no mar. Ele não sabia que o crocodilo esperava por ele; pois nós acabamos com a corda do relógio de propósito para que ele não tomasse conhecimento de sua presença. É um pequeno sinal de respeito nosso, agora no final.

Ele teve um último triunfo, do qual não deveríamos nos ressentir. Enquanto estava em pé na beirada do navio, olhando por cima do ombro para Peter que deslizava no ar, Gancho fez um gesto que era um convite para que ele usasse seu pé. Isso fez com que Peter o chutasse em vez de esfaqueá-lo.

Finalmente, Gancho recebeu a recompensa que tanto queria.

— Maus modos! — gritou ele com desprezo, indo feliz para o encontro com o crocodilo.

E foi assim que James Gancho morreu.

— Dezessete — cantarolou Slightly.

Mas ele não estava totalmente correto em sua contagem. Quinze homens pagaram o preço por seus crimes naquela noite, mas dois conseguiram chegar até a praia: Starkey, que foi capturado pelos peles-vermelhas, e que foi obrigado a trabalhar como babá de seus curumins, um fim melancólico para um pirata; e Smee, que a partir de

então ficou vagando pelo mundo com seus óculos, ganhando a vida contando histórias sobre ser o único homem a quem Gancho temia.

Wendy, é claro, assistira a tudo sem se envolver, observando Peter com os olhos brilhantes; mas, agora que a luta acabara, ela tornou a aparecer. Ela elogiou todos os garotos igualmente, e arrepiou-se deliciosamente quando Michael mostrou a ela o local onde havia matado um pirata; e então ela os levou até a cabine de Gancho e apontou para o relógio dele, que estava pendurado em um prego na parede. Já era “uma e meia!”.

O tardar da hora era quase a coisa mais importante daquela noite. Ela rapidamente os colocou para dormir na cama dos piratas, pode ter certeza disso; todos menos Peter, que ficou caminhando com o nariz empinado de um lado para o outro no convés, até finalmente dormir ao lado do Long Tom. Ele teve um daqueles sonhos nessa noite, e chorou enquanto dormia durante um bom tempo, e Wendy o abraçou bem apertado.



XVI

A VOLTA PARA CASA

Quando o sino badalou duas vezes naquela manhã todos começaram a pular das camas, pois o mar estava bastante agitado e Tootles, o imediato, estava entre eles, com a ponta de uma corda em uma das mãos e mascando tabaco. Todos os garotos colocaram roupas de piratas cortadas na altura do joelho, fizeram a barba e foram para o convés, com aquele andar de velhos lobos do mar, ajeitando as calças frouxas.

Não é necessário dizer quem era o capitão. Nibs e John eram o primeiro e o segundo ajudantes. Havia uma mulher a bordo. Os outros eram apenas marinheiros e dormiam no castelo de proa. Peter já havia se agarrado ao timão; mas chamou a todos e fez um pequeno discurso para eles; disse que esperava que eles cumprissem seus deveres como homens corajosos que eram, mas sabia que eles eram a corja mais vil do Rio e da Gold Coast, e afirmou que se o desobedecessem iam levar uma surra de chicote. Essas palavras rudes eram perfeitas para o entendimento dos marinheiros, e eles soltaram gritos eufóricos. Então, algumas ordens rápidas foram dadas, e eles viraram o navio e o direcionaram para o continente.

O Capitão Pan calculou, depois de consultar as cartas náuticas, que se o tempo continuasse daquele jeito alcançariam os Açores no dia 21 de junho. Depois disso eles economizariam tempo se voassem.

Alguns deles queriam que aquele fosse um navio honesto, enquanto outros queriam que continuasse a ser um navio pirata; mas o capitão os tratava como se fossem capangas, e eles não ousavam expressar seus desejos a ele nem de forma coletiva. A obediência instantânea era o único caminho seguro. Slightly levou uma dúzia de chibatadas por fazer cara de espanto quando o capitão lhe ordenou medir a profundidade da água. O sentimento geral era que Peter estava sendo honesto por enquanto apenas para tranquilizar Wendy, mas que talvez ele mudasse quando sua roupa nova ficasse pronta, o que, contra a vontade, Wendy estava fazendo para ele usando alguns dos trajes mais perversos de Gancho. Mais tarde, sussurraram entre eles que na primeira noite em que usou aquelas roupas ele se sentou por bastante tempo na cabine com a cigarreira de Gancho na boca e com o punho cerrado, deixando o dedo indicador para fora, dobrado de forma ameaçadora, como se fosse um gancho.

Mas, em vez de observar o navio, agora devemos voltar para o lar desolado do qual três de nossos personagens haviam fugido de um jeito tão desalmado há tanto tempo. Parece cruel ter esquecido da casa de número 14 por todo esse tempo; mas podemos ter certeza de que a Sra. Darling não está brava conosco. Se tivéssemos voltado para cá mais cedo para observá-la com solidariedade e tristeza, ela provavelmente teria exclamado: “Não sejam bobos; que importância tenho eu? Voltem e continuem vigiando as crianças!”. Enquanto as mães forem assim, as crianças se aproveitarão delas, pode acreditar nisso.

Mesmo agora vamos nos aventurar naquele quarto familiar apenas porque seus ocupantes estão a caminho de casa; só nos apressamos para chegar na frente deles para ter certeza de que suas camas estejam arrumadas e arejadas e que o Sr. e a Sra. Darling não saiam de casa nesta noite. Somos meros criados. Por que as camas dos três estariam bem arrumadas se eles as abandonaram com tanta pressa sem nem olhar para trás? Não seria uma boa lição para eles se voltassem para casa e descobrissem que seus pais estavam o final de semana no campo? Seria a lição de moral da qual eles vêm precisando desde que os conhecemos; mas se planejássemos as coisas dessa maneira, a Sra. Darling nunca nos perdoaria.

Algo que eu gostaria muito de fazer é contar para ela, da maneira como os autores fazem, que as crianças estão voltando; que, de fato, estarão aqui na quinta-feira da semana que vem. Isso estragaria totalmente a surpresa que Wendy, John e Michael pretendiam fazer. Eles vinham planejando isso no navio: mamãe vai ficar feliz, papai vai gritar de alegria, Naná vai pular para nos abraçar; mas o que eles realmente deviam ganhar era uma bela bronca. Que delícia seria estragar a surpresa dando a notícia antes; para que quando eles entrassem no quarto com ar de superioridade a Sra. Darling não oferecesse nem um beijo para Wendy e o Sr. Darling exclamasse com indiferença: “Não acredito que essas pestinhas voltaram”. No entanto, não receberíamos nenhum agradecimento por isso. Estamos começando a conhecer a Sra. Darling, e sabemos que ela nos daria uma bronca por tirar esse pequeno prazer das crianças.

— Mas, minha querida senhora, ainda faltam dez dias até a quinta-feira da semana que vem; então ao contar para a senhora o que vai acontecer a senhora pode passar dez dias menos tristes.

— Sim, mas a que custo! Privar as crianças de dez minutos de alegria.

— Ah, se a senhora pensar dessa maneira.

— De que outra maneira eu poderia pensar?

Vejam só, a mulher não tem orgulho. Eu pretendia falar coisas extraordinárias sobre ela, mas eu a desprezo, e agora não vou contar nada. Ninguém precisa dizer a ela para deixar tudo preparado, pois tudo já está preparado. Todas as camas estão arrumadas, e ela nunca sai de casa, e observe, a janela está aberta. Por mais que sejamos úteis para ela, seria melhor voltarmos para o navio. Mas, como estamos aqui, podemos continuar observando. Isso é tudo o que somos, observadores. Ninguém realmente nos quer aqui. Então vamos observar e fazer comentários maldosos, na esperança de que algum deles magoe alguém.

A única mudança vista no quarto das crianças é que, entre as nove da manhã e as seis da tarde, a casinha de cachorro não fica mais ali. Quando as crianças saíram voando, o Sr. Darling sentiu na alma que a culpa era toda dele por haver acorrentado Naná no quintal, e que ela sempre fora mais sábia do que ele. Como nós já vimos, o Sr. Darling era um homem muito simples; na verdade, ele até poderia se passar por um menino se conseguisse tirar a careca da cabeça. Mas ele também tinha um nobre senso de justiça e uma coragem de leão para fazer o que lhe parecia ser o correto; e, após a fuga das crianças, pensou com cuidado e preocupação no assunto e resolveu engatinhar e entrar na casinha de cachorro. Sempre que a Sra. Darling lhe pedia carinhosamente para sair dali, ele respondia em um tom triste, mas firme:

— Não, minha amada, este é o meu lugar.

Cheio de remorso, ele jurou que não sairia da casinha até que seus filhos voltassem. É claro que isso é triste; mas tudo o que o Sr. Darling fazia era exagerado, ou logo ele acabava desistindo. E nunca existiu um homem mais humilde do que George Darling, que um dia já fora bastante orgulhoso, quando ele se sentava na casinha durante a noite e conversava com sua esposa sobre as crianças e todas as coisas bonitinhas que elas costumavam fazer.

Sua deferência com Naná era bastante emocionante. Ele não deixava que ela entrasse na casinha, mas sempre realizava seus desejos sem discutir.

Todas as manhãs a casinha era levada, com o Sr. Darling dentro, para um táxi, que o deixava em seu escritório. Às seis da tarde ele voltava para casa desse mesmo jeito. Um pouco da força de vontade desse homem pode ser percebida se nos lembrarmos o quanto ele se importava com a opinião de seus vizinhos: o homem que agora atraía a atenção e causava surpresa por onde passava. Por dentro ele devia estar sofrendo uma tortura; mas mantinha sua calma exterior mesmo quando as crianças que passavam riam de sua casinha, e sempre tirava educadamente o chapéu para qualquer pessoa que espiasse lá dentro.

Aquilo devia ser uma coisa meio maluca, mas era maravilhosa. Logo o motivo foi descoberto, e o grande público ficou comovido. Multidões seguiam o táxi, dando gritos eufóricos; meninas bonitas subiam no veículo para pegar o autógrafa dele; ele foi entrevistado pelos melhores jornais; e a alta sociedade passou a convidá-lo para jantar, sempre acrescentando:

— Venha na casinha!

Naquela famosa quinta-feira, a Sra. Darling estava no quarto das crianças, esperando George voltar para casa. Parecia ser uma mulher muito triste. Agora que a observamos de perto e lembramos de sua antiga alegria, que desapareceu por completo só porque perdeu seus filhinhos, percebo que não vou conseguir falar nada de mal sobre ela. Não era culpa da Sra. Darling se ela gostava tanto daquelas crianças danadas. Olhe só para ela naquela poltrona, onde adormecera. O canto de sua boca, que é a primeira coisa que se vê, quase murchou. Suas mãos se movem sem parar sobre o peito, como se ela estivesse sentindo uma dor ali. Algumas pessoas gostam mais do Peter e outras gostam mais da Wendy, mas eu gosto mais da Sra. Darling. Suponha que, para deixá-la feliz, a gente sussurre no ouvido dela enquanto ela dorme que eles estão a caminho. Eles estão mesmo a três quilômetros da janela agora, voando a uma boa velocidade, mas nós só precisamos sussurrar que eles estão a caminho. Vamos fazer isso.

Foi uma pena termos feito isso, pois ela acordou assustada, chamando o nome deles; e não havia ninguém no quarto além de Naná.

— Ah, Naná, sonhei que meus queridos tinham voltado.

Naná estava com os olhos cheios de lágrimas, mas ela só conseguia colocar gentilmente a pata no colo da dona; e elas estavam sentadas assim quando a casinha foi trazida de volta. Quando o Sr. Darling colocou a cabeça para fora para dar um beijo na esposa, percebemos que seu rosto estava mais abatido do que antes, mas tinha uma expressão mais suave.

Ele entregou seu chapéu para Liza, que o pegou com desprezo; pois não tinha nenhuma imaginação e era incapaz de entender os motivos do homem. Lá fora a multidão que havia acompanhado o táxi até em casa ainda aplaudia, e ele estava, naturalmente, emocionado.

— Ouça só isso — disse ele. — É muito gratificante.

— Um bando de garotos — desdenhou Liza.

— Havia vários adultos hoje — garantiu ele com o rosto um pouco corado.

Mas, quando ela jogou a cabeça para trás ele não disse nada para repreendê-la. O sucesso social não o estragara; ao contrário, deixara-o mais doce. Durante algum tempo ele ficou sentado com metade do corpo fora da casinha, conversando com a Sra. Darling sobre seu sucesso, e apertando sua mão para tranquilizá-la quando ela disse que esperava que aquilo não lhe subisse à cabeça.

— Mas se eu fosse um homem fraco... — disse ele. — Meu Deus, se eu fosse um homem fraco!

— Ah, George — disse ela, timidamente — você continua cheio de remorso, não é?

— Continuo cheio de remorso, minha querida! Veja só a minha punição: morar em uma casinha de cachorro.

— Mas é uma punição mesmo, não é, George? Você não gosta de ficar aí?

— Meu amor!

Você pode ter certeza de que ela pediu perdão a ele; e então, sentindo-se sonolento, ele se endireitou dentro da casinha.

— Você não pode tocar alguma coisa no piano das crianças para eu dormir? — pediu ele.

Ela estava a caminho da sala onde o piano ficava quando ele acrescentou, sem pensar:

— E feche essa janela. Estou sentindo uma corrente de ar.

— Ah, George, nunca mais me peça para fazer isso. A janela deve ficar sempre aberta para que eles possam entrar; sempre, sempre.

Agora era a vez dele de pedir perdão; e ela foi até a sala e tocou o piano, e ele logo adormeceu; e enquanto ele dormia, Wendy, John e Michael entraram voando pela janela.

Ah, não. Escrevemos isso porque esse foi o plano lindo que os três haviam feito antes de deixarem o navio; mas algo deve ter acontecido desde então, pois não foram eles que entraram voando e sim Peter e Sininho.

As primeiras palavras que Peter disse explicam tudo.

— Rápido, Sininho — sussurrou ele —, feche a janela, tranque-a. Isso. Agora eu preciso sair pela porta; e quando Wendy chegar ela vai pensar que a mãe a trancou para fora e vai ter que voltar comigo.

Agora entendo o que até aqui me intrigara: por que, após exterminar os piratas, Peter não voltou para a ilha e deixou Sininho acompanhar as crianças até o continente. Esse plano estava em sua cabeça o tempo todo.

Em vez de achar que estava se comportando mal, ele dançava com alegria; então, olhou para a sala do piano para ver quem estava tocando. Sussurrou para Sininho:

des estão a caminho, des estão a

— É a mãe da Wendy. Ela é uma senhora bonita, mas não tão bonita quanto a minha mãe. Sua boca é cheia de dedais, mas não tão cheia de dedais quanto a da minha mãe.

É claro que ele não sabia nada sobre sua mãe, mas às vezes ele falava sobre ela contando vantagens.

Ele não conhecia a música que ela tocava, que se chamava “Lar, doce lar”, mas sabia que ela queria dizer “volte, Wendy, Wendy, Wendy”; e então ele gritou, exultante:

— Você nunca vai ver Wendy de novo, senhora, pois a janela está fechada.

Ele olhou de novo para ver por que a música havia parado; e agora viu que a Sra. Darling havia encostado a cabeça no piano e duas lágrimas escorriam de seus olhos.

“Ela quer que eu abra a janela”, pensou Peter, “mas não vou fazer isso”.

Ele olhou de novo, e as lágrimas ainda caíam, ou talvez fossem duas novas lágrimas.

— Ela gosta muito da Wendy — disse ele para si mesmo.

Ele estava bravo com ela agora porque ela não entendia por que não podia ficar com Wendy. O motivo era tão simples:

— Eu também gosto muito dela. Mas ela não pode ser de nós dois, senhora.

Mas a senhora não se acalmava, e ele estava triste com isso. Parou de olhar para ela, mas mesmo assim não conseguiu se afastar dela. Ele pulou de um lado para o outro e fez caretas, mas quando parou, foi como se ela estivesse dentro dele, implorando.

— Ah, tudo bem — disse ele, finalmente.

Ele engoliu em seco e destrancou a janela.

— Venha, Sininho — gritou ele, fazendo uma cara de desdém para as leis da natureza —, não queremos nenhuma mãe bobona — e foi embora.

Assim, Wendy, John e Michael encontraram a janela aberta, o que, é claro, era mais do que eles mereciam. Eles pousaram no chão sem nenhuma vergonha do que haviam feito e o mais novo deles já não se lembrava mais da própria casa.

— John — disse ele, olhando em volta em dúvida —, acho que eu já estive aqui antes.

— É claro que já estive, seu bobo. Aquela é a sua cama.

— É mesmo — disse Michael, mas sem muita convicção.

— Vejam só — exclamou John —, a casinha!

E ele saiu correndo para olhar lá dentro.

— Talvez Naná esteja aí dentro — disse Wendy.

Mas John assobiou:

— Ora — disse ele —, tem um homem aqui dentro.

— É o papai! — exclamou Wendy.

— Quero ver o papai — pediu Michael ansioso e deu uma boa olhada. — Ele não é tão grande quanto o pirata que matei — disse ele, sinceramente decepcionado.

Ao ouvir aquilo, fiquei feliz pelo fato de o Sr. Darling estar dormindo. Teria sido triste se as primeiras palavras que ele ouvisse de Michael fossem aquelas.

Wendy e John tinham ficado um pouco surpresos ao encontrar o pai dentro da casinha.

— Tem certeza — perguntou John, como alguém que perdeu a confiança em sua memória — que ele costumava dormir em uma casinha de cachorro?

— John — disse Wendy com hesitação na voz — talvez nós não nos lembremos mais de nossa vida como achamos que lembrávamos.

Eles sentiram um calafrio e bem feito por isso.

— A mamãe foi muito displicente por não estar aqui quando chegamos — disse John, aquele patife.

Foi então que a Sra. Darling voltou a tocar.

— É a mamãe! — gritou Wendy, espiando.

— É mesmo! — disse John.

— Então você não é mais a nossa mãe, Wendy? — perguntou Michael, que certamente estava morrendo de sono.

— Ah, meu querido! — exclamou Wendy, sentindo remorso pela primeira vez. — Já estava passando da hora de voltarmos para casa.

— Vamos entrar devagarinho — sugeriu John — e tampar seus olhos com nossas mãos.

Mas Wendy, que percebeu que eles tinham que dar aquela notícia alegre de forma mais gentil, tinha um plano melhor.

— Vamos deitar em nossas camas, e estaremos lá quando ela entrar, como se nunca tivéssemos saído dali.

Então, quando a Sra. Darling voltou para o quarto das crianças para ver se seu marido estava dormindo, todas as camas estavam ocupadas. As crianças esperavam por seu grito de alegria, mas ele não veio. Ela os viu, mas não acreditou que eram eles. Veja só, ela os via em suas camas com tanta frequência em seus sonhos que achou que estava sonhando mais uma vez.

Ela se sentou na poltrona perto da lareira, onde costumava dar de mamar para eles quando eram menores.

Eles não conseguiam entender o que estava acontecendo e um medo gelado percorreu seus corpos.

— Mamãe! — chamou Wendy.

— Essa é a Wendy — disse ela, mas ainda certa de que estava sonhando.

— Mamãe!

— Esse é o John — disse ela.

— Mamãe! — gritou Michael.

Ele se lembrava dela agora.

— Esse é o Michael — disse ela.

E ela estendeu os braços para as três criancinhas egoístas que jamais abraçaria de novo. Mas abraçou sim, pois Wendy, John e Michael saíram da cama e correram para ela.

— George, George! — gritou ela quando conseguiu recuperar a fala.

O Sr. Darling acordou para compartilhar aquela felicidade, e Naná entrou correndo. Não poderia haver cena mais linda; mas não havia ninguém para observá-la além de um garoto estranho que olhava pela janela. Ele já sentira inúmeros êxtases que outras crianças jamais iam experimentar; mas o que ele via pela janela era a única alegria da qual seria para sempre excluído.



XVII

QUANDO WENDY CRESCEU

Espero que você queira saber o que aconteceu com os outros garotos. Eles esperavam lá embaixo para dar tempo para Wendy explicar sobre eles; e depois de contarem até quinhentos eles subiram. Subiram pela escada porque acharam que causariam uma melhor impressão. Formaram uma fila em frente à Sra. Darling, com os chapéus nas mãos, arrependidos por estarem usando roupas de piratas. Eles não disseram nada, mas seus olhos imploravam para que ela ficasse com eles. Eles devem ter olhado para o Sr. Darling também, mas haviam se esquecido dele.

É claro que a Sra. Darling logo disse que ficaria com eles; mas o Sr. Darling ficou curiosamente deprimido, e eles viram que ele considerava seis um número bastante grande.

— Devo dizer — disse ele para Wendy — que você não faz nada pela metade.

Um comentário infeliz que os Gêmeos acharam que era para eles.

O primeiro gêmeo era o mais orgulhoso, e perguntou, com o rosto corado:

— O senhor acha que daremos muito trabalho, senhor? Porque se o senhor achar que sim, podemos ir embora.

— Papai! — gritou Wendy, chocada.

Ainda assim havia uma nuvenzinha em cima da cabeça do Sr. Darling. Ele sabia que não estava se comportando bem, mas não conseguia evitar.

— Podemos dormir de dois em dois — disse Nibs.

— Eu sempre corto o cabelo deles — disse Wendy.

— George! — exclamou a Sra. Darling.

Ela se chateava em ver seu querido marido agindo de maneira tão indigna.

Então o Sr. Darling caiu no choro, e a verdade veio à tona. Ele estava tão feliz quanto a esposa ao pensar em ficar com os meninos, mas achou que eles deveriam ter pedido o consentimento dele também, em vez de chegar na sua casa e tratá-lo como se ele fosse apenas um zero à esquerda.

— Eu não acho que ele seja um zero à esquerda — exclamou Tootles no mesmo instante. — Você acha que ele é um zero à esquerda, Curly?

— Não, eu não acho. Você acha que ele é um zero à esquerda, Slightly?

— Não acho, não. Gêmeo, o que você acha?

Descobriu-se que nenhum deles achava que ele era um zero à esquerda; e ele ficou extremamente grato e disse que encontraria lugar para todos eles na sala de estar se eles coubessem lá.

— Vamos caber, sim, senhor — garantiram a ele.

— Então, sigam o líder — exclamou o Sr. Darling com alegria. — Vejam só, não sei se temos uma sala de estar, mas vamos fingir que temos e será a mesma coisa. Upa lelê!

Ele saiu dançando pela casa, e todos gritavam “upa lelê” e dançavam atrás dele, procurando pela sala de visitas; e eu não me lembro se eles a encontraram, mas de qualquer maneira encontraram cantos e todos couberam neles.

Quanto a Peter, ele viu Wendy mais uma vez antes de ir embora. Ele não veio exatamente até a janela, mas encostou nela quando estava passando por ali, para que ela pudesse abri-la se quisesse e chamasse por ele. Foi exatamente isso o que ela fez.

— Olá, Wendy, adeus — disse ele.

— Ah, querido, você vai embora?

— Sim.

— Você não acha, Peter, que você gostaria de conversar com meus pais sobre um assunto muito delicado? — perguntou ela, vacilante.

— Não.

— Sobre mim, Peter.

— Não.

A Sra. Darling foi até a janela, pois agora ela vigiava Wendy de perto. Ela disse a Peter que havia adotado todos os outros garotos, e que gostaria de adotá-lo também.

— A senhora me mandaria para a escola? — perguntou ele, esperto.

— Sim.

— E depois para um escritório?

— Acho que sim.

— E logo eu me tornaria um homem?

— Logo, logo.

— Eu não quero ir para a escola e não quero aprender coisas importantes — disse ele com fervor. — Eu não quero me tornar um homem. Ah, mãe da Wendy, se um dia eu acordasse e sentisse minha barba crescendo.

— Peter — disse Wendy, sempre tentando consolar —, eu adoraria ver você de barba.

A Sra. Darling esticou seus braços para ele, mas ele a rejeitou.

— Fique longe de mim, senhora, ninguém vai me pegar e me transformar em um homem.

— Mas onde você vai morar?

— Com a Sininho, na casa que construímos para a Wendy. As fadas vão colocá-la na copa de uma árvore, no lugar onde dormem à noite.

— Que adorável — exclamou Wendy com tanto desejo na voz que a Sra. Darling a segurou com força.

— Achei que todas as fadas estivessem mortas — disse a Sra. Darling.

— Sempre tem muitas fadas novinhas — explicou Wendy, que agora era uma autoridade no assunto — porque, sabe, quando um bebê ri pela primeira vez nasce uma nova fada, e como sempre nascem bebês, sempre nascem novas fadas. Elas vivem em ninhos nas copas das árvores; e as roxas são meninos, as brancas são meninas, e as azuis são as bobinhas que não sabem o que são.

— E eu vou me divertir com elas — disse Peter, com um olho em Wendy.

— Vai ser bastante solitário à noite — disse ela —, ao se sentar perto do fogo.

— Vou ter a Sininho.

— A Sininho não aguenta muita coisa — lembrou ela, um pouco maldosa.

— Fofoqueira danada! — gritou Sininho de algum lugar virando a esquina.

— Não importa — disse Peter.

— Ah, Peter, você sabe que importa sim.

— Ora, então venha comigo para a casinha.

— Posso ir, mamãe?

— Mas é claro que não. Agora que você voltou para casa, não vou mais deixar você ir embora.

— Mas ele precisa muito de uma mãe.

— E você também, meu amor.

— Ah, tudo bem — disse Peter, como se tivesse perguntado apenas por educação.

Mas a Sra. Darling viu sua cara de choro e fez uma bela oferta: deixar que Wendy passasse uma semana com ele todo ano, para ajudar a fazer uma faxina quando chegasse a primavera. Wendy teria preferido um acordo mais permanente, e sentiu que a primavera ainda ia demorar muito a chegar; mas essa promessa fez com que Peter fosse embora bastante contente. Ele não tinha nenhuma noção de tempo e vivia tantas aventuras que tudo o que contei a vocês sobre ele é só o comecinho. Acho que era porque Wendy sabia disso que suas últimas palavras para ele foram bastante suplicantes:

— Será que você não vai se esquecer de mim, Peter, antes da faxina da primavera chegar?

É claro que Peter prometeu não se esquecer; e então foi embora. Ele levou o beijo da Sra. Darling com ele. O beijo que ninguém conseguira ganhar, Peter ganhou com a maior facilidade. Engraçado. Mas ela pareceu estar satisfeita.

É claro que todos os meninos foram para a escola. A maioria entrou na quarta série, mas Slightly foi para a quinta série e para a sexta série. Menos de uma semana depois de terem ido para a escola os garotos viram que tinham sido bobos de não terem ficado na ilha; mas agora era tarde demais e logo se conformaram em serem pessoas normais como você, eu ou qualquer outro zé-ninguém. É triste contar isso, mas aos poucos eles foram perdendo a habilidade de voar. No começo Naná amarrava seus pés nas colunas das camas para que não saíssem voando no meio da noite; e, durante o dia, uma de suas brincadeiras era fingir que estavam caindo de dentro dos ônibus em movimento. Mas, com o tempo, pararam de puxar as amarras que os prendiam nas camas, e descobriram que se machucavam quando caíam do ônibus. Chegou ao ponto em que não conseguiam mais sair voando nem para pegar chapéus levados pelo vento. Disseram que era falta de prática, mas a verdade é que eles não acreditavam mais.

Michael acreditou durante mais tempo do que os outros meninos, embora eles çaçassem dele. Por isso ele estava com Wendy quando Peter veio buscá-la no final do primeiro ano. Ela voou com Peter, usando o vestido que costurara com folhas e frutinhas da Terra do Nunca. Ela estava morrendo de medo que ele notasse o quanto o vestido havia ficado curto; mas Peter não percebeu, pois tinha muita coisa para contar sobre si mesmo.

Ela estivera animada para ter conversas emocionantes com ele sobre os velhos tempos, mas novas aventuras o haviam feito se esquecer das antigas.

— Quem é o Capitão Gancho? — perguntou ele com interesse quando ela falou sobre seu arqui-inimigo.

— Você não se lembra dele? — perguntou ela, espantada. — Você o matou e salvou nossas vidas.

— Eu me esqueço das pessoas que eu mato — respondeu ele, com indiferença.

Quando ela expressou dúvidas se Sininho ficaria feliz em vê-la, ele perguntou:

— Quem é Sininho?

— Ah, Peter — exclamou ela, chocada.

Mas mesmo depois de ela explicar, ele não conseguiu se lembrar.

— Existem tantas fadas — disse ele. — Acho que essa não existe mais.

Eu acho que ele estava certo, pois as fadas não vivem por muito tempo. Mas elas são tão pequenas que o tempo curto parece grande para elas.

Wendy também ficou chateada ao descobrir que o ano passado foi ontem para Peter; parecia ter sido um ano tão longo de espera para ela. Mas ele estava exatamente tão fascinante quanto antes, e eles passaram uma adorável primavera limpando a casinha na copa da árvore.

No ano seguinte ele não veio buscá-la. Ela esperou por ele usando um vestido novo, pois o velho simplesmente não servia mais; mas ele não apareceu.

— Talvez ele esteja doente — disse Michael.

— Você sabe que ele nunca fica doente.

Michael aproximou-se dela e sussurrou, sentindo um calafrio:

— Talvez ele não exista, Wendy!

E Wendy teria chorado se Michael já não estivesse chorando.

Peter veio no ano seguinte, e o estranho é que ele nunca percebeu que havia pulado um ano.

Essa foi a última vez que Wendy o viu ainda criança. Por ele, ela tentou demorar mais um pouco para crescer; e sentiu que estava sendo infiel a ele quando ganhou um prêmio de conhecimentos gerais na escola. Mas os anos chegaram e passaram, e aquele menino desatento não apareceu. Quando voltaram a se encontrar, Wendy já era uma mulher casada e Peter, para ela, era apenas a poeira da caixa onde ela guardara seus brinquedos. Wendy cresceu. Você não precisa ficar com pena dela. Ela era do tipo que gostava de crescer. No fim das contas, acabou crescendo por vontade própria, um dia antes das outras garotas.

Todos os garotos haviam crescido a essa altura e não tenho mais o que falar sobre eles. Talvez vocês vejam os gêmeos, Nibs e Curly um dia qualquer a caminho do escritório, sempre carregando uma bolsa e um guarda-chuva. Michael é maquinista. Slightly se casou com uma moça da nobreza e virou lorde. Está vendo aquele juiz de peruca branca saindo por aquele portão de ferro? Aquele é o Tootles. O homem barbado que não conhece história nenhuma para contar para seus filhos um dia foi o John.

Wendy casou usando um vestido branco com uma faixa rosa. É estranho que Peter não tenha voado até a igreja para interromper a cerimônia.

Anos se passaram novamente e Wendy teve uma filha. Isso não deveria ser escrito com tinta normal, mas com tinta dourada.

Ela se chamava Jane, e sempre tinha uma expressão intrigada, como se tivesse começado a fazer perguntas no momento em que chegou ao mundo. Quando teve idade para fazer perguntas elas eram, em sua maioria, sobre Peter Pan. Ela adorava escutar histórias sobre Peter, e Wendy contava a ela tudo o que conseguia se lembrar naquele mesmo quarto de criança onde ocorrera aquela famosa fuga. Agora aquele era o quarto de Jane, pois seu pai comprou a casa por um bom preço do pai de Wendy, que não gostava mais de subir escadas. A Sra. Darling já estava morta e esquecida.

Agora havia apenas duas camas no quarto de criança, a cama de Jane e a da babá; e não havia uma casinha de cachorro, pois Naná também havia morrido. Ela morreu já bem velha, e no final de sua vida deu bastante trabalho, pois acreditava que ninguém, além dela, conseguiria cuidar de crianças.

Uma vez por semana a babá de Jane tirava a noite de folga; e então Wendy colocava a filha na cama. Aquele era o momento das histórias. Foi Jane quem teve a ideia de colocar o lençol sobre sua cabeça e a cabeça da mãe, formando uma cabaninha, e no meio de toda aquela escuridão, sussurrar:

— O que estamos vendo agora?

— Acho que não estou vendo nada esta noite — disse Wendy, com a sensação de que, se Naná estivesse ali, ia dizer para pararem de conversar.

— Está vendo, sim — disse Jane. — Você está vendo quando você era uma garotinha.

— Isso foi há muito tempo, querida — disse Wendy. — Ah, como o tempo voa!

— Ele voa da mesma maneira como você voou quando era pequena? — perguntou a criança esperta.

— Da maneira como eu voei! Sabe, Jane, às vezes eu me pergunto se eu realmente voei.

— Voou, sim.

— Ah, aquela época boa em que eu sabia voar!

— E por que você não pode voar agora, mamãe?

— Porque eu cresci, meu amor. Quando as pessoas crescem, elas se esquecem como se voa.

— Por que elas se esquecem?

— Porque elas não são mais alegres, inocentes e insensíveis. Apenas as pessoas alegres, inocentes e insensíveis conseguem voar.

— O que é alegre, inocente e insensível? Eu gostaria de ser alegre, inocente e insensível.

Ou talvez Wendy tenha admitido que ela estava, sim, vendo alguma coisa.

— Eu acho — disse ela — que é esse quarto de criança.

— Eu acho que é mesmo — disse Jane. — Continue.

Agora elas embarcaram em uma grande aventura sobre a noite quando Peter veio voando atrás de sua sombra.

— O bobinho — disse Wendy — tentou grudar a sombra com sabão, e quando não conseguiu chorou, e aquilo me acordou, e eu costurei a sombra nele.

— Você pulou uma parte — interrompeu Jane, que agora já conhecia a história melhor do que sua mãe. — Quando você o viu sentado no chão chorando, o que você disse?

— Eu me sentei na cama e disse, “Garoto, por que você está chorando?”.

— Sim, foi isso — disse Jane, respirando fundo.

— E então ele nos levou voando para a Terra do Nunca, e para ver as fadas e piratas e peles-vermelhas e a lagoa das sereias, e a casa embaixo da terra, e a casinha.

— Sim! Do que você gostou mais?

— Acho que o que mais gostei foi da casa embaixo da terra.

— Sim, eu também. Qual foi a última coisa que Peter disse a você?

— A última coisa que ele me disse foi:

“Esteja sempre esperando por mim que, uma noite dessas, você vai me ouvir cacarejar”.

— Isso.

— Mas, infelizmente, ele se esqueceu de mim — disse Wendy com um sorriso.

Ela já estava bem crescida mesmo.

— Como era o cacarejo dele? — perguntou Jane em uma noite.

— Era assim — disse Wendy, tentando imitar o cacarejo de Peter.

— Não, não era — disse Jane, bastante séria. — Era assim...

E ela imitou o cacarejo de Peter muito melhor do que a mãe.

Wendy estava um pouco assustada.

— Meu amor, como você sabe?

— Eu sempre escuto quando estou dormindo — disse Jane.

— Ah, sim, muitas garotas ouvem isso quando estão dormindo, mas eu fui a única que ouvi quando estava acordada.

— Sorte sua — disse Jane.

E então, certa noite, aconteceu a tragédia. Era primavera, a história de ninar já havia sido contada, e Jane dormia em sua cama. Wendy estava sentada no chão, bem perto da lareira, tentando enxergar melhor para poder cerzir, pois não havia nenhuma outra luz no quarto. Enquanto cerzia, ela ouviu um cocoricó. A janela se abriu como nos velhos tempos e Peter pousou no chão.

Ele continuava exatamente igual, e Wendy logo viu que ele ainda tinha todos os dentes de leite.

Ele era um garotinho, e ela era uma adulta. Wendy encolheu-se ao lado do fogo, não se atrevendo a se mexer, impotente e culpada, uma mulher crescida.

— Olá, Wendy — disse ele, sem perceber qualquer diferença, pois estava pensando mais em si mesmo; e, naquela penumbra, o vestido branco de Wendy podia ser confundido com a camisola que ela estava usando quando ela a vira pela primeira vez.

— Olá, Peter — respondeu Wendy, com a voz fraca.

Ela se espremeu ficando do menor tamanho possível. Algo dentro dela gritava “mulher adulta, mulher adulta, me largue”.

— Olá, onde está o John? — perguntou ele, de repente sentindo falta da terceira cama.

— John não está aqui agora — disse Wendy, prendendo a respiração.

— O Michael está dormindo? — ele perguntou, com um olhar descuidado para Jane.

— Sim — respondeu ela; e agora ela sentia que não estava sendo fiel com Jane, nem com Peter.

— Este não é Michael — disse ela rapidamente, com medo de ser penalizada pela mentira.

Peter olhou.

— Ora, é uma criança nova?

— Sim.

— Menino ou menina?

— Menina.

Agora certamente ele iria entender; mas não foi isso o que aconteceu.

— Peter — disse ela, com a voz trêmula —, você espera que eu saia voando com você?

— Claro, foi por isso que eu vim — disse Peter.

E acrescentou, com certa severidade:

— Esqueceu que está na época da faxina da primavera?

Ela sabia que era inútil dizer que ele havia pulado várias primaveras.

— Não posso ir — disse Wendy, em um tom de quem pede desculpas. — Eu me esqueci como se voa.

— Eu ensino para você de novo.

— Ah, Peter, não desperdice o pó de fada comigo.

Ela havia se levantado; e agora finalmente Peter teve receio.

— O que foi? — gritou ele, se encolhendo.

— Eu vou acender a luz — disse ela — e então você vai entender.

Até onde eu sei aquela foi a primeira vez em que Peter sentiu medo.

— Não acenda a luz — gritou ele.

Wendy passou as mãos no cabelo do infeliz menino. Ela não era mais uma menininha com o coração partido por causa dele; ela era uma mulher adulta, sorrindo daquilo tudo, mas eram sorrisos misturados com lágrimas.

Então ela acendeu a luz e Peter viu. Ele soltou um grito de dor; e quando a alta e linda criatura se abaixou para pegá-lo no colo ele se esquivou, horrorizado.

— O que aconteceu? — gritou ele, de novo.

Ela precisava contar a ele.

— Eu cresci, Peter. Já tenho muito mais do que vinte anos. Eu cresci há bastante tempo.

— Você prometeu que não ia crescer!

— Não pude evitar. Sou uma mulher casada, Peter.

— Não, você não é.

— Sim, eu sou. E a garotinha na cama é minha filha.

— Não, não é.

Mas ele entendeu que era; e deu um passo na direção da criança com sua adaga erguida. É claro que ele não deu o golpe. Em vez disso, sentou-se no chão e começou a soluçar. Wendy não sabia como consolá-lo, embora um dia já houvesse sido tão boa nisso. Mas agora era apenas uma mulher, e saiu correndo do quarto para tentar pensar.

Peter continuou a chorar, e logo seus soluços acordaram Jane. Ela se sentou na cama e logo se interessou pelo que viu.

— Garoto — disse ela —, por que você está chorando?

Peter se levantou e se inclinou para ela, e ela se curvou para ele de sua cama.

— Olá — disse ele.

— Olá — disse Jane.

— Meu nome é Peter Pan — disse ele.

— Sim, eu sei.

— Eu vim buscar minha mãe, para levá-la para a Terra do Nunca — explicou ele.

— Sim, eu sei — disse Jane. — Eu estava esperando por você.

Quando Wendy voltou, cabisbaixa, encontrou Peter sentado na coluna da cama soltando um glorioso cacarejo, enquanto Jane voava pelo quarto de camisola, em completo êxtase.

— Ela é minha mãe — explicou Peter.

Jane desceu e ficou parada ao lado dele, com a expressão que Peter gostava de ver no rosto das mulheres que olhavam para ele.

— Ele precisa tanto de uma mãe — disse Jane.

— Sim, eu sei — admitiu Wendy, desolada. — Ninguém sabe disso tão bem quanto eu.

— Adeus — disse Peter para Wendy; e ele levantou voo.

Sem a menor vergonha Jane levantou-se com ele; ela já estava voando melhor do que andava.

Wendy correu para a janela.

— Não, não! — exclamou ela.

— Só vou fazer a faxina da primavera — disse Jane. — Ele quer que eu vá sempre ajudar com a faxina da primavera.

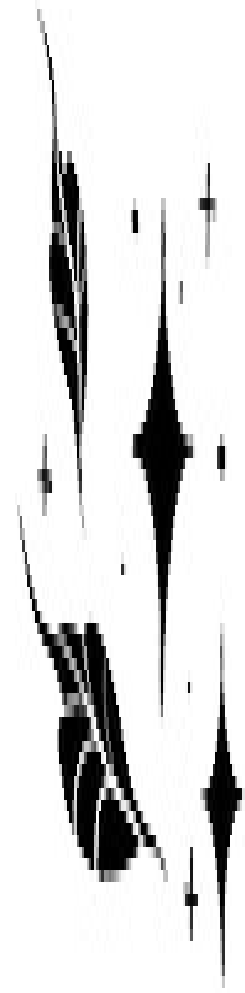
— Ah, se eu pudesse ir com vocês — suspirou Wendy.

— Mas você não consegue voar — disse Jane.

É claro que no final Wendy deixou que eles fossem embora juntos. Nosso último vislumbre foi ela na janela, observando os dois se afastando no céu até virarem dois pontinhos que mais parecem estrelinhas.



Quando você olhar para Wendy, talvez você veja seu cabelo ficando branco, e seu corpo ficando pequeno de novo, pois tudo isso aconteceu há muito tempo. Jane agora é uma adulta como qualquer outra, com uma filha chamada Margaret. E, sempre que chega a hora de fazer a faxina da primavera, a não ser que ele esqueça, Peter vem buscar Margaret para levá-la para a Terra do Nunca, onde ela conta a ele histórias sobre ele mesmo, às quais ele ouve com muita atenção. Quando Margaret crescer, ela terá uma filha, que será então a mãe de Peter; e assim continuará sendo, enquanto as crianças **forem felizes, inocentes e insensíveis.**

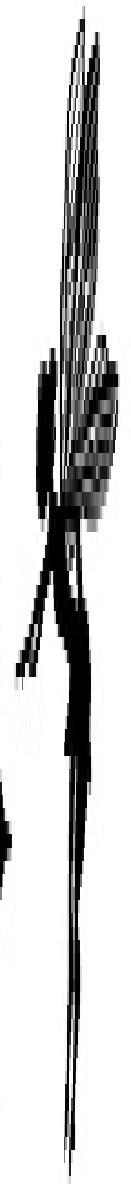
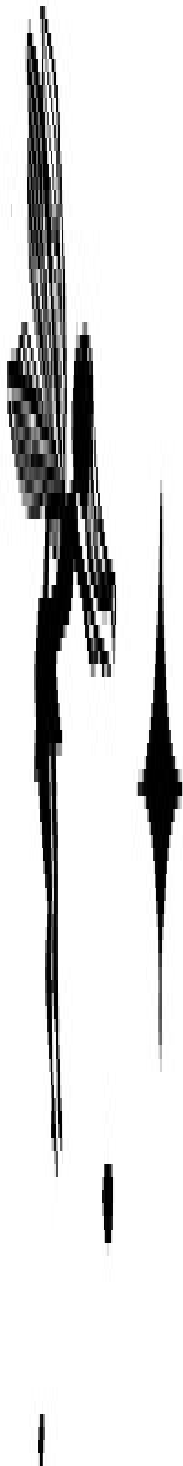


FIM

OceanofPDF.com

CURIOSIDADES

OceanofPDF.com



A voar! É hora de utilizarmos nossa fé, confiança e um pouco de pó de fada para voarmos rumo à Terra do Nunca, a fim de descobrirmos curiosidades sobre Peter Pan.

ERA ORIGINALMENTE UMA PEÇA

Peter Pan era originalmente uma peça. Posteriormente, foi adaptado para o romance *Peter e Wendy*, de 1911. A primeira versão do palco estreou no Duke of York's Theatre, em Londres, em 27 de dezembro de 1904. O *Guardian* fez uma ótima crítica: “Mesmo aqueles que menos apreciam devem admitir que tal peça nunca foi vista antes em qualquer palco. É absolutamente original – o produto de uma imaginação única.” A peça provou ser tão popular que foi reencenada todos os anos durante os 10 anos seguintes.

PROVAVELMENTE, FOI INSPIRADO NO IRMÃO DO AUTOR

Uma das biografias de J.M. Barrie garante que o personagem de Peter foi inspirado no irmão mais velho do autor, chamado David Barrie, que morreu dias antes do seu aniversário de 14 anos enquanto brincava de deslizar no gelo. Para ele e sua mãe, o irmão foi a “primeira criança que nunca cresceu”.

PASSOU POR DIVERSAS ATUALIZAÇÕES

J.M Barrie estava constantemente atualizando a história. O roteiro foi reescrito e alterado a cada ano. Com esse espírito, a versão mais conhecida de Peter Pan se passa no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Foi uma época em que a própria ideia do que era ser jovem ou velho estava mudando.

SOMENTE PETER PAN NÃO PODIA CRESCER

Nas primeiras versões do conto, os garotos perdidos acreditavam que ficando na Terra do Nunca não envelheceriam, como Peter havia prometido. Porém, isso se mostra uma mentira quando Slightly, o mais velho entre os perdidos, começa a envelhecer mesmo assim. O lugar até atrasava um pouco o processo, mas somente o protagonista tinha o dom de ser criança para sempre.

VILÃO? SIM...

Na primeira versão da história, Capitão Gancho não existia e Pan era retratado como um garoto que raptava as crianças por não ter com quem brincar. Quando cresciam, ele as jogava no mar. Tempos depois, Barrie mudou o roteiro por achar sombrio demais. Há uma teoria entre os fãs, nunca confirmada pelo autor, de que os piratas na verdade seriam as crianças sobreviventes.

SOBRE O PÓ DE FADA

O pó de fada foi adicionado posteriormente por motivos de saúde e segurança. Originalmente, Peter e os garotos perdidos podiam voar sem ajuda, mas após vários relatos de crianças se ferindo ao tentarem voar de suas camas, J.M. Barrie adicionou o pó de fada como uma condição para voar.

NEM SEMPRE FOI VERDE O UNIFORME DE PETER PAN

Isso é parcialmente uma invenção da Disney. Nas produções originais do palco, ele costumava usar tons vermelhos, castanhos, marrons e até teias de aranha.

CAPITÃO GANCHO FOI INSPIRADO NO CAPITÃO AHAB

Confirmado pelo autor, o temido vilão de Peter Pan foi inspirado no Capitão Ahab de *Moby Dick, a baleia branca*. Além disso, Gancho teria sido aprendiz do temido e lendário Barba Negra, e a única pessoa que o Capitão Long John Silver (personagem da obra *A ilha do tesouro*, de Robert L. Stevenson) temia de verdade. Isso que é crossover, hein?

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

*"Para Peter, o faz de conta e a realidade
eram exatamente a mesma coisa."*

J. M. BARRIE



OceanofPDF.com

Table of Contents

O PEQUENO PASSARO BRANCO

CRÉDITOS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

I. DAVID E EU EMBARCAMOS EM UMA JORNADA

II. A PEQUENA BABA

III. SEU CASAMENTO, SUAS ROUPAS, SEU APETITE E UM
INVENTÁRIO DE SEU MOBILIÁRIO

IV. UM PEDAÇO DE NOITE

V. A LUTA POR TIMOTHY

VI. UM CHOQUE

VII. O FIM DE TIMOTHY

VIII. O GARÇOM DESATENCIOSO

IX. UM SOLTEIRÃO INVETERADO

X. REFLEXÕES EXPORTIVAS

XI. O CARRINHO DE BEBÊ FUGITIVO

XII. O CLUBE MAIS AGRADÁVEL DE LONDRES

XIII. O GRANDE PASSEIO PELO GARDENS

XIV. PETER PAN

XV. O NINHO DO TORDO

XVI. QUANDO OS PORTÕES SE FECHAM

XVII. A PEQUENA CASA

XVIII. A CABRA DE PETER

XIX. UM INTRUSO

XX. COMPARANDO DAVID E PORTHOS

XXI. WILLIAM PATERSON

XXII. JOEY

XXIII. PILKINGTON

XXIV. BARBARA

XXV. A PARTIDA DE CRÍQUETE

XXVI. A DEDICATORIA

CURIOSIDADES

PETER PAN

CRÉDITOS

[SUMÁRIO](#)
[APRESENTAÇÃO](#)
[I. PETER APARECE](#)
[II. A SOMBRA](#)
[III. VENHAM, VENHAM!](#)
[IV. O VOO](#)
[V. A ILHA SE TORNA REALIDADE](#)
[VI. A CASINHA](#)
[VII. A CASA DEBAIXO DA TERRA](#)
[VIII. A LAGOA DAS SEREIAS](#)
[IX. O PÁSSARO DO NUNCA](#)
[X. A CASA FELIZ](#)
[XI. A HISTÓRIA DE WENDY](#)
[XII. AS CRIANÇAS SE TORNAM PRISIONEIRAS](#)
[XIII. VOCÊ ACREDITA EM FADAS?](#)
[XIV. O NAVIO PIRATA](#)
[XV. “DESSA VEZ, É O GANCHO OU EU”](#)
[XVI. A VOLTA PARA CASA](#)
[XVII. QUANDO WENDY CRESCER](#)
[CURIOSIDADES](#)